

Esequias Soares

Manual de

APOLOGÉTICA

CRISTÃ



Defendendo os
Fundamentos
da Autêntica
Fé Bíblica



Todos os direitos reservados. Copyright © 2002 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Projeto gráfico: Paulo Sérgio Primat
Capa e editoração: Rodrigo Sobral Fernandes

CDD: 239 - Apologética
Cristã
ISBN: 85-2630404-6

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD,

visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Caixa Postal 331

20001-970. Rio de Janeiro. RJ. Brasil

2ª Edição 2003

Agradecimentos

Agradeço a Deus, que sempre me amparou na minha caminhada e me deu graça para a realização de mais esta obra. A minha esposa Rute e ao nosso casal de filhos, Daniele e Filipe, que têm sido uma bênção no meu ministério, aos meus companheiros de ministério pelo apoio e incentivo nessa tarefa.

Sumário

Apresentação

O penúltimo livro da Bíblia, que é uma das menores cartas do Novo Testamento, escrita por Judas, oferece-nos suficientes subsídios que bem explica a necessidade e urgência do Curso de Apologética Cristã, o primeiro fruto da Comissão de Apologia, criada na última Assembléia Geral Ordinária, da CGADB.

Esse trabalho surge, propositalmente, em um momento quando falsos ensinamentos tentam se infiltrar em nosso meio a pretexto de modernidade e estratégia evangelística, todavia, sabemos que, estão infectados com vírus da falsa doutrina, que conduz à confusão, desgaste e finalmente, à perdição.

A exemplo dos gnósticos da época dos apóstolos primitivos que perturbavam a Igreja com seus ensinamentos, segundo os quais a salvação que é pela graça, permitia a pessoa viver desordenadamente. Eles ensinavam e faziam questão que suas doutrinas fossem acatadas no seio da Igreja, tal era o ardor com que defendiam seus argumentos antibíblicos que Judas desafiou seus leitores a partirem para a "batalha da fé", com a mesma veemência, inflamada pelo zelo do Espírito.

Foi assim que a mensagem desta epístola veio para refutar o erro que sutilmente levava as igrejas gentílicas, sob a desculpa de livre graça de Deus, a tolerarem concupiscências, imoralidades pagãs e todos os ensinamentos que lançavam dúvidas sobre a graça de Deus, manifestada entre nós. A linguagem foi enérgica e exortou o povo a "batalha da fé" (v.3). Esse combate não seria através de meros argumentos, mas, sim, em demonstração de uma vida reta e pura. É bom lembrar isto, que o melhor argumento pela causa de Cristo é justamente a nossa boa maneira de viver, as provas de uma verdadeira regeneração. Atos valem mais que palavras. A batalha da fé refere-se não somente ao fato do crente precisar lutar contra o seu próprio "eu", que é inimigo das coisas espirituais, mas assumir a defesa do estremo como início da História da Igreja, os grandes apologistas expuseram-se até ao próprio martírio.

O estado preocupante em que se encontrava a Casa de Deus (v.4) iniciou quando "se introduziram alguns". Esses que se infiltraram entre nós, que são falsos doutrinadores, não

diferem em nada daqueles que se apostatam da fé a ponto de defenderem idéias absurdas como permitir que o crente pratique toda espécie de pecados, e ainda assim nada sofrem quanto ao juízo divino.

O escritor denuncia os tais (v.8) como aqueles que "rejeitam dominação e vituperam as autoridades". Esses mesmos "mestres" são lembrados como aqueles que entram pelo "caminho de Caim", o primeiro homem violento que matou seu próprio irmão; estes "foram levados pelo engano do prêmio de Balaão", o profeta mercenário, que quis amaldiçoar Israel e não pôde; finalmente os tais "pereceram na contradição de Coré", e seus seguidores, que se levantaram contra Moisés e foram destruídos por Deus. Prossegue Judas explicando que "estes" são manchas, apascentam-se a si mesmos, são nuvens sem água levadas pelos ventos de uma para outra parte; são como árvores murchas, infrutíferas, duas vezes mortas, desarraigadas, estrelas errantes, etc.

Com uma visão bem apurada, o apóstolo Paulo também conseguiu vislumbrar todos esses qualificativos citados por Judas, e denunciou abertamente a atuação deles em 1 Timóteo 4.1: "Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios".

Se conseguirmos expor tais desertores a que cheguem ao arrependimento e impedirmos que alguém os siga, e ainda ganharmos aqueles que se deixarem enredar por suas artimanhas, estarão alcançados os objetivos deste livro.

Parabenizo a Comissão de Apologia da nossa Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil - CGADB - pelo brilhante trabalho.

Sentimos o dever de bem orientar a Igreja de Deus que vem sofrendo múltiplos ataques dos falsos ensinadores, usando de variadas estratégias.

O CEAC, Curso de Especialização de Apologética Cristã, nos oferece o antídoto para eliminar o vírus das falsas doutrinas.

Felicito o autor, Pastor Esequias Soares, ungido por Deus, profundo conhecedor das doutrinas heréticas, e tenaz defensor das verdades bíblicas, que coloca em nossas mãos o livro do CEAC.

Aconselho o estudo desta tão relevante obra, escrita com linguagem escorreita, que nos proporcionará os conhecimentos necessários para nos fazer tomar bons defensores da Palavra de Deus.

José Wellington Bezerra da Costa

Presidente da Convenção Geral das Assembléias de Deus no

Brasil São Paulo, 14 de outubro de 2001

Introdução

A CGADB criou a Comissão de Apologia na 35ª Assembleia Geral Ordinária, realizada nos dias 15-19/01/2001, no Ginásio de Esportes Nilson Nelson, Brasília, DF, vinculado ao Conselho de Doutrina e apoiado pelo Conselho de Educação e Cultura Religiosa. O objetivo é alertar nossas igrejas sobre o crescimento e o perigo das seitas, prevenindo os cristãos contra o proselitismo das mesmas. Auxiliar nossas igrejas a discernir biblicamente entre a verdade e o erro e defender as doutrinas fundamentais da fé cristã, defendidas pelas Assembleias de Deus no Brasil. Mobilizar nossas igrejas para ganhar os adeptos das seitas para Cristo e tomar medidas preventivas para frear o crescimento das seitas e do ocultismo. Informar a liderança nacional, através de nossos periódicos, sobre os perigos representados pelas seitas e pelo ocultismo.

Tendo como ponto de partida o que diz a Palavra de Deus: "Retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina como para convencer os contradizentes" (Tt 1.9); "E estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós" (1 Pe 3.15); e "batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos" (Jd 3); a Comissão de Apologia criou o CEAC, Curso de Especialização de Apologética Cristã.

Com base nos preceitos bíblicos acima e diante da realidade espiritual de nosso país, a Comissão de Apologia, com o apoio dos Conselhos acima citados, procurará equipar os irmãos, a fim de torná-los mais eficazes como mensageiros do Evangelho em suas áreas de atuação na igreja, no ministério e também individualmente, oferecendo recursos bíblicos para proteger o rebanho, preparar os membros para participarem de uma luta à qual nenhum crente em Jesus pode ficar indiferente nos dias de hoje.

Tendo em vista que o Brasil é o país com o maior número de espíritas do mundo. É o terceiro país do mundo em número de nossa volta, independentemente de ser seita ou religião. A preocupação é com os seus ensinamentos antibíblicos, e não com o grupo religioso em si mesmo. O Catolicismo Romano é um dos três principais ramos do Cristianismo, ao lado do Protestantismo e Catolicismo Ortodoxo. O Islamismo é uma religião, com seus vários ramos e seitas. No entanto, essas religiões estão na lista dos demais grupos religiosos, pois seus ensinamentos afetam a nossa fé e eles estão muito próximos de nós.

Evitamos documentar todas as declarações desses grupos religiosos tratados aqui, por duas razões: trata-se de um curso e não de uma pesquisa; e porque o que é de conhecimento público não necessita de provas. Se você afirma que as Testemunhas de Jeová não acreditam na Trindade, na Divindade absoluta de Jesus, na existência do inferno de fogo ardente, nenhuma delas vai contestar você, pois todas afirmam publicamente essas coisas. Se você diz para as Testemunhas de Jeová, que houve tempo em que elas adoravam a Jesus, muitas vão questionar isso, nesse caso precisamos documentar.

Ou quando a declaração parecer contundente, como por exemplo a *Jihad*, guerra santa, na religião islâmica. O que for dito sobre o assunto precisa ser documentado. O mesmo acontece com o mormonismo, quando afirma que há pecado que o sangue de Jesus não pode purificar e que a mesma pessoa precisa ser degolada e seu sangue colocado sobre a sua própria cabeça. Isso tem de ser documentado porque muitos mórmons não sabem disso e nem acreditarão nessas coisas.

Apresentamos a resposta básica às seitas, pois o objetivo é equipar o povo de Deus com munição bíblica para que cada um possa defender a sua fé e ajudar os seus irmãos, principalmente os novos

convertidos. Caso haja necessidade de um estudo mais aprofundado de um determinado tema ou de um determinado grupo religioso heterodoxo, a Comissão de Apologia tem outros recursos complementares: simpósios e seminários.

Desejamos que a presente obra possa preencher a lacuna ainda existente em nosso meio na área da apologética cristã, e que Deus, na Pessoa de seu Filho Jesus Cristo, levante muitos apologistas para engrossar as fileiras no combate pela defesa da fé que uma vez foi dada aos santos.

Capítulo 1

COMO IDENTIFICAR UMA SEITA?

"E também houve entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá também falsos doutores, que introduzirão encobertamente heresias de perdição e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição. E muitos se seguirão as suas dissoluções, pelos quais será blasfemado o caminho da verdade; e, por avareza, farão de vós negócio com palavras fingidas; sobre os quais já de largo tempo não será tardia a sentença, e a sua perdição não dormita" (2 Pe 2.1-3).

Existem 11 religiões no mundo, incluindo o Cristianismo. São elas: Hinduísmo, Jainismo, Budismo, Siquismo (originárias da Índia), Confucionismo, Taoísmo (China), Xintoísmo (Japão), Judaísmo (Palestina), Zoroastrismo (Pérsia – atual Irã) e Islamismo (Arábia). Cada uma delas, na sua maioria, está dividida em outros ramos principais, no caso do Cristianismo, seus ramos principais são: Catolicismo Romano, Catolicismo ortodoxo e o Protestantismo. As seitas discordam do ensino básico e comum defendidos por ramos principais. Havia dentro do próprio judaísmo grupos religiosos distintos e até antagônicos, como os fariseus e saduceus.

PRINCIPAIS SEITAS DOS DIAS DE JESUS

O Novo Testamento usa a palavra grega *hairesis* para identificar esses grupos religiosos. O apóstolo Paulo disse: "... conforme a mais severa seita da nossa religião, vivi fariseu" (At 26.5). Essa mesma palavra é usada para identificar os saduceus: "E, levantando-se o sumo sacerdote e todos os que estavam com ele (e eram eles da seita dos saduceus), encheram-se de inveja" (At 5.17). Veja que o judaísmo, que era a religião de Saulo antes de sua conversão, conforme Gálatas 1.13,14, congregava em seu bojo esses grupos religiosos, que o próprio Novo Testamento chama de seita.

Três grupos religiosos surgiram dentro do judaísmo no período interbíblico, nos dias de João Hircano II, da família dos Macabeus, por volta da metade do séc. II, a.C. Foram eles os fariseus, os saduceus e os essênios, cada um desses grupos com suas características sociais, religiosas e políticas.

Os fariseus

Os fariseus, do hebraico *prushim*, que significa "separados", porque não concordavam com os saduceus. Defendiam a separação do Estado da religião e achavam que o Estado devia ser regido pela Torá, a lei de Moisés. Eram provenientes principalmente da classe média urbana, mas havia alguns camponeses. Representavam o povo, e apesar de serem minoria na sociedade pré-cristã, exerciam fortes influências na comunidade judaica. Eram membros do sínédrio e tornaram-se inimigos implacáveis de Jesus.

Os evangelhos estão repletos de provas do comportamento negativo dos fariseus e de suas hipocrisias. Jesus os censurou severamente em Mateus 23. Eles se caracterizaram de maneira marcante pela hipocrisia. A palavra fariseu tornou-se sinônima de hipócrita e fingido, até os dias de hoje.

Os saduceus

O saduceus surgiram juntamente com os fariseus e eram provenientes da aristocracia do templo. Sua ideologia se opunha a dos fariseus. O nome vem do hebraico, *tsedukim*, de Zadoque, família que detinha o cargo de sumo sacerdote desde a época de Salomão: "... e a Zadoque, o sacerdote, pôs o rei em lugar de Abiatar" (1 Rs 2.35). Defendiam a política expansionista dos Macabeus e a união da religião com o Estado, queriam que o sumo sacerdote governasse a nação.

Alegavam aceitar apenas os cinco livros de Moisés, rejeitando os demais livros do Antigo Testamento. Aceitavam o Pentateuco com certa reserva, pois não acreditavam em anjos, espíritos e nem na ressurreição: "... os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito; mas os fariseus reconhecem uma e outra coisa" (At 23.8). Por isso Jesus fez questão de mostrar que é o Pentateuco que mostra ser o Deus de Abraão, e Deus de Isaque, e Deus de Jacó, o Deus de vivos e não de mortos, em Lucas 20.37,38. Por que Jesus não citou outras partes das Escrituras que falam da ressurreição dos mortos? Para tornar mais evidente a contradição das crenças dos saduceus.

Muitos deles eram sacerdotes, conforme já vimos em Atos 5.17, e eles exerciam fortes influências no sinédrio. Eram inimigos mortais de Jesus. Uniram-se aos fariseus, superando todos os obstáculos ideológicos, para somar as forças e assim poderem matar a Jesus.

Os essênios

Os essênios não aparecem no Novo Testamento, pois viviam no deserto. Eram chamados os *issim*, que em hebraico significa "os que curam". O nome se justifica porque possuíam realmente um conhecimento muito avançado da medicina. Tornaram-se conhecidos em todo o mundo, em nossos dias, por causa das grandes descobertas dos manuscritos do mar Morto. Eles diziam que a política hasmoneana (família dos Macabeus) terminaria trazendo a destruição do país, e com ela a vinda do Messias.

Eles se retiraram para o deserto ao invés de formar uma facção político-religiosa. Formaram comunidades à beira do mar Morto. Não reconheciam a autoridade do sumo sacerdote e nem o culto do templo de Jerusalém. Trabalhavam, meditavam e esperavam a vinda do Messias. Sua disciplina era rígida, tinham hábitos de higiene muito rigorosos, uma moral muito forte e levavam uma vida simples. E o que descobriram arqueólogos israelenses. São citados pelo historiador Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, editado pela CPAD.

Não é verdade que João Batista e o Senhor Jesus tivessem sido essênios. Não há prova e nem evidência disso. Eruditos judeus, católicos e protestantes, depois de 40 anos de investigações, traduções e decifrações desses manuscritos, todos unanimemente afirmam não haver encontrado algo que vincule de maneira concreta os essênios aos cristãos. Isso está num livro secular, intitulado *Para se Compreender os Manuscritos do Mar Morto*, uma coletânea de ensaios, publicados por eruditos durante 40 anos, que trabalharam diretamente nesses manuscritos. Trata-se, portanto, de textos de primeira mão, publicados por autoridades mundialmente reconhecidas.

Depois surgiu o quarto grupo, os herodianos, nos dias de Herodes, o grande (47 - 4 a.C.). Não eram uma seita religiosa, mas os apoiadores da dinastia de Herodes, na tentativa de impedir um governo direto de Roma. Foram instituídos com interesses nacionalistas e eram a favor dos impostos. O discurso de Jesus também os incomodava. Formaram conselho com os fariseus com o propósito de matar a Jesus e assim se verem livres dele: "E, tendo saído os fariseus, tomaram logo conselho com os herodianos contra ele, procurando ver como o matariam" (Mc 3.6). Estavam associados aos fariseus na questão do tributo. Veja Mateus 22.16 e Marcos 12.13.

O QUE SIGNIFICA UMA SEITA?

O historiador Flávio Josefo e muitos outros escritores antigos usaram a palavra *hairesis* com o sentido de "escola" de pensamento, "doutrina" ou "religião", sem conotação pejorativa. O verbo grego *haireo*, de onde vem o substantivo em foco, significa "escolher". Na literatura clássica tem o sentido de escolha filosófica ou política. Mas no Novo Testamento essa palavra tem também o sentido de "divisão, dissensão", pois lemos: "E até importa que haja entre vós heresias, para que os que são sinceros se manifestem entre vós" (1 Co 11.19). A Versão Almeida Atualizada traduziu por "partido", a NVI, por "divergências", a Tradução Brasileira, por "facção". A mesma palavra aparece em Gálatas 5.20 e é traduzida por "dissensão".

Essa palavra foi usada indevidamente para identificar os cristãos do séc. I, ainda na época dos apóstolos, quando o apóstolo Paulo foi chamado de "... o principal defensor da seita dos nazarenos" (At 24.5). Porém, mais adiante o apóstolo rebate, dizendo: "Mas confesso-te que, conforme aquele

Caminho, a que chamam seita, assim sirvo ao Deus de nossos pais, crendo tudo quanto está escrito na Lei de Moisés e nos Profetas" (At 24.14). Ele não admitiu ser o Cristianismo uma seita, mas que assim era chamado por aqueles que estão do lado de fora, e que não conhecem a verdadeira natureza do Cristianismo.

Convém também salientar que a palavra grega para "heresias", no Novo Testamento, é a mesma para "seita", **hairesis**. O termo "herege", que aparece em Tito 3.10, **hairetikos**, é adjetivo que vem do referido substantivo grego. O sentido de erro doutrinário, como "heresia", no campo teológico que nós conhecemos hoje, aparece pela primeira vez em 2 Pedro 2.1: "... que introduzirão encobertamente heresias de perdição, e negarão o Senhor, que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição". É nessa acepção que estamos refutando essas heresias.

Atualmente a palavra "seita" é usada para designar as religiões heterodoxas ou espúrias. É uma palavra já desgastada, trazendo em si, muitas vezes, um tom pejorativo. São grupos que surgiram de uma religião principal e seguem as normas de seus líderes ou fundadores e cujos ensinamentos divergem da Bíblia nos seus principais pontos da fé cristã. São uma ameaça ao cristianismo histórico e um problema para as igrejas. Estão bem aparelhadas para combater a fé cristã. Apresentam-se, muitas delas, com uma estrutura organizacional de fazer inveja a qualquer empresa multinacional, como os mórmons, as Testemunhas de Jeová, a Igreja da Unificação do Reverendo Moon e outras.

As heresias afetam os pontos principais da doutrina cristã, no que diz respeito a Deus: Trindade, o Senhor Jesus Cristo e o Espírito Santo; ao homem: natureza, pecado, salvação, origem e destino; aos anjos, à igreja e às Escrituras Sagradas. O mais grave erro é quando diz respeito à Divindade. Errar em outros pontos da fé cristã pode até não afetar a salvação, mas a doutrina de Deus é inviolável. Negar "o Senhor" é trazer sobre si repentina perdição.

Os novos movimentos internos como a Confissão Positiva e o G- 12 não devem ser classificados como seitas, pois além de não afetarem os pontos salientes da fé cristã, seus ensinamentos e práticas não são necessariamente heresias, mas aberrações doutrinárias. O efeito destrutivo pode ser pior do que o dos movimentos externos, pois Satanás se utiliza, muitas vezes, da arrogância ou da ignorância dos mentores dessas inovações para causar divisões nas igrejas. Eles estão mais para esoterismo do que para pentecostalismo. Além disso, estão muito próximos da Nova Era, com suas crenças da deificação do homem.

QUAIS AS CARACTERÍSTICAS DAS SEITAS?

Qualquer movimento que discorda dos pontos fundamentais da fé cristã, defendido pelos três principais ramos do Cristianismo, tais como: autoridade da Bíblia, Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo, pecado, inferno, salvação e o homem é seita. No caso das religiões não cristãs, que apesar de negarem os valores cristãos já citados, não são seitas em virtude de sua estrutura, história e influência na sociedade. São reconhecidas como falsas religiões, com exceção do Judaísmo, que originalmente veio de tempo por causa da sua rejeição ao Messias. Mas eles têm promessas de Deus, no contexto histórico-escatológico.

Deus permite que essas coisas aconteçam para provar a cada um de seuá" servos. É o que diz a Bíblia: "Quando profeta ou sonhador de sonhos se levantar no meio de ti e te der um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver falado, dizendo: Vamos após outros deuses, que não conhecestes, e servamo-los, não ouvirás as palavras daquele profeta ou sonhador de sonhos, porquanto o SENHOR, vosso Deus, vos prova, para saber se amais o SENHOR, vosso Deus, com todo o vosso coração e com toda a vossa alma". (Dt 13.1-3). Esse texto bíblico, em si, já explica a existência de todas essas religiões falsas e seitas, ao longo dos séculos.

O sobrenatural não é prova de que Deus esteja presente nesse ou naquele grupo religioso. Jesus disse, em Mateus 24.24, que esses falsos cristos e falsos profetas operam maravilhas tais, que se

possível, enganariam até os escolhidos. A Bíblia diz ainda que Satanás pode até se transfigurar em anjo de luz e seus mensageiros em ministros de Justiça, para atrair as pessoas, como escreveu o apóstolo Paulo em 2 Coríntios 11.14,15. Quando alguém ou um grupo aparecer mostrando todas essas maravilhas, e convidar a você para ir "após outros deuses", ou seja, ensinar uma teologia fora da ortodoxia, você deve rejeitar. É isso que o texto de Deuteronômio 13.1-3 está ensinando.

O Jesus das seitas

O conceito errôneo sobre a Pessoa de Jesus pode afetar todos os demais pontos essenciais do Cristianismo ou parte deles. É sobre esse tema que devemos dar prioridade na vigilância da doutrina. É verdade que as heresias abrangem todos os aspectos da doutrina cristã, mas nenhuma doutrina tomou-se tão controversa e alvo de tantos ataques quanto a doutrina cristológica. Todos os líderes religiosos que ensinam e defendem uma cristologia estranha ao Novo Testamento se inserem nesse contexto. O apóstolo Pedro afirma que negar ao Senhor que os resgatou são "heresias de perdição". Veja 2 Pedro 2.1; 2 João 7.

O Senhor Jesus disse: "E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17.3). Isso significa que conhecer um Jesus estranho ao Novo Testamento, mencionado em 2 Coríntios 11.4, leva o homem a adorar um Deus errado e o fim é terminar também num céu errado.

Quando perguntaram a Jesus qual o primeiro de todos os mandamentos, ele respondeu: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças" (Mc 12.29, 30). Essa resposta mostra que a doutrina de Deus é uma questão de vida ou morte e não uma crença alternativa. Isso implica na doutrina da Trindade.

As Testemunhas de Jeová afirmam que Jesus é um deus de segunda categoria, que o Espírito Santo é uma força ativa e impessoal e que a Trindade é uma doutrina pagã. Os mórmons pregam a divindade do homem e chama as três Pessoas da Trindade de três Deuses. Dizem que a divindade de Jesus é igual a de toda a humanidade, pois ensinam que "Como o homem é, Deus foi; como Deus é, o homem poderá vir a ser".

A Nova Era prega o panteísmo e a divindade do homem. A Igreja Local de Witness Lee, apesar de usar com frequência o nome Trindade em suas publicações e defenderem a deidade de Cristo, negam-na na exposição dela; é uma crença unicista. Todas as seitas orientais e ocultistas recusam a doutrina bíblica da Trindade.

A Ciência Cristã ensina que Jesus possuía apenas a natureza humana, sua divindade é meramente uma ideia. Os Meninos de Deus, que a partir de 1994 adotaram um novo nome "A Família", afirmam que Jesus teve um início. O Reverendo Moon nega a ressurreição de Jesus e afirma que sua morte foi um erro lamentável. A Ciência Divina ensina que Cristo é um princípio interior e a Ciência Religiosa prega que Jesus deve ser distinto de "Cristo". A Teosofia ensina que o Jesus histórico era meramente humano e os unicistas negam a Trindade e ensinam que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são uma só Pessoa. Todos esses conceitos cristológicos contrariam o ensino bíblico e estão no contexto petrino de "negar ao Senhor que os resgatou", e o fim deles é a perdição.

A Bíblia e as seitas

As seitas rejeitam a autoridade e inspiração das Escrituras. Há movimentos que admitem crer na Bíblia e segui-la, como as Testemunhas de Jeová, embora na prática não seja assim. Não reconhecem a autoridade dos manuscritos gregos, do contrário não usariam o nome "Jeová" 237 vezes no Novo

Testamento da Tradução do Novo Mundo, mesmo reconhecendo que o Tetragrama não aparece uma vez sequer em nenhum manuscrito ou papiro grego.

Creem cegamente nas publicações da Sociedade Torre de Vigia. Chegaram a declarar: "Em essência, mostramos que a Sociedade é uma sociedade inteiramente religiosa; que os membros aceitam como seus princípios de crença a Santa Bíblia, conforme explicada por Charles T. Russell". A Bíblia só é aceita com a explicação do fundador do movimento das Testemunhas de Jeová.

Acreditam que a Bíblia não pode ser entendida sem a revista **A Sentinela** e sem a Sociedade Torre de Vigia: "É todo-importante estudar a Bíblia, e, visto que **A Sentinela** auxilia a entender a Bíblia, seu estudo é também imperativo." No parágrafo seguinte continua: "O estudo particular da revista é essencial... Se tivermos amor a Jeová, e à organização de seu povo, não teremos suspeitas, mas como diz a Bíblia, 'creremos em todas as coisas', todas as coisas que **A Sentinela** esclarece, uma vez que tem sido fiel em nos dar conhecimento dos propósitos de Deus e em nos guiar no caminho da paz, da segurança e da verdade, desde seu início até o dia atual" (**Qualificados para Ser Ministros**, p. 144).

Nessa declaração **A Sentinela** é colocada no mesmo nível da Bíblia. Colocar qualquer outro escrito com a mesma autoridade da Bíblia ou acima dela constitui-se heresia.

Os mórmons têm o Livro de Mórmon, A Pérola de Grande Valor, Doutrina e Convênios e outras obras chamadas de "obra padrão". Logo na folha de rosto do Livro de Mórmon diz: "Um outro testamento de Jesus Cristo". Se é outro testamento, podemos, com autoridade da Palavra de Deus, impugná-lo. Não podemos recebê-lo de acordo com o que ensina o apóstolo Paulo, não devemos receber outro evangelho além do que está no Novo Testamento, ainda que seja pregado por um anjo, conforme lemos em Gálatas 1.8,9.

O credo mormonista coloca o Livro de Mórmon acima da Bíblia quando declara sua crença na Bíblia "desde que seja fiel a sua tradução e também no Livro de Mórmon" (Regras de Fé, artigo 8º). Por que para se crer na Bíblia exigiu restrição, mas no Livro de Mórmon não? James E. Talmage, proeminente líder mórmon do início do séc. XX, responde a essa pergunta dizendo que "não há e nem pode haver uma tradução absolutamente fidedigna desta e de outras Escrituras". Essa resposta é uma maneira sutil de dizer que o mormonismo não crê ser a Bíblia a Palavra de Deus.

Há seitas que não reconhecem a autoridade da Bíblia como a Palavra de Deus, como a Nova Era, os espíritas e suas ramificações, seitas orientais, Hare Krishna e Seicho-no-iê. Embora às vezes façam citações da Bíblia, quando essas passagens bíblicas parecem oferecer sustentação a suas crenças.

A salvação e as seitas

Além de apresentar um modelo falso de salvação, defendem o exclusivismo, isto é, monopolizam a salvação. As Testemunhas de Jeová pregam ser impossível fazer a vontade de Deus fora da Torre de Vigia. Ousam substituir Jesus Cristo pela sua organização. Ensinam que existe um só caminho para a salvação, mas que este caminho é a Sociedade Torre de Vigia. A Bíblia diz que o único Caminho para a salvação é Jesus (João 14.6). Por isso aprenderam que, quem quiser obter a vida eterna precisa pertencer a organização delas. Esta é uma declaração monstruosa e assombrosa, mas é o evangelho das Testemunhas de Jeová, completamente estranho ao Novo Testamento.

Outras seitas pregam deter o monopólio da salvação da humanidade. Os mórmons afirmam que todas as igrejas da terra se apostataram e Jesus escolheu Joseph Smith Jr. para começar tudo de novo, por isso creem que somente eles estão com a verdade. Os adventistas chamam a si mesmos de igreja dos remanescentes e as demais igrejas como apóstatas e comprometidas com a besta. A Igreja Local de

Witness Lee engloba no mesmo bojo demais igrejas como apóstatas e comprometidas com a besta. A Igreja Local de Witness Lee, engloba no mesmo bojo protestantes, católicos e judeus e pregam o exclusivismo, como se a salvação fosse monopólio apenas do seu movimento.

A HERMENÊUTICA

Todas as heresias e aberrações doutrinárias são provenientes de interpretações errôneas da Bíblia e significados diferentes às palavras básicas da fé cristã. O sentido correto de um texto só é possível mediante a aplicação correta da exegese e da hermenêutica. O exegeta sincero procede conforme certos princípios básicos para uma análise honesta do texto. Para a interpretação é necessário considerar o sentido contextual, analógico e histórico.

O vocábulo "exegese" vem do grego **exegesis**, duas palavras **ek** e **egeomai**, que juntas significam: "extraio, tiro, saco", de sacar, conduzir para fora. A "exegese" é a ciência da interpretação, é a extração do autêntico sentido da palavra. É a análise do que a palavra diz, e não do que eu quero que ela diga. As doutrinas bíblicas são de dentro para fora. Isso se chama **exegese**. As dos homens, são de fora para dentro, **eisegese**. Esse último os cristãos ortodoxos rejeitam, mesmo que apareçam travestidas de roupagens bíblicas.

É muito comum na língua grega usar a preposição em composição com o verbo. A preposição **ex** significa "de, de dentro, de dentro para fora" e a preposição **eis**, que significa, "para dentro, para, em". A palavra **eisegese** consta dos dicionários gregos. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa parece ser o primeiro dicionário de nossa língua que registra a referida palavra.

Uma boa exegese deve seguir as regras de interpretação. Essas regras valem não somente para as Escrituras Sagradas, mas também para qualquer literatura. A **eisegese** é justamente esse o método de interpretação das seitas.

Os mórmons usam as palavras "Deus, Filho de Deus, salvação" e outras com significados diferentes daquele que a Bíblia lhe atribui. Para os muçulmanos, o pecado é simplesmente violação das leis islâmicas; oração é a regra de orar cinco vezes ao dia. As Testemunhas de Jeová agem como um advogado que está defendendo seu cliente. Buscam no dicionário o sentido que a palavra permite para consubstanciar sua defesa no processo que está conduzindo. Por exemplo, buscam no dicionário grego a palavra **psyche** ou o seu equivalente hebraico **nephesh**, "alma", num dicionário hebraico. De todos os possíveis significados, eles selecionam apenas o sentido que lhe interessa, sem avaliar o contexto. Veja o comentário sobre Ezequiel 18.4, nos § 93 e 94 do capítulo 12, além de muitos outros exemplos.

Outro exemplo pode ser visto no mormonismo, quando seus líderes usam o texto de 1 Coríntios 15.29 para justificar a doutrina do batismo pelos mortos. Veja esse comentário nos § 68 e 69 do capítulo 12.

Não é possível prever até aonde essas interpretações podem chegar. Convém apresentar aqui alguns exemplos de uma obra intitulada **Jeová Falso Deus?**, que será identificado aqui pelas iniciais JFD. Esse livro apresenta alguns bons exemplos de **eisegese**.

A obra traz revelações inusitadas sobre a natureza e atributos do Deus Jeová.

Trata-se de uma obra que se insurge contra o monoteísmo judaico- cristão e ultraja a santidade do Deus adorado por judeus e cristãos. Prega o politeísmo, afirmando existir vários deuses no céu e na terra. Além disso, chama explicitamente Jeová de falsa divindade. O livro usa, muitas vezes, o nome "deus" com "d" minúsculo ao se referir ao Deus que nós servimos, colocando-o na categoria de divindades falsas. As vezes, transcreve textos bíblicos de maneira alterada, isso para dar sustentação aos argumentos ali apresentados.

O livro vai mais além, chama Jeová de Deus mentiroso, usurpador, igual ao deus falso Moloque, e que não cumpre sua palavra chegando a associar o Deus Jeová de Israel com o próprio diabo. A começar pela capa, o livro apresenta o nome "JEOVÁ" com as respectivas letras vertendo sangue, idêntico aos cartazes de filmes macabros de terror, vampiros, monstros, etc., associando o nosso Deus ao príncipe das trevas, dando a ideia de uma divindade sanguinária.

O livro JFD procura mostrar que somos adoradores de um deus falso. Com isso agride e insulta tanto os protestantes como os católicos ao afirmar que o Deus Jeová, o Deus de Israel, revelado na Bíblia é uma divindade falsa, está associado ao diabo. Para fundamentar suas crenças, veja o que foi feito de algumas passagens bíblicas.

Jefté e o sacrifício de sua filha

A Bíblia diz que Jefté fez um voto a Deus. Caso fosse bem sucedido na batalha contra os amonitas, ele ofereceria ao Deus Jeová, em sacrifício o que primeiro que aparecesse em sua frente ao chegar em sua casa. Aconteceu que ele derrotou os amonitas e ao chegar em casa sua filha foi quem primeiro apareceu ao seu encontro. Isso está registrado em Juízes 11.30-40. O texto diz que Jefté cumpriu o voto.

Há uma longa discussão sobre esse sacrifício entre os expositores da Bíblia, que vem atravessando os séculos, sobre o sentido de "cumpriu nela o seu voto que tinha feito; e ela não conheceu varão" (v. 39). Uma linha de interpretação afirma que o sacrifício foi literal; e outra, que foi o celibato, a moça sacrificou a sua virgindade, não se casando, pois o texto diz: "deixai-me por dois meses que vá, e chore a minha virgindade, eu e as minhas companheiras. E disse ele: Vai. E deixou-a ir por dois meses. Então foi-se ela com as suas companheiras e chorou a sua virgindade pelos montes" (vv 37, 38). Há ainda alguns pontos que precisam ser considerados sobre essa questão.

O texto sagrado, em nenhum lugar, afirma que Jeová mandou Jefté oferecer tal sacrifício, e da mesma maneira não diz que Jeová aceitou o mesmo. Jefté fez um voto precipitado por sua própria conta. Foi algo pessoal e voluntário. Acusar Jeová de uma coisa que a Bíblia não diz que ele fez é muita ousadia, se é que o homem pode julgar a Deus!

A Bíblia diz em outros lugares que o sacrifício humano é abominável diante de Jeová, logo se puder ser confirmado como literal o sacrifício da filha de Jefté, somos obrigados a admitir que foi uma profanação e, como tal, foi recusado por Jeová. Como há uma dúvida interpretação do texto, ninguém pode dar a palavra final, assim não se pode fundamentar uma doutrina com base nesse fato. Veja Levítico 18.21;20.2,3.

O livro JFD parte do princípio de que Deus mandou Jefté oferecer a sua própria filha em sacrifício e, seu argumento está calcado no pressuposto de que Deus aceitou tal sacrifício. Com isso apresenta o seguinte raciocínio: um Deus justo e bondoso, que condena o sacrifício humano, não pode concordar com essa atitude de Jefté (p. 177).

A obra JFD parte de premissas falsas, tira conclusões errôneas e precipitadas procurando adaptar na Bíblia suas ideias externas. O argumento tem por objetivo identificar a natureza ímpia e satânica no Deus Jeová, revelado na Bíblia. Isso o faz com argumentos falaciosos, com base na **eisegese**, e chega até a alterar e forçar o texto bíblico, sofismando e distorcendo a realidade para dar sustentação a sua teoria.

Abraão e o sacrifício de Isaque

Este é outro caso parecido com de Jefté: o do sacrifício de Isaque, registrado em Gênesis 22, quando Jeová ordena a Abraão que ofereça seu filho Isaque em sacrifício. O livro JFD diz: "O primeiro ponto a ponderar é que Jeová se fez igual à Moloque, ao aceitar sacrifícios humanos, que proibiu com tanto rigor pela boca de Moisés" (p. 176). Mais adiante, na p. 177, afirma: "Nesta tentação de Jeová sobre Abraão, descobrimos uma diferença entre o

Deus Pai de Jesus Cristo e Jeová, pois o Pai não pode ser tentado pelo mal e a ninguém tenta (Tg. 1:13)".

A comparação que o autor faz entre Jeová e Moloque é sobre a questão do sacrifício de Isaque. Esse argumento revela a fragilidade exegética do livro. O verbo hebraico, nessa passagem de Gênesis 22.1, é *nassa*, que significa "tentar", no sentido de experimentar. É daí que vem a palavra hebraica *nissaion*, que significa "experiência", usada hoje em Israel para experiências científicas. A Versão Almeida Atualizada traduziu por "provar, pôr à prova", assim: "pôs Deus Abraão à prova"; e a Tradução Brasileira traduziu assim: "experimentou Deus a Abraão".

No primeiro versículo desse capítulo a Bíblia diz que Deus "tentou", ou seja, "experimentou, testou" Abraão. Jeová não queria o filho de Abraão imolado, como o próprio relato bíblico mostra que Isaque não foi sacrificado, mas provar a fé de Abraão. Usar os episódios de Jefté e Abraão para comparar o Deus Jeová de Israel com a divindade falsa dos amonitas, Moloque, não resiste à exegese bíblica e, sobretudo é uma afronta aos judeus e cristãos.

Na passagem de Tiago 1.13, o sentido de "tentar" é outro, significa ser alguém seduzido ou induzido a pecar. A inclinação do homem para o pecado não vem de Deus. Tiago diz que, quando alguém peca, não pode culpar a Deus desse pecado, Deus é Santo: "Sede santo,

porque eu sou santo" (1 Pe 1.16). Veja que o apóstolo está se referindo ao Deus Jeová de Israel, pois essa citação é de Levítico 11.44; 19.2; 20.7. Em todas essas passagens do livro de Levítico é Jeová quem diz que é santo. O apóstolo Pedro diz no versículo seguinte que esse Deus Jeová, que é santo, é o Pai "E, se invocais por Pai aquele que, sem acepção de pessoas julga segundo a obra de cada um" (v. 17). Sendo Deus, pois santo, não pode mesmo tentar ninguém ao pecado. O que Tiago está dizendo é que ao cometer pecado, ninguém pode culpar a Deus por isso. A responsabilidade é pessoal.

Ezequiel 4.12

O livro JFD introduz ideias subjetivas no texto bíblico. Além da eisegese, há outro problema mais sério: a transcrição de Ezequiel 4.12 foi adulterada. A ideia que o livro JFD quer transmitir é que um Deus bondoso, perfeito e justo jamais mandaria um de seus profetas comer fezes humanas, ainda mais se tratando de Ezequiel, que como sacerdote deveria se afastar das coisas imundas. Diante desse argumento, diz que Jeová não é o mesmo Deus do Novo Testamento, mas uma divindade inescrupulosa, que não tem o mínimo respeito pelos seus profetas.

O problema é que eles inventaram essa acusação contra o Deus Jeová que não pode ser encontrada nas Escrituras Sagradas. Isso que o livro JFD declara não existe em nenhum lugar na Bíblia, o livro em questão introduziu essa ideia no texto sagrado, ao transcrever o texto do profeta Ezequiel 4.12. Eis a referida transcrição bíblica no livro:

"COZERÁS COM ESTERCO QUE SAI DO HOMEM, DIANTE DOS OLHOS DELES" (p. 182).

Essa transcrição está adulterada, não aparece em nenhuma versão da Bíblia. A versão que o livro JFD diz usar traz assim o referido texto: "E o que comeres será como bolos de cevada, e cozê-los-ás sobre o esterco que sai do homem, diante dos olhos deles" (o grifo é nosso). As outras versões Almeida Revista e Corrigida traduzem: "cozerás com o esterco que sai do homem, diante dos olhos deles" (o grifo é nosso). A omissão do artigo "o", antes da palavra "esterco", muda completamente o sentido do texto.

O texto sagrado registrado em Ezequiel 4.4-15 diz que o profeta haveria de cozer o seu pão sobre fogo de esterco humano. Quando o profeta ora a Jeová sobre essa situação, Jeová diz que o profeta pode usar esterco de gado como combustível para Ezequiel assar o

seu pão. Para nosso espanto, quem escreveu o livro JFD viu nessa passagem bíblica que Jeová mandou o profeta se alimentar de fezes humanas. É simplesmente deplorável.

O Dr. Adam Clarke, Li.D., F.S.A., um clássico da nossa teologia evangélica (1760 - 1832), diz sobre o referido versículo, o mesmo adulterado no livro JFD: "O esterco seco de boi ou de vaca é um combustível muito usado no Oriente, e por falta de lenha, se veem obrigados a cozer alimentos com isso. Aqui, o profeta recebe a ordem de assar no forno seu pão com excremento humano seco". Apesar de o pão sobre a chapa não ter contato com o fogo, o esterco humano ficava com aspecto repugnante. Assim o profeta pediu a Jeová que mudasse essa situação, e recebeu a ordem para usar esterco de gado. Essa situação era uma metáfora que representava o quadro em que o povo se encontrava por causa do pecado. Nessa época o povo e o profeta Ezequiel estavam no cativeiro, na Babilônia.

Isaías 51.17

Outro fato semelhante acontece com a passagem bíblica de Isaías 51.17, que livro JFD transcreve assim: "Desperta, desperta, levanta-te, ó Jerusalém, que bebeste da mão de Jeová o cálice do seu furor; bebeste e sorveste as fezes do cálice da vacilação". (p. 183 – o grifo é nosso). Se a palavra "fezes" não aparece nas demais versões da Bíblia, requer-se um estudo exegético mais acurado, e isso, parece que não foi feito nesses "quarenta anos de leitura, pesquisas e debates" desses textos bíblicos, pois o referido diz que os autores pesquisaram a Bíblia durante 40 anos.

A palavra hebraica usada para "fezes" aqui é tar'elah, que só aparece três vezes em todo o Velho Testamento, que segundo os dicionários hebraicos, significa o que se segue: nos salmos 60.3; Isaías 51.17, 22 e significa "vertigem, delírio, vacilação, atordoamento, estarrecimento, embriaguez". No hebraico moderno, falado hoje em Israel, essa palavra é usada para "veneno, toxina".

A Septuaginta usou três palavras gregas diferentes para traduzir essa palavra hebraica: 1) katanixis "estupor, entorpecimento", no salmo 60.3, [59.5]e que aparece só uma vez no Novo Testamento grego, em Romanos 11.8. 2) tymos "furor, ira, raiva", em Isaías 51.7, que aparece 7 vezes no Novo Testamento; (Lucas 4.28; Atos 19.28; Romanos 2.8; Gálatas 5.20; Hebreus 11.27; Apocalipse 12.2; 14.10); 3) ptosis "queda, desgraça", em Isaías 51.22 e aparece 2 vezes no Novo Testamento grego, em Mateus 7.27 e Lucas 2.34.

Jerônimo traduziu essa palavra hebraica por "fezes" apenas em Isaías 51.17, na Vulgata Latina, isso talvez explique o fato de o texto da Versão Almeida Corrigida, da Sociedade Bíblica do Brasil e da Imprensa Bíblica Brasileira o uso da palavra "fezes". O texto da Sociedade Bíblica Trinitariana traduziu assim o referido versículo: "Desperta, desperta, levanta-te, ó Jerusalém, que bebestes da mão do Senhor o cálice do seu furor; bebestes e sorvestes os sedimentos do cálice do atordoamento". De qualquer maneira, essa interpretação nos parece muito frágil para quem leu, pesquisou e debateu esses textos bíblicos durante quarenta anos. Mais estranho ainda é o fato de encontrar nessas passagens bíblicas subsídios para negar a natureza santa e perfeita de Jeová, a ponto de identificá-lo com o deus das trevas.

O maná e o Pão da vida

Quanto ao maná e o pão do céu, o livro JFD transcreve o texto de João 6.31, 32: "Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes a comer o pão do céu. Disse-lhes, pois, Jesus: Na verdade, na verdade vos digo: Moisés não vos deu o pão do céu; mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu". Depois dessa citação, diz o livro: "É de tirar o chapéu! O pão do céu, ou melhor, o pão dos Anjos que Jeová deu, era falso" (p. 230). Quem disse que o maná era pão falso? Apenas o livro JFD e mais ninguém. Trata-se, portanto, de uma interpretação infundada e subjetiva.

O que os judeus estavam dizendo era que Jesus havia lhe dado pão no dia anterior e agora estava ensinando exercer fé nele, e, que, no entanto, Moisés havia feito muito mais que isso, havia dado o pão do céu, além disso esse pão era dado diariamente, todas as manhãs, conforme Êxodo 16.14-19. E Jesus havia feito apenas uma multiplicação de pães. Esse era o raciocínio dos judeus.

Jesus, em hipótese alguma, disse que aquele maná (palavra hebraica que significa "que é isto?") era pão falso, mas simplesmente que não foi Moisés quem deu esse pão ao povo, mas, sim,

Deus. Além disso, seus pais comeram o maná, ainda que durante muitos anos, todavia morreram e, no entanto, o próprio Jesus é o verdadeiro pão que desceu do céu e quem dele comer viverá para sempre. Esse maná do deserto era o símbolo do/verdadeiro pão que dá vida ao mundo, o pão da vida. O leitor pode ler essa passagem quantas vezes quiser e jamais chegará a conclusão a que chegou o livro JFD, por isso reafirmamos que suas doutrinas são subjetivas.

Diante do exposto, fica claro que o livro JFD desconsidera as mais elementares regras da hermenêutica. Seus argumentos não resistem à exegese bíblica e não podem ser fundamentados na Bíblia. Os versículos bíblicos são tratados isoladamente, fora de seu contexto, e muitas vezes adulterados para adaptar-se a uma doutrina inventada por alguém que quer manchar a honra do Deus Jeová, revelado na Bíblia.

O que acontece é que os líderes e fundadores de seitas têm interesses pessoais naquilo que ensinam e querem fazer o povo crer nas suas invenções. Por isso usam a Bíblia de forma distorcida simplesmente para dá uma roupagem bíblica aquilo que ensinam.

As pessoas creem geralmente naquilo que querem crer e não naquilo que precisam crer. Muitas delas já estão satisfeitas com as suas crenças e por isso não estão interessadas em buscar a verdade. Por que um muçulmano rico do Oriente Médio teria interesse em se converter à fé cristã, visto que a sua religião permite se casar com até 4 mulheres ao mesmo tempo e se divorciar de cada uma delas quando quiser e tomar outra por mulher para substituir? Além disso, o homem exerce absoluta e incondicional autoridade sobre a mulher. Ele vai querer trocar Maomé por Jesus? Só se o Espírito Santo falar fortemente com ele.

CONCLUSÃO

As seitas são uma ameaça ao cristianismo histórico e um problema para as igrejas. Elas existem desde o princípio do Cristianismo. Hoje estão bem aparelhadas para o combate da fé cristã. Quando uma pessoa cai nas malhas das seitas, torna-se num problema para a igreja, e às vezes, para a sociedade, para as autoridades e para a família. Por isso o combate às seitas e heresias ocupa um terço do Novo Testamento e é tarefa da igreja atual.

Capítulo 2

A BÍBLIA

"E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça em vosso coração, sabendo, primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação; porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (2 Pedro 1.19-21).

Deus sempre quis que o homem conhecesse a sua vontade. Você pode perguntar: Como é possível saber a vontade de Deus e que garantia podemos ter sobre o que é certo e o que é errado diante dele? O instrumento moral estabelecido por Deus para aferir a nossa conduta diante de Deus, diante da pátria e diante da família é a Bíblia Sagrada. Vamos ver algumas facetas dessa obra extraordinária, como disse Abraham Lincoln: "Creio que a Bíblia é o melhor presente que Deus já deu ao homem. Todo o bem, da parte do Salvador do mundo, nos é transmitido mediante este livro."

AS ESCRITURAS SAGRADAS

As Escrituras são reconhecidas pelo Cristianismo como única regra de fé e prática. A maior autoridade no céu e na terra, o Senhor Jesus Cristo, chamou as Escrituras de "a Palavra de Deus" (Mc 7.13). Elas são a revelação de Deus ou oráculos divinos "porque aos judeus foram confiados os oráculos de Deus" (Rm 3.2 – Versão Almeida Atualizada). São infalíveis e inerrantes: "Buscai no livro do SENHOR e lede; nenhuma dessas coisas falhará, nem uma nem outra faltará; porque a sua própria boca o ordenou, e o seu espírito mesmo as ajuntará" (Is 34.16).

Durante esses vinte séculos de Cristianismo a Bíblia foi submetida às mais variadas investigações críticas, e mesmo assim, permanecem sua inspiração, autoridade e autenticidade. O homem não está autorizado a julgar a Bíblia. É ela que julga o homem. O homem tem a liberdade de examinar e investigar as Escrituras o quanto quiser, quantos não acharam a Jesus e se converteram à fé cristã através dessas buscas? É, porém, insensatez o homem querer julgá-la, pois o ser humano é por natureza falho, imperfeito e limitado;

então, nenhum homem, igreja ou sistema religioso está autorizado ou apto para julgá-las. A revelação divina se encerrou em Jesus: "Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho" (Hb 1.1). Não existe outra revelação para nortear a vida humana além da Bíblia.

Cânon e inspiração

A palavra grega kanon "cânon" é de origem semita que originalmente significava "vara de medir". Na literatura clássica significa "regra, norma, padrão". Aparece no Novo Testamento apenas em Gálatas 6.16: "E, a todos quantos andarem conforme esta regra, paz e misericórdia sobre eles e sobre o Israel de Deus", com o sentido de regra moral; e em 2 Coríntios 10.13, 14, 16, é traduzido por "medida".

Nos três primeiros séculos do Cristianismo "o vocábulo se referia ao conteúdo normativo doutrinário e ético da fé cristã". A partir do quarto século da Era Cristã os Pais da Igreja aplicaram as palavras "cânon" e "canônico" aos livros sagrados, para reconhecer sua autoridade, como inspirados, e portanto, separados de outras literaturas. Hoje, "Cânon" é a coleção de escritos reconhecidos como os únicos possuídos de autoridade normativa para a conduta e a fé cristã. Essas Escrituras são a nossa medida. Não reconhecemos nenhuma literatura com a mesma autoridade da Bíblia: "A lei e ao testemunho! Se eles não andarem conforme esta palavra, nunca verão a alva" (Is 8.20).

As Escrituras são inspiradas por Deus: "Toda a Escritura é inspirada por Deus" (2 Tm 3.16 – Versão Almeida Atualizada). A palavra grega, aqui, traduzida por "inspirada por Deus" ou "divinamente inspirada" é theopneustos, que vem de duas palavras theos, "Deus", e pneo, "respirar". Isso significa que as Escrituras jamais foram produzidas por vontade de homem algum: "mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (2 Pe 1.21). A palavra grega, aqui, para "inspirados", é o verbo phero, que significa também "mover, movimentar". Os escritores bíblicos são homens santos que foram movidos pelo Espírito Santo para falarem da parte de Deus.

A inspiração da Bíblia é especial e única. Não existe na Bíblia um livro mais inspirado ou outro menos inspirado. Todos têm o mesmo grau de inspiração e autoridade. Os apóstolos reconheciam como Escritura passagens do Velho e do Novo Testamento: "Porque diz a Escritura: Não ligarás a boca ao boi que debulha. E: Digno é o obreiro do seu salário" (1 Tm 5.18). A primeira parte dessa citação é das Escrituras do Velho Testamento, de Deuteronômio 25.4, cujo pensamento o apóstolo desenvolve em outro lugar, (1 Coríntios 9.7-10. A outra parte já é uma citação do Novo Testamento, Lucas 10.7, e ligeiramente modificado em Mateus 10.10. O apóstolo não afirma ser um dito de Jesus, como dá a entender em outras passagens, como 1 Coríntios 9.14, mas se trata de citação de uma Escritura.

As epístolas paulinas são colocadas no mesmo nível nas Escrituras no Velho Testamento: "Falando disto, como em todas as suas epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição" (2 Pe 3.16).

As profecias

As inúmeras profecias são exclusividade das Escrituras Sagradas. Muitas delas já se cumpriram em relação a muitos povos, tanto na antiguidade como na atualidade. A queda de Babilônia: "E Babilônia, o ornamento dos reinos, a glória e a soberba dos caldeus, será como Sodoma e Gomorra quando Deus as transtornou. Nunca mais será habitada, nem reedificada de geração em geração" (Is 13.19, 20). Essa profecia foi proferida quando a Babilônia estava no apogeu de sua glória. Hoje, no entanto, essa Palavra se cumpre diante de nossos olhos.

A Bíblia anunciou de antemão a dispersão dos judeus, e profetizou seu retorno à Terra de seus antepassados. Depois de cerca de 1.800 anos na diáspora, os filhos de Israel retornam para sua Terra, e um só dia nasce uma nação: "Quem jamais ouviu tal coisa? Quem viu coisas semelhantes? Poder-se-ia fazer nascer uma terra em um só dia? Nasceria uma nação de uma só vez? Mas São esteve de Parto e já deu à luz seus filhos" (Is 66.8). Essa Palavra diz respeito à fundação do Estado de Israel, logo após a derrocada do Nazismo.

Não é possível enumerar todas as profecias aqui. Mas veja as profecias sobre reis, como Ciro, rei da Pérsia e Alexandre, o Grande, em Isaías 44.28; 45.1 e Daniel 8.21, 22. Além das profecias messiânicas cumpridas em Jesus, desde o seu nascimento de uma virgem, em Belém, Isaías 7.14; Miquéias 5.2; até a sua ascensão, registrada no salmo 24.7-10.

Tudo isso faz da Bíblia um livro **sui generis**, que não se assemelha a nenhum outro e está acima de qualquer outro livro já produzido no mundo. A Bíblia declara a si mesma como a infalível Palavra de Deus: "A palavra de nosso Deus subsiste eternamente" (Is 40.8), em fraseologia similar: "mas a

palavra do Senhor permanece para sempre" (1 Pe 1.25). É o único livro que se apresenta como a revelação escrita do verdadeiro Deus, com propósito definido: a redenção humana.

A autenticidade da Bíblia

Todos os autógrafos dos livros da Bíblia se perderam ao longo dos séculos. Estas cópias originais, diretamente do punho dos escritores sagrados, desapareceram. A nossa Bíblia chegou às nossas mãos através de cópias tiradas de outras cópias até ao advento da imprensa, em 1454.

Essas cópias são os manuscritos (MSS), cujo vocábulo vem de duas palavras latinas, "manu" (mão), "scriptus" (escrita), porque essas cópias eram feitas à mão. O texto mais antigo de que dispomos atualmente é um fragmento do livro de Números 6.24-27, "a bênção sacerdotal", datado do século VI a.C., encontrado em 1979 pelo arqueólogo Gabriel Garki, professor da Universidade de Tel-Aviv, Israel. Os manuscritos mais antigos da Bíblia toda datam dos séculos IV e V d. C.

Os copistas judeus queimavam as cópias dos manuscritos depois de sua compilação, pois estas, muitas vezes, estavam ilegíveis, em virtude do seu exaustivo uso. Eles não davam muita importância à idade dos manuscritos. Quanto mais novo para eles, era melhor, pois o rigor dos critérios adotados nas compilações do texto sagrado levou a credibilidade geral dessas cópias.

O manuscrito hebraico mais antigo do Velho Testamento, antes das descobertas dos rolos do mar Morto, não ia além do século IX da nossa era. Entretanto, nenhum erudito ou crítico suspeitou de sua autenticidade, por duas razões principais: as versões do Velho Testamento em outras línguas como a Septuaginta, Vulgata, Peshita e outras; e a outra razão é a que já vimos, o zelo extraordinário e os critérios meticulosos dos judeus, para preservar a integridade do texto sagrado.

As cópias em desuso, muitas vezes, eram postas na **guenizá** da sinagoga (uma espécie de depósito de livros), quando não cabiam mais livros nestes depósitos, eles eram queimados. Por essa razão ninguém se surpreende pela escassez de manuscritos hebraicos do Velho Testamento. Os manuscritos hebraicos anteriores ao advento da imprensa são muito poucos em relação aos manuscritos gregos do Novo Testamento.

Os livros que formam o Cânon do Antigo Testamento foram selecionados praticamente dentro da nação de Israel, exceto alguns escritos que foram redigidos na Babilônia e trazidos por Esdras, juntamente com os demais livros sagrados que formavam as Escrituras da época. Os do Novo estavam dispersos na Palestina, Ásia e Europa. Segundo H. H. Halley, Mateus, Hebreus e Tiago foram encontrados em Jerusalém; os escritos joaninos, Gálatas, Efésios, Colossenses, as duas epístolas a Timóteo, Filemon, as duas de Pedro, Judas e Apocalipse foram encontrados na Ásia Menor; as duas epístolas aos Coríntios, Filipenses, as duas aos Tessalonicenses e Lucas, na Grécia; Tito em Creta; Marcos, Atos e Romanos, em Roma.

Existem atualmente mais de 5.000 manuscritos gregos do Novo Testamento, espalhados pelos museus e mosteiros em toda a Europa, datados do século II d. C. até a invenção da imprensa, no século XV, e cerca de 19.000 em outras línguas.

As versões em outras línguas e as citações da patrística nos primeiros séculos do Cristianismo são uma prova da autenticidade destes manuscritos. Nenhuma obra da antiguidade apresenta hoje tantos manuscritos. Temos hoje, em todo o mundo, em torno de

24.000 manuscritos do Novo Testamento, tanto gregos como latinos, e em outras línguas. Em segundo lugar vem a Ilíada, de Homero, com apenas 457 papiros e 188 manuscritos, perfazendo um total de 645 exemplares. Nenhuma obra da antiguidade é melhor confirmada que o Novo Testamento.

De todas as obras literárias, produzidas na antiguidade, o manuscrito mais antigo que sobreviveu apresenta um período de 750 anos de intervalo entre o tal manuscrito e o seu autor. É uma obra de História, de Plínio, o Jovem, historiador romano, que viveu entre 61 e 113 d.C.. Restaram apenas 7 manuscritos, e o mais antigo deles é datado de 850 d. C.. Todos os demais, com exceção de Suetônio, também historiador romano, com 950 anos de intervalo entre o autor e o manuscrito mais antigo, apresentam um intervalo superior a mil anos.

Os papiros são datados dos séculos II ao VII d.C., existem cerca de 100 exemplares. O papiro 75, datado entre o final do segundo século e o início do terceiro, traz os evangelhos de Lucas e João. O Departamento de Religião da Universidade da Geórgia coloca esse papiro na mesma data do papiro 46, um pouco antes do ano 200. O papiro 52 é do ano 125. São apenas 5 versículos, João 18.31-33, 37, 38. Considerando que o apóstolo João morreu no final do primeiro século, mostra um intervalo inferior a 40 anos, e isso sem levar em conta o papiro 52, por ser um fragmento muito pequeno.

DOCTRINAS BÍBLICAS

A palavra "doutrina" vem do latim doctrina, que significa "ensino" ou "instrução", e se refere às crenças de um grupo particular de crentes ou mesmo de partidários. O Velho Testamento usa a palavra leqach, que vem do verbo laqach, "receber". O sentido primário é "o recebido". Aparece com o sentido de "doutrina" ou "ensinamento", como lemos "Goteje a minha doutrina como a chuva" (Dt 32.2); "A minha doutrina é pura" (Jó 11.4); "Pois dou- vos boa doutrina; não deixeis a minha lei" (Pv 4.2). Com o passar do tempo a palavra veio significar o ensino de Moisés que se encontra no Pentateuco.

As palavras gregas para "doutrina", no Novo Testamento, são didache e didaskalia, que significam "ensino". Essas palavras transmitem a idéia tanto do ato de ensinar como a substância do ensino. A primeira aparece para indicar os ensinamentos gerais de Jesus: "E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina" (Mt 7.28). Veja também João 7.16,17. A mesma palavra aparece para "doutrina dos apóstolos"

(At 2.42), que parece ser uma indicação das crenças dos apóstolos. A segunda tem o mesmo sentido e aparece em Mateus 15.9 e Marcos 7.7. É, pois, nas epístolas pastorais que elas aparecem com o sentido mais rígido de crenças ou corpo doutrinal da igreja – a teologia propriamente dita.

A Bíblia é de origem divina, o seu conteúdo se encontra disposto conforme a vontade de Deus. Todos nós sabemos que o automóvel, o computador, qualquer eletro-eletrônico doméstico ou industrial, móveis, utensílios, roupas, enfim, todos os produtos manufaturados são provenientes da natureza. Ferro, alumínio, cobre, ou seja, todos os metais. Da mesma maneira a borracha, a madeira, por exemplo, são algumas das matérias-primas para a produção dos manufaturados.

Quem criou e colocou à disposição do homem toda essa matéria- prima? Todos sabemos que foi Deus. Ninguém se queixa o fato de Deus não deixar tudo já pronto: o automóvel, o computador, o aparelho de som, a casa, os edifícios, a indústria. Deus deu ao homem as condições e os meios suficientes para que a humanidade chegasse ao estágio tecnológico em que chegou, ao longo da história humana.

Foram muitos séculos de investigação, estudo, pesquisa para que o homem pudesse entender a natureza e extrair dela os recursos para o desenvolvimento da humanidade. Ninguém encontrou no mar os seres marinhos já catalogados e classificados, da mesma forma os animais na floresta. Todos esses seres vivos estão e foram encontrados dispersos e espalhados conforme seu habitat em cada região. Coube ao o homem a tarefa de agrupar esses seres, catalogar e classificar as espécies para desenvolver estudos específicos em cada um desses grupos.

O que tem que ver com o nosso assunto de teologia? Você pode estar perguntando. E que esse princípio se aplica também à Teologia Sistemática. Essa pequena amostra da natureza e o progresso da humanidade nos últimos séculos servem para ilustrar a origem divina da Bíblia. Assim como é a natureza, Deus fez também com a Bíblia.

Você não encontra na Bíblia agrupamentos de assuntos organizados e classificados. Encontramos na Bíblia: teologia, história, filosofia, geografia, ética, hermenêutica, homilética, poesia, profecia e diversos assuntos. Nunca você vai encontrar um capítulo ou uma seção sobre geografia, sobre história, sobre profecia, etc. Tudo isso existe na Bíblia, mas de maneira dispersa. Coube aos estudiosos procurar, catalogar, classificar esses assuntos,

formular enunciados coerentes, e aplicar na prática, para o conhecimento e desenvolvimento da fé cristã.

A teologia, da forma como a encontramos na Bíblia, é chamada de Teologia Bíblica. Os temas teológicos, como a doutrina das Escrituras, de Deus, de Cristo, do Espírito Santo, dos anjos, do homem, do pecado, da expiação, da salvação, das últimas coisas são tirados das Escrituras Sagradas. A apresentação de forma ordenada e sistematizada é fruto de muitos séculos de pesquisas, estudos e debates nos sínodos, concílios e convenções. Esse grupo de temas é chamado de Teologia Sistemática, ou Doutrinas Bíblicas.

CONCLUSÃO

O Senhor Jesus tinha as Escrituras do Velho Testamento como base de seu ministério e da mesma forma os seus apóstolos. O Concílio de Jerusalém tomou sua decisão com base nas Sagradas Escrituras. A Sola Scriptura, "somente a Bíblia", foi um dos pilares da Reforma Protestante. A Bíblia nos ensina que não devemos ir além do que está escrito: "... para que em nós, aprendais a não ir além do que está escrito" (1 Co 4.6). Por essa razão a Bíblia é a nossa única regra de fé e prática.

Capítulo 3

O DEUS REVELADO NA BÍBLIA

"Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento" (Marcos 12.29,30).

O Senhor Jesus incluiu a doutrina de Deus no primeiro e grande mandamento. Se o homem erra em outros pontos da fé cristã, pode até não comprometer a salvação, mas ele não pode é errar na doutrina de Deus. Essa doutrina envolve a Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito. Aqui o nosso enfoque é sobre a existência de Deus, seus nomes e atributos. A abordagem sobre a Trindade e sobre o Filho e o Espírito Santo, separadamente, está nos capítulos seguintes.

A EXISTÊNCIA DE DEUS

A Bíblia não se preocupa em provar a existência de Deus. Ela parte do princípio que para seus leitores a existência de Deus é um fato concreto, real e indiscutível. "No princípio criou Deus os céus e a terra" (Gn 1.1). É assim que pela primeira vez a Bíblia apresenta Deus para a humanidade. Não há nessas palavras preocupação alguma em persuadir o leitor a crer na existência de Deus. Deus existe por si mesmo, ou seja, ele é auto-existente. Somente o próprio Deus pode se revelar a si mesmo. Tudo o que sabemos dele é o que ele mesmo revelou na sua Palavra. Ele disse: "Eu Sou o que Sou" (Êx 3.14).

O salmo 19 nos ensina que a própria natureza é uma prova irrefutável da existência de Deus: "Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite. Sem linguagem, sem fala, ouvem-se as suas vozes em toda a extensão da terra, e as suas palavras, até ao fim do mundo" (Sl 19.1-4). Não é difícil compreender tudo isso: onde existe um relógio, pressupõe um relojoeiro. Quando você pensa num automóvel, é claro que ele não veio à existência do nada e por acaso. Alguém planejou os seus mínimos detalhes para que o seu funcionamento seja satisfatório. Isso se aplica também no universo, alguém sábio e perfeito o planejou e o trouxe à existência. Esse alguém é Deus.

O Novo Testamento vai mais além, pois mostra que a própria criação exige do raciocínio humano a existência de um criador: "Porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis" (Rm 1.19,20). Diante dessas palavras, a criação torna o ateu indesculpável diante de Deus.

Além da natureza, Deus proveu a sua Palavra, a Bíblia, para mostrar que o universo é obra do supremo Criador. Isso é o que mostra ainda o salmo 19: "A lei do SENHOR é perfeita" (v. 7). Em seguida o mesmo salmista mostra o testemunho do crente como

evidência de um Criador "Também por eles é admoestado o teu servo" (v. 11). Alguém chamou o salmo 19 de os Três Livros, a Criação, a Bíblia e o testemunho do cristão, que provam a existência de Deus.

Não é possível definir Deus, mas podemos descrevê-lo com base naquilo que ele mesmo se revelou na sua Palavra. Definir implica "estabelecer limites precisos", como o significado do próprio verbo latino definir. Deus vai além dos limites que o homem pode imaginar. Dado a sua infinitude podemos afirmar que ele é incognoscível: "Porventura, alcançarás os caminhos de Deus ou chegarás à perfeição do Todo-poderoso?" (Jó 11.7). Isso não significa que Deus esteja distante do homem.

Os deístas crêem que Deus está muito longe de nós e que não está preocupado com comportamento humano. A ortodoxia cristã ensina o teísmo, isto é, Deus "não está longe de cada um de nós" (At 17.27). Nesse caso Deus é ao mesmo tempo cognoscível, pois é possível o homem conhecê-Lo: "E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17.3).

OS NOMES DE DEUS

O nome de Deus não é meramente uma distinção dos deuses das nações pagãs. Vários termos hebraicos são usados, na Bíblia, para identificar o verdadeiro Deus. Os nomes de Deus não são apenas um apelativo, nem simplesmente uma identificação pessoal, mas são inerentes à sua natureza e revelam suas obras e atributos. Quando a Bíblia faz menção do "nome de Deus", está revelando o poder, a grandeza e a glória do Deus Todo-Poderoso, além de mostrar os atributos dele. Classificamos para fins didáticos esses nomes como genéricos, específicos e compostos.

Os nomes genéricos

São eles: El, El Elyon, Eloah, cujo plural é Elohim e seus nomes compostos. Dizemos que esses nomes são genéricos porque podem ser aplicados a divindades falsas, a anjos, a governantes e juízes.

El, "Deus", é aplicado às divindades falsas, em virtude da aproximação entre as línguas semíticas e o hebraico, principalmente as nações cananéias, pois os patriarcas e seus descendentes falavam "a língua de Canaã" (Is 19.18). Não é, pois, de surpreender o fato de os povos de uma língua comum ou muito parecida evocarem suas divindades por um mesmo nome. O nome El não aparece em nossas Bíblias em português, salvo em algumas variantes no rodapé. O que encontramos é a palavra "Deus" em seu lugar, o nome

original só é possível encontrá-lo na Bíblia Hebraica, como "Deus Eterno", no hebraico, El Olam (Gn 21.3; Is 40.28).

O nome El-Elyon, "Deus Altíssimo", pode ser encontrado sozinho nas Escrituras, apenas o nome Elyon: "serei semelhante ao Altíssimo" (Is 14.14), ou combinado com outros nomes de Deus, por exemplo "Bendito seja Abrão do Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra" (Gn 14.19). Esse nome aparece no Novo Testamento, na sua forma grega, Hypsistos: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá" (Lc 1.35).

Elohim é o plural de Eloah, tanto um como outro é traduzido por "Deus". Esse nome no singular ocorre apenas 57 vezes no Velho Testamento, ao passo que no plural cerca de 2.500 vezes. Esse substantivo vem do verbo hebraico, alá, não confundir com a divindade dos muçulmanos, e significa "ser adorado, ser excelente, temido e reverenciado". O substantivo, como nome revela a plenitude das excelências divinas, aquele que é supremo. Deus é apresentado pela primeira vez na Bíblia, com esse nome, em Gênesis 1.1: "No princípio criou Deus (Elohim, no hebraico) os céus e a terra". É usado para expressar o conceito universal da Deidade. A Septuaginta traduziu Elohim e Eloah pelo nome grego Theos.

Essa pluralidade, na palavra Elohim, revela a grande doutrina da Santíssima Trindade. Quando Deus diz: "façamos o homem" (Gn 1.26), mostra mais de uma pessoa, e não mais de um Deus. A Bíblia ensina que apenas o Filho e o Espírito Santo tiveram participação na criação, juntamente com o Pai. O Filho: "Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (João 1.3); o Espírito Santo: "O Espírito de Deus me fez" (Jó 33.4).

O nome Elohim é plural, isso não significa triteísmo e nem politeísmo porque trata-se da Trindade. Além disso, os verbos e adjetivos que acompanham esse nome no Velho Testamento, salvo raras exceções, permanecem no singular, e não no plural como a gramática hebraica exigiria. O texto de Gênesis diz: "No princípio criou Deus...", no hebraico "b'reshith bara Elohim...", o verbo beira, "criou", é singular e o sujeito da oração, Elohim, está no plural. Isso acontece porque se trata de uma unidade composta, ou seja, trata-se de um Deus em três pessoas. Isso só pôde vir à tona no Novo Testamento, com a manifestação das três Pessoas numa só Divindade.

Os nomes específicos

São aqueles que nas Escrituras Sagradas só aparecem aplicados ao Deus verdadeiro. São eles: El Shadday, Adhonay, Yahweh, ou Jeová, e Yahweh dos Exércitos.

El Shadday, traduzido por Deus-Todo-poderoso, é o nome apropriado para o período patriarcal, durante o qual os patriarcas viviam numa terra estranha e rodeados pelas nações hostis. Eles precisavam saber que o seu Deus era o Todo-poderoso: "...Eu sou o Deus Todo-poderoso (El Shaday) anda em minha presença e sê perfeito;" (Gn 17.1).

O termo Shadday aparece com freqüência na era patriarcal; só no livro de Jó esse nome ocorre 31 vezes. Êxodo 6.3 nos diz que Deus era conhecido pelos patriarcas por esse nome: "Eu apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó, como o Deus Todo-poderoso, mas pelo meu nome, o SENHOR, não lhes fui perfeitamente conhecido". O próprio Deus diz aqui que se revelou aos patriarcas como o El Shadday; veja que Deus não tem apenas um nome. Isso também não significa que os patriarcas nunca pronunciassem o nome Yahweh, pois que eles conheceram Deus pelo seu nome de Yahweh, mas não por Seu caráter de Yahweh.

Os nomes Adhonay e Yahweh são tão sagrados para os judeus que eles evitam pronunciá-los na rua, no seu cotidiano. Em nossas versões da Bíblia são traduzidos por "Senhor". O segundo nem sequer nas sinagogas é pronunciado. Para o cotidiano eles usam ha 'Shem, que significa "O Nome", para designar seu Deus. Adhonay é um nome de Deus, e não meramente um pronome de tratamento, e nele se expressa a soberania de Deus no Universo. A idéia básica desse nome é a da soberania de Deus, da suprema posição do Criador, em todo o Universo que criou. O nome se aplica somente ao Deus verdadeiro: "eu vi ao Senhor [Adhonay, no original hebraico] assentado sobre um alto e sublime trono" (Is 6.1).

O Tetragrama, YHWH, Jeová ou Yahweh, também é traduzido por SENHOR. Jeová é um dos nomes de Deus, o nome do pacto com Israel. A partir da teofania do Sinai, foi o nome especial e peculiar durante a história dos filhos de Israel: "E Deus disse mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O SENHOR, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó, me enviou a vós; este é o meu nome eternamente, e este é meu memorial de geração em geração" (Êx 3.15). Esse nome é identificado no Velho Testamento hebraico pelas quatro consoantes que correspondem ao nosso YHWH, conhecido como o Tetragrama (do grego, que significa quatro letras).

Esse nome vem do verbo hebraico hayah, que significa "ser, estar, existir, tornar-se" e "acontecer", que aparece ligado a esse nome em Êx 3.14: "EU SOU O QUE SOU". O nome revela o caráter e a natureza de Deus como o Ser que tem existência própria, e é o imutável, o que causa todas as coisas, é auto-existente, aquele que é, que era e o que há de vir, o eterno: "Antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade, tu és Deus" (Sl 90.2); "Porque eu, o SENHOR, não mudo" (Ml 3.6).

Esse nome tornou-se impronunciável pelos judeus desde o período interbíblico. Para evitar a vulgarização do nome e para que não fosse tomado em vão, considerando ao pé da letra o 3º mandamento do Decálogo: "Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão" (Êx 20.7), os judeus deixaram de pronunciar esse nome. Ainda hoje eles pronunciam Adhonay, "Senhor", todas as vezes que encontram o Tetragrama no texto sagrado na leitura da sinagoga. Foi na Idade Média que os rabinos inseriram no Tetragrama as vogais da palavra Adhonay, e isso resultou na forma YeHoWaH, que a partir de 1520 os reformadores difundiram o que em português ficou "JEOVÁ" ou "IAVÉ".

As nossas versões trazem o nome "Senhor", que está perfeitamente dentro do modelo bíblico. A Versão Almeida Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, usa muito pouco o nome JEOVÁ, mas o identifica com o nome "SENHOR" [todas as letras maiúsculas], no Velho Testamento. Isso facilita a identificação do Tetragrama, pois o nome Adhonay aparece traduzido como "Senhor" apenas com a primeira letra maiúscula.

O Novo Testamento original, grego, substituiu o Tetragrama pela palavra grega Kyrios, que quer dizer "Senhor", seguindo o padrão da Septuaginta. Isso acontece até mesmo nas transcrições feitas do Velho Testamento. O apóstolo Paulo usou o nome Kyrios Tsabaoth em

lugar de Yahweh Tsebhaoth em Romanos: "Se o Senhor dos Exércitos nos não deixara descedência" (9.29). A citação paulina, aqui, vem de Isaías 1.9: "Se o SENHOR dos Exércitos nos não deixara algum remanescente".

O mesmo acontece com o profeta Joel, quando diz: "Todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo" (Jl 2.32). Em Romanos 10.13 o apóstolo Paulo citou essa passagem, mas não usou o Tetragrama. Isso porque o Senhor Jesus Cristo é o mesmo Deus Jeová do Velho Testamento. O Tetragrama, portanto, já está presente na Pessoa do Filho: "Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Cl 2.9).

Nomes compostos de Jeová

A Bíblia nos mostra com clareza que Deus se deu a conhecer, nos tempos do Velho Testamento, por vários nomes inerentes à sua natureza e à circunstância de sua revelação. Para Abraão Ele apareceu como a provisão para o sacrifício em lugar de Isaque, seu filho, com o nome "Jeová Jireh", que significa "O SENHOR PROVERÁ" (Gn 22.14).

Prometendo livrar os filhos de Israel daquelas pragas e enfermidades que sobrevieram aos egípcios, Ele se manifestou como "Jeová Rafá", isto é, "O SENHOR QUE SARA" (Êx 15.26). Numa época de angústia, nos dias difíceis dos juízes de Israel, Ele apareceu a Gideão como "Jeová Shalom", isto é, "O SENHOR É PAZ" (Jz 6.24).

Para todos que peregrinam sobre a terra, Ele se apresenta como "Jeová Ra'ah", que significa, "O SENHOR É MEU PASTOR" (Sl 23.1). Na justificação do pecador, Ele aparece como "Jeová Tsidkenu", que quer dizer "O SENHOR, JUSTIÇA NOSSA" (Jr 23. 6). Na batalha contra o mal e o vil pecado, ele se apresenta como "Jeová Nissi", "O SENHOR É A MINHA BANDEIRA" (Êx 17.15). No milênio Ele será chamado de "Jeová Shammah", isto é, "O SENHOR ESTÁ ALI" (Ez 48.35).

OS ATRIBUTOS DE DEUS

Alguns afirmam que atributos são qualidades que os seres humanos atribuem a Deus conforme o conceito que temos dEle, e que perfeições são qualidades inerentes à essência divina e que Deus aplica a si mesmo. Mas a maioria ensina que atributos divinos são perfeições próprias da essência de Deus, é o que devemos ter em mente quando falamos nesses atributos. Podemos denominar aqui atributos de perfeições divinas.

Geralmente nos tratados de Teologia Sistemática os atributos divinos são classificados em atributos naturais e atributos morais. Os atributos naturais são os essenciais à natureza de Deus e que não incluem o exercício de sua vontade, como imutabilidade, infinitude, eternidade, imensidade e muitos outros. Ao passo que os atributos morais são os que incluem o exercício de sua vontade, como justiça, amor, bondade e misericórdia.

Há outro sistema de classificação: 1) atributos absolutos ou intransitivos, são os essenciais e que pertencem a Deus aparte de sua obra criadora; 2) os atributos relativos ou transitivos, os que se relacionam entre Deus e a sua criação, ou seja, através de sua criatura esses atributos são manifestos; e 3) os atributos morais, são os atributos relacionados entre Deus e os seres morais. Qualquer que seja a classificação não deixa de ser artificial, isso é mais para fins didáticos. Alguns atributos naturais podem aparecer classificados como morais e vice-versa e outros são de difícil classificação. O importante é saber que Deus é tudo isso, ou seja, a expressão máxima da perfeição.

Os atributos absolutos

A unicidade de Deus está presente em toda a Bíblia. As Escrituras ensinam que existe um só Deus e que Deus é um só. Essa crença monoteísta manteve Israel num patamar muito elevado em relação a outros povos e nações da antiguidade. A Bíblia diz: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor" (Dt 6.4). Essa passagem de Deuteronômio foi citada pelo Senhor Jesus, em Marcos 12.29,30, que não somente ratifica o monoteísmo como também mostra que o Deus que Jesus revelou é o mesmo Deus de Israel.

Jesus disse: "E a vida eterna é esta: Que te conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17.3). Esse ensino é enfatizado em todo o Novo Testamento: "Todavia, "Todavia para nós há um só Deus" (1 Co 8.6); "... mas Deus é um" (G1 3.20); "Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos" (Ef 4.6). Essa doutrina é um golpe mortal contra toda a forma de politeísmo, crença dos pagãos.

A espiritualidade de Deus é uma verdade revelada na Palavra de Deus: "Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (Jo 4.24). "Ora, o Senhor é Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade" (2 Co 3.17). Sendo Deus Espírito isso não impede que seja um Deus pessoal.

É anti-bíblico negar a personalidade de Deus, pois os panteístas ensinam que tudo é Deus. Essa crença é falsa, pois a Bíblia fala de Deus como Ser consciente, autoconsciente. Deus conhece a si mesmo e conhece o que está a sua volta, não apenas isso, ele conhece tudo. Ele pensa, raciocina e determina o que quer sem ser motivado por ninguém: "Mas, se ele está contra alguém, quem, então, o desviará? O que a sua alma quiser, isso fará" (Jó 23.13). Inúmeras vezes a Bíblia faz menção da vontade de Deus: "Seja feita a tua vontade" (Mt 6.10). Não é possível aqui descrever todos os atributos pessoais, mas todo o contexto bíblico converge para um Deus pessoal.

Deus possui um corpo espiritual. Jesus disse que Deus tem voz e forma, ou parecer: "Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes o seu parecer" (Jo 5.37). Esse corpo espiritual é invisível aos olhos humanos, pois: "... nenhum dos homens viu e nem poder ver" (1 Tm 6.16). A Bíblia diz que Deus é invisível "Ora, ao rei dos séculos, imortal, invisível, ao único Deus seja honra e glória para todo o sempre. Amém!" (1 Tm 1.17), "o qual é a imagem do Deus invisível" (Cl 1.15). Tudo isso está falando de Deus em sua glória e essência, como ele é. Não devemos confundir com a sua teofania, a maneira de Deus se revalar ao homem de modo que ele o possa entender, como na expressão "vi ao Senhor assentado sobre um alto e subline trono" (Is 6.1).

A infinitude consiste no fato de que para Deus não há limites no tempo e no espaço. Não há barreira e nem limite na natureza de Deus. E a base dos atributos da eternidade e da imensidade: "...a sua grandeza é inescrutável" (Sl 145.3). A imensidade diz respeito ao espaço, Deus transcende todo o espaço do universo: "Eis que os céus e até o céu dos céus te não poderiam conter" (1 Rs 8.27). Não há no universo um lugar onde alguém poderia se esconder de Deus: "Esconder-se-ia alguém em escondrijos, de modo que eu não o veja? — diz o SENHOR. Porventura, não encho eu os céus e a terra? — diz o SENHOR" (Jr 23.24).

A eternidade significa que Deus é livre de toda a distinção temporal de passado ou de futuro. Não teve um começo e nem terá fim em seu Ser: "Mas tu és o mesmo, e os teus anos nunca terão fim" (Sl 102.27). Deus é o autor do tempo e não está sujeito a ele. Isso está muito claro na expressão: "EU SOU O QUE SOU" (Ex 3.14). Essa passagem fala tanto de sua auto-suficiência como também de sua auto-existência, pois "Antes que os montes

nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade, tu és Deus" (Sl 90.2).

Há inúmeras passagens bíblicas que mostram ser Deus um Ser eterno, que não é possível mencioná-las todas aqui: "O Deus eterno te seja por habitação, e por baixo de ti estejam os braços eternos" (Dt 33.27). "Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, que era, e que é, e que há de vir" (Ap 4.8). A imutabilidade significa que em Deus não há mudança e nem sombra de variação. Não muda sua natureza nem seu caráter, nem os seus atributos, nem em consciência e nem em propósito. Deus é imutável: "Porque eu, o SENHOR, não mudo" (Ml 3.6). Os céus envelhecerão "como roupa os mudarás, e ficarão mudados", diz o salmista, "Mas tu és o mesmo" (Sl 102.27). Essa é a garantia de que Deus não vai mudar de opinião, principalmente no que diz respeito às suas promessas. Nós, seres humanos, é que mudamos muitas vezes em nossa conduta, e por isso muitas vezes perdemos as bênçãos de Deus. Quando isso acontece, a mudança não está nEle, mas em nós.

A perfeição como atributo significa que Deus é perfeito de modo absoluto e único. Não se trata de uma mera combinação de perfeições individuais, antes é a origem de todos os atributos. Isso diz respeito a tudo que Ele faz, pensa, determina: "O caminho de Deus é perfeito" (Sl 18.30). Deus age em perfeita harmonia com a sua natureza e santidade e ninguém jamais poderá se assemelhar a ele: "Porventura, alcançarás os caminhos de Deus ou chegarás à perfeição do Todo-poderoso?" (Jó 11.7).

Os atributos relativos

Não há praticamente diferença substancial entre os atributos absolutos e os atributos relativos. Em essência são basicamente os mesmos. Depende muito de que ângulo eles são vistos. São intermediários entre os essencialmente absolutos e os morais, podem ser absolutos e ao mesmo tempo apresentam algumas características dos atributos morais quanto se trata do relacionamento de Deus com o homem. Embora somente Deus seja onipotente, onisciente, onipresente e sábio, todavia, isso diz respeito ao seu relacionamento com os seres morais. Vamos relacionar aqui três atributos relativos: onipotência, onisciência e onipresença.

A onipotência de Deus está presente em toda a Bíblia. Este atributo revela que Deus é todo-poderoso, que aliás, é um de seus nomes. Deus pode fazer tudo o que lhe apraz: "Mas o nosso Deus está nos céus e faz tudo o que lhe apraz" (Sl 115.3); "Nada há que seja demasiado difícil para ti" (Jr 32.17 — Tradução Brasileira). É confortante adorar a um Deus que tudo pode e nisto está o fundamento de nossa confiança nEle: "pois já o Senhor, Deus Todo- poderoso, reina" (Ap 19.6).

A palavra "onisciência" vem do latim omniscientia, omni significa "tudo", e scientia, "conhecimento, ciência". E o poder de saber todas as coisas. Como atributo divino é o perfeito conhecimento que Deus tem de si mesmo e de todas as coisas: "o seu entendimento é infinito" (Sl 147.5), "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!" (Rm 11.33). Não há nada encoberto diante dEle em todo o universo: "E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar" (Hb 4.13).

Deus conhece o fim desde o princípio, Ele está presente na eternidade: "anuncio o fim desde o princípio e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam" (Is 46.10). Mas essa presciência de Deus não interfere na liberdade humana, ou seja, no livre arbítrio

do homem. Significa que Deus sabe de antemão os acontecimentos sem interferir diretamente na decisão de cada um. Somente Deus conhece o coração humano: "porque só tu conheces o coração de todos os filhos dos homens" (1 Rs 8.39).

A onipresença é um dos atributos de Deus que não deve ser confundido com a sua imensidade. Os atributos da imensidade e da onipresença são realmente muito próximos, que às vezes, se confundem: "Sou eu apenas Deus de perto, diz o SENHOR, e não também Deus de longe? Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? — diz o SENHOR. Porventura, não encho eu os céus e a terra? — diz o SENHOR" (Jr 23.23,24), mas não são a mesma coisa. A imensidade de Deus fala de sua essência imensa que não tem limite, que enche todo o universo, e a sua onipresença diz respeito à presença de Deus onde se fizer necessário. Deus como onipresente se encontra nas mais diversas relações com as suas criaturas. Habita tanto no céu como no coração do contrito: "Em um alto e santo lugar habito e também com o contrito e abatido de espírito" (Is 57.15).

Ele está presente na Igreja e está também presente no mundo, mas não da mesma maneira, pois a sua relação com a igreja não é a mesma com o mundo. Da mesma forma Deus está presente nos corações dos fiéis, porém, de maneira diferente está também presente nos corações dos infiéis: "Os olhos do SENHOR estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons" (Pv 15.3). Ele está no céu, e de lá observa os moradores da terra: "O SENHOR olha desde os céus e está vendo a todos os filhos dos homens; da sua morada contempla todos os moradores da terra" (Sl 33.13,14).

Os atributos morais

Os atributos morais são as perfeições manifestas no trato de Deus com suas criaturas livres e inteligentes, como os seres espirituais, no céu, e os seres humanos, na terra e com todos os seres vivos. São atributos que se referem ao governo e ao domínio de Deus sobre suas criaturas. Todos os atributos divinos: absolutos, relativos e morais podem ser compreendidos, não absolutamente tudo, mas o essencial à fé cristã pela mente finita do homem.

O destaque para os atributos morais é que se requer do homem a experiência com Deus para que esse conhecimento de Deus seja mais amplo. A santidade de Deus é a barreira que impede o pecador se aproximar do seu Criador, mas Jesus pode mudar essa situação. Ele disse: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus" (Mt 5.8). Somente por Jesus Cristo o homem pode conhecer a Deus de maneira mais profunda e verdadeira.

A sabedoria é o atributo pelo qual Deus "conhece e ordena todas as coisas para promoção de glória e o bem-estar de suas criaturas" (Wakerfield). Sabedoria e conhecimento, embora sejam atributos muito próximos um do outro, todavia, não são a mesma coisa. A combinação dessas duas coisas resultam a ação de Deus e tudo o que faz é perfeito. Com sabedoria arquitetou, planejou e criou tudo o que existe: "Todas as coisas fizeste com sabedoria". (Sl 104.24); "Com ele está a sabedoria e a força; conselho entendimento ele tem" (Jó 12.13). O Senhor Jesus Cristo "para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação e redenção" (1 Co 1.30).

A bondade de Deus é um dos atributos morais. Deus é bom em si mesmo e para suas criaturas. É a perfeição de Deus que o leva a tratar com benevolência as suas criaturas. Essa bondade é para com todos: "O SENHOR é bom para com todos, e as suas misericórdias são sobre todas as suas obras" (Sl 14.9). Ele é a fonte de todo o bem. Jesus

disse: "Não há bom, senão um, que é Deus" (Mt 19.17). Nessa bondade estão envolvidos também o amor e a graça.

Essas três coisas são distintas, mas o amor é a bondade divina exercida em favor de suas criaturas morais em grau mais elevado e perfeito: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). "Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.8). A graça é o favor imerecido de Deus para com o pecador.

Deus pela sua justiça e retidão dá a cada um o que merece, mas pela sua bondade e graça nos dá o que precisamos, e não o que merecemos. Essa justiça está em perfeita harmonia com a santidade de Deus. A palavra "justiça" significa "retidão". A Bíblia diz com todas as letras que somente Deus é justo, falando de justiça como atributo, no sentido absoluto de perfeição: "E não há outro Deus senão eu; Deus justo e Salvador, não há fora de mim" (Is 45.21); "Justiça e juízo são a base do teu trono; misericórdia e verdade vão adiante do teu rosto" (Sl 89.14).

A santidade de Deus é um atributo complexo e por isso há muitos conceitos a respeito. Uns afirmam que é o caráter moral de Deus, outros dizem que é o caráter geral de Deus como resultado de seus atributos morais, e outros ensinam que é a união de todos os atributos. A verdade é que a santidade é a plenitude gloriosa da excelência moral de Deus, que existe nEle e que se originou nEle e não foi derivada de ninguém: "Ó SENHOR, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em louvores" (Êx 15.11). Deus é santo, três vezes santo: "Santo, Santo, Santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia de sua glória" (Is 6.3), e isso se repete em Apocalipse 4.8. Santidade significa se afastar de tudo o que é pecaminoso.

A santidade de Deus é o princípio da sua própria atividade: "Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal" (Hc 1.13), e é a norma para as suas criaturas: "Mas como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver, porquanto escrito está: Sede santos, porque eu sou santo" (1 Pe 1.15,16). Toda a adoração deve ser nesse espírito de santidade.

Verdade e fidelidade são atributos relacionados com a justiça e a santidade de Deus

A verdade diz respeito a sua veracidade e é algo próprio da natureza de Deus. A fidelidade, porém, é a garantia do cumprimento de suas promessas. A Bíblia diz que: "Deus é a verdade, e não há nele injustiça: justo e reto é" (Dt 32.4); "tu me remiste, SENHOR, Deus da verdade" (Sl 31.5). Jesus disse: "Eu sou o Caminho, e a Verdade e a Vida" (Jo 14.6). Ele é fiel e justo para nos perdoar: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça" (1 Jo 1.9).

CONCLUSÃO

As primeiras palavras da Bíblia revelam Deus como o Criador e Iniciador de todas as coisas. O conceito de Deus é o elemento mais crucial em qualquer sistema teológico. A natureza ou os atributos de Deus são conhecidos na Bíblia e através de suas obras. Quando Jesus disse: "E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a

Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17.3); estava dizendo que se trata de um assunto de vida ou morte.

Capítulo 4

UM DEUS EM TRÊS PESSOAS

"Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mateus 28.19).

A Trindade é parte da doutrina de Deus por isso é também uma questão de vida ou morte. A Bíblia ensina que há só um Deus e que Deus é um só. Esse é o monoteísmo judaico-cristão revelado nas Escrituras. Mas, isso não contradiz a doutrina da Trindade? É sobre isso que trata o presente capítulo. A abordagem aqui é para apresentar um resumo histórico dessa doutrina, defini-la e mostrar suas bases bíblicas.

HISTÓRIA DA DOUTRINA DA TRINDADE

Várias tentativas foram feitas nos quatro primeiros séculos da era Cristã para conciliar a divindade absoluta de Jesus com o monoteísmo, sem sacrificar a deidade do Pai. Nesses debates surgiram os que defendiam o monoteísmo sacrificando a divindade absoluta do Filho. Os ebionitas criam em Jesus como o seu Messias, mas negavam sua deidade. Viviam o ritual da lei e os costumes judaicos, eram hostilizados tanto pelos judeus quanto pelos cristãos. Eram uma comunidade de judeus cristãos que floresceu no início do segundo século da Era Cristã. O nome vem do hebraico e significa "pobre".

Em virtude das discussões sobre a cristologia do **Logos**, na segunda metade do segundo século e na primeira do século seguinte, surgiram os chamados monarquianistas, termo dado por Tertuliano aos opositores da doutrina do **Logos**, os **alogoi**, aqueles que rejeitavam o Evangelho de João. Os monarquianistas se dividiam em dois grupos: monarquianismo dinâmico, que negava a divindade de Jesus; e o monarquianismo modalista, que defendia a divindade absoluta de Jesus mas confundia as Pessoas. Para eles, o Pai, o Filho e o Espírito Santos seriam 3 máscaras de Deus. Em outras palavras, "não separava a substância, mas confundia as Pessoas".

O arianismo foi a maior controvérsia da história do Cristianismo. Fundado por Ário, entre 321-325, o qual pregava que o Filho era criatura (doutrina advogada ainda hoje pelas Testemunhas de Jeová) e esta inovação sacudiu o Cristianismo da época. Esta controvérsia nasceu em Alexandria, Egito, e terminou no primeiro concílio ecumênico da história, o Concílio de Nicéia, onde pela primeira vez se reuniram os bispos do Oriente e do Ocidente para discutir a causa arianista, na cidade de Nicéia, em 325 d.C. Nesse Concílio nasceu o Credo Niceno, que diz:

"Cremos em um só Deus, Pai Onipotente, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. Em um só Senhor Jesus Cristo, Verbo de Deus, Deus de Deus, Luz de Luz, Vida de Vida, Filho Unigênito, Primogênito de toda a criação, por quem foram feitas todas as coisas; o qual foi feito carne para nossa salvação e viveu entre os homens, e sofreu, e ressuscitou ao terceiro dia, e subiu ao Pai e novamente virá em glória para julgar os vivos e os mortos. Cremos também em um só Espírito Santo."

O apolinarianismo veio depois da controvérsia ariana. Apolinário foi bispo de Laodicéia e morreu em 392. Uma vez definida a divindade do **Logos** e resolvida a questão ariana, a controvérsia girava

agora em torno das duas naturezas de Cristo: a humana e a divina. Apolinário foi diametralmente oposto ao arianismo, no entanto, combateu uma heresia desenvolvendo outra tão grave quanto a que combatia: deu muita ênfase à divindade de Cristo e sacrificou a sua genuína humanidade.

Apolinário dizia que a deidade de Cristo era a sua alma. Veja que sem alma não pode Jesus ser o verdadeiro homem: "Visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas... convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos" (Hb 2.14,17). Os nestorianos ensinavam que as duas naturezas de Cristo eram duas pessoas e que essa era tão íntima que poderia ser chamada uma só pessoa, como no caso de marido e mulher serem "uma só carne" (Gn 2.24).

Assim como os modalistas confundiam as Pessoas da Trindade, o monofisismo confundia as duas naturezas de Cristo. "Monofisismo vem de duas palavras gregas **monos**, "único", e **physis**, "natureza". É a doutrina que defende uma única natureza de Cristo, só a divina ou divina e humana amalgamada, ensinada pelas igrejas cóptica, armênia, abissínia e pelos jacobitas, mesmo depois do século V. Essa doutrina foi condenada no Concílio da Calcedônia, em 451. Jacó Baradeus e seus seguidores rejeitaram a decisão desse Concílio. Por isso a igreja nacional da Síria é conhecida como Jacobita.

Nós reconhecemos a ortodoxia definida no Concílio da Calcedônia porque tem base bíblica. Essa doutrina é chamada de Hipóstase. Esse vocábulo vem de duas palavras gregas **hypo**, "sob", e **istathai**, "ficar". Nas discussões teológicas sobre a doutrina da Trindade, na era da patrística, era usada como sinônimo de **ousia**, "essência, ser". Com relação a Jesus, significa a união das suas duas naturezas: divina e humana.

Há ainda hoje alguns que ensinam que Jesus abdicou de sua deidade quando esteve na terra como homem, e que os poderes sobrenaturais eram oriundos do Espírito Santo. Como fica, portanto, a adoração de Jesus e a sua autoridade para perdoar pecados? Veja que Jesus foi adorado diversas vezes e nunca recusou essa adoração: "Aproximaram-se os que estavam no barco e o adoraram, dizendo: És verdadeiramente o Filho de Deus" (Mt 14.33). Há várias passagens bíblicas que comprovam essa verdade. Veja Mateus 2.2,11; 8.2; 9.18; 15.25; Marcos 15.19; João 9.38. Os discípulos adoraram ao Jesus Deus ou ao Jesus homem? O anjo, ao recusar ser adorado, disse a João: "Adora a Deus" (Ap 19.10; 22.9,10). Jesus disse ao paralítico: "Perdoados te são os teus pecados" (Mt 9.2). O homem pode perdoar pecados? Veja a passagem paralela em Marcos 2.7.

DEFINIÇÃO

As Escrituras aplicam o nome "Deus" ao Pai sozinho "e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor para a glória de Deus Pai" (Fp 2.11). O nome "Deus", **Theos**, no Novo Testamento grego, quando vem acompanhado do artigo e sem outra qualificação, refere-se sempre ao Pai. O nome "Deus" parece também para designar o Filho "... e o Verbo era Deus" (Jo 1.1) e ao Espírito Santo "... mentisses ao Espírito Santo... Não mentistes aos homens, mas a Deus" (At 5.3,4). Aparece, na maioria das vezes, com referência à Trindade "Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR" (Dt 6.4).

A mesma Bíblia que ensina haver um só Deus e que Deus é um só, ensina também que o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus. Isso não é triteísmo, mas a Santíssima Trindade. Em outras palavras, cada uma dessas Pessoas é Deus pleno e absoluto e não parte da divindade, no entanto, não se trata de triteísmo, pois existe um só Deus verdadeiro e Deus é um só. Não são três Deuses, mas três Pessoas em uma só Divindade. Isso se chama Trindade.

O Novo Testamento não contradiz o Velho, mas torna explícito o que dantes estava implícito. A unidade de Deus não é absoluta, mas composta, de modo que o Velho Testamento revela a unidade na Trindade, ao passo que o Novo revela a Trindade na unidade. A doutrina da Trindade não neutraliza, nem contradiz a doutrina da Unicidade e nem a doutrina da Unicidade anula a Trindade.

A Bíblia ensina que a Trindade é a união de três Pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, em uma só Divindade, sendo iguais, eternas, da mesma substância, embora distintas, sendo Deus cada uma dessas Pessoas. O fundamento bíblico dessa declaração está em Mateus 28.19; 1 Coríntios 12.4-6; 2 Coríntios 13.13; Efésios 4.4-6.

A BASE BÍBLICA DA TRINDADE

Desde o Velho Testamento encontramos que Jeová se distingue de Jeová: "Então, o SENHOR fez chover enxofre e fogo, do SENHOR desde os céus, sobre Sodoma e Gomorra" (Gn 19.24). O Redentor, que é divino, é Jeová e é distinto dEle: "E virá o Redentor a Sião e aos que se desviarem da transgressão em Jacó, diz o SENHOR" (Is 59.20). Da mesma forma o Espírito Santo é Jeová e se distingue de Jeová: "Chegai-vos a mim e ouvi isto: Não falei em segredo desde o princípio; desde o tempo em que aqui se fez, eu estava ali; e, agora, o Senhor JEOVÁ me enviou o seu Espírito" (Is 48.16). O princípio trinitariano já estava presente no Antigo Testamento.

A pluralidade de Pessoas na divindade é também conhecida nas Escrituras do Antigo Testamento: "E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança..." (Gn 1.26). As três Pessoas da Trindade estão presentes aqui, na criação do homem. Isso se harmoniza com todo o contexto bíblico, pois o Filho criou todas as coisas e também o homem: "Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele" (Cl 1.16). E da mesma forma o Espírito Santo: "O Espírito de Deus me fez" (Jó 33.4).

"Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal..." (Gn 3.22). Ora, por que um de nós, visto que Deus é um? Isso porque Ele é Deus que subsiste eternamente em três Pessoas. Da mesma forma encontramos em Gênesis 11.7: "Eia, desçamos, e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro". Novamente o diálogo entre as três Pessoas da Trindade.

"Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR" (Dt 6.4). O texto sagrado diz que Jeová é único. A palavra "único" no original hebraico é echad, que é uma unidade composta. Se essa unidade fosse absoluta, a palavra correta aqui seria yachid, a mesma usada em Gênesis 22.2: "Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque...". Acontece que echad é uma unidade composta, é a Trindade. Como pode marido e mulher serem "uma só carne"? (Gn 2.24). A palavra "uma", nessa passagem, é echad, a mesma usada em Deuteronômio 6.4.

Outro ponto igualmente importante é a visão do profeta Isaías, através da qual ele viu o Senhor (Is 6.1), mas esse mesmo Jeová diz: "A quem enviarei e quem há de ir por nós?" (Is 6.8). Novamente a pluralidade na unidade divina está presente. Outro ponto que não devemos perder de vista é que o profeta inspirado diz que a terra está cheia da glória de Jeová dos Exércitos, e, no entanto, o apóstolo João diz que esse Jeová é Jesus: "Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, afim de que não vejam com os olhos, e compreendam no coração, e se convertam, e eu os cure. Isaías disse isso quando viu a sua glória e falou dele" (Jo 12.40,41).

Em Isaías 6.8-10 é Jeová quem fala; no entanto, o apóstolo Paulo afirma que é o Espírito Santo: "Bem falou o Espírito Santo a nossos pais pelo profeta Isaías, dizendo: Vai a este povo e dize: De ouvido, ouvireis e de maneira nenhuma entendereis..." (At 28.25-27). Isso significa que o Espírito Santo é Jeová. Assim, a visão de Isaías 6 revela a Trindade.

"Portanto, ide, ensinais todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.19). Um só nome comum às três Pessoas perfeitamente distintas pelos respectivos artigos definidos e pela repetição da conjunção "e". Em outras palavras, o batismo é realizado na base da trindade de Deus.

"Ora, há diversidades de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidades de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo versidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos" (1 Co 12.4-6). A ordem inversa dessas três Pessoas se justifica porque o apóstolo está tratando dos dons espirituais, além de mostrar que essas três Pessoas são iguais e co-eternas. Convém salientar que o nome "Deus", no versículo 6, não está indicando, a Trindade em si, sabemos que é uma referência ao Deus-Pai, pois está acompanhado do artigo definido no texto grego, além de vir junto com o Filho e o Espírito Santo.

"A graça de nosso senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos. Amém" (2 Co 13.13). Essa passagem é conhecida universalmente como a bênção apostólica. É a única vez que a impetração de uma bênção aparece explicitamente no nome da Trindade. Algo similar acontece com a bênção sacerdotal, onde o nome Jeová aparece três vezes, em Números 6.24-26, a Trindade de forma implícita.

"Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e em todos" (Ef 4.4-6). As três Pessoas da Trindade estão presentes. O texto diz que existe um só Pai, um Filho e um só Espírito Santo, ou seja: Pai é Pai, Filho é Filho e Espírito Santo é Espírito Santo. É, portanto, erro doutrinário confundir as Pessoas da Trindade.

A DEIDADE DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO

A Bíblia diz textualmente em vários lugares que o Senhor Jesus é Deus: "...e o Verbo era Deus" (Jo 1.1), "Porque nele habita corporalmente toda a plenitude na divindade" (Cl 2.9). Veja ainda Tito 2.13; 2 Pedro 1.1 e 1 João 5.20. O mesmo pode ser dito do Espírito Santo: "Ananias, por que encheu Satanás o teu coração para que mentisses ao Espírito Santo... Não mentisses aos homens, mas a Deus" (At 5.3,4). Compare ainda Atos 7.51 com o salmo 78.18,19. A Bíblia diz que só um é chamado Deus "Eu sou o primeiro e eu sou o último, e fora de mim não há Deus... Há outro Deus além de mim? Não!" (Is 44.6, 8). Veja ainda Deuteronômio 4.35, 39; Is 45.5, 21; 46.9.

O Filho e o Espírito Santo são chamados, com todas as letras, de Jeová ou SENHOR, na Bíblia: "Naquele dia, o SENHOR amparará os habitantes de Jerusalém... E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o Espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, a quem transpassaram..." (Zc 12.8-10). Quem foi ao céu transpassar a Jeová? Ninguém, absolutamente. A profecia fala daquele que foi traspassado na cruz. O Novo Testamento diz: "Um dos soldados lhes furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água... E outra vez diz a Escritura: Verão aquele que traspassaram" (Jo 19.34, 37). Há outras passagens bíblicas que ensinam essa verdade, como Jeremias 23.5,6, compare ainda Mateus 3.3 com Isaías 40.3.

Isso também se diz do Espírito Santo. A Bíblia diz que o Espírito de Jeová se apoderou de Sansão quando os filisteus o foram prender: "... o Espírito do SENHOR possantemente se apossou dele" (Jz 15.14). Quando Sansão revelou o segredo de sua força sobrenatural, esse

mesmo Espírito do SENHOR, que se apoderara dele, a Bíblia diz que era o próprio Jeová: "Porque não sabia que o SENHOR se tinha retirado dele" (Jz 16.2). Compare ainda Hebreus 3.7-9 com Êxodo 17.6,7; Atos 7.51 com 2 Reis 17.14. A Bíblia, entretanto, diz que somente Jeová é Deus: "Só o SENHOR é Deus em cima no céu e embaixo na terra; nenhum outro há" (Dt 4.39).

Igualmente o Filho e o Espírito Santo são chamados de Deus de Israel: "E disse-me o SENHOR: Esta porta estará fechada, não se abrirá; ninguém entrará por ela, porque o SENHOR, Deus de Israel, é a "Porta Oriental" (Ne 3.29) de Jerusalém. Será que Jeová entrou por essa Portã de maneira literal? O Senhor Jesus entrou por ela montado num jumento, Ele caminhou no sentido do monte das Oliveiras ao centro da cidade. Então, segundo essa profecia, o Senhor Jesus é o Deus de Israel. Essa é atualmente a porta Dourada, a única porta que dá acesso direto ao pátio do templo. Localiza-se no lado oriental de Jerusalém, foi lacrada no ano de 1542 por ordem do sultão Suleiman II, o Magnífico, e permanece fechada até ao dia de hoje.

A Bíblia também chama o Espírito Santo de o Deus de Israel: "O Espírito do SENHOR falou por mim, e a sua palavra esteve na minha boca. Disse o Deus de Israel..." (2 Sm 23.2,3). Quem falou por Davi foi o Espírito do SENHOR ou o Deus de Israel? O texto sagrado mostra que o Espírito Santo é o mesmo Deus Jeová e que é o mesmo Deus de Israel.

OS ATRIBUTOS DA DIVINDADE NO FILHO E NO ESPÍRITO SANTO

A Bíblia diz expressamente, com todas as letras, que o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus e que não existem três Deuses, mas um só Deus. Da mesma forma a Bíblia revela todos os atributos da divindade em cada uma das Pessoas da Trindade, o que fundamenta ainda mais essa doutrina. Todos os atributos absolutos, relativos e morais da divindade já estudados estão presentes nas Pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Não é possível enumerá-los todos aqui, estamos apresentando alguns para representar cada grupo desses atributos.

A Bíblia diz que o Senhor Jesus é onipotente: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (Mt 28.18). Ele já tinha esse poder antes de vir ao mundo, basta uma lida em Filipenses 2.6-11 para se confirmar essa verdade. Veja ainda Apocalipse 1.8; 3.7. Isso também se diz do Espírito Santo: "não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos" (Zc 4.6), e ainda: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus". A virtude ou o poder do Altíssimo é o mesmo poder do Espírito Santo. Veja ainda Romanos 15.13, 19.

A onisciência está também presente nas Pessoas do Filho e do Espírito Santo. A onisciência é outro atributo que só Deus possui e, no entanto, Jesus revelou esta onisciência durante o seu ministério. Em João 1.47,48, por exemplo, quando disse que viu Natanael debaixo da figueira. Sabia que no mar havia um peixe com uma moeda e que Pedro ao lançar o anzol o pescaria e com o dinheiro pagaria o imposto, tanto por ele como por Cristo (Mt 17.27). Em João 2.24,25 está escrito que não havia necessidade de ninguém falar algo sobre o que há no interior do homem, porque Jesus já sabe de tudo. A Bíblia diz que só Deus conhece o coração dos homens (1 Rs 8.39), então Jesus é não só onisciente, mas também é Deus. Ele sabia que a mulher samaritana já havia possuído cinco maridos e que o atual não era o seu marido (João 4.17,18). Encontramos em João 16.30; 21.17, que Jesus sabe tudo, e Colossenses 2.2,3 nos diz que em Cristo "estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência". Não há nada no universo que Jesus não saiba, tudo porque Ele é onisciente e é Deus.

O mesmo acontece com o Espírito Santo. Foi o Espírito Santo que revelou a Simeão que ele não morreria sem ver o Cristo (Lc 2.26). A Bíblia diz que o Espírito Santo conhece todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus: "Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra

todas as coisas, ainda profundezas de Deus. Por que qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus" (1 Co 2.10,11). Veja ainda Ezequiel 11.5; Romanos 8.26,27; 1 Pedro 1.11.

O Filho e o Espírito Santo são também onipresentes. Jesus é ilimitado pelo tempo e pelo espaço. Ele disse: "Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles" (Mt 18.20), e mais: "Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém" (Mt 28.20). Essas duas passagens mostram que Jesus está presente em qualquer parte do globo terrestre porque ele é onipresente. A Bíblia diz que o Espírito Santo está em toda a parte: "Para onde me irei do teu Espírito ou para onde fugirei da tua face? (SI 139.7).

As Escrituras Sagradas ensinam que o Filho e o Espírito Santo são eternos. Apré-existência de Cristo é eterna: "...e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade" (Mq 5.2). Isto revela que o Filho já existia antes dos tempos dos séculos, antes de todas as coisas. O profeta Isaías anuncia o aparecimento do Messias dando-lhe cinco nomes a saber: "...e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da eternidade, Príncipe da Paz" (Is 9.6).

Há outra passagem que corrobora esta grande verdade: "Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje e eternamente" (Hb 13.8). Essa é uma das passagens bíblicas que provam que Jesus não pode ser criatura. Como pode ser o Filho "o mesmo ontem", se realmente houve um tempo na história em que ele não existia? Se o Filho passou a existir a partir do dia em que foi criado, como pode ser ele o mesmo ontem? Se antes dessa suposta criação ele não existia, podia ser ele o mesmo antes de existir? De maneira nenhuma. Em qualquer tempo da eternidade passada, "os tempos antes dos séculos" (Tt 1.2), no passado remotíssimo que a mente humana não pode alcançar, ele "era o Verbo", era o mesmo, o mesmo de hoje e de sempre, pois ele é imutável. A Bíblia chama o Espírito Santo de "Espírito eterno" (Hb 9.14; e estava presente da criação (SI 104.30).

O atributo da santidade está também presente no Filho e no Espírito Santo, e da mesma forma o atributo da justiça. Jesus é santo e justo: "Mas vós negastes o Santo e o Justo e pedistes que se vos desse um homem homicida" (At 3.14); "Ministrando o evangelho de Deus, para que seja agradável a oferta dos gentios, santificada pelo Espírito Santo" (Rm 15.16). Veja 1 Coríntios 6.11.

O atributo da bondade aparece no Filho: "Além disso, eu, Paulo, vos rogo -via mar¹;, idao e benignidade de Cristo" (2 Co 10.1), e no Espírito Santo: "Ensina-me a fazer tua vontade, pois és o meu Deus; guie-me o teu bom Espírito por terra plana" (SI 143.10). Veja ainda Neemias 9.20

A Bíblia diz que o Verbo se manifestou "cheio de graça e de verdade" (Jo 1.14). Ele mesmo é a verdade: "Disse-lhe Jesus: Eu sou o Caminho, a Verdade, e a Vida" (Jo 14.6). Jesus; pois, é a Verdade e a Vida. Da mesma maneira o Espírito Santo: "O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber" (Jo 14.17), "Mas quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, testificará de mim" (Jo 15.26). A Bíblia diz que o "Espírito é a verdade" (1 Jo 5.6). O Filho é a Vida, da mesma forma o é o Espírito Santo "Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte" (Rm 8.2).

O CREDO DE ATANÁSIO

A controvérsia girava em torno da eternidade de Cristo. Atanásio (296 - 373) foi o inimigo implacável da doutrina de Ário, dizia que o Filho é eterno e da mesma substância do Pai, ou seja, homoousios. Ário, por outro lado, dizia que o Filho era criatura, e que não era da mesma substância do Pai, ou seja homoiousios, para dizer que o Filho era apenas de natureza similar ou igual, mas não a mesma natureza do Pai. Apenas essa letra "i" fazia grande diferença. A palavra grega homoousios significa "mesma essência" ou a "mesma substância". Era isso que Atanásio defendia, como encontramos no Credo Niceno citado

anteriormente: "Cremos em um só Deus, Pai Onipotente, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. Em um só Senhor Jesus Cristo, Verbo de Deus, Deus de Deus, Luz de Luz, Vida de Vida". Veja que, quanto ao Espírito Santo, o Credo Niceno apenas diz: "Cremos também em um só Espírito Santo."

Depois do Concílio de Nicéia, em 325, muitos documentos circulavam nas igrejas sobre o assunto. O Credo que hoje chamamos de Atanásio, na verdade expressa o seu pensamento e tudo o que ele defendeu durante toda a sua vida, mas parece que o texto não é de sua autoria. Esse Credo não foi mencionado no Concílio de Éfeso, 431; nem no da Calcedônia, 451; e nem no de Constantinopla, 381.

Durante a Idade Média se dizia que Atanásio escreveu esse Credo quando esteve no exílio, em Roma, e ofereceu ao bispo de Roma, Júlio I, para servir como confissão de fé. Desde o séc. IX que se atribui o Credo a Atanásio. Esse Credo traz o seu nome porque ele defendeu tenazmente essa ortodoxia cristã, mas seu autor é desconhecido. O Credo foi mencionado pela primeira vez em um sínodo, realizado entre 659-670. Serve como teste da ortodoxia desde o século VII para os principais ramos do Cristianismo: Catolicismo Romano, Catolicismo Ortodoxo e Protestantismo. O Credo se constitui de 44 artigos:

... (3) A fé universal é esta: que adoremos um Deus em trindade, e trindade em unidade; (4) Não confundimos as Pessoas, nem separamos a substância. (5) Pois existe uma única Pessoa do Pai, outra do Filho, e outra do Espírito Santo. (6) Mas a deidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é toda uma só: glória é igual e a majestade é coeterna. (7) Tal como é o Pai, tal é o Filho e tal é o Espírito Santo. (8) O Pai é incriado, o Filho incriado, e o Espírito Santo incriado. (9) O Pai é imensurável, o Filho é imensurável, o Espírito Santo é imensurável. (10) O Pai é eterno, o Filho é eterno, o Espírito Santo é eterno. (11) E, no entanto, não são três eternos, mas há apenas um eterno. (12) Da mesma forma não há três incriados, nem três imensuráveis, mas um só incriado e um imensurável. (13) Assim também o Pai é onipotente, o Filho é onipotente e o Espírito Santo é onipotente. (14) No entanto, não há três onipotentes, mas sim, um onipotente. (15) Assim, o Pai é Deus, o Filho é Deus, e o Espírito Santo é Deus. (16) No entanto, não há três Deuses, mas um Deus. (17) Assim o Pai é Senhor, o Filho é Senhor, e o Espírito Santo é Senhor. (18) Todavia não há três Senhores, mas um Senhor. (19) Assim como a veracidade cristã nos obriga a confessar cada Pessoa individualmente como sendo Deus e Senhor; (20) Assim, também ficamos privados de dizer que haja três Deuses ou Senhores. (21) O Pai não foi feito de coisa alguma, nem criado, nem gerado; (22) o Filho procede do Pai somente, não foi feito, nem criado, mas gerado. (23) O Espírito Santo procede do Pai e do Filho, não foi feito, nem criado, nem gerado, mas procedente. (24) Há, portanto, um Pai, e não três Pais; um Filho, e

não três Filhos; um Espírito Santo, não três Espíritos Santos. (25) E nessa trindade não existe primeiro nem último; maior nem menor. (26) Mas as três Pessoas são coeternas, são iguais entre si mesmas; (27) De sorte que por meio de todas, como acima foi dito, tanto a unidade na trindade como a trindade na unidade devem ser adoradas.

Outro ponto importante é que no artigo de fé 23 diz "O Espírito Santo procede do Pai e do Filho, não foi feito, nem criado, nem gerado, mas procedente". O patriarca de Constantinopla dizia que esse artigo não é autêntico. Dizem que *afilioque*, termo latim que significa "do Filho", não constava do texto original. A Igreja Ortodoxa ainda hoje rejeita a ideia de que o Espírito Santo seja enviado pelo Pai e pelo Filho, mas apenas pelo Pai.

Veja que Jesus disse: "Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, testificará de mim" (Jo 15.26). Mas eles acham que a expressão "que eu da parte do Pai vos hei de enviar" não está claro suficiente para constar no Credo. Essa foi uma das razões para o cisma da Igreja, quando foi dividida em Oriente e Ocidente, Roma e Constantinopla, catolicismo romano e catolicismo ortodoxo, em 1054. Com isso o patriarca de Constantinopla considerou espúrio o cargo do bispo de Roma e vice-versa.

O QUE SIGNIFICA O TERMO "PESSOA" NA TRINDADE?

As Escrituras revelam o Deus verdadeiro como um ser espiritual e pessoal, conforme João 4.24; Jó 13.8. No que tange à Trindade, tanto as Testemunhas de Jeová como os modalistas ou sabelianistas e os unicistas modernos apresentam conceitos errôneos sobre a palavra "pessoa" na Divindade. Racionalmente parece difícil alguém admitir três Pessoas Divinas, sendo Deus absoluto em toda a sua plenitude, e não parte da Divindade e, no entanto afirmar que isso não é triteísmo. Talvez o problema seja pelo fato de não haver palavra mais adequada para o que chamamos de "pessoas" da Divindade.

A palavra "pessoa" vem do grego *persona*, "máscara" usada para designar a máscara que o ator usava para representar um personagem no teatro grego. Aplicando essa palavra para o que chamamos de "Pessoas" na Trindade, poderia induzir alguém ao sabelianismo ou modalismo. Por essa razão os Pais da Igreja preferiam chamar essas "Pessoas" de *homousios*, "um ser", ou *hypo sta si s*. *Hipóstase* vem de duas palavras gregas *hypo* "sob" e *istathai* "ficar". Nas discussões teológicas sobre a doutrina da Trindade, na era da patrística, era usada como sinônimo de *ousia* "essência, ser". O reformador protestante, Calvino, preferia chamar de *Subsistentia*.

O livro *Fundamentos da Verdade*, publicado pelo ICI (Instituto por Correspondência Internacional), Campinas, SP, prefere chamar essas Pessoas de auto-distinções. O termo "pessoa", nesse caso, não deve ser entendido com o uso moderno que usamos para designar um ser individual em sua totalidade. "Quando falamos de Deus como Pessoa, estamos na realidade usando o termo moderno para expressar a natureza de uma substância; mas, quando falamos de 'pessoas' no sentido trinitariano, estamos nos referindo à *Hypostases* ou as distinções dentro daquela substância" (Orton H. Viley e Paul T. Cubertson).

Por isso é falsa a asserção de que a Trindade é doutrina de homens. Um número incontável de cristãos já está na glória sem sequer ouvir a palavra "trindade". Ninguém precisa entender a Trindade para ser salvo. Deus é para ser crido e não entendido. O grande problema das seitas é querer entender Deus. A salvação é pela fé no verdadeiro Jesus dos evangelhos. Não existe salvação sem Jesus.

Capítulo 5

QUE PENSAIS VÓS DE CRISTO?

"Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp 2.6-11).

Há cerca de dois mil anos viveu no Oriente Médio, mais precisamente na terra de Israel, um homem extraordinário e singular. Seu nascimento foi inigualável e sua vida impecável, nunca cometeu engano. Manifestou seu poder sobre toda a força da natureza, sobre todas as enfermidades, sobre todo o reino das trevas, sobre a morte e sobre o inferno. Jamais se ouviu dEle expressões tais: "eu acho, eu penso, suponho, talvez, não sei mas vou consultar o meu Pai", mas sempre dizia com convicção inabalável: "em verdade, em verdade vos digo, em verdade te digo, passarão os céus e a terra, mas as minhas palavras não hão de passar". Chamados pelos seus opositores de "comilão, bebedor e amigo dos pecadores". Mas é ele a esperança da humanidade, o Deus-Homem e o Homem-Deus. É sobre ele que trata o presente capítulo.

O SENHOR JESUS CRISTO

Jesus perguntou, certa vez: "Quem dizem os homens ser o Filho do homem?" (Mt 16.13, 14). Somente Pedro acertou, mas Jesus esclareceu que isso só foi possível em virtude da revelação de Deus: "E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus" (Mt 16.17). Isso mostra que ninguém pode conhecer a Jesus se não for pelo Espírito Santo: "E ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo" (1 Co 12.3).

O nome "Senhor" fala da divindade de Jesus, pois a Septuaginta traduziu Adhonay e Yahweh (Jeová) pela palavra grega Kyrios que é "Senhor", no Velho Testamento. Dizer: "César é Senhor", seria reconhecer a divindade dele. Era por isso que os cristãos primitivos recusavam chamar César de Senhor. O apóstolo Paulo disse: "..e ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo" (1 Co 12.3). Essa expressão reivindica a divindade de Cristo. Se Cristo fosse um mero Senhor, não haveria necessidade de o Espírito Santo o revelar. Portanto o nome grego, Kyrios, é o correspondente dos nomes hebraicos Adhonay e Yahweh, e é usado tanto para o Pai como para o Filho.

O nome Jesus vem do hebraico Yehoshua ou Yeshua — "Josué", que significa "lavé é salvação". Josué era chamado de

Oshea ben Num, "Oséias, filho de Num" (Nm 13.8; Dt 32.44). Oshe, significa "salvação". Moisés mudou seu nome para Josué: "Oséias, filho de Num, Moisés chamou Josué" (Nm 13.16). A Septuaginta usou o nome Iesous, (pronuncia-se "Iesus" para Yehoshua ou Yeshua, exceto em 1 Crônicas 7.27, que transliterou por Iousue — "Josué".

Depois do cativeiro de Babilônia, o nome Yehoshua era conhecido por Yeshua. Isso pode ser visto em Neemias 8.17, onde lemos: "desde os dias de Josué, filho de Num", que o texto hebraico registra Yeshua ben Num, e não Yehoshua ben Num. Hoje em Israel, até mesmo os judeus convertidos à fé cristã identificam o nome Jesus em hebraico pelo nome Yeshua, conforme encontramos nos textos hebraicos do Novo Testamento.

Essa alternância de Yeshua e Yehoshua é muito comum nos livros pós-exílicos do Velho Testamento. O sumo sacerdote Josué, filho de Jozadaque, é chamado em hebraico simultaneamente de Yeshua, "Jesua" na versão Almeida Corrigida: "E levantou-se Jesua, filho de Jozadaque, e seus irmãos, os sacerdotes... começaram Zorobabel, filho de Sealtiel, e Jesua, filho de Jozadaque" (Ed 3.2, 8). Veja ainda Esdras 4.3; 5.2 e Neemias 7.7. Esse mesmo Jesua, filho de Jozadaque, é chamado de Yehoshua, que é "Josué", como lemos: "... e Josué, filho de Jozadaque, o sumo sacerdote (Ag 1.1). Veja mais Ageu 1.12,14; 2.2, 4; Zacarias 3.1, 3, 6, 8, 9; 6.11. A Septuaginta não faz essa distinção, usa Iesous para ambos. Iesous é o nome do Messias, o nosso Salvador, registrado no Novo Testamento, que chegou para nossa língua como Jesus.

Messias e Cristo são palavras idênticas, em João 1.41 lemos: "Achamos o Messias (que, traduzido, é o Cristo)". Convém deixar claro que as partes parentéticas dos versículos da Bíblia, principalmente nas versões de Almeida, não são interpolações dos editores, essas palavras entre parêntesis estão no texto original. "Messias", é palavra hebraica e "Cristo", grega. Veja ainda João 4.25. Ambas significam "O Ungido". Jesus é o Salvador Ungido, o único que pode salvar os pecadores.

JESUS CRISTO HOMEM

As Escrituras Sagradas afirmam que Jesus é o verdadeiro o homem: "Porque há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem" (1 Tm 2.5) e também o verdadeiro Deus: "... e o Verbo era Deus... E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (Jo 1.14). O termo EMANUEL, que o próprio escritor traduziu por "DEUS CONOSCO" (Mt 1.23), mostra que Deus esteve como homem e entre os homens, na Pessoa augusta de Jesus.

A Bíblia ensina tanto a divindade como a humanidade de Cristo: "E todo o espírito que confessa que Jesus não veio em carne não é de Deus..." (1 Jo 4.3). O ensino da

humanidade de Cristo, no entanto, não neutraliza a sua divindade, pois os evangelhos revelam as duas naturezas: a humana e a divina.

Os evangelhos revelam atributos característicos do ser humano em Jesus. Ele nasceu de uma mulher, embora gerado pela ação sobrenatural do Espírito Santo, o ato do nascimento em si foi normal e comum como o de qualquer ser humano. Diz a Palavra de Deus: "E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. E deu à luz o seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem" (Lc 2.6,7). A Bíblia afirma que "crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens" (Lc 2.52). Um desenvolvimento físico e intelectual comum aos seres humanos.

Ele sentiu os desgastes físicos do corpo humano do dia-a-dia. No barco, no mar da Galileia, enquanto os discípulos remavam, Jesus, "porém, estava dormindo" (Mt 8.24). Em Samaria, diz a Bíblia que: "Jesus, pois, cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte" (Jo 4.6). Ele pediu de beber a mulher samaritana e mandou os discípulos comprar pão na cidade. Isso mostra que ele sentia necessidade de comer e beber: "Veio o Filho do Homem comendo e bebendo" (Mt 11.19). Ele mesmo disse: "Tenho sede" (Jo 19.28).

Como homem ele sofreu: "padeceu fora da porta". A Bíblia diz: "Jesus chorou" (Jo 11.35). No Getsêmani Jesus "começou a entristecer-se e a angustiar-se muito. Então, lhes disse: A minha alma está cheia de tristeza até à morte" (Mt 26.37). Essas coisas são emoções comuns aos seres humanos.

Teve uma família humana, exceção do Pai, que é o próprio Deus, pois José foi seu pai adotivo: "Não é este o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, e de José, e de Judas, e de Simão? E não estão aqui conosco suas irmãs?" (Mc 6.3). Deu provas materiais de ter corpo humano: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vede que eu tenho" (Lc 24.39-41). Foi feito semelhante aos homens, mas sem pecado: "Pelo que convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos... em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hb 2.17; 4.15).

Assim como é heresia negar a humanidade de Cristo: "Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Esse tal é o enganador e o anticristo" (2 Jo 7). Veja ainda 1 João 4.2-3. Da mesma forma é heresia negar a sua divindade. A Bíblia chama isso de "heresias de perdição" negar "o Senhor, que os resgatou" (2 Pe 2.1). Como homem, sentia as dores do ser humano; e como Deus, hoje supre a necessidade da humanidade.

O NASCIMENTO VIRGINAL DE JESUS

O nosso conceito de "nascimento virginal" é no sentido de ser concebido pelo Espírito Santo no ventre de uma virgem e dela nascer antes que ela conhecesse varão. Exatamente o que aconteceu no nascimento de Jesus. A controvérsia gira em torno do substantivo hebraico para "virgem" usado em Isaías 7.14, que é **almah**. Isto tem dado espaço para intermináveis controvérsias, principalmente por eruditos judeus e por teólogos "cristãos" modernistas, na tentativa de neutralizar a doutrina do nascimento virginal de Jesus. Alguns afirmam que a palavra mais apropriada para "virgem" seria **b'tulah** e com isso querem dissociar Mateus 1.23 de Isaías 7.14.

A outra palavra usada para "virgem" é **b'tulah**, que eles afirmam ser o vocábulo ideal, se a profecia de Isaías fosse uma referência ao nascimento virginal de Jesus. Essa palavra pode se aplicar a uma mulher casada: "Lamenta como a virgem que está cingida de saco pelo marido da sua mocidade" (Jl 1.8); o que não ocorre com o substantivo **almah**, que só se aplica a mulher solteira. W. E. Vine, com base em Joel 1.8, diz que **b'tulah** nos textos aramaicos tardios era aplicada a uma mulher casada. Isso, portanto, segundo Vine, traria muita confusão: "Não ficaríamos sabendo o que era exatamente o

que tinha em mente. Estava se referindo a uma que era verdadeiramente virgem, ou uma que estava desposada, ou uma que já havia conhecido marido? A luz destas considerações, parece que a eleição da palavra *almah* foi deliberada. Parece que é a única palavra hebraica disponível que indicaria com clareza que aquela a que ele designa não estava casada".

A Septuaginta foi traduzida antes do nascimento de Jesus (285 a. C., segundo Josefo e a carta de Aristéia). A tradução foi feita por rabinos, portanto, entendiam que *almah* em Isaías 7.14 se tratava de uma "virgem", por isso usaram a palavra grega *parthenos*, a mesma usada em Mateus 1.23. Assim era o significado dessa palavra na época. É muito suspeito que só depois do surgimento do Cristianismo que os rabinos procuraram reavaliar o significado dessa palavra. Foram os próprios rabinos que colocaram-na na Septuaginta.

Há quem diga que o contexto do Velho Testamento não fornece luz suficiente para o significado de "virgem". Ainda que isso possa ser confirmado, todavia, o Novo Testamento dá a palavra final: "E disse Maria ao anjo: Como se fará isso, visto que não conheço varão?" (Lc 1.34). Então é verdade que Isaías disse e pretendeu dizer "virgem".

JESUS CRISTO DEUS

"Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz" (Is 9.6). Trata-se de uma profecia messiânica e esses nomes se referem a Jesus. A mesma expressão hebraica *El Gibor*, "Deus Forte", reaparece em Isaías mais adiante se referindo ao Deus de Israel: "E acontecerá, naquele dia, que os resíduos de Israel e os escapados da casa de Jacó nunca mais se estriarão sobre o que os feriu; antes, se estriarão sobre o SENHOR, o Santo de Israel, em verdade. Os resíduos se converterão, sim, os resíduos de Jacó, ao Deus forte". (Is 10.20,21). Jesus, portanto, é o mesmo Deus verdadeiro de Israel.

"No princípio era o verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.1-3). O texto grego diz: "... *καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος*" (*kai theos en ho theos*). A organização das Testemunhas de Jeová justifica sua tradução "e a Palavra era [um] deus", na Tradução do Novo Mundo, dizendo que não aparece o artigo definido grego "ho" antes do nome "theos" (Deus), que é predicativo nesta oração.

Em outras palavras, o que eles estão dizendo é que para ser correta a nossa tradução "e o Verbo era Deus" o artigo definido grego *ὁ* (ho) deveria aparecer antes do nome *theos*, ficando assim o texto grego *καὶ ὁ λόγος ἦν ὁ θεός* (*kai ho logos en ho theos*). Mas se o texto joanino aparecesse dessa forma estaria ensinando que o Verbo seria o Pai, doutrina sabelianista. Eliminando-se o artigo definido antes de *theos*, assim *kai ho logos en theos*, ou seja, o predicativo posposto ao verbo, ficaria do jeito que as Testemunhas de Jeová querem.

O Logos, ou seja, a Palavra ou o Verbo é o sujeito e por isso vem o artigo definido. Agora perguntamos, por que *theos* foi posto na frente e por que a ausência do artigo definido? Porque "o que Deus era a Palavra era". Essa ausência do artigo mostra a identificação da Pessoa de *theos* (Deus-Pai) e do *logos* (Verbo). Essa construção nos diz que Jesus Cristo não é o Pai, mas que é Deus com todos os atributos do Pai. Martinho Lutero disse que "a falta de um artigo é contra o Sabelianismo e a ordem da palavra é contra o Arianismo". O Senhor Jesus Cristo, portanto, é Deus e tem todos os atributos que o Pai tem, mas não é a primeira Pessoa da Trindade.

"Por isso pois os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o sábadado, mas também dizia que Deus era o seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus" (Jo 5.18). Mais de uma vez Jesus afirmou ser igual ao Pai.

"Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, eu sou" (Jo 8.58). O texto aqui trata de uma questão de identidade e não de idade. Isso pode ser visto em todo o contexto bíblico. No versículo 24, desse mesmo capítulo 8, Jesus disse: "... porque, se não credes que eu sou, morrereis em vossos pecados". Da mesma forma no v.28, ele reitera a sua identidade, dizendo: "... então, conhecereis quem eu sou", ego eimi, no grego. "Desde agora, vo-lo digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis que eu sou" (13.19). Com essa mesma expressão, Jesus derrubou por terra os soldados que o foram prender. Disse: "... A quem buscais? Responderam-lhe: A Jesus Nazareno. Disse Jesus: "Sou eu...Quando pois lhes disse: "Sou eu", recuaram e caíram por terra". (Jo 18.4-6) Essas passagens joaninas provam que "Eu Sou", em Jo 8.58, diz respeito à Identidade de Cristo, e não meramente à Idade.

A Bíblia diz que somente o Deus Jeová, de Israel, é "Eu Sou" (Dt 32.39). O texto hebraico diz Ani Hu "eu [sou] ele", e aparece também em Isaías 41.4; 43.10; 46.4; 52.6, que a Septuaginta traduziu por ego eimi, "Eu sou", a mesma expressão usada em João 8.58. O texto hebraico do Novo Testamento, tanto a edição das Sociedades Bíblicas Unidas como o da Sociedade Bíblica de Israel, traduz João 8.58 pela expressão Ani Hu. O "Eu Sou", de Êxodo 3.14, é ehyeh, em hebraico, ehyeh asher ehyeh, "eu sou o que sou". Não podemos afirmar categoricamente que "eu sou", em João 8.58, seja uma citação *ipsis litteris* de Êxodo 3.14. Mas isso não anula o fato de ser essa a intenção do Espírito Santo, pois ambas passagens mostram a eternidade do Pai como a do Filho. O autor sagrado tinha em mente essa associação com Êxodo 3.14. A Septuaginta traduziu essa expressão por ego eimi ho on, "Eu Sou o Ser".

Convém ainda salientar que o verbo "ser" está desprovido de tempo, não encerrando portanto a ideia temporal. Com isso, Jesus está dizendo que é eterno. A ideia de tempo aqui, nessa passagem, recai sobre a palavra *prin*, "antes", e o acentuado contraste entre os verbos gregos "existisse", *genesthai*, de *ginomai* e eu "sou" (*eimi*) mostra que mesmo antes de Abraão existir Jesus já existia eternamente.

Podemos ver esse paralelismo no salmo 90.2, na Septuaginta [89.2], *pro tou ore genethenai... su ei*, que significa "antes que os montes existissem.... tu és", que está presente a eternidade de Deus: "Antes que os montes nascessem, ou que formasses a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade, tu és Deus". Convém salientar que *pro*, "antes", é similar a *prin*. O verbo *ginomai*, em contraste com o verbo *eimi*, revela o contraste entre o eterno e o criado. É a mesma construção gramatical e são os mesmos verbos.

O nome "Jeová" vem do verbo "ser". A expressão "EU SOU O QUE SOU" revela o caráter e a natureza de Deus como o Ser que tem existência própria, e é o imutável, o que causa todas as coisas, é auto existente, aquele que é, que era e o que há de vir, o eterno. O Senhor Jesus tem esse mesmo atributo, porque ele é Deus igual ao Pai.

"Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus" (Fp 2.6). A passagem ensina a deidade absoluta de Jesus Cristo. O Verbo grego "sendo", nessa passagem é *hyparchon*, participio presente de *hyparcho*, fusão de duas palavras: preposição *hypo* que significa "sob" e do verbo *archo*, "começar, principiar", daí o verbo "hyparcho" significar "subsistir", "existir". Isso que dizer que Cristo existia e existe eternamente na forma de Deus. O verbo expressa a continuação de um estado ou condição anterior.

"Que, sendo em forma de Deus" mostra que Jesus era Deus antes da sua encarnação, assim como 2 Coríntios 8.9, onde o apóstolo usa a mesma construção: "que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre". E correto afirmar que Jesus não era rico antes de sua encarnação? Não! Absolutamente. No texto de Filipenses encontramos a mesma coisa: "sendo em forma de Deus" "tomou a forma de servo". O verdadeiro Deus tornou-se homem.

Outra palavra que devemos considerar, nessa passagem, diz respeito ao substantivo morphe, que significa "forma", na sua essência e não simplesmente como "aparência". O substantivo "morphe" aparece apenas 3 vezes no Novo Testamento grego, aqui, também no versículo 7 e em Marcos 16.12. Contrasta-se com "schema", que significa "forma" no sentido de aparência externa, e não como essência e natureza, como acontece com o primeiro vocábulo.

"Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Cl 2.9). A palavra "divindade" ou "deidade" no texto grego é theotes, e só aparece uma vez no Novo Testamento grego. É diferente da palavra "divindade", de Romanos 1.20, que é theiotes. A diferença é que a palavra usada em Romanos tem o sentido de atributo de Deus, sua natureza e propriedades divinas. E em Colossenses, a palavra indica a essência divina da Deidade, a personalidade de Deus. Essa essência divina ou deidade absoluta, diz o apóstolo, habita corporalmente em Cristo — o Deus Homem e o Homem Deus.

O apóstolo diz que se trata de "toda a plenitude da divindade", e não alguns lampejos, ou um raio de luz, ou mesmo uma iluminação acima de outros homens. A divindade de Jesus é plena e absoluta. O texto sagrado sozinho é mais que suficiente para sustentar isso, ainda mais quando temos inúmeras passagens bíblicas que afirmam com todas as letras e de maneira textual que Jesus é o verdadeiro Deus, além dos atributos e obras da divindade presente na Pessoa de Jesus: "Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna" (1 Jo 5.20). Veja ainda Jeremias 23.5,6; João 10.13-33; 20.28; Romanos 9.5; 2 Coríntios 5.19; 2 Tessalonicenses 2.16; Tito 2.13; 2 Pedro 1.1; Judas 4; Apocalipse 1.7,8. Compare Hebreus 1.8 com o salmo 45.6.

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

O nascimento, a morte e a ressurreição de Jesus foram os acontecimentos mais importantes da história da humanidade: "Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Co 15.3,4). Tudo isso já estava previsto nas Escrituras pelos profetas. A morte de Jesus foi expiatória e seu sangue, Deus propôs para expiação de nossos pecados: "sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para a propiciação pela fé no seu sangue" (Rm 3.21,22). Isso significa que a morte de Jesus foi diferente, pois ele morreu em nosso lugar, pagando a nossa dívida para com Deus.

A grandeza da ressurreição de Cristo não consiste apenas no fato de ele tornar a viver, pois se assim fosse, não haveria diferença das ressurreições operadas no Velho Testamento, nem Jesus podia ser considerado como "as primícias dos que dormem" (1 Co 15.20) e nem o "primogênito dentre os mortos" (Cl 1.18), mas por ser a glorificação e

exaltação de Jesus: "E isso disse ele do Espírito, que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado" (Jo 7.39). Veja ainda Romanos 6.4; Filipenses 3.20,21. Além disso, essa ressurreição é a viga mestra e o pilar do Cristianismo. É um dos elementos básicos que distingue o Cristianismo das grandes religiões.

Jesus mandou que na pregação do evangelho fosse anunciada a sua morte e ressurreição: "Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse e, ao terceiro dia, ressuscitasse dos mortos; e, em seu nome, se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém" (Lc 24.46,47). Negar, pois, essa verdade é continuar no mesmo estado de pecado e miséria, e além disso, o Cristianismo não teria sentido: "E, se Cristo não ressuscitou é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E também os que dormiram em Cristo estão perdidos" (1 Co 15.17,18).

Essa ressurreição é a vitória esmagadora sobre Satanás, o pecado, a morte e o inferno: "...fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém! E tenho as chaves da morte e do inferno" (Ap 1.18). Veja ainda 1 Coríntios 15.54-56. Ele ressuscitou para a nossa justificação, pois sem essa ressurreição não poderíamos ser justificados diante de Deus e assim estaríamos condenados: "o qual por nossos pecados foi entregue e ressuscitou para a nossa justificação" (Rm 4.25). A ressurreição corporal de Jesus é um fato insofismável, foi o tema da pregação dos apóstolos e é a base da nossa salvação.

Deus garantiu que o corpo do Senhor Jesus Cristo não veria a corrupção, isto é, não se deterioraria: "não deixarás a minha alma no Hades e nem permitirás que o teu santo veja a corrupção" (Sl 16.10; At 2.24-30), logo, aquele corpo que foi crucificado não pôde ficar na sepultura. Jesus se apresentou aos seus discípulos dizendo ser ele mesmo e não um corpo materializado: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo: apalpai-me e vede; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho. E, dizendo isto, mostrou-lhe as mãos e os pés" (Lc 24.39,40). Aqui o texto diz que era Jesus mesmo e não um outro corpo, e que essa ressurreição não foi em espírito. Jesus disse que era ele mesmo que estava presente, em carne e osso, e que espírito não tem essas características materiais.

Em Mt 28.6 lemos que o túmulo de Jesus foi encontrado vazio, e onde, pois, estava o corpo que fora crucificado? O próprio Jesus disse que a sua ressurreição seria corporal: "Jesus respondeu, e disse-lhe: Derribai este templo, e em três dias o levantarei. Disseram pois os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este templo, e tu o levantarás em três dias? Mas ele falava do templo do seu corpo. Quando pois ressuscitou dos mortos, os seus discípulos lembraram-se de que lhes dissera isto; e creram na Escritura, e na palavra que Jesus tinha dito" (Jo 2.19-22).

A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

O Senhor Jesus prometeu buscar os seus discípulos e garantiu que a nossa pátria não é aqui, nesse mundo, mas no céu. Encontramos na Bíblia que ele virá como um ladrão de noite, isto é, de surpresa, para os fiéis, que é a igreja, o que é conhecido como o "arrebato da Igreja". Em algumas passagens bíblicas lemos que Jesus virá em fração de segundo e em outras que ele virá da mesma maneira como foi para o céu. Como será isso? Ele virá diante dos olhos de todos ou virá como um relâmpago?

O cronograma divino, exarado na Bíblia, revela que a nossa dispensação terminará com a vinda de Cristo nas nuvens para levar

seu povo. Essa será a primeira fase da segunda vinda de Cristo, para o arrebatamento da Igreja e ressuscitar os que morreram em Cristo, ou seja, os fiéis crentes: "Porque o mesmo Senhor descenderá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor" (1 Ts 4.16,17). E isso ocorrerá de maneira muito rápida, que não haverá tempo para nada, será "num momento, num abrir e fechar de olhos" (1 Co 15.52). Por isso cada crente deve estar preparado continuamente para esse grande dia.

Depois disso começará a Grande Tribulação, tempo de angústia tal qual nunca houve desde que há nação. Trata-se de um período de transição entre a Dispensação da Igreja e o Milênio. É um período de angústias e sofrimentos sem precedentes na história. Há quatro passagens clássicas sobre a Grande Tribulação nas Escrituras: Jeremias 30.7; Daniel 12.1; Joel 2.2 e Mateus 24.21; e a passagem paralela em Marcos 13.19.

Os profetas e apóstolos falaram muito deste período, de-nominado-o de "Dia do Senhor", como lemos: "O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR" (Jl 2.31). O Novo Testamento afirma "que o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite" (1 Ts 5.2). Veja ainda Isaías 13.6, 9; Amós 5.18, 20; Zacarias 14.1; 2 Tessalonicenses 2.2 e 2 Pedro 3.10.

Esse período foi determinado por Deus para fazer justiça contra a rebelião dos moradores da terra e para preparar a nação de Israel para o encontro com o seu Messias: "prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus" (Am 4.12). Essa aflição, sem precedentes na história, será universal. O castigo de Deus virá sobre todos os moradores da terra, conforme descrito no livro de Apocalipse, do capítulo 6 até o 19. Israel passará por isso: "Ah! Porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante! E é tempo de angústia para Jacó; ele, porém, será salvo dela" (Jr 30.7). Será um período caracterizado por pragas de toda ordem e pela manifestação da trindade satânica: a besta, o anticristo e o falso profeta. Um atuará na política, outro na economia e outro na religião.

O anticristo fará um concerto com a nação de Israel por uma semana de anos: "E ele *firmará um concerto com muitos* por uma semana" (Dn 9.27). Mas na metade deste período o concerto será rompido, pois os judeus descobrirão que fizeram acordo com o anticristo. Só a partir daí que começa o período da "angústia de Jacó". A cidade de Jerusalém será ainda tomada, por pouco tempo, pois no final da Grande Tribulação o Senhor Jesus descenderá para livrar seu povo. Veja Zacarias 14.2-4. A igreja não passará pela Grande Tribulação, temos promessas de Deus: "e esperar a seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura" (1 Ts 1.10).

Cristo não virá mais como uma criança indefesa, nascendo numa manjedoura, para viver neste mundo entre os homens: "aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação" (Hb 9.28). Depois dos sete anos da Grande Tribulação, virá para por fim a batalha do Armagedom, para julgar as nações, destruir o anticristo com o sopro de suas narinas, aprisionar a besta e o falso profeta e estabelecer o Milênio. Veja Apocalipse 16.16; 19.20; Joel 3.12-14; Mateus 25.31-46 e 2 Tessalonicenses 2.8.

Tanto a vinda súbita de Cristo para o arrebatamento da igreja, como a sua vinda em glória para estabelecer o reino milenar na terra ocorrerão de forma súbita e inesperada, como o fenômeno do relâmpago: "Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e que se mostra ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do Homem" (Mt 24.27).

Há inúmeras passagens bíblicas que falam do Milênio, que significa os mil anos do reinado de Cristo. Um período em que o Senhor Jesus Cristo reinará na terra juntamente com sua Igreja. Essa palavra, "Milênio", foi tirada do livro de Apocalipse: "Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos... E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão" (Ap 20.2,7). Os profetas falaram também desse reinado. Isaías falou com abundância de

detalhes sobre esse período da paz universal. Veja Isaías 2.2-4; 11.1-10. Uma leitura cuidadosa do texto de Isaías acima revelará o futuro glorioso do planeta Terra. As expectativas da humanidade serão cumpridas em Jesus Cristo.

CONCLUSÃO

A grandeza do nome de Jesus pode ser visto na Bíblia, na história, nas artes, no nosso dia a dia e principalmente no testemunho pessoal de seus seguidores. Mesmo sob perseguições esse nome atravessou os séculos, com a arma do amor fundou o maior império da história e o único que não será destruído. Jamais alguém foi tema de filmes, músicas, livros, poesias, pinturas, teatros como Jesus.

O livro *As Portas do Inferno Não Prevalecerão*, CPAD, diz que o filme *Jesus Segundo o Evangelho de Lucas* é o mais assistido no mundo. Mais de 460 milhões de pessoas, em todo o mundo já viram esse filme. Está traduzido para mais de 200 línguas e já levou mais de 32 milhões de pessoas à fé cristã. Nem mesmo o filme *E.T.*, considerado como o maior sucesso de Hollywood, foi tão visto (296 milhões). Em quantidade de filmes produzidos sobre Jesus, nenhum personagem da história se igualou a ele, não alcançou sequer 50% do total produzido sobre a vida dele.

Na música, como os clássicos Bach, Haendel, Haydn e muitos outros, podemos afirmar que nenhum nome é tema de música como o nome de Jesus. Sua história está traduzida em mais de 2.000 línguas e dialetos. Sua presença é marcante também na pintura, mais que qualquer ser humano. Jesus continua sendo superior a tudo e a todos. Não existe argumento convincente para não crer em Jesus. Ele continua vivo e tem todo o poder no céu e na terra.

Capítulo 6

O SANTO CONSOLADOR

"Disse, então, Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço da herdade? Guardando-a, não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus" (Atos 5.3,4).

O Espírito Santo é a terceira Pessoa da Trindade. Ele é eterno, onipotente, onipresente, onisciente, igual ao Pai e ao Filho: "...ba- tizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.19). Isso mostra que o Espírito Santo está em pé de igualdade com o Pai e com o Filho. O presente capítulo aborda sobre a divindade, a personalidade e o batismo no Espírito Santo.

A DIVINDADE DO ESPÍRITO SANTO

Quando Jesus disse: "Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre" (Jo 14.16), aparece no texto sagrado a palavra grega *allos*, para "outro", e não *heteros*. O vocábulo *allos* significa que o Consolador é da mesma natureza, da mesma espécie e da mesma qualidade do Filho. E óbvio, quem estaria à altura para substituir o Filho senão um Ser igualmente divino? Se não fosse "outro", da mesma classe, a palavra seria *heteros*, e não *allos*. Isso mostra que o Espírito Santo é da mesma substância do Filho.

Assim como o Espírito Santo é chamado de "Espírito de Deus, Espírito de Jeová", ou "Espírito do Senhor", é também chamado de "Espírito de Cristo", pois diz a Bíblia: "Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Rm 8.9); ou "Espírito de Jesus Cristo", como está escrito: "... pela vossa oração e pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo" (Fp 1.19); ou ainda "Espírito de Jesus", como lemos: "... intentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lho permitiu" (At 16.7). O versículo 6 chama esse mesmo "Espírito de Jesus" de "Espírito Santo". Isso ressalta tanto a divindade do Filho como a divindade do Espírito Santo, pois é chamado alternadamente de Espírito de Jesus e de Espírito de Deus.

Jesus disse: "digo-vos a verdade, que vos convém que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vos-lo-ei" (Jo 16.7). O nome "Consolador", que no grego é *parakletos*, significa "Ajudador", alguém chamado para auxiliar, um "advogado". Essa mesma palavra aparece em 1 João 2.1 com este significado: "Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo".

A palavra "Advogado", aqui, é *Parakletos*, a mesma palavra grega usada para Consolador, que aparece em João 14.16,26; 15.26; 16.7. Em outras palavras, Jesus dizia aos seus discípulos que esta-va voltando para o Pai, mas que continuaria cuidando da igreja, pelo seu Espírito Santo, seu *Parakletos*, um como ele, que teria o mesmo poder para preservar o seu povo.

Aparece como Deus, no Antigo Testamento, atuando na criação do céu e da terra: "Envias o teu Espírito, e são criados, assim renovas a face da terra" (Sl 104.30). Ele inspirou os profetas do Antigo Testamento: "os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (2 Pe 1.21), por essa razão o profeta era chamado de "homem de espírito" (Os 9.7). O Espírito Santo atuava neles para que eles pudessem receber recursos do céu para profetizar, julgar, liderar, lutar e governar, conforme a vontade de Deus.

No Novo Testamento a sua manifestação pode ser classificada em duas etapas: antes do Pentecostes, na vida de Jesus; e depois, na vida da Igreja. Ele atuou na concepção virginal de Jesus, a Bíblia diz que Maria "achou-se ter concebido do Espírito Santo... José, filho de Davi, não temas a receber Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo" (Mt 1.18,20). Operou também em todo o ministério terreno de Jesus: "E como Deus ungiu a Jesus de Nazaré como Espírito Santo e virtude; o qual andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele" (At 10.38).

Já vimos em estudos anteriores que a Bíblia afirma textualmente que o Espírito Santo é Deus igual ao Pai e ao Filho. A Bíblia revela também todos os atributos absolutos, relativos e morais existentes em Deus, já estudados em capítulos anteriores. São afirmações categóricas e irrefutáveis que ninguém terá êxito ao refutar essa doutrina. Os três elementos básicos, encontrados nas Santas Escrituras, que provam a deidade absoluta do Espírito Santo são: a declaração direta e textual, como: "... para que mentisses ao Espírito Santo.... Não mentiste aos homens, mas a Deus" (At 5.3,4); os atributos, como a onipresença: "Para onde me irei do teu Espírito ou para onde fugirei da tua face" (Sl 139.7); e as obras exclusivas da divindade, como dá a vida eterna ao homem: ".. o que semeia no Espírito do Espírito ceifará a vida eterna" (G1 6.8).

A PERSONALIDADE DO ESPÍRITO SANTO

É claro que o Espírito Santo, como Deus é também uma Pessoa, como o são o Pai e o Filho. Se Jesus disse aos seus discípulos que batizassem em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, não pode ser razoável alguém imaginar que duas sejam pessoas e uma não. Além disso, a Bíblia mostra todos os atributos pessoais, desde o Gênesis ao Apocalipse, com abundância de detalhes de maneira que não é possível dizer o contrário dessa verdade. Jesus disse que o Espírito Santo convence do pecado, ensina, guia, glorifica a Jesus, fala a verdade, anuncia as coisas futuras. Veja João 16.8-14. O Espírito Santo envia missionários: "E assim estes, enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia..." (At 13.4).

A Bíblia ensina que o Espírito Santo tem emoções: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus" (Ef 4.30). O Espírito Santo pode se entristecer, o que não seria possível se não fosse ele uma pessoa. Ele tem vontade própria: "Mas um só e o mesmo Espírito opera todas

essas coisas, repartindo a cada um como quer". Ele age como quer, e essa faculdade da vontade é característica pessoal. O Espírito Santo é inteligente, ele sabe todas as coisas: "Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus" (1 Co 2.11). Inteligência, vontade e emoção são faculdades típicas de seres pessoais, o que mostra que ele tem consciência de sua identidade.

O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

O batismo no Espírito Santo é um revestimento sobrenatural do poder do Espírito Santo que o cristão recebe em sua vida, como promessa feita por Cristo antes da sua ascensão: "E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24.49). Ser batizado no Espírito Santo é diferente de ter o Espírito Santo. Quem recebe a Jesus Cristo como seu Salvador já tomou essa decisão pela ação sobrenatural do Espírito Santo. Essa pessoa já tem o Espírito Santo e nele se alegra.

Cornélio com sua família e os discípulos da cidade de Efeso foram batizados no Espírito Santo. Esse batismo é uma promessa para a Igreja em todos os lugares e em todas as eras: "E disse-lhe Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo; porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar" (At 2.38, 39); portanto, o ensino de que o batismo no Espírito Santo foi só para a era apostólica não tem fundamento bíblico.

A Bíblia ensina que a promessa é para todas as eras, principalmente para esta, nos últimos tempos. O profeta Joel disse: "derramarei o meu Espírito" [o grifo é nosso], O apóstolo Pedro citou o profeta com uma leve modificação, mas que esclarece muita coisa. Ele disse ao citai o texto de Joel: "derramarei do meu Espírito" [o grifo é nosso], Joel fala da plenitude da efusão do Espírito Santo, como algo para os últimos dias. Compare Joel 2.28-32 com Atos 2.16-21. Pedro, porém, ali indica que ali, em Jerusalém, no dia de Pentecostes, era apenas o início da Dispensação do Espírito. Jesus disse: "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre" (Jo 14.16). Ora, o Senhor Jesus Cristo é o mesmo, a sua Igreja é a mesma. Estamos ainda na mesma dispensação — Dispensação da Graça — o que falta ainda para o cumprimento dessa plenitude?

O livro de Atos dos Apóstolos não terminou sua narrativa. O leitor pode observar que a narrativa foi cortada bruscamente. Não apresenta o fim do ministério do apóstolo Paulo. Isso revela que a jornada da Igreja não terminou ali. Marcos 16.20 revela que os discípulos partiram por toda a parte pregando a Palavra de Deus, com os sinais que se seguiram, mas não diz que os apóstolos pararam ou que os sinais cessaram. Essa Igreja, que começou ali a sua marcha, continua ainda hoje sua jornada, com os mesmos sinais. Só em Apocalipse é que encontramos o final glorioso da jornada da Igreja.

Os cultos nas igrejas pentecostais são conforme o padrão neotestamentário. Há curas, milagres e ações sobrenaturais do Espírito Santo, segundo o modelo de culto de 1 Coríntios 12 a 14. As línguas são uma prova externa e uniforme desse dom inefável, que é para todos os crentes, de todos os lugares, de todas as raças, independentemente da capacidade mental, emocional e espiritual, e de todas as épocas. É um penhor da fala celestial e o início

de uma nova era. Babel, às avessas. Em Babel as línguas foram para a confusão e Deus esteve presente. No dia de pentecostes Deus também esteve presente, e as línguas foram um canal para magnificar a Deus. "Cretenses e árabes, todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus" (At 2.11).

Jesus disse: "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e sereis testemunhas, tanto em Jerusalém

como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra" (Atos 1.8). O batismo é para o crente ter poder para testificar de Jesus e glorificá-lo com ousadia: "e todos foram cheios do Espírito Santo e anunciava, com ousadia a palavra de Deus" (At 4.31). O revestimento de poder tem sido a força propulsora da igreja, não só naqueles dias, mas em todas as eras da história da igreja.

As línguas são a evidência do batismo, são a prova externa de que a pessoa foi batizada no Espírito Santo. Esse revestimento de poder, que vem do alto, capacita o crente a falar em outras línguas, e esse é o sinal do batismo no Espírito Santo. Como Pedro soube que Cornélio e os seus foram batizados no Espírito Santo? "Porque os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus" (At 10.46). Veja ainda Atos 19.6.

É comum a citação de Atos 2.4,8 para provar que as línguas são inteligíveis, ou seja, línguas estrangeiras. Sabemos que os peregrinos de Jerusalém, no dia de pentecostes, entenderam a mensagem dos discípulos ao vir sobre eles o Espírito Santo; mas as línguas não eram terrenas. O milagre não foi simplesmente o fato de os apóstolos falarem, mas também de os peregrinos as entenderem. Os 120 discípulos glorificavam a Deus, falavam das grandezas de Deus, e os de fora os ouviam na sua própria língua. Deus capacitou os peregrinos e eles puderam entender a mensagem, assim como operou através do seu Espírito nos discípulos para falarem em línguas.

Como sabemos que as línguas são estranhas e não estrangeiras? O apóstolo Paulo disse: "Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como sino que tine" (1 Co 13.1). Neste capítulo o apóstolo continua falando dos dons do Espírito Santo, pondo em relevância o amor. O texto sagrado fala das línguas dos homens, incluem-se aqui as línguas estrangeiras; e as línguas dos anjos, as línguas estranhas, ou as novas línguas (Mc 16.17). Paulo disse que estas línguas o homem não as entende, logo são línguas ininteligíveis: "Porque o que fala línguas **estranhas** não fala aos homens, senão a Deus, porque ninguém o entende, e em espírito fala de mistérios" (1 Co 14.2).

CONCLUSÃO

Temos comunhão com o Espírito Santo porque é uma Pessoa divina. Temos experiências similares a que os cristãos do primeiro século tiveram com o Espírito Santo. Temos na Bíblia a confirmação dessas coisas em nossa vida. Por isso professamos uma fé viva, longe dos rituais formalísticos sem vida, mas na comunhão do Espírito Santo. A doutrina pentecostal dá muita ênfase às experiências pessoais do cristão com o Senhor Jesus, mas experiências fundamentadas na Palavra de Deus, pois é errado fundamentar doutrinas sobre meras experiências humanas.

Capítulo 7

O HOMEM E SEU DESTINO

"Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste; que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos e de glória e de honra o coroaste " (salmo 8.3-5).

O que somos, de onde viemos e para onde vamos? Essas perguntas envolvem os elementos que constituem o homem: corpo, alma e espírito. Abrange também a morte, e o destino do homem: céu ou inferno que envolve também a doutrina da salvação. As perguntas que a ciência, com todo o seu avanço e conquistas, ainda não conseguiu responder, a Bíblia responde.

A CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO

A Bíblia diz que a raça humana teve sua origem em Deus, através de Adão: "O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente" (1 Co 15.45). Veja ainda Atos 17.26. Foi criado no sexto dia, como a coroa de toda a criação, e recebeu de Deus incumbência para administrar a terra e a natureza. O homem não é meramente um animal racional, mas um ser espiritual criado à imagem e semelhança de Deus: "E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra" (Gn 1.26).

Deus soprou nas narinas do homem e ele foi feito alma vivente: "E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente" (Gn 2.7). A palavra hebraica para "alma" é **nephesh**, no Velho Testamento; e a grega é **psyche**, tanto no Novo Testamento como na Septuaginta. Essa mesma palavra hebraica é usada para os demais seres criados, como em Gênesis 1.20,24 e 30. O leitor ou o estudioso da Bíblia deve observar que há uma diferença entre o homem e o animal irracional. A alma dos animais não é a mesma alma do homem, pois ele recebeu diretamente de Deus "o fôlego da vida", ou "de vida".

A palavra "fôlego", usada em Gênesis 2.7, é **nish'mah**, e significa também "espírito, consciência, o princípio da vida". Em algumas passagens da Bíblia é apresentada como equivalente a **ruach**, usada para "espírito", inclusive o Espírito Santo, no Velho Testamento. A palavra hebraica **nish'mah** é usada em Provérbios 20.27: "A alma do homem é a lâmpada do SENHOR, a qual esquadrinha todo o mais íntimo". Por isso que as versões Almeida Atualizada, NVI, Brasileira e outras traduziram por "espírito do homem". Isso distingue o homem dos animais. Veja mais Jó 32.8. Além disso, a Bíblia diz que nem "toda a carne é uma mesma carne" (1 Co 15.39). Da mesma forma, podemos também dizer que "nem toda a alma é a mesma alma".

Em outro lugar, a Bíblia diz que o homem foi feito pouco menor do que os anjos: "que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos e de honra e de glória o coroaste" (SI 8.4,5). O homem ocupa uma posição honrosa diante de Deus. Ele é um ser moral, ou seja, é responsável pelos seus atos diante de Deus. Tem capacidade de amar ou aborrecer a Deus, pois é um ser também espiritual. Ninguém escapará a essa responsabilidade: "Porque Deus há de trazer a juízo toda obra e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau" (Ec 12.14).

A Bíblia diz que o homem é constituído de três elementos: corpo, alma e espírito, isso se chama tricotomia. Nós somos tricótomos, pois a Palavra de Deus afirma: "E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Ts 5.23). Veja também Hebreus 4.12. Os três elementos aparecem como distintos. Convém também ressaltar que existe uma linha de interpretação que defende a dicotomia, ou seja, alma e espírito seriam uma mesma coisa, sendo o homem constituído da natureza física e da natureza espiritual. Não cabe aqui discutir sobre isso. A tricotomia nos parece apresentar sustentação bíblica mais sólida.

O que é o espírito do homem?

O espírito é uma entidade distinta da alma, que, às vezes, se confunde com ela. A passagem de Eclesiastes 12.7: "e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu" é um exemplo. Obviamente está falando da morte dos justos, pois o espírito também peca: "purifiquemo-nos de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus" (2 Co 7.1).

As palavras hebraicas para espírito são **ruach** e **n'shimah**, no Velho Testamento; e a grega **pneuma**, no Novo Testamento. O espírito veio de Deus: "Fala o SENHOR, o que estende o céu, e que funda a terra, e que forma o espírito do homem dentro dele" (Zc 12.1), é por isso que o homem tem sede de Deus. Isso também explica o fenômeno da religiosidade humana como fato universal e incontestável. Disse o salmista: "Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?" (SI 42.1,2). Esse é o canto da humanidade.

Todo o ser humano é religioso por natureza. O homem tem anseio pelas coisas de Deus e sente o desejo de buscá-lo. Há tribos que nem sequer usam roupas, nem sabem edificar uma casa; há outras, ainda, que não têm conhecimento suficiente para acender um fogo; entretanto, nenhuma há que não tenha suas crenças num ser superior. Por mais horrível que seja seu culto, por mais primitiva e

degradada que seja essa crença, há contudo um denominador comum: o anseio e a busca de Deus, como canta o salmista.

O espírito do homem, portanto, veio de Deus e tem anelo por Ele. Disse Santo Agostinho: "O Deus! tu nos fizeste para ti mesmo, e a nossa alma não achará repouso, até que volte a ti". Assim, se não há quem pregue a verdade do evangelho, o homem inventa para si sua própria religião e fabrica para si suas próprias divindades para adorá-las. O diabo se aproveita dessas religiões para enganar as pessoas.

O que é a alma do homem?

A alma é uma substância incorpórea e invisível do homem, inseparável do espírito, embora distinta dele, formada por Deus dentro do homem, consciente, mesmo fora do corpo. Ela é a sede das emoções, desejos e paixões, cuja comunicação com o mundo exterior é manifesta através do corpo. É a partir dela que o homem sente, goza e sofre tudo através dos órgãos sensoriais. É algo inerente ao ser humano, e é o centro de sua vida afetiva, volitiva e moral. É ela que presta conta a Deus dos atos humanos.

A alma aparece na Bíblia como figura de linguagem chamada Sinédoque (toma a parte pelo todo), isto é, o homem interior para representá-lo na totalidade do ser. Por causa disso há muita confusão. A alma é sede das emoções: "Dize-me, ó tu, a quem ama a minha alma" (Ct 1.7); "...não se angustiou a minha alma pelo necessitado?" (Jó 30.25); "Alegra a alma do teu servo, pois, a ti, Senhor, levanto a minha alma" (Sl 86.4).

A palavra "alma" é, muitas vezes, aplicada à pessoa em si mesma: "Todas as almas, pois, que descenderam de Jacó foram setenta almas; José porém estava no Egito" (Êx 1.5). Isso pode ser confirmado em várias passagens bíblicas: "a alma que pecar, essa morrerá" (Ez 18.4). E também identificada com o sangue: "porque a alma de toda a carne é o seu sangue" (Lv 17.14). E apresentada na Bíblia como a vida: "que está na sua mão a alma de tudo quanto vive, e o espírito de toda carne humana?" (Jó 12.10). A alma é também a sede do apetite físico: "Comerei carne, porquanto a tua alma tem desejo de comer carne; conforme todo o desejo da tua alma, comerás carne" (Dt 12.20). Veja ainda Números 21.5; Jó 33.20; Eclesiastes 2.24. O desejo do homem é manifesto ao mundo exterior pelo corpo.

Ela sobrevive à morte juntamente com o Espírito. A Bíblia ensina que há um lugar para os que partem desse mundo. Ela ensina tanto através da história do povo de Deus como também de maneira direta. Jacó é um exemplo clássico na história bíblica. Quando seus filhos lhe trouxeram a túnica de José, toda ensangüentada na tentativa de fazer Jacó crer que José fora devorado por um animal selvagem, Jacó disse: "... com choro hei de descer ao meu filho até a sepultura" (Gn 37.35). A palavra hebraica usada aqui, para "sepultura", é sheol. Como Jacó esperava descer à sepultura visto que para ele José não teve sepultura, uma vez que foi despedaçado por uma fera? Ele sabia que os mortos sobrevivem à morte e que estão em algum lugar.

Outro exemplo no Velho Testamento é o do profeta Elias. Ele orou para que Deus ressuscitasse o filho da viúva, disse: "Ó SENHOR meu Deus, rogo-te que torne a alma desse menino a entrar nele" (1 Rs 17.21). O texto é claro em mostrar que a alma é distinta do corpo e sobrevive à morte. O Senhor Jesus disse que o homem pode até matar o corpo, mas nunca a alma "E não temais os que matam o coipo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo" (Mt 10.28). Na segunda parte do versículo não fala de "matar" a alma, mas de "fazer perecer". A passagem paralela, em Lucas 12.4,5, deixa isso ainda mais claro, de que nossos inimigos podem, no máximo, matar o corpo, mas nada podem fazer com a alma.

O apóstolo Paulo afirma que morrendo ele estaria com o Senhor: "tendo o desejo de partir e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor" (Fp 1.23). Não há espaço aqui para as crenças das Testemunhas de Jeová. A morte não é o fim de tudo. Em outro lugar a Bíblia ensina: "Se a nossa casa terrestre se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus... desejamos, antes, deixar este corpo, para habitar com o

Senhor" (2 Co 5.1, 8). Não há necessidade de explicação, pois essas palavras são claras. Isso não é filosofia e nem pensamento humano, é a Palavra de Deus. Morrendo o cristão, ele tem a garantia de estar na presença de Deus.

O texto que fala do malfetor que fora crucificado ao lado do Senhor Jesus é outra prova de que a alma sobrevive à morte. Jesus disse: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23.43). Como o Coipo Governante das Testemunhas de Jeová não viu saída para essa passagem bíblica, desceu tanto o nível e apelou de maneira tal que falsificou o texto sagrado na Tradução do Novo Mundo, mudando completamente o sentido das palavras de Jesus. É como se dissesse em outras palavras: "Não foi isso que Jesus disse mas damos um jeito".

O livro de Apocalipse fala dos mártires na glória: "... vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram. E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?" (Ap 6.9, 10). Se a Bíblia não falasse mais nada sobre o assunto, sendo apenas essa a única passagem sobre a sobrevivência da alma à morte, teríamos o suficiente para fundamentar essa doutrina.

O substantivo grego thanatos significa separação, pois na morte o espírito e a alma se separam do corpo. Essa separação também se aplica na esfera espiritual. Adão e Eva morreram espiritualmente logo após seu pecado, viram que estavam nus, se esconderam da presença de Deus, temeram se apresentar diante dele. Fisicamente também morreram no mesmo dia, mas não exatamente no mesmo momento que pecaram, pois para Deus, "um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos, como um dia" (2 Pe 3.8), e Adão não chegou a viver mil anos.

A morte, tanto física como espiritual, é consequência do pecado: "Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram" (Rm 5.12). Veja ainda Gênesis 2.17; 3.19; Romanos 5.18. Jesus disse que quem crer nele passa da morte para a vida: "...não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida" (Jo 5.24), isso porque o homem sem Deus está separado dele, portanto morto.

EXISTE UM INFERNO DE FOGO ARDENTE?

O inferno é "o lugar preparado para o diabo e seus anjos" (Mt 25.41), o lugar para onde se destinam as almas dos ímpios e de todos os que rejeitam o plano de Deus para sua salvação. A palavra "inferno" vem do latim infernus, que significa "lugar inferior". Foi usada por Jerônimo, na Vulgata Latina, para traduzir do hebraico a palavra Sheol, no Velho Testamento, e do grego as palavras Geenna, Hades, Tartaroo e Abyssos, no Novo Testamento. O Hades é o equivalente do hebraico sheol. É o estágio intermediário dos mortos. É o lugar onde eles estão aguardando, em estado de consciência, o dia do juízo, quando todos os mortos do Hades, juntamente com ele, serão lançados no lago de fogo: "... a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo" (Ap 20.13,14). No

texto grego aqui, a palavra usada para "inferno" é "Hades". O Hades não é ainda o inferno propriamente dito. É uma prisão temporária, até que venha o dia do juízo. Os condenados estão lá, conscientes e em tormentos, sabendo perfeitamente porque estão nesse lugar, aguardando o juízo final, registrado em Apocalipse 20.11-15, pois o Hades não é ainda o lago de fogo e enxofre. O Hades, portanto, não é sepultura. Quando morre um justo, o homem interior, alma e espírito, vai para a presença de Deus, enquanto o coipo é sepultado: "e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu" (Ec 12.7). Veja ainda Apocalipse 6.9,11. O incrédulo vai para o Hades, como no caso do rico e Lázaro.

A Geena é a forma grega da palavra hebraica Gei-Hinom, que corresponde no Velho Testamento a Hinom, que diz respeito a um lugar chamado de "Vale dos filhos" ou "do filho de Hinom", localizado ao sul de Jerusalém: "E este termo passará pelo vale do Filho de Hinom, da banda dos jebuseus do sul (esta é Jerusalém) e subirá este termo até ao cume do monte..." (Js 15.8). Nesse vale, eram sacrificadas crianças em ritual pagão, num lugar chamado "Tofete", como lemos: "E edificaram os altos de Tofete, que está no vale do filho de Hinom, para queimarem seus filhos e suas filhas" (Jr 7.31). Aqui alguns reis de Israel sacrificaram a ídolos, e dentre eles, o rei Salomão. O rei Josias, porém, fez uma devassa no local, fazendo dele um lugar de lixo. Veja 2 Reis 23.10; Jeremias 32.35; 2 Crônicas 33.6.

Desde a era interbíbica que esse local já tinha relação com o castigo dos ímpios. Os rabinos aplicaram Hinom ao inferno de fogo escatológico, que é identificado com o lago de fogo do Apocalipse. Essa palavra aparece 12 vezes no Novo Testamento, delas, 11 vezes foi usada pelo Senhor Jesus, nos evangelhos, corretamente traduzida por "inferno".

Na época de Jesus esse vale ardia diariamente, era um local de monturo e lixo. Mas o Senhor Jesus empregou essa palavra no sentido de condenação eterna no lago de fogo. Ele usa a expressão "fogo eterno" como sinônimo de Geena, "inferno", em nossas versões da Bíblia, em Mateus 18.8,9. Veja ainda Mateus 5.29, 30; 18.9 e Marcos 9.47,48. A Geena é o inferno propriamente dito, o lago de fogo mencionado em Apocalipse: "E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo" (Ap 20.15). Veja também Apocalipse 19.20.

O Tártaro é uma palavra grega, que só aparece uma vez no Novo Testamento: "Porque, se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservado para o juízo" (2 Pe 2.4). O inferno mencionado aqui é o Tártaro, [tartaroo], em grego, parece indicar o lugar de suplício para os anjos rebeldes, até o dia do julgamento deles. Veja Judas 6.

Pelo fato de aparecer só uma vez no Novo Testamento, é necessário recorrer aos escritores clássicos, para saber seu significado. Na mitologia era o lugar para onde iam os titãs e deuses desobedientes e é descrito como um lugar mais profundo que o Hades. Na literatura latina, o Tártaro representa o mesmo que o Hades representava para os gregos. Virgílio, na Eneida, descreve a descida de Enéias ao Tártaro, de forma semelhante à de Ulysses ao Hades, descrita por Homero. Era crença na época dos apóstolos que o Tártaro estava debaixo do Hades.

Há na Bíblia outras expressões para designar o lugar da maldição eterna, como: abismo, fornalha de fogo, trevas exteriores, fogo eterno, vergonha e desprezo eterno, tormento eterno. Este é o castigo eterno, também chamado de "fogo que nunca se apagará" e "fornalha acesa". Veja Lucas 8.31; Mateus 13.49,50; 22.13; 25.41; Daniel 12.2).

A SALVAÇÃO

A salvação Deus propôs para todos os povos, tribos e nações, de maneira simples e singela para que tanto os sábios como os indoutos pudessem alcançá-la. A receita é a fé em Jesus: "Crê no Senhor Jesus e serás salvo tu, e a tua casa" (At 16.31). Isto é um ato da soberana vontade de Deus, não vem de nossa própria justiça, a salvação é pela graça: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2.8-9); "Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo" (Tt 3.5). O ato de crer no Unigénito Filho de Deus conforme as Escrituras significa ter a vida eterna.

A salvação não é uma coisa para o futuro. Jesus disse: "... quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida" (Jo 5.24). O pecador recebe a vida eterna a partir do momento que aceita a Jesus Cristo em sua vida, ou seja, quando passa crer em Jesus. A receita é simples: crer no coração que Deus ressuscitou a Jesus dentre os mortos e confessar publicamente o nome de Jesus. É o que afirma a Bíblia em Romanos 10.9,10.

O CÉU

A Bíblia diz que o céu é o trono de Deus, mas que também é a pátria de todos os cristãos: "Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também todas as coisas" (Fp 3.20,21). A Versão Almeida Atualizada traduz a palavra grega politeama, por "pátria", em vez de "cidade". Na verdade, politeama significa a condição ou a vida de um cidadão.

A nossa condição no céu é de perfeita experiência da presença de Deus, pois é lugar de perfeita santidade, de gozo e alegria sem fim, é a da perfeita felicidade. É indescritível, a Bíblia diz: "As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam" (1 Co 2.9). O livro de Apocalipse descreve alguns vislumbres dessa morada eterna dos que amam a Deus. Veja Apocalipse 21.3,4; 22.

Jesus ensinou que o céu é para os que crêem em seu nome. Ele disse: "Na casa de meu Pai há muitas moradas" (Jo 14.2). Nessa promessa repousa a esperança dos santos. Somos peregrinos e estrangeiros na terra. A nossa pátria definitiva é o céu e estamos aguardando esse dia, em que o Senhor Jesus virá nos buscar para estarmos juntamente com ele. O céu é o destino da igreja.

CONCLUSÃO

A Bíblia nos ensina que o homem veio de Deus e precisa retornar a ele. Deus proveu os meios para que o homem alcance esse objetivo. Sendo constituído de corpo, alma e espírito feito à imagem de Deus. A vida humana não termina na morte, pois o destino do homem é o céu ou o inferno, depende de sua escolha enquanto estiver na Terra.

Capítulo 8

O ISLAMISMO

"Porque está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da livre. Todavia, o que era da escrava nasceu segundo a carne, mas o que era da livre, por promessa... Mas, como então, aquele que era gerado segundo a carne perseguia o que era segundo o Espírito, assim é também, agora" (Gálatas 4.22,23,29).

O Islamismo é um sistema que envolve todos os aspectos da vida. Seus adeptos são conhecidos como muçulmanos, cobrindo os aspectos religioso, político, social, jurídico e cultural. Não existe a idéia que nós temos da separação entre a Igreja e o Estado. É a segunda religião do mundo em número de adeptos, estando à sua frente apenas o cristianismo. Nenhuma religião no planeta é tão inimiga da cruz de Cristo como o Islamismo. É dever de cada cristão saber defender sua fé diante dos muçulmanos.

OS ÁRABES

Nem todos os árabes são muçulmanos e nem todos os muçulmanos são árabes. Os árabes são descendentes de Ismael, filho de Abraão com a concubina egípcia Agar: "E Agar deu um filho a Abrão; e Abrão chamou o nome do seu filho que tivera de Agar, Ismael" (Gn 16.15). Depois do nascimento de Isaque Sara mandou que Abraão despedisse Agar com seu filho. O conflito começou desde que Agar ainda estava grávida. Quando Isaque foi desmamado, em virtude da zombaria de Ismael, cerca de catorze anos mais velho que Isaque, Sara não quis que Ismael fosse herdeiro de Abraão, junto com Isaque. Veja Gênesis 16.4-11; 21.8-13.

No deserto de Berseba, sem água, Agar deixou seu filho debaixo de uma árvore para não ver a morte de Ismael. Mas Deus enviou o seu anjo para socorrer o menino. Deus prometeu fazer dele uma grande nação: "porque dele farei uma grande nação" (Gn 21.18). Depois disso Ismael se casou com uma moça egípcia e foi habitar na terra de Parã. Seus descendentes povoaram desde Havilá até Sur. Qahtan, o Joctã de Gênesis 10.25, é o pai dos habitantes do sul de Península arábica; e Adnam, o pai dos habitantes do norte, era ismaelita. Gênesis 21.19-21; 25.12-18.

Deus fez promessas também aos descendentes de Ismael: "E, quanto a Ismael, também te tenho ouvido: eis aqui o tenho abençoado, e fá-lo-ei frutificar, e fá-lo-ei multiplicar grandissimamente; doze príncipes gerará, e dele farei uma grande nação. O meu concerto, porém, estabelecerei com Isaque, o qual Sara te dará neste tempo determinado, no ano seguinte" (Gn 17.20,1). A bênção de Ismael não é espiritual, pois essa Deus prometeu a Isaque. Deus cumpriu essa promessa, os filhos de Ismael se multiplicaram e Deus lhes deu o petróleo.

Os muçulmanos inverteram o valores, dizendo que filho da promessa não foi Isaque, mas Ismael. Que Abraão ofereceu Ismael e não Isaque, no monte Moriá. Dizem que o poço Zemzém, em Meca, é o poço de Ismael. Basta uma olhada no mapa para ver a discrepância. O caminho correto para ser legítimo filho de Abraão é Jesus: "Mas nós, irmãos, somos filhos da promessa, como Isaque" (Gl 4.28). Os muçulmanos são os filhos espirituais de Ismael e os cristãos de Isaque.

A ORIGEM E EXPANSÃO DO ISLAMISMO

"Islamismo" vem da palavra árabe islão, que significa "submissão", uma referência a sua obediência à sua divindade Alá. A palavra "islamismo" já existia no árabe na era pré-islâmica, e não significava "submissão", tinha o sentido de virilidade. Disse o Dr. M. Bravmann, erudito do Oriente Médio, que a palavra é de origem secular e que denotava uma virtude sublime aos olhos do árabe primitivo: "desafio a morte, heroísmo, morrer na batalha". Lentamente, depois do surgimento da religião, essa palavra foi ganhando o sentido de "submissão".

O fundador do Islamismo

O Islamismo foi fundado por Maomé, Mohammed em árabe, nascido em 570 d. C. filho de Abdallah e Amina, da tribo dos coraixitas. Seu pai faleceu provavelmente antes de seu nascimento e sua mãe quando Maomé estava com cerca de 6 anos de idade de quem herda uma escrava, 5 camelos e algumas cabras. Foi acolhido por seu avô Abd al-Mottalib, que falece 2 anos mais tarde e por testamento, o menino fica aos cuidados de um de seus filhos, Abu Talib, seu tio.

Aos 20 anos de idade vai trabalhar para uma viúva rica, de nome Khadidja, cerca de 15 anos mais velha, com quem se casa aos 25 anos de idade. Esse casamento trouxe a Maomé bens materiais e projeção social. Teve dela alguns filhos que morreram muito cedo e 4 filhas: Zeineb, Roqaia, Ummu Keltsum e Fátima, a única que deixou descendência.

Em 610, aos 40 anos, afirma ter recebido revelações de Deus, no monte Hira. O sucesso da pregação de Maomé foi inicialmente pequeno. Sua esposa foi a primeira convertida. Por volta de 613 contou a sua visão para seu primo, Ali, e aos demais coraixitas. Em 622 d.C. Maomé recebeu um convite para mudar-se para Medina, cerca de 250 km ao norte de Meca, a fim de servir como líder e árbitro nas questões existentes entre muçulmanos, pagãos e judeus que ali moravam. Somando isso à oposição que sua pregação ainda suscitava, ele emigrou para Medina. Essa fuga para Medina foi chamada de "Hégira" e tornou-se o início do calendário islâmico. Depois retornou para Meca com um exército e impôs a sua religião pela espada.

A Península Arábica pré-islâmica era politeísta e Meca, centro comercial e religioso, não era diferente. Por ser cruzamento de rotas comerciais passavam caravaneiros com especiarias provenientes do mundo Mediterrâneo. Havia em Meca, cujo nome vem do sabeu **Makuraba**, "santuário", dentre as demais fontes a de Zenzém, onde os caravaneiros saciavam a sede e também a pedra negra conhecida como Ka'aba, do árabe "cubo". Nos dias festivos muitos árabes de diversas partes da península convergiam para Meca.

A tribo dos coraixitas, desde o séc. V, exercia forte influência em Meca. Qusay venceu a tribo de Khoza'a e transformou Meca num importante centro de peregrinação, reunindo em torno da Ka'aba as principais divindades árabes. A partir daí os coraixitas decretaram sagrado e inviolável o santuário e foram constituídos guardiões da Ka'aba e do poço Zenzém. O avô de Maomé, Abd al- Mottalib, era guardião do poço Zenzém e exercia a função de distribuir água para os peregrinos. Antes de Maomé fundar o Islamismo, Alá estava entre as divindades dos árabes, era a divindade da população de Meca.

Os califas

Maomé morreu em 8 de junho de 632 e não deixou descendente do sexo masculino e nem designou ninguém como sucessor. Quando liderava a religião, ele mesmo era chefe do estado, do exército, legislador e juiz. Os 3 primeiros sucessores de Maomé são chamados de califas ortodoxos. A palavra "califa", vem do árabe, significa "sucessor". São eles Abu Bakr, Omar e Otmã. Ali foi o último dos 4 califas. Abu Bakr era um dos sogros de Maomé e liderou o movimento entre 632 e 634.

Omar, genro de Maomé, designado por Abu Bakr antes de sua morte, liderou o mundo muçulmano entre 634 e 644, é um dos maiores vultos da história do Islamismo e considerado como o fundador do império árabe. Antes de sua morte nomeou um conselho composto de seis membros para escolher o novo califa. O conselho escolheu Otmã, outro genro de Maomé. Otmã liderou o mundo muçulmano de 644 até 656. Otmã promulgou o texto único do Alcorão, livro sagrado para os muçulmanos. Foi assassinado em sua casa em 17 de junho de 656.

Com o assassinato de Otmã, Ali assumiu o califado. Acusado de assassinar seu primo, Otmã, teve dificuldade em manter a sua hegemonia sobre o mundo árabe. Na sua liderança surgiu a primeira divisão na religião de Maomé, os **kharidjitas**, "os que saem", pois abando naram seu líder espiritual por discordar em continuar numa guerra. Foi assassinado numa mesquita em Kufa, no Iraque, em janeiro de 661. Com sua morte, Ali passou a ser venerado por um grupo de fiéis, que deram origem ao que ainda hoje é conhecido como os **shiitas**.

A expansão

Ainda no período dos califas ortodoxos, as expedições invasoras dos árabes se expandem em três frentes: Constantinopla e Ásia Menor, Norte da África e Península Ibérica, Ásia Central e Índia. Com a morte de Ali o eixo político e administrativo do mundo árabe se transfere para Síria. Moawiya funda o Império dos Omíadas, que estabeleceu Damasco como capital. Durante os 90 anos de domínio, a expansão árabe é consolidada. Com Moawiya fica estabelecido o princípio da hereditariedade do governo islâmico.

A dinastia dos Omíadas foi exaurida com o passar o tempo e com isso Abul' Abbas, primeiro califa da dinastia dos abássidas, estabeleceu sua dinastia em Kufa, e governou entre 749 e 754. Em 762 Abu Dja'far al-Mansour, segundo califa abássida, começa a construção de Bagdá, na margem do rio Tigre. Na época o fraque se adequava às novas realidades sociais, econômicas e culturais. O reinado dos Abássidas durou até 1258, quando Bagdá foi saqueada e seu califa executado juntamente com sua família.

Paralelo aos Abássidas surgem os fatímidas do Egito, que se expandem atingindo seu apogeu entre 975 e 996. São os shiitas que jamais reconheceram a autoridade dos califas Omíadas e Abássidas. Os shiitas os consideravam usurpadores, além de perseguidores dos shiitas. Diziam que só os descendentes de Fátima e Ali poderiam ser califas, o iman. O exemplo disso está no aiatolá Khomeini, líder dos shiitas do Irã, era um desses descendentes.

Foi na dinastia dos Omíadas que houve a invasão da Península Ibérica por Musa, que continuou a expansão árabe até o Atlântico entre 705 e 708 pelo litoral do Mediterrâneo, quando chegou à Espanha. Nessa ocasião Musa, governador da África islâmica, enviou Tarif Abu Zara com um pequeno destacamento, que desembarcaram no sul da Espanha. Depois enviou Tarik ben Ziyad, com 7 mil bérberes guerreiros e invadiram o monte de Tarik, em árabe, Gebel-Tarik, "Gibraltar", e se apoderaram de Algeciras e daí foram para Córdoba.

Essa é a invasão de al-Andalus, nome dado pelos árabes à Península Ibérica. Eles ocuparam a Península Ibérica cerca de oito séculos. Em 732, o emir, príncipe de al-Andalus, representante dos Omíadas de Damasco, de nome Abd al-Rahman al-Gafiqi, foi derrotado por Carlos Martel no sul da França na Batalha de Poitiers. Essa derrota muçulmana foi significativa, pois impediu o avanço islâmico pela Europa Ocidental, do contrário a cruz seria substituída pela meia lua na Europa e nas Américas.

Só a partir do fim do séc. XIII que os turcos otomanos assumem a hegemonia do mundo muçulmano através dos sultões. O sultão da Turquia tornou-se o califa até 1924. A partir nunca mais se levantou no Islamismo uma liderança geral centralizadora.

FONTE DE AUTORIDADE

Os muçulmanos crêem que a Bíblia não é o texto original da Lei, dos Salmos e dos Evangelhos. Eles sustentam que judeus e cristãos corromperam e mudaram o original, acrescentando os ensinamentos sobre a divindade de Jesus e sua filiação divina, o conceito de Trindade, a crucificação e a doutrina de expiação. A maior parte da literatura muçulmana é contra o Cristianismo e ataca violentamente os alicerces da nossa fé.

Considerando que a Bíblia contradiz o Alcorão e vice-versa, não podem ambos os livros originar-se da mesma fonte. Em outras palavras, os dois não podem ser simultaneamente a Palavra de Deus. As acusações muçulmanas contra a Bíblia são graves. Mas eles podem

provar tudo isso? Quais os fundamentos dessa crença? Jamais puderam provar nada e nunca puderam apresentar os fundamentos dessas acusações.

Por que alguém mudaria a Bíblia, se nela está escrito que aqueles que acrescentam ou tiram dela alguma coisa sofrerão castigo eterno: "Se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; e se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida e da Cidade Santa, que estão escritas neste livro" (Ap 22:18, 19)? Essa advertência vem desde o Velho Testamento, a começar por Moisés. Veja Deuteronômio 4.2; 12.32 e Provérbios 30.5,6.

Se alguém tivesse mudado a Bíblia, todos os outros que tivessem conhecimento dessa mudança se oporiam a isso. Exemplo clássico é o caso da Tradução do Novo Mundo das Testemunhas de Jeová, tradução adulterada e condenada pelos peritos das Sagradas Escrituras. Nenhum homem pode mudar todas as cópias existentes da Bíblia ou partes dela.

O Alcorão afirma que a Taurat, o Zabur e o Injil (Torá, a lei de Moisés, os Salmos e os Evangelhos) foram dados por Alá! O Alcorão também afirma que ninguém consegue mudar as palavras de Alá (Alcorão 6:34). Se então o Taurat, o Zabur e o Injil são palavras de Alá, como alguém poderia conseguir mudá-las? Quando foi a Bíblia mudada? Não poderia ser depois de Maomé, pois praticamente todos os manuscritos bíblicos são de datas anteriores a ele. Não poderia ser antes, pois o Alcorão teria então acusado os cristãos ou os judeus por terem feito isso. Quem mudou a Bíblia? Como é que alguém pode crer que a Bíblia foi mudada, se não receber respostas satisfatórias a pelo menos algumas de nossas perguntas?

O livro sagrado para os muçulmanos é o Alcorão. Do árabe quran, que significa "recitação". Al é o artigo. Segundo a tradição islâmica, Alá, através do anjo Gabriel, recitou a mensagem do Alcorão, durante 23 anos revelou a Maomé o conteúdo de uma tábua conservada no céu. O Islamismo declara que o Alcorão é inspirado e é a Palavra de Deus. Afirma ainda que foi escrito em árabe perfeito, não existindo nele palavras estrangeiras e nem leituras variantes, além disso diz que o Alcorão é perfeito em todas as coisas.

Há outras fontes de autoridade além do Alcorão. A tradição de Maomé foi primeiramente seguida por seus companheiros mais próximos e depois por seus sucessores, era chamada de "Tradição Viva" ou Sunnah. A Sunnah existia à parte do Alcorão e abarca tudo o que Maomé disse e fez. Eventualmente a "Tradição Viva" foi escrita e classificada em

volumes chamados Hadith ou "Traduções Escritas". Alei islâmica, Shaaria, é baseada principalmente em duas fontes: O Alcorão e o Hadith.

Um estudo crítico no Alcorão e na sua história torna inconsistente todas as declarações islâmicas acima sobre o seu livro sagrado. O califa Otmã organizou dentre os muitos diferentes e contraditórios textos e publicou na forma que se encontra ainda hoje. E conhecido como o texto autorizado. Otmã mandou destruir todos os demais textos do Alcorão, ameaçou de morte quem não o fizesse. Muitos muçulmanos discordaram do texto de Otmã.

O Alcorão é constituído de 114 capítulos (suras), organizado de forma que os capítulos vão diminuindo de tamanho à medida que vai avançando. Não está organizado de forma sucessiva e linear e nem os seus relatos estão na ordem cronológica. Os relatos, em qualquer livro da Bíblia, são apresentados de forma clara e coerente, seguindo a sucessão linear dos fatos. Isso não acontece no Alcorão.

Maomé tinha pouca familiaridade com a Bíblia, por isso que há problemas históricos e teológicos no Alcorão. Ele se utilizou de várias fontes na constituição do Alcorão: Velho Testamento, Novo Testamento, os apócrifos e pseugráficos, o Talmude, os targumim e muitas lendas orientais. Numerosos relatos bíblicos são recontados no Alcorão. Na sura 5 relata o assassinato de Abel misturando com lendas talmúdicas, quando afirma que um corvo desenterrou o cadáver de Abel.

Diz o Alcorão que Miriã, irmã de Moisés e Arão, é a mesma Maria, mãe de Jesus (Alcorão 3.35; 19.28). Há, pois, um intervalo de tempo de mais de 1.200 anos entre Maria e Miriã: "E os filhos de Anrão: Arão, e Moisés, e Miriã" (1 Cr 6.3). Veja Números 26.59. Além disso, Miriã morreu no deserto de Zim, antes que os filhos de Israel entrassem em Canaã: "Chegando os filhos de Israel, toda a congregação, ao deserto de Zim, no mês primeiro, o povo ficou em Cades; e Miriã morreu ali e ali foi sepultada" (Nm 20.1).

O Alcorão diz que um dos filhos de Noé não entrou na arca (Alcorão 11.32-48). A Bíblia diz que Noé gerou 3 filhos, Sem, Cam e Jafé: "E gerou Noé três filhos: Sem, Cam e Jafé" (Gn 6.10). A Bíblia afirma com todas as letras que "entrou Noé, e seus filhos, e a sua mulher, e as mulheres de seus filhos com ele na arca" (Gn 7.7). A Bíblia diz ainda que todos eles saíram da arca: "E os filhos de Noé, que da arca saíram, foram Sem, e Cam, e Jafé, e Cam é

o pai de Canaã. Esses três foram os filhos de Noé; e destes se povoou toda a terra" (Gn 9.18, 19).

Ali Dashti, erudito muçulmano, em sua obra 23 Years: A Study of the Prophetic Career of Mohammed (23 Anos: Um Estudo da carreira Profética de Maomé), afirma:

"o Alcorão contém frases incompletas e não inteiramente inteligíveis sem a ajuda de comentários; palavras estrangeiras, palavras árabes não familiares, palavras usadas com outro sentido a parte do significado normal; adjetivos e verbos declinados sem observar a concordância de gênero e número, pronomes aplicados em forma ilógica e antigrama- tical que às vezes não tem palavra de remissão".

É isso que eles chamam de árabe perfeito? Mais adiante conclui:

"Em síntese, tem-se notado mais de cem aberrações corânicas das regras e estruturas normais do árabe ".

Essa realidade desfaz o argumento dos muçulmanos citado anteriormente.

Arthur Jeffrey documentou mais de cem palavras estrangeiras no Alcorão, em sua obra *The Foreign Vocabulary of the Quran* (O Vocabulário Estrangeiro do Alcorão). Afirma que há palavras e frases em egípcio, hebraico, grego, siríaco, persa, acádico e etíope.

A *Shorter Encyclopedia of Islam* diz: "Reconhece-se universalmente que há versículos que se deixaram fora da versão de Otmã do Alcorão". A *Cyclopedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature* (Ciclopédia de Teologia Bíblica e Literatura Eclesiástica), de John McClintock e James Strong, afirma que os muçulmanos shiitas dizem que Otmã deixou fora 25% dos originais do Alcorão por razões políticas.

Alfred Guillaume, em sua obra *Islam*, faz menção da ausência de 127 versículos de uma sura do Alcorão, que originalmente constava de 200 versículos e que Otmã reduziu a 73. Segundo Guillaume, só na sura 2 existem cerca de 140 variantes. A conclusão de John Burton é que "os relatos muçulmanos da história do Alcorão são uma massa de confusão, contradições e incompatibilidades".

Um dos discípulos de Maomé, chamado Abdollah Sarh, dava sugestões a Maomé sobre o que devia cortar ou acrescentar no Alcorão. Abdollah deixou o Islamismo alegando que se o Alcorão fosse a revelação de Deus, não poderia ser alterado por sugestão de um escriba. Voltou a Meca e se juntou aos coraixitas, tribo de onde veio Maomé. Quando Maomé conquistou Meca, uma das primeiras pessoas que o fundador do Islamismo matou foi Abdollah Sarh, visto que sabia demais para continuar vivo.

Quando se pergunta aos muçulmanos por que acreditam ser o Alcorão verdadeiro, "porque Maomé disse", respondem. Quando se pergunta por que acreditam que Maomé disse a verdade, "porque o Alcorão diz", retrucam. Não conseguem sair desse círculo.

Durante esses vinte séculos de Cristianismo a Bíblia foi submetida às mais variadas investigações críticas, que não seria exagero afirmar que nem mesmo a matemática e a física foram submetidas, no entanto, permanecem sua autoridade, autenticidade e

inspiração: "Toda a Escritura é inspirada por Deus" (2 Tm 3.16 — Versão Almeida Atualizada).

Ela suporta e resiste às críticas e permite até ser pesquisada e escrutinada: "Buscai no livro do SENHOR e lede; nenhuma dessas coisas falhará, nem uma nem outra faltará; porque a sua própria boca o ordenou, e o seu espírito mesmo as ajuntará" (Is 34.16). É o único livro que se apresenta como a revelação escrita do verdadeiro Deus, com propósito definido: a redenção humana. E, portanto, a Palavra da verdade: "A tua palavra é a verdade desde o princípio" (SI 119.160). O Senhor Jesus disse: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (Jo 17.17).

TEOLOGIA MUÇULMANA

Maomé tinha pouca familiaridade com a Bíblia e entendia que os ensinamentos do Novo Testamento acerca de Jesus, como o Filho de Deus, sua morte substitutiva na cruz como uma blasfêmia total. Muitas palavras usadas no Cristianismo têm significados diferentes para os muçulmanos, como: "Filho de Deus, oração, pecado, salvação".

Maomé ensinava que existe um profeta para cada época, começando por Adão e terminando em Maomé. A tradição islâmica diz que existiram 120.000 profetas. Para cada profeta foi dado um livro sagrado. Todos se perderam, exceto três: O da Lei, Taurat, dado a Moisés; o dos Salmos, Zabur, dado a Davi; e os Evangelhos, Injil, dado a Jesus. Nesse esquema, Jesus seria apenas mais um profeta. Maomé é considerado o "Selo dos Profetas", o último e o maior deles.

Os muçulmanos crêem que Deus criou todos os anjos e que a maioria deles são maus e são chamados "ginn", de onde originou a palavra "gênio". Miguel é considerado o anjo-patrono dos judeus. Gabriel seria o anjo que trouxe o Alcorão. Cada ser humano tem um anjo-ombro: um escrevendo suas boas obras, e outro as más. Satanás, Iblis ou Shitan, foi desobediente. Deus ordenou-lhe adorar Adão e ele se recusou. Este é mais um constrangimento para os muçulmanos, pois Satanás estaria certo: somente Deus deve ser adorado.

A salvação é pelas obras. As obras de todas as pessoas serão pesadas numa balança. Se as boas superarem as más, tal pessoa irá para o paraíso. Os mártires irão todos para o paraíso. O conceito de paraíso é bem sensual. O inferno é para os não-muçulmanos. É um lugar de fogo e tormento indescritíveis. A maioria dos muçulmanos aceita a idéia da existência do purgatório. O pecado imperdoável é associar algo ou alguém a Deus.

A crença em Deus

É verdade que o Islamismo é uma religião monoteísta. Eles adoram apenas a um só Deus, Allah, em árabe, ou Alá, na forma portuguesa. Nem sempre ser monoteísta significa adorar ao Deus verdadeiro. Muitos povos pagãos da antiguidade foram monoteístas porque adoraram a uma só divindade, e no entanto, não adoravam ao Deus de Israel, o verdadeiro Deus, que é cultuado por judeus e cristãos.

Se o Deus da Bíblia é uma Trindade, como registra Mateus 28.19, e o do Alcorão não, não podem ser ambos apenas nomes diferentes de um mesmo Deus. O nome Alá não é bíblico. Alá era o nome de uma das divindades da Arábia pré-islâmica, adorada pela tribo dos coraixitas, de onde veio Maomé. A Encyclopedia of Islam (edição Houtma) afirma que "os árabes, antes da época de Maomé, aceitavam e adoravam, de certa forma, a um deus supremo chamado Alá". Na edição Gibb diz: "Alá era conhecido pelos árabes pré-islâmicos;

era uma das deidades de Meca." Há inúmeras evidências irrefutáveis na história e na arqueologia de que Alá não veio nem dos judeus e nem dos cristãos.

É verdade que o nome "Alá" aparece na Bíblia árabe e isso leva os muçulmanos e muitos cristãos a acreditarem que Alá é a forma árabe do Deus Jeová de Israel, revelado na Bíblia. Mas isso é um equívoco. A primeira tradução da Bíblia para o árabe aconteceu por volta do ano 900 d.C., época em que o nome "Alá" já era empregado para Deus em todas as terras árabes. Seus tradutores temeram represálias por parte dos muçulmanos radicais num mundo em que a força política dominante era muçulmana.

A Bíblia foi escrita em hebraico, aramaico e grego e seus autores humanos jamais conheceram esse nome. O nome "Alá" vem de al, artigo "o" em árabe, e Ilah, que significa "Deus", também usado antes de Maomé. A Enciclopédia citada acima, edição Lewis, afirma: "Pela frequência do uso, al-ilha se contraiu em Allah, freqüentemente usado na poesia pré-islâmica". A idéia, portanto, de que Alá e Jeová sejam apenas nomes diferentes de um mesmo Deus não é bíblica.

Na Arábia pré-islâmica o deus sol era considerado como deusa e a deusa lua com deus, ou seja, deus masculino era feminino e deusa feminina era masculino. O deus lua era chamado por vários nomes, e um deles era Alá. Seu símbolo era a meia lua. Os arqueólogos descobriram inúmeras estátuas e inscrições que mostravam a meia lua sobre a sua cabeça, que em todo o Oriente Médio era adorada como divindade feminina, mas os árabes pré-islâmicos a adoravam como divindade masculina.

O Islamismo declara que Alá é uno, wahed, e não tem companheiros nem ninguém que lhe seja igual. Os muçulmanos tiraram do Alcorão 99 nomes (ou adjetivos) para Alá. Eles normalmente usam "rosários" de 99 contas para recitar todos os seus nomes. É interessante notar que, entre os 99 nomes ou adjetivos citados, não existem as palavras "amor" e "pai". A essência da natureza de Deus no Islão é "poder".

Ensina o Islamismo que Alá é absolutamente soberano. Alá não tem nenhuma obrigação moral, pois isto limitaria seu poder e soberania. Tudo o que acontece é porque Alá assim quis. Alá decreta o destino de cada ser humano. Entende-se que isto acontece numa determinada noite do ano. Alá é o autor do mal.

Negam a Trindade, a divindade de Jesus; afirmam que Jesus não é o Filho de Deus, negam sua morte na cruz; afirma que não é necessário alguém morrer pelos pecados de outrem e negam a doutrina do pecado original e da salvação. Apesar de o Islamismo ser monoteísta, professando sua crença em Alá como único Deus e em Maomé seu profeta, os muçulmanos ainda hoje negam e atacam os fundamentos do Cristianismo: a Bíblia, Deus, ou seja, a Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito, o pecado, a expiação e a salvação.

O conceito deles sobre cada doutrina do Cristianismo é distorcido e anti-bíblico. Eram poucos os cristãos na Arábia, nos dias de Maomé, além disso, o Cristianismo daquela região não era bíblico, de maioria nestoriana. Isso explica o fato de Maomé pensar que a Trindade se constitui de Alá, Jesus e Maria. Para os muçulmanos associar alguém ou alguma coisa a Alá é um pecado imperdoável. O Alcorão diz que Alá jamais perdoará (Alcorão 4.48, 116). E os cristãos são colocados no mesmo bojo dos idólatras (Alcorão 10.66, 68).

O conceito de Trindade para os muçulmanos não é o mesmo para os cristãos. Para eles a Trindade são três Deuses sendo eles Alá, Jesus e Maria. Nenhum cristão no mundo pensa assim sobre a Trindade. Uma trindade dessa, até nós discordamos também. A Trindade bíblica é a união de três Pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo em uma só Divindade, sendo igual em glória e majestade e poder. Veja Deuteronômio 6.4; Mateus 28.19.

O monoteísmo judaico não contradiz a Trindade no Novo Testamento. Deus é um, mas essa unidade é composta. A tradução de Deuteronômio 6.4 também comprova isso. O texto diz: "...o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor". A palavra hebraica para "um" é *echad*, que significa unidade composta, a mesma palavra que aparece em Gênesis 2.24 para "uma só carne". O próprio nome de Deus, *Elohim*, é uma forma plural, sublinhando a Trindade. O Novo Testamento tornou explícito o que dantes estava implícito no Velho Testamento.

O Senhor Jesus Cristo

Os muçulmanos negam a divindade de Jesus, e vão mais além, negam também ser Jesus o Filho de Deus: "Por que Deus teria tomado a Si um filho? Exaltado seja! Quando decreta algo, basta-lhe dizer: 'Sê!' para que seja." (Alcorão 19:35). Veja a contradição deles, pois afirmam que crêem nos salmos, Zabur, e lá diz: "Tu és meu Filho; eu hoje te gerei" (Sl 2.7). Também afirmam que crêem nos evangelhos Injil, e os evangelhos afirmam inúmeras vezes que Jesus é o Filho de Deus: "Estes porém foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.31). A condição para salvação é crer que ele é o Cristo e o Filho de Deus, e "qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele e ele em Deus" (1 Jo 4.15).

Interessante observar que as Testemunhas de Jeová usam as mesmas passagens bíblicas, fora do seu contexto, utilizando-se dos mesmos argumentos que os muçulmanos, como recursos para negarem a divindade de Jesus. Devemos dizer que a crítica islâmica deste ensino bíblico fundamental é extremamente fraca.

Já vimos o entendimento estranho que Maomé tinha da Trindade. Além disso, o conceito de ser Jesus o Filho de Deus, na fé islâmica, significa para os muçulmanos que Deus engravidou Maria como um homem engravida uma mulher, ou seja, que Cristo nasceu duma relação física entre Alá e Maria. O Alcorão diz: "Originador dos céus e da terra! Como poderia ter prole, quando nunca teve esposa, e foi Ele Que criou tudo o que existe, e é Onisciente?" (Alcorão 6.101). Não admire que Maomé rejeitou esta idéia. Nós também a rejeitamos!

Os muçulmanos geralmente se ofendem quando afirmamos que Jesus é o Filho de Deus. Isso porque quando o Novo Testamento usa a expressão "Filho de Deus", eles pensam que está falando de um filho carnal, esse entendimento islâmico seria uma blasfêmia. Estão certos em considerar uma blasfêmia, nós os cristãos, também cremos que é uma blasfêmia.

Quando o Novo Testamento afirma que Jesus é o Filho de Deus não está ensinando, em absoluto, que Deus teve relação com mulher para conceber um filho, ou que Deus teve esposa. "Filho de Deus" é uma expressão de caráter espiritual, não como eles pensam. O Novo Testamento chama de Filho de Deus, porque ele é Deus e provém de Deus. Ele foi concebido por obra e graça do Espírito Santo, por isso "...será chamado Filho de Deus" (Lc 1.35). Veja ainda João 16.5, 27,28; 17.8.

Na versão árabe da Bíblia, há uma grande diferença entre a palavra "filho" de Deus e "Menino" de Deus. Em árabe, encontramos as palavras *ibn* e *walad*. A palavra *ibn* significa "filho", enquanto *walad* tem vários significados: pode ser filho, mas também significa criança ou menino. Sua raiz significa gerar fisicamente a alguém. Por esse motivo o Novo Testamento árabe nunca chama Jesus "Walad Allah", chama-lhe "Ibn Allah", que significa: "O que provém de Deus".

O Islamismo rejeita a crucificação de Jesus e a expiação

Talvez a resistência mais forte do islão seja contra a crucificação e morte do nosso Senhor: "E por terem dito: 'Matamos o Messias, Jesus, o filho de Maria, o Mensageiro de Deus', quando, na realidade, não o mataram nem o crucificaram: imaginaram apenas tê-lo feito. E aqueles que disputam sobre ele estão na dúvida acerca de sua morte, pois não possuem conhecimento certo, mas apenas conjecturas. Certamente, não o mataram." (Alcorão 4:157). Outras passagens do Alcorão sustentam essa crença (Alcorão 5.75, 76). Em muitos livros, panfletos, folhetos, cassetes e vídeos islâmicos (alguns deles antigos e outros recentes) esta afirmação é fortalecida aparentemente como se fosse com base nas Escrituras.

Alguns muçulmanos dizem que Jesus foi pregado na cruz, mas que não morreu lá. Então realmente não foi crucificado. Ele desmaiou, foi tirado naquele estado e recuperou-se no túmulo com a ajuda das mulheres. Outros dizem que Judas foi confundido com Jesus e crucificado. A palavra "crucificar" tem origem nas palavras latinas de crux, "cruz" e ficere, "fixar". Afirmam que "crucificar" significa, então, fixar alguém numa cruz; não necessariamente a morte da pessoa na cruz; contudo, toda essa argumentação não faz sentido.

A cruz de Jesus sempre foi um escândalo, uma ofensa: "mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos" (1 Co 1.23). Em Gálatas 5.11, lemos acerca do "escândalo da cruz". O que é tão ofensivo na cruz? O sacrifício de Jesus Cristo na cruz mostra que o homem é completamente incapaz de ir ao Céu, à presença de Deus, pela sua própria bondade e força. Jesus deixou isso claro, quando disse: "...sem mim, nada podeis fazer." (Jo 15.5). O homem precisava e precisa de Jesus, que se tornou o nosso sacrifício, que morreu em nosso lugar para abrir o caminho ao Céu. O orgulho do homem faz que ele se rebele contra a sentença de Deus. Ele se ofende porque Deus não aceita seus esforços pessoais!

Em Hebreus 9.22, lemos: "... sem derramamento de sangue, não há remissão". Isto, naturalmente, refere-se ao sangue de sacrifícios. O Antigo Testamento ensina isso em toda a parte: "... é o sangue que fará expiação..." (Lv 17.11). "Expição" significa reconciliação, é a restauração de uma relação quebrada. Negar o sacrifício de Jesus na cruz, ou fazê-lo parecer desnecessário, é uma forma de invalidar a única maneira de o homem ser salvo, segundo a Bíblia, isto é exatamente o que o Alcorão faz ao negar a crucificação de Jesus (Alcorão 4.157).

Quase um terço dos Evangelhos trata da última semana da vida de Jesus e da sua morte! O sacrifício de Jesus é a conclusão lógica dos ensinamentos do Antigo Testamento. O Antigo Testamento profetizou a morte de Cristo na cruz com detalhes enormes. Temos a narrativa de testemunhas oculares. Que sentido faria para eles inventar tal história? Cristo predisse a sua morte várias vezes. Existe evidência histórica aceitável da crucificação e da morte de Jesus.

O Alcorão ataca a divindade de Cristo. Mas devemos notar a alta consideração que o Senhor Jesus recebe no Alcorão. Convém ressaltar que as citações corânicas não significam que cremos no Alcorão. Para o Cristianismo o Alcorão não se reveste de valor espiritual algum. As citações que fazemos é simplesmente para confirmar o que estamos dizendo. Para nós a única Palavra de Deus é a Bíblia Sagrada.

O Alcorão diz que Jesus nasceu duma virgem (Alcorão 19.20); era santo e perfeito (Alcorão 19.19); é o Messias, um espírito vindo de Deus e a Palavra de Deus (Alcorão 4.171); criou vida, curou os doentes, ressuscitou os mortos (Alcorão 5.110); veio com sinais claros (Alcorão 43.63); é um sinal para toda a humanidade (Alcorão 19.21; 21.91); é ilustre neste mundo e no além (Alcorão 3.45); foi levado ao Céu (onde continua a estar) (Alcorão 4.158); e voltará para o julgamento (Alcorão 43.63). Estas são treze afirmações acerca de Jesus Cristo. Poderíamos imaginar algum homem que jamais tenha vivido, exceto talvez Elias, que poderia verdadeiramente reivindicar para si mesmo pelo menos três destas qualidades? Somente a evidência destas afirmações faz de Jesus mais que um profeta. Estas treze qualidades obviamente dão a Ele uma posição divina.

Resumo teológico

Já sabemos que o Islamismo é uma religião monoteísta. Seu livro Sagrado é o Alcorão e a Shaaria. Os muçulmanos crêem que o anjo Gabriel recitou para Maomé e que esse texto está escrito em árabe, em placas no céu. O conceito deles de revelação difere do Cristianismo e do Judaísmo, que Deus inspirou seus servos dentro de sua cultura e de seu contexto histórico, tendo cada escritor sagrado seu estilo próprio. No Islamismo é como um passe de mágica, as placas teriam vindo já prontas.

O Jesus é mencionado no Alcorão é um mero mensageiro, para os muçulmanos, não é reconhecido como Deus, nem como o Filho de Deus, nem como Salvador, nem morreu pelos nossos pecados e nem ressuscitou. Maomé e os seus primeiros sucessores tinham conhecimento extremamente limitado da Bíblia e do Cristianismo. Além disso, o Cristianismo da região, naquela época não era bíblico. Cerca de 90 anos depois da ascensão do Islamismo é que seus teólogos descobriram que o Jesus do Novo Testamento não é o mesmo do Alcorão. O que fazer diante de tudo isso. Admitir que Maomé errou? Nem pensar, do contrário o que fazer com as placas de Gabriel? Qual a solução para os muçulmanos? Foi mais fácil para eles dizer que a Bíblia foi modificada e falsificada. Por isso que todo o mundo islâmico hoje acredita nessa falsa idéia de que a nossa Bíblia foi falsificada.

Maomé dizia que o Alcorão era a continuação das Escrituras, é o que diz o Alcorão: "É impossível que este Alcorão tenha sido elaborado por alguém que não seja Deus. Outrossim, é a confirmação das (revelações) anteriores a ele e a elucidação do Livro indubitável do Senhor do Universo" (Alcorão 10.37). Ele mesmo não falou dessa suposta falsificação da Bíblia. São milhares de manuscritos gregos, latinos e outras línguas anteriormente ao advento do Islamismo. As descobertas do mar Morto rechaçam essa teoria muçulmana.

OS PILARES DO ISLAMISMO

Crer em Alá como único Deus e em Maomé, seu enviado, orar cinco vezes ao dia, dar esmolas, jejuar 30 dias por ano e visitar Meca. Otmã disse que foi isso que Maomé transmitiu, além de mais uma que Otmã chamou de coisa excelente, a Jihad, ou seja, a guerra santa.

1. Testemunho ou confissão (Shahadah)

Dizer que não existe outro deus além de Alá, e afirmar que Maomé é o mensageiro de Deus, faz da pessoa um muçulmano. Isto é recitado no ouvido do recém-nascido, no ouvido da pessoa que está morrendo. Mérito é acumulado cada vez que se recita essa confissão. Nas orações diárias, repete-se esta confissão mais de 30 vezes.

2. Orações formais (*Salat*)

As orações rituais devem ser feitas cinco vezes por dia: ao amanhecer, quando você pode ver um fio branco, ao meio-dia, no meio da tarde, ao pôr-do-sol, à noite, em algum momento antes de se deitar. O Salat requer prostrar-se, tocando a testa no chão. Tem de ser feito sem nenhum erro, para que se alcance mérito. Quem fizer extras ganha mais méritos. Existe outro tipo de oração que se chama "dua". O que o sábado representa para os judeus e o domingo para os cristãos, a sexta-feira representa para os muçulmanos, que é o seu dia sagrado. Nesse dia eles se reúnem nas mesquitas para suas preces. O muçulmano deve orar posicionado em direção a Meca.

3. Dar esmolas ou fazer caridade (*Zakat*)

Existe uma escala proporcional para o "dar": 2,5% das suas entradas financeiras, 5% dos produtos agrícolas, 10% de todos os bens importados. Isso poder ser dado aos pobres ou para causas religiosas, incluindo a Guerra Santa muçulmana (Jihad). Existe muita controvérsia sobre quem deve coletar estas ofertas.

4. O mês de jejum (*Saoum*)

É no mês lunar do Ramadã. O jejum dura de 29 a 30 dias. Jejuar-se somente durante o dia. Não se deve comer nem beber desde o nascer até o pôr-do-sol. Do pôr-do-sol até o nascer, pode-se comer tanto quanto desejado e 1/30 do Alcorão deve ser lido diariamente. Os viajantes, mulheres grávidas, mulheres durante o período menstrual, crianças e enfermos estão isentos.

5. A peregrinação (*Hajj*)

É obrigatória a peregrinação a Meca, pelo menos uma vez na vida. Uma vez lá, é necessário cumprir as seguintes obrigações: caminhar sete vezes ao redor da Ka'aba, vestir roupas especiais para a ocasião, apedrejar Satanás, relembrar a busca de Agar por água, viver em tendas nas planícies de Arrasta e beijar ou tocar a pedra negra na parede da Ka'aba. Os que não são muçulmanos estão proibidos de entrar nas áreas santas das cidades de Meca e Medina. Jerusalém é a terceira cidade sagrada para os muçulmanos, pois acreditam que do Monte do Templo Maomé foi para o céu montado em seu cavalo.

6. A guerra santa (*Jihad*)

A maioria esmagadora dos muçulmanos, que é gente de bem e de boa índole, não aceita que a Jihad seja o sexto pilar do Islamismo. Isso não acontece com os grupos extremistas islâmicos, que cometem atos terroristas em nome da religião. O problema é que as idéias deles são fundamentadas no Alcorão (sura 4.76). É verdade a que palavra árabe jihad significa "empenho", e que isso pode ser aplicado no empenho do caminho de Deus, no contexto islâmico. Qualquer empenho no sentido de propagar a fé islâmica com os recursos

da educação, da tecnologia e outros recursos intelectuais pode se adaptar nessa palavra. Além disso, o Alcorão diz: "Não há imposição quanto à religião" (Alcorão 2.256).

Bom seria que tudo fosse assim. Nesse mesmo capítulo, no versículo 216, a jihad não parece ter esse sentido, mas de incursão militar: "Está-vos prescrita a luta (pela causa de Deus), embora a repudieis. É possível que repudieis algo que seja um bem para vós e, quiçá, gosteis de algo que vos seja prejudicial; todavia, Deus sabe e vós ignorais". Além disso, Maomé tornou essa guerra santa obrigatória para todos os muçulmanos.

A vida de Maomé, o Alcorão e a sua própria história não ajudam a convencer o mundo que o Islamismo em si é pacífico. A índole dessa religião é belicosa. Os ataques terroristas ao World Trade Center, em Nova Iorque, e ao Pentágono, em Washington D. C, em 11 de setembro de 2001, dentre muitos outros atos terroristas têm amparo na religião deles. Apesar dos protestos e da repulsa de muitos muçulmanos de bem em todo o mundo, todavia essa foi a história de Maomé e do Islamismo.

Convém ressaltar que eles não são maioria. Relatórios do campo missionário, dos países islâmicos, nos informam que a população tem anseio pelas coisas de Deus, que essas pessoas levam as coisas de Deus a sério. Estão dispostas e gostam de ouvir o evangelho. E um povo submetido a uma auto disciplina muito rígida. Eles não são nossos inimigos. O problema é que as autoridades desses países intolerantes não deixam que essas pessoas escolham a sua própria religião. Há países que são flexíveis como Egito, Jordânia, Turquia, Senegal e Marrocos, apesar, muitas vezes, da pressão das autoridades locais.

O problema não é o povo, mas a imposição religiosa. O Islamismo conseguiu suas conquistas nos seus quase 1.400 anos de história pela força da espada. O Alcorão diz: "Mas quando os meses sagrados houverem transcorrido, matai os idólatras, onde quer que os acheis; capturai-os, acossai-os e espreitai-os; porém caso se arrependam, observem a oração e paguem o Zakat, abri- lhes o caminho. Sabei que Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo" (Alcorão 9.5). O Alcorão manda ainda amputar os braços e as pernas dessas pessoas, na sura 5.33. Os muçulmanos radicais levam isso como está escrito, e têm praticado o terrorismo em toda a parte do mundo.

Acreditam que quando morre um muçulmano, ele só vai para presença de Alá no dia do juízo. Mas os guerreiros de Alá que morrerem no que eles chamam de guerra santa, a jihad, ou seja, contra os infiéis, esses vão imediatamente para a presença de Alá. O que empolga esses radicais é que morrendo no terrorismo, que eles chamam de guerra santa, jihad, acreditam que vão imediatamente para o paraíso-harém alcorânico.

O paraíso de Alá, prometido no Alcorão, é exatamente o conceito que o árabe pagão do séc. VII imaginava como maravilhoso, um conceito carnal de um harém com mulheres formosas. É um paraíso sensual, no qual existem muitas lindas virgens de olhos negros para cada homem.

Existem rios, árvores frutíferas e perfumes no paraíso. O Alcorão apresenta alguns vislumbres desse paraíso (sura 2.25; 4.57; 11.23; 47.15). Isso talvez explique a atitude radical desses ataques-suicidas.

O Hadith, coletânea de livros sagrados dos muçulmanos, diz: "Qualquer muçulmano que perder sua vida enquanto peleja em uma jihad, irá direto aos prazeres sexuais do paraíso" (Hadith, tomo 1, no. 35; tomo 4, no. 386). Cabe ressaltar que o Islamismo é uma religião que ainda hoje admite a poligamia. Maomé foi monogâmico até que ficou viúvo. Depois teve outras mulheres, inclusive harém, com mulheres capturadas em suas incursões militares. Além disso, ele tomou a esposa de seu próprio filho adotivo, chamado Zayd.

Maomé obrigou, em nome de Alá, o divórcio de sua nora para tomá-la por mulher. Isso é um constrangimento para os muçulmanos. O Alcorão 33.36-38, fala sobre o assunto.

É bom lembrar que os cristãos são vistos pelos muçulmanos como idólatras (Alcorão 10.66,68), porque cremos na Trindade. Segundo o Alcorão, a Trindade dos cristãos é constituída de três Deuses: Alá, Jesus e Maria (Alcorão 5.73-75,116). Para a pessoa ter o direito de viver é necessário negar a fé em Jesus e tornar-se muçulmano. Veja o que Jesus disse: "... vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus. E isso vos farão, porque não conheceram ao Pai nem a mim" (João 16.2,3).

E verdade que o Alcorão dá tratamento especial aos judeus e cristãos, "o povo do Livro", mediante o pagamento humilhante de impostos. Muitos países islâmicos negam cidadania aos cristãos. Mas na prática, ao longo da história do Islamismo, esse tratamento parece não ter sido colocado em prática, prevalecendo sempre o texto da sura 9.5, acima citado, obrigando as pessoas tornarem-se muçulmanas sob o tacão da religião.

OS SHIÍTAS

O Islamismo muito cedo começou a ser dividido em outras facções islâmicas. Os principais são os shiitas, e os sunnitas. Os primeiros grupos islâmicos cismáticos foram os kharidjitas, em árabe significa "os que saem", como já vimos. Deles surgiram outros grupos, como os ibaditas, ainda hoje presentes em Túnis, Líbia e Omã. Há ainda outros grupos menos conhecidos aqui no Ocidente.

Os shiitas são os muçulmanos fiéis a Ali e a sua família. Já vimos na parte histórica que Ali foi o quarto califa. Genro e primo de Maomé, pois casou-se com Fátima, uma das filhas de Maomé. Seus filhos Hassan e Hussain. É essa a família sagrada para os shiitas. Para eles o califado só pode ser legítimo se proceder dessa família.

O assassinato de Ali, na porta da mesquita de Kufa, no Iraque, em 661 representa o modelo do mártir para os shiitas.

Hassan foi envenenado por uma de suas 90 esposas em 670. Seu irmão Hussain, juntamente com 72 companheiros, foi aniquilado pelos soldados do califa Yazid, filho de Moawiya, da dinastia dos omíadas, em Karbala, em 680. Todos os seus descendentes, exceto o décimo segundo, tiveram morte trágica pelas mãos desses califas. O local onde caiu a cabeça de Hussain tornou-se lugar sagrado para eles. Cultuam a morte e a santidade consiste no auto sacrifício. Os wahabitas, sunitas rigorosos da Arábia Saudita, menosprezam de maneira ostensiva o culto à morte e proíbem erigir qualquer mausoléu ou lápide aos mortos.

Segundo os shiitas, depois da morte de Maomé, Alá teria enviado o primeiro imã, seu guia espiritual, que seria Ali. Esse imã estaria revestido de uma autoridade extraordinária, mediada ou por Maomé ou pelo imã anterior. Essa autoridade seria mais ou menos a mesma que representa o papa para os católicos romanos. Creem que ele é o elo de ligação entre a comunidade e o mundo invisível. Os aiatolás são descendentes de Maomé através de Ali e Fátima, que formam um grupo com posição de destaque.

Acreditam que Mohammad al-Mahdi, o décimo segundo iman, desapareceu misteriosamente em 874. Dizem que esse desaparecimento foi milagrosamente e que ele vive de maneira oculta aos olhos dos shiitas. Seus seguidores crêem que ele está vivo e que voltará no fim dos tempos para instaurar um reino de justiça e verdade. Essa idéia juntamente com a do auto sacrifício servem como ponte para a evangelização deles.

Os sunnitas são o islamismo ortodoxo, tradicional, que segue a linha de Maomé. Eles são maioria, cada 10 muçulmanos 9 são sunnitas. São inimigos declarados de qualquer inovação e do extremismo. O que há de comum entre eles e os shiitas O dogma central da unicidade de Alá, o texto do Alcorão, Maomé, crença na ressurreição seguida do juízo final, os pilares. Os shiitas seriam os católicos, no Cristianismo, por causa da figura de um líder geral e pela cadeia de santos, por outro lado, os sunnitas seriam os protestantes.

CONCLUSÃO

Na mente de um muçulmano, geralmente existe esta idéia: "Deus estabeleceu ao longo da história, 3 religiões: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo". Eles acreditam que Deus primeiro enviou Moisés para estabelecer o judaísmo, mas dado que os judeus foram desobedientes, Ele os dispersou pelo mundo todo e enviou a Jesus, para estabelecer o Cristianismo. Porém no século V o Cristianismo se corrompeu tanto, que Deus enviou a Maomé para estabelecer o Islão, "sua revelação final".

Os muçulmanos crêem que o Islão incluem tanto o Judaísmo como o Cristianismo e dizem ainda que Abraão era muçulmano. Na sua mente, tudo é islamismo. Eles não sabem que o propósito primário de Deus não foi estabelecer uma religião. As religiões são feitas pelo homem. Ao contrário, Deus deseja estabelecer uma relação pessoal com o homem, salvar a humanidade. Esta é a mensagem de todo o evangelho.

O CATOLICISMO

"Depois, perguntaram-lhe os fariseus e os escribas: Por que não andam os teus discípulos conforme a tradição dos antigos, mas comem com as mãos por lavar? E ele, respondendo, disse-lhes: Bem profetizou Isaías acerca de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão, porém, me honram, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens. Porque, deixando o mandamento de Deus, retendes a tradição dos homens, como o lavar dos jarros e dos copos, e fazeis muitas outras coisas semelhantes a estas. E dizia-lhes: Bem invalidais o mandamento de Deus para guardardes a vossa tradição" (Marcos 7.5-9).

É muito comum encontrar nas publicações da Igreja Católica, principalmente nos panfletos populares, que a Igreja Católica Apostólica Romana foi fundada por nosso Senhor Jesus Cristo, em Jerusalém, por volta do ano 29 d. C., e que as denominações foram inventadas por homens. Às vezes, chegam a apresentar uma lista delas com seus líderes pioneiros considerando-os como fundadores delas. Isso o fazem para persuadir aos seus leitores de que o Catolicismo Romano veio de Deus e as demais denominações vieram dos homens. O Catolicismo Romano é um dos três ramos do Cristianismo, juntamente com Protestantes e Ortodoxos. Vamos, neste capítulo, analisar os dogmas católicos à luz da Bíblia.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Os movimentos religiosos heterodoxos costumam ensinar que a Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo se apostatou e que Deus levantou seus líderes para restaurar o verdadeiro Cristianismo. Isso ensinam as Testemunhas de Jeová, os mórmons, os Adventistas do sétimo dia, os muçulmanos e muitos outros. Não cremos nessa versão, pois o Senhor Jesus garantiu que "as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16.18). A Bíblia ressalta ainda: "A ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém" (Ef 3.31). Deus sempre teve testemunhas na terra, mesmo nos dias mais críticos da história da humanidade. Veja Gênesis 6.5-8.

Na Idade Média, período mais obscuro e mais cruciante da história da Igreja, havia os

que rejeitavam a autoridade papal e o padrão imposto pela Igreja Católica. Como exemplo temos os valdenses. Antes do Edito de Milão, em 313, quando Constantino decretou a liberdade religiosa no seu império, marcando o fim das perseguições imperiais à Igreja, mantinha ainda uma considerável parte dos padrões do primeiro século.

No transcorrer dos séculos a Igreja, aos poucos, foi incorporando no seu bojo práticas estranhas e muitas delas de origem pagã como missa em latim, salvação pelas obras, culto dos santos e da virgem Maria, culto pelos mortos, purgatório, celibato clerical, tradição no lugar da Bíblia, proibição da leitura da Bíblia ao leigos, batismo de crianças, a figura do papa e outros dogmas, de modo que quase nada restou do Cristianismo quando Martinho Lutero fez a Reforma em 31 de outubro de 1517, na Alemanha.

Não é necessário, sequer, estudar os dogmas da Igreja Católica para se perceber o seu desvio do Cristianismo autêntico, basta assistir a uma missa. Todo aquele aparato e ritual é característica do paganismo. Ninguém encontra esse modelo de culto no Novo Testamento. No culto judaico, do Antigo Testamento, havia um certo ritual rígido por causa do significado e da simbologia com a vida e a obra do Messias, isso está explicado na epístola aos Hebreus. Além disso, esses ritos judaicos eram apenas no tabernáculo e depois no templo de Jerusalém, nunca nas sinagogas. Nada há em comum entre a missa da Igreja Católica e o culto cristão, registrado no Novo Testamento.

Não temos a intenção de atacar a nenhuma religião. Devemos amar e respeitar os católicos e ser bons amigos. Muitos deles são tementes a Deus e estão preocupados com a salvação. O problema é que eles estão enganados, por isso precisamos evangelizá-los. É dever de todos respeitar a religião do próximo. O chute dado no ídolo deles, na imagem de Aparecida, em 12 de outubro de 1995, foi um ato impensado e só contribuiu para fortalecer e unificar os católicos. A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), através da mídia, soube explorar bem o assunto. Evangelizar não é sinônimo de desrespeitar a outra religião.

A revoadada dos católicos para as igrejas evangélicas é grande. Isso tem preocupado o papa. Já se fala de um papa brasileiro, na tentativa de conter o crescimento das igrejas evangélicas. Implantaram a Rede Vida, afirmando que a Igreja cresce por meio de estratégias de marketing. Mas eles se enganam, pois nós crescemos e expandimos pelo poder do Espírito Santo, mesmo sob as perseguições do clero. Sem dúvida, se tivéssemos uma rede de televisão, o número de ouvintes da Palavra de Deus seria maior. Isso significa que teríamos um número maior de salvos no Brasil. Jesus disse que quem converte o homem é o Espírito Santo, e não marketing. Veja João 16.8-11.

O PAPISMO

Ninguém, em sã consciência, pode negar a influência política do papa entre as nações, por ser sozinho o chefe da segunda maior religião do planeta e por se tratar de um político religioso; mas biblicamente, esse cargo não existe. A teoria de que Pedro foi o primeiro papa não resiste à análise bíblica. E como disse certo estadista, que uma mentira repetida vinte vezes se torna verdade, foi isso que aconteceu nessa história. A tradição católica diz que Pedro foi papa em Roma durante vinte e cinco anos, mas nunca pôde ser confirmado nem na Bíblia e nem na história.

Se o apóstolo Pedro foi martirizado no reinado de Nero, por volta de 67 ou 68 d.C, subtraindo dessa data vinte e cinco anos, retrocederemos a 42 ou 43 d.C. Rastreando a vida do apóstolo Pedro, no Novo Testamento, fica desmascarada essa tradição romanista. O Concílio de Jerusalém, Atos 15, ocorreu em 48 ou pouco depois, entre a primeira e a segunda viagens missionárias do apóstolo Paulo. O apóstolo Pedro participou desse Concílio, mas quem o presidiu foi Tiago. Confira isso em Atos 15.13,19. Em 58 o apóstolo Paulo escreveu a epístola aos Romanos e no capítulo 16 mandou saudação para muita gente em Roma, mas o tal bispo de Roma sequer é mencionado. Não é estranho? Em 62 Paulo chegou a Roma, foi visitado por muitos irmãos, novamente não se tem notícia desse suposto papa. Veja Atos 28.30,31.

De Roma escreveu epístolas para algumas igrejas. Em 62: Efésios, Colossenses e Filemon. Em 63: Filipenses. Entre 67 e 68, após o incêndio de Roma, quando estava preso pela segunda vez, 2 Timóteo. Esse tal papa não é mencionado! É verdade que a simples ausência do nome do apóstolo Pedro não se constitui fator decisivo para se rejeitar a tradição católica sobre a figura do papa. Isso é mais um recurso que depõe contra o papismo, e mais uma prova, à luz da Bíblia, que o apóstolo Pedro nunca foi bispo de Roma.

Há até mesmo dúvida se ele esteve em Roma. A única passagem bíblica, que é discutível, que dá margem para interpretar como sua presença em Roma é 1 Pedro 5.13, que diz "A vossa co-eleita em Babilônia vos saúda, e meu filho Marcos". Que Babilônia é essa? Visto que a tradição conecta Pedro a Roma é possível que seja a maneira de cristãos e judeus identificarem Roma com Babilônia. A "Grande Babilônia", de Apocalipse, capítulos 17, 18 e 19, parece reforçar essa idéia.

Convém ressaltar que havia uma região no Egito, na época, chamada Babilônia, fundada por refugiados da Assíria séculos antes. A possibilidade de ser essa a Babilônia, mencionada pelo apóstolo, é muitíssimo remota. A Babilônia literal da Mesopotâmia ainda era povoada por numerosos judeus. Mas não há nenhuma evidência de que essa seja a Babilônia mencionada pelo apóstolo, apesar de Calvino e Erasmo sustentarem a idéia de que Pedro esteve na Babilônia dos rios Tigre e Eufrates.

Usam o texto de Mateus 16.18 para consubstanciar sua doutrina. Essa passagem bíblica é usada pela Igreja Católica para legitimar o cargo de papa. Antes de entrar na exegese do texto sagrado em foco, convém lembrar que a Igreja do primeiro século desconhecia a figura do papa. O Senhor Jesus disse: "Pois também te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja" (Mt 16.18). É uma das passagens mais controvertidas do Novo Testamento. A questão gira em torno da identidade da "pedra". Há aqui um jogo de palavras gregas Petros e petra. A primeira, traduzida por "Pedro", significa "pedra". A segunda, significa "rocha".

A expressão: "Sobre esta pedra" significa sobre a resposta de Pedro: "Tu és o Cristo, Filho do Deus vivo". Sobre Cristo a Igreja foi edificada, e não sobre Pedro. Há muitos expositores que afirmam que Pedro é a pedra por ser o primeiro a descobrir que Jesus é o

Cristo e, portanto, o primeiro cristão, ou seja, o primeiro membro da igreja de Cristo. Argumentam ainda que a diferença entre Petros e petra só existe no grego, pois no aramaico o nome de Pedro é Cefas e seria a mesma palavra nessa língua. Mas esses mesmos expositores do Novo Testamento não reconhecem que nessa passagem o Senhor Jesus esteja delegando autoridade como seu sucessor e nem tudo aquilo que o papa pensa ser.

Essa interpretação não tem fundamento, pois é o mesmo que afirmar que José e Maria, João Batista e os pastores de Belém não sabiam que Jesus era o Cristo. O anjo disse: "pois na cidade de Davi vos nasceu o Salvador, que é Cristo o Senhor" (Lc 2.11). André sabia que Jesus era o Messias mesmo antes de Pedro. Veja João 1.41. Quanto ao nome Cefas, convém salientar que até agora ninguém pode provar que o evangelho de Mateus foi escrito em aramaico. Todas as evidências internas parecem não confirmar essa idéia.

A Bíblia ensina desde o Velho Testamento que a Pedra Angular, Principal ou de Esquina é Jesus: "A pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se cabeça de esquina" (Sl 118.22). Veja ainda Isaías 28.16. Jesus afirmou ser ele mesmo a pedra: "Jesus disse-lhes: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo; pelo Senhor foi feito isso e é maravilhoso aos seus olhos?" (Mt 21.42).

O próprio apóstolo Pedro afirmou ser Cristo a pedra: "Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina (At 4.11). Veja também Pe 2.4-6. O apóstolo Paulo afirma que Pedro é apenas uma pedra como os demais apóstolos, sendo Jesus Cristo a pedra principal: "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina" (Ef 2.20). Falta, portanto, fundamento bíblico para consubstanciar a figura do papa.

O CULTO AOS SANTOS

Há diferença entre "adorar" e "prestar culto"? Prostrar-se diante de um ser, dirigir a ele orações e ações de graça, fazer-lhe petições, cantar-lhe hinos de louvor, se não for adoração, fica difícil saber o que os papistas entendem por adoração. Chamar isso de simples veneração é subestimar a inteligência humana. A Bíblia diz que há um só mediador entre Deus e os homens — Jesus Cristo (1 Tm 2.5); entretanto, os católicos aprenderam a orar pedindo a intercessão de Maria.

Analisando essas práticas romanistas à luz da Bíblia e da história, fica evidente que são práticas pagãs. O papa Bonifácio IV, em 610, celebrou pela primeira vez a festa de todos os santos e substituiu o panteão romano (templo pagão dedicado a todos os deuses) por um templo "cristão" para que as relíquias dos santos fossem ali colocadas, inclusive Maria. Dessa forma o culto aos santos e a Maria substituiu o dos deuses e deusas do paganismo. A Bíblia proíbe fazer imagens de escultura: "Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagens de escultura, nem de alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás, porque eu, o SENHOR, teu Deus, sou Deus zeloso..." (Êx 20.3-5).

O clero romano afirma que Deus não proibiu fazer imagem de escultura, e que a proibição do Decálogo diz respeito às imagens de animais cultuadas no paganismo. Para consubstanciar essa justificativa apresenta os querubins do propiciatório, que Deus mandou Moisés fazer. Esse argumento deles é pobre, pois a passagem bíblica, dos querubins do propiciatório da arca da aliança (veja detalhes sobre esse propiciatório em Êxodo 25.18-20), advogada pelos teólogos romanistas, não ensina o que os romanistas querem. Porque não existe na Bíblia uma passagem, sequer, de um judeu dirigir suas orações aos querubins, ou depositar sua fé neles, ou pagar-lhes promessas. Esse propiciatório era a figura da redenção

em Cristo: "e sobre a arca, os querubins da glória, que faziam sombra no propiciatório;...que é uma alegoria para o tempo presente,..." (Hb 9.5-9).

A Bíblia condena terminantemente o uso de imagem de escultura como meio de cultuar a Deus. Veja ainda Deuteronômio 5.8,9. O culto aos santos e a adoração à Maria, à luz da Bíblia, desclassificam o catolicismo romano como religião cristã. É idolatria: "Filhinhos, guardai-vos dos ídolos" (1 Jo 5.21). Jesus disse: "Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele servirás" (Mt 4.10). O anjo disse a João: "Adora somente a Deus" (Ap 19.10; 22.9). Pedro recusou ser adorado por Cornélio: "E aconteceu que, entrando Pedro, saiu Cornélio a recebê-lo e, prostrando-se a seus pés, o adorou. Mas Pedro o levantou, dizendo: Levanta-te, que eu também sou homem" (At 10.25, 26).

A MARIOLATRIA

O clero romano manifesta seu sentimento de profunda tristeza quando afirmamos que Maria é reconhecida como deusa no catolicismo. Dizem que não estamos sendo honestos nessa declaração, mas os fatos falam por si mesmos. As Glórias de Maria é o título do livro publicado em mais de 80 línguas, em português, pela Editora Santuário, da autoria de Afonso Maria de Liguori, canonizado pelo Papa. Essa obra é a maior apologia ao culto de Maria.

Esse livro atribui a Maria toda a honra e toda a glória que a Bíblia confere ao Senhor Jesus Cristo. Chama Maria de onipotente e por outros atributos divinos. "Maria, sim, sois onipotente... 'Todo poder lhe é dado no céu e na terra'; portanto, ao império de Maria todos estão sujeitos — até o próprio Deus...e assim... colocou Deus toda a Igreja... sob o império de Maria" (pág. 152). "Nossa única advogada no céu. a única que no verdadeiro sentido da palavra é amante e solícita de nossa salvação" (pág. 162).

O Senhor Jesus ensinou o contrário. Ele disse: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (Mt 28.18). É Jesus o Todo- poderoso, e não Maria, veja Lucas 1.46- 48. A Bíblia diz que Jesus é onipotente, pois ele é Deus, Maria é meramente humana, "ao nome de Jesus, se dobre todo o joelho dos que estão no céu e na terra, e debaixo da terra... para que em tudo tenha a preeminência" (Fp 2.9-11; Cl 1.18). Nosso único advogado é Jesus, diz a Bíblia: "Se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (1 Jo 2.1,2).

Afirma ainda Liguori: "Nossa salvação será mais rápida, se chamarmos por Maria, do que se chamarmos por Jesus" (pág. 208), "A Santa Igreja ordena um culto peculiar à Maria" (pág. 130). "Muitas coisas...são pedidas a Deus, mas não são recebidas; são pedidas a Maria e são obtidas", pois "Ela...é também Rainha do Inferno e Senhora dos Demônios" (págs. 123, 127). Ao contrário, declara a Bíblia que somente Jesus salva, ele disse: "Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). "Em nome de Jesus Cristo...e em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual nós devamos ser salvos" (At 3.6; 4.12).

A Bíblia diz que somente Deus é onipotente, onisciente e onipresente. Se Maria pode ouvir esses católicos, um pouco mais de um bilhão, hoje, e cerca de 300 milhões de ortodoxos, e responder às suas orações a todos eles ao mesmo tempo, ou ela é deusa, ou esses católicos estão numa fila interminável aguardando a vez de suas orações serem respondidas.

Qual a diferença entre "adorar" e "prestar culto"? Na cultura romanista parece não haver diferença. Mas na Bíblia, adoração ou culto é serviço sagrado latreia. No grego,

proskyneo é adoração no sentido de se prostrar. A Bíblia diz que "há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem" (1 Tm 2.5); entretanto, os católicos aprenderam a orar da seguinte forma: "Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores". Isso é adoração e essa oração é diametralmente oposta aos ensinamentos bíblicos e condenada pela Palavra de Deus.

Primeiro, porque Maria não é mãe de Deus, antes foi escolhida por Deus para ser mãe do Salvador, nosso Senhor Jesus Cristo. É verdade que Jesus é o verdadeiro Deus, mas Maria é mãe do Jesus homem. Foi por causa das discussões entre Cirilo de Alexandria e Nestório, patriarca de Constantinopla, que o assunto foi para o Concílio de Efeso, em 431. O termo usado pelos cristãos era Theotokos, que literalmente é "Portadora de Deus", por causa das controvérsias cristológicas da época, para exaltar a deidade absoluta de Jesus. Nestório se posicionou contrário ao uso do termo. O Concílio de Efeso condenou o nestorianismo e o termo se manteve para destacar a perfeita deidade de Jesus, por ser Jesus o verdadeiro Deus e o verdadeiro homem. O Concílio da Calcedônia, 20 anos mais tarde, declarou o termo Theotokos como mãe do Jesus humano.

Hoje o clero romano usa o termo "Mãe de Deus" para divinizar Maria. A mãe, é óbvio, existe antes do filho. Quando se fala de Maria Mãe de Deus pressupõe sua divindade e que ela é antes de Deus. Deus é eterno e existe por si mesmo: "EU SOU O QUE SOU" (Êx 3.14), veja ainda salmo 90.1,2 e Isaías 40.28, logo não pode ter mãe. O Senhor Jesus, como homem, é filho de Maria, por isso que a Bíblia diz que Maria é mãe de Jesus e nunca mãe de Deus: "...fizeram-se umas bodas em Caná da Galiléia; e estava ali a mãe de Jesus... com as mulheres, e Maria, mãe de Jesus, e com seus irmãos" (Jo 2.1; At 1.14). O termo "Mãe de Deus" é inadequado além de endeusar Maria.

O outro problema do Catolicismo Romano é quanto aos filhos de Maria, ou seja, os irmãos de Jesus segundo a carne. Se a Igreja Católica põs Maria no status divino, as passagens bíblicas que mostram que Maria gerou mais filhos depois do nascimento de Jesus se tornaram um problema para os romanistas. A saída que eles encontraram foi alterar o sentido primário da palavra "irmão". Quais os argumentos romanistas? José era viúvo antes de se casar com Maria e trouxe filhos do seu primeiro casamento, logo trata-se de enteados de Maria. Ou a palavra irmão significa parentesco próximo, "primo", por exemplo. O problema deles é que nenhum desses argumentos pode ser confirmado na Bíblia, são artifícios para ensinar o que a Bíblia não ensina.

A Bíblia afirma categoricamente que Jesus nasceu de uma virgem e que foi concebido pelo Espírito Santo no ventre de Maria. Veja Mateus 1.18, 20, 23; Lucas 1.34, 35. Depois do nascimento de Jesus, o casal José e Maria teve mais filhos. José "não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito; e pôs-lhe o nome de JESUS" (Mt 1.25). Ela se manteve virgem "até", é o que diz o texto sagrado. E Jesus é o seu "primogênito", isso é confirmado na passagem paralela de Lucas 2.7, logo, outros filhos vieram depois, e isso destrói completamente a teologia romanista e torna inconsistente a ideia de enteados de Maria e de primos de Jesus. E o que encontramos nos evangelhos, em Atos e nas epístolas.

O Novo Testamento mostra de maneira simples e natural a família de Jesus: "E, chegando à sua pátria, ensinava-os na sinagoga deles, de sorte que se maravilhavam e diziam: Donde veio a este a sabedoria e estas maravilhas? Não é este o filho do carpinteiro? E não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, e José, e Simão, e Judas? E não estão entre nós todas as suas irmãs" (Mt 13.54-56). O texto registra o pensamento dos moradores de Nazaré, os vizinhos sobre a família de Jesus. Isso pode ainda ser visto na passagem

paralela de Marcos 6.3. Dizer que isso não é uma família na concepção que se conhece hoje é uma camisa-de-força.

A profecia messiânica do salmo 69 apresenta o Senhor Jesus e seus irmãos, filhos de sua mãe. Diz o referido salmo no v. 4: "Aqueles que me aborrecem sem causa", se cumpriu em Jesus: "Aborreceram-me sem causa" (Jo 15.25). No v. 9, diz: "O zelo da tua casa me devorou"; e encontramos o cumprimento dessa profecia em Jesus: "O zelo da tua casa me devorará" (Jo 2.17). Em seguida, no v. 21, diz: "Deram fel por mantimento, e na minha sede me deram a beber vinagre". Isso se cumpriu em Jesus, quando estava na cruz: "deram a beber vinho misturado com fel" (Mt 27.34). No v. 25 lemos: "Fique desolado o seu palácio; e não haja quem habite nas suas tendas". O cumprimento disso está em Atos 20: "Fique deserta a sua habitação, e não haja quem nela habite".

Isso deixa claro que o salmista está falando do Messias. Agora, vejamos o que diz o v. 8: "Tenho-me tornado como um estranho para com os meus irmãos, e um desconhecido para com os filhos de minha mãe". Quem são esses "irmãos" e "filhos de minha mãe"? Quando vamos ao Novo Testamento descobrimos que "nem mesmo seus irmãos criam nele" (Jo 7.5). A Bíblia menciona quatro irmãos e pelo menos três irmãs, pois o texto sagrado, depois de mencionar o nome de seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas, diz: "Não estão entre nós suas irmãs?". O texto não diz ambas as irmãs, por isso podemos afirmar que eram no mínimo três. Os irmãos de Jesus são mencionados em Mateus 12.46-50; Atos 1.14; Gálatas 1.19.

Se eles fossem realmente primos de Jesus, o Novo Testamento teria registrado como primos e não como irmãos. A palavra grega para primo é *anepsios* e aparece em Colossenses 4.10: "Marcos, o primo de Barnabé" (nas versões NVI, Brasileira, Almeida Atualizada, Almeida Revisada). A Versão Almeida Corrigida traduz por "sobrinho de Barnabé", pois esse é o sentido que a palavra recebeu na literatura grega posterior.

Quando alguém diz: "Fulano é meu irmão, ou irmão de Beltrano", ninguém vai interpretar como primo. Fazer o povo acreditar que Maria era uma tia que caminhava para cima e para baixo com uma ninhada de sobrinhos à sua volta é simplesmente absurdo. A Igreja Católica viola os princípios mais elementares da hermenêutica para justificar uma teologia humana, abominada por Deus e condenada na sua Palavra: "Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura,... não te encurvarás a elas nem as servirás,..." (Êx 20.3-5).

FONTE DE AUTORIDADE

A Bíblia é a inspirada Palavra de Deus, toda a Escritura foi divinamente inspirada por Deus, conforme encontramos em 2 Timóteo 3.16. O catolicismo romano oficialmente reconhece também a Bíblia com inspirada e Palavra de Deus. O problema é o papel que a Bíblia ocupa na vida da Igreja e o conjunto de suas tradições. Eles acrescentam obras complementares que reconhecem ter a mesma autoridade da Bíblia. São os livros apócrifos, os escritos dos pais da igreja, os pronunciamentos de concílios e decretos papais.

Os católicos costumam perguntar: "A Igreja que produziu o Novo Testamento não tem autoridade para modificá-lo ou acrescentar algo às suas crenças?" Isso o fazem para justificar o seu desvio doutrinário. Dizer que a Igreja produziu o Novo Testamento é uma meia verdade, quem o escreveu foram os apóstolos. Eles pertenciam a Igreja, mas isso não significa que a Igreja tenha a mesma autoridade dos apóstolos. Nenhum dos apóstolos se apresentou como apóstolo da Igreja, mas como apóstolo de nosso Senhor Jesus Cristo. Veja

Romanos 1.1; Gálatas 1.1 e 2 Pedro 1.1; e muitas outras passagens bíblicas. E a Bíblia que julga a igreja e não a Igreja a Bíblia.

A tradição em si "É uma crença ou costume passado a nós pelas gerações que nos precederam ou por aqueles da nossa própria geração com autoridade sobre nós", como disse Jack Deere. No sentido religioso é o: "Processo mediante o qual as verdades religiosas normativas são transmitidas de uma geração para outra" (Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã). "Tradição é a fé viva daqueles que hoje estão mortos. Tradicionalismo é a fé morta daqueles que hoje estão vivos".

Não temos nada contra a tradição, reconhecemos que ela é um fenômeno da cultura humana. Mediante a tradição práticas sociais e religiosas são transmitidas de uma geração à outra. Nós temos também as nossas tradições. O que Jesus criticou duramente foi o fato de se colocar a tradição em igualdade de condição com a Palavra de Deus, ou até mesmo acima dela. Veja Marcos 7.6- 9. Nós discordamos da Igreja Católica, pois age da mesma maneira, ainda mais nessas crenças ou nas práticas frontalmente condenadas pela Bíblia: idolatria e outros desvios doutrinários do catolicismo romano.

Além disso, sua Bíblia apresenta alguns livros espúrios, simplesmente para fundamentar suas crenças anti-bíblicas. Os livros apócrifos nunca fizeram parte do Cânon Sagrado dos judeus, isto é, na Bíblia hebraica, até hoje. Esses livros e alguns outros aparecem na Septuaginta. O foco da discussão são os livros de 1 e 2 Macabeus, Tobias, Judite, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico, Baruque e os acréscimos ao livro de Ester e Daniel, num total de 73 livros em sua Bíblia. São acréscimos à Bíblia ou faltam livros em nossas Bíblias? Esses livros sobressalentes nas versões católicas da Bíblia são chamados de livros apócrifos.

A palavra "apócrifos" vem do grego, *apokryphos*, e significa "escondido". Essa literatura foi produzida numa época de agitação religiosa e política na vida do judaísmo, entre 300 a.C. e 100 d. C.. Os rabinos chamavam esses livros de "os de fora", ou seja, fora do Cânon Sagrado dos judeus. Cirilo de Jerusalém seguiu esse mesmo pensamento, simplesmente substituiu o termo usado pelos rabinos por "apócrifos".

Os livros do Velho Testamento que adotamos são os mesmos aceitos pelos judeus, por nosso Senhor Jesus Cristo e seus apóstolos. Desde muito cedo na história da Igreja havia discussões sobre esses livros. Agora cabe aqui uma pergunta: por que a Igreja Católica Romana usou durante seus primeiros séculos esse mesmo Cânon, mudando-o somente após a Reforma Protestante, no Concílio de Trento? Por que ocorreu a necessidade de se acrescentar algo a uma lista que se mostrou satisfatória por tantos séculos?

Esses livros estavam presentes na Septuaginta, mas nunca fizeram parte das Escrituras Hebraicas. O Sínodo de Jâmnia, concílio dos rabinos, realizado por volta do ano 100 d. C., portanto, depois do encerramento do Cânon dos judeus, debateu sobre a permanência de Provérbios, Eclesiastes, Cantares e Ester no Cânon Hebraico. Nada foi modificado, o Cânon Judaico permaneceu inalterado.

O Terceiro Concílio de Cartago, em 397, propôs a inclusão desses livros no Cânon Sagrado, mas como de leitura adequada, mesmo assim Jerônimo resistiu. Eles foram incluídos na Vulgata, mas ocupando um lugar secundário, apresentando essa diferença entre os *libri ecclesiastici* e os *libri canonici*.

Os reformadores reconheceram os apócrifos como indignos e contraditórios com as doutrinas dos livros canônicos. Em 1534 Martinho Lutero traduziu a Bíblia completa e incluiu os apócrifos com estes dizeres: "Apócrifos, isto é, livros que não são considerados iguais a Sagrada Escritura, porém sua leitura é útil e boa". Em 1827, a British and Foreign Bible

Society (Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira) decidiu excluir os apócrifos de suas Bíblias e pouco depois os americanos seguiram o mesmo padrão.

Esses livros apresentam erros históricos, geográficos e anacronismos. Ensinam doutrinas falsas e incentivam práticas divergentes das Escrituras inspiradas. O estilo destoa das Escrituras Canônicas e faltam o caráter divino e a autoridade profética. Fílon, Josefo, o Sínodo de Jâmnia, Orígenes, Cirilo de Jerusalém, Atanásio e muitos outros da patrística citaram tais livros, mas jamais nenhum deles reconheceu a sua autoridade.

O Cânon Hebraico constitui-se apenas do Velho Testamento, embora seu texto seja igual ao nosso Velho Testamento em português, sedo porém, diferente apenas no seu arranjo. Os judeus consideram os livros de Samuel como se fossem apenas um livro, da mesma forma os livros dos Reis, das Crônicas, Esdras e Neemias, também os 12 livros dos Profetas Menores como um só livro, sendo os nossos 39 livros reduzidos a 24, sem, contudo, alterar o seu conteúdo.

A Bíblia Hebraica, desde a época do ministério terreno do Senhor Jesus, estava dividida em 3 partes: Lei, Hagiógrafos (Escritos Sagrados) e Profetas, em hebraico, Torah, N^o vyim v^o Chituvim, cuja sigla ainda hoje usada é TANACH. Segundo Josefo, era essa a mesma divisão da Bíblia do primeiro século:

"Temos somente vinte e dois que compreendem tudo o que se passou, e que se refere a nós, desde o começo do mundo até agora, e aos quais somos obrigados a prestar fé. Cinco são de Moisés, que refere tudo o que aconteceu até sua morte, durante perto de três mil anos e a sequência dos descendentes de Adão. Os profetas que sucederam a esse admirável legislador, escreveram em treze outros livros, tudo o que se passou depois de sua morte até ao reinado de Artaxerxes, filho de Xerxes, rei dos persas e os outros livros, contém hinos e cânticos feitos em louvor de Deus e preceitos para os costumes. Escreveu-se também tudo o que se passou desde Artaxerxes até os nossos dias, mas como não se teve, como antes, uma sequência de profetas não se lhes dá o mesmo crédito, que os outros livros, de que acabo de falar e pelos quais temos tal respeito, que ninguém jamais foi tão atrevido para tentar tirar ou acrescentar, ou mesmo modificar-lhes a mínima coisa. Nós os consideramos como divinos, chamamo-los assim; fazemos profissão de observá-los inviolavelmente e morrer com alegria se for necessário, para prová-lo". (História dos Hebreus,[Contra Ápion, Livro I, capítulo 2], CPAD, Rio, 1992).

Dois pontos de fundamental importância encontramos nessa declaração de Josefo. Primeiro, os apócrifos são mencionados como não tendo o mesmo crédito dos demais. Convém lembrar que isso não é coisa dos protestantes, trata-se, portanto, de um documento do final do primeiro século. Em segundo lugar, o historiador apresenta a mesma tríplice divisão que o Senhor Jesus mencionou em Lucas 24.44: "Convinha que se cumprisse tudo o

que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos". Os "Salmos", que representam os Hagiógrafos, pois encabeçam essa última parte. Nesse Cânon Hebraico não constam os apócrifos.

Foi proibida a leitura da Bíblia aos leigos no Concílio de Tolosa em 1222. Com isso a Igreja Católica jubilou a Bíblia e a tradição passou a supplantar a Palavra de Deus, como as autoridades religiosas da época de Jesus. É dever de todo o homem ler a Bíblia, ela mesma ordena essa leitura. Leia sobre o assunto em Deuteronômio 6.6,7; 31.11,12; Josué 1.8; Isaías 34.16; Atos 17.11; 1 Tessalonicenses 5.27; 2 Timóteo 3.15-17 e Apocalipse 1.3. Se hoje há algum incentivo à leitura da Bíblia por parte do clero, é por causa da pressão dos evangélicos, pois a Igreja Católica está perdendo adeptos. Mesmo assim essa leitura é com lentes papistas, como estratégia para conter o crescimento dos evangélicos.

O CELIBATO CLERICAL

Foi instituído em caráter local em 386, por Sirício, bispo de Roma, e imposto obrigatoriamente pelo papa Gregório VII, em 1074. Mantido ainda hoje pela Igreja Católica. Consiste na proibição do casamento aos padres, monges, freiras e seus superiores hierárquicos, é o voto de castidade. A absolvição do padre que se casa só é obtida diretamente pelo papa, ao passo que o padre que comete relação sexual é absolvido mediante confissão auricular feita aos seus pares, a outro padre. Isso parece mostrar que no conceito romanista o casamento é pecado, além disso, mais grave que o adultério e fornicação.

Convém lembrar que os apóstolos eram casados. Há 4 referências no Novo Testamento afirmando que Pedro era casado: Mateus 8.14; Marcos 1.30; Lucas 4.38 e 1 Coríntios 9.5. A Bíblia chama o sistema celibatário de "doutrina de demônios" (1 Tm 4.1-3). Os padres da Igreja Ortodoxa são casados e podem ter filhos, desde que esse casamento seja realizado antes de sua ordenação. Não é permitido seu casamento depois de ordenado, e nem podem tomar-se bispos, se forem casados. Os rabinos são casados e da mesma forma os pastores protestantes.

O casamento não é mandamento, mas escolha individual. O celibato deve ser algo voluntário e não como condição para se tornar padre. Nem a Igreja, nem o papa e nem ninguém tem o direito de proibir um direito concedido por Deus ao homem, como lemos em Gênesis 2.18 e 1 Coríntios 7.2; principalmente os oficiais da Igreja, pois a Bíblia aconselha: "Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher... que governe bem a sua casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia" (1 Tm 3.2-5). Da mesma forma os diáconos, conforme 1 Timóteo 3.12. Essa mesma recomendação reaparece em Tito 1.6-9. Quem não puder se conter, diz o apóstolo Paulo, que se case, 1 Coríntios 7.9.

O PURGATÓRIO

A doutrina do purgatório foi aprovada em 1439, no Concílio de Florença, confirmada definitivamente no Concílio de Trento (1549-1563), mas ela já existia desde 1070. Essa doutrina ensina que os cristãos parcialmente santificados, que seriam a maioria, passa por um processo de purificação através de um sofrimento punitivo para depois entrar no céu. Essa crença veio do paganismo e é muito antiga, não há espaço para ela na Bíblia. É uma doutrina que compromete todo o pensamento bíblico sobre a expiação dos pecados e obra da salvação que Jesus realizou na Calvário.

O atual Catecismo da Igreja Católica, publicado em 1993, cita apenas uma passagem bíblica para justificar essa crença: "Se alguém pecar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro" (Mt 12.32). Cita ainda um texto do livro apócrifo, de 2 Macabeus 12.46. A conclusão apresentada no referido Catecismo é que se há pecados que não serão perdoados no futuro, é porque há os que o podem, no caso seria o purgatório.

Essa analogia de um pecado mortal, segundo o clero romano, imperdoável no futuro com os pecados veniais, segundo o catolicismo é uma camisa- de-força. Além disso, o texto sagrado não deve ser analisado isoladamente para nele se fundamentar uma doutrina. Apenas Mateus usou a expressão "nem no futuro". Marcos 3.29 afirma que tal pessoa "nunca obterá perdão". Isso mostra que a expressão que Mateus registrou indica que tais pessoas jamais receberão perdão, sem vínculo com o além.

O próprio contexto bíblico contraria essa interpretação romanista. Além disso, o mesmo Catecismo reconhece que é uma crença aprovada nos concílios acima citados. Jesus disse no alto da cruz: "Está consumado" (Jo 19.30). A obra da redenção o Senhor Jesus consumou na cruz do Calvário e por isso pode salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus (Hb 7.25). A crença na doutrina do purgatório neutraliza o sacrifício redentivo do Calvário. Com isso estão ensinando os romanistas que o sacrifício de Jesus não foi suficiente para a redenção humana, e que é necessário o fogo do purgatório para purificar os pecados. A Bíblia diz que é o sangue de Jesus que purifica os pecados. Veja 1 João 1.7.

O outro erro doutrinário derivado dessa doutrina é a da salvação após a morte. A salvação é enquanto houver vida: "Buscai ao SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto" (Is 55.6). O perdão dos pecados é só na terra, enquanto S houver vida: "Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho s com ele" (Mt 5.25,26). A Bíblia diz que Jesus morreu para nos salvar e nos livrar do horror da morte: "e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão" (Hb 2.14,15); no entanto, os católicos vivem ainda esse pesadelo. Há apenas dois caminhos: salvação e condenação. Não existe um meio termo.

O ECUMENISMO

O Conselho Mundial de Igrejas, CMI, conhecido como o Ecumenismo, foi criado em 1948 na cidade de Amsterdam, Holanda, com a participação de 351 delegados representando 147 denominações de 44 países. Hoje sua sede é em Genebra, Suíça. A princípio o CMI era protestante, mas em 1961, na Assembléia de Nova Delhi, Índia, a Igreja Ortodoxa Russa, um ramo do catolicismo, filiou-se ao movimento. O concílio Vaticano II apoiou o CMI e assim os católicos romanos ingressaram no ecumenismo e isso alterou o panorama do movimento.

Em 1954, na Assembléia de Evanston, EUA, o CMI declarou: "O Conselho Mundial de Igrejas é uma comunidade de igrejas que reconhece o Senhor Jesus Cristo, de acordo com as Escrituras Sagradas, como Deus e Salvador, e portanto procuram realizar o objetivo para o qual foram conjuntamente convocadas, para a glória de Deus Pai, do Filho e do Espírito Santo". Mas na prática foram além disso, chegando até a investir nos movimentos

esquerdistas do Terceiro Mundo (hoje usa-se a expressão "países em desenvolvimento ou emergentes").

A palavra grega oikoumene, que originalmente significa "todo o mundo habitado", é bíblica. Veja Mateus 24.14; Atos 17.26 e Hebreus 2.5. Essa palavra era também usada nos primeiros séculos da Era Cristã para designar os concílios gerais. Ainda que o termo seja antigo, hoje é ainda usado para designar o movimento que em tese busca a unidade de todas as igrejas cristãs.

E verdade que concordamos com a unidade da Igreja, desde que genuinamente cristã, e isso é bíblico: "para que todos sejam um" (Jo 17.21) . Veja ainda Efésios 3.4,5. Não concordamos com o CMI, primeiro porque seria o retorno ao Catolicismo Romano. Embora eles digam publicamente que também somos cristãos, na prática tudo isso é negado. A prova disso é a luta incansável do clero romano para evitar o crescimento dos evangélicos no Brasil.

CONCLUSÃO

Nosso desejo é que o mundo inteiro seja cristão e conheça o verdadeiro Jesus do Novo Testamento. Para isso trabalhamos incansavelmente nos projetos missionários, enviando-os para muitos países de todos os continentes. Quando ficamos sabendo que uma pessoa abraçou a fé cristã, independentemente de sua denominação evangélica, glorificamos a Deus por isso. Mas parece que o clero romano não manifesta essa mesma alegria, a menos que todo o mundo se encurve à sua religião. Catolicismo Romano e Bíblia não são uma boa combinação.

Em síntese, concluímos que aderir ao CMI seria fazer o jogo do papa além de retrocesso espiritual. Com isso estaríamos comungando com um evangelho que foi rejeitado pelos reformadores. Como ficaria o apelo dramático da Reforma Protestante de Sola Scriptura, Sola Gracia, Solo Christus e Sola Fides para o retorno às Escrituras Sagradas como única de regra de fé e prática? Tudo isso seria desfeito em cinzas com nossa adesão ao CMI.

Capítulo 10

O ESPIRITISMO

"E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo, assim também Cristo, oferecendo-se uma vez, para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação" (Hebreus 9.27,28).

Segundo Allan Kardec, espírita é todo aquele que acredita na manifestação dos espíritos. Com base nesse conceito os adeptos dos cultos afro-brasileiros são também espíritas. Outra declaração curiosa de Kardec é que o espiritismo seria a terceira revelação de Deus à humanidade: Moisés seria a primeira, Cristo a segunda e o próprio Kardec a terceira. Os kardecistas, seguindo orientação de Kardec, afirmam que Cristianismo e espiritismo são uma mesma coisa. Se fosse assim ambos ensinariam também uma mesma coisa sobre Deus, sobre o Senhor Jesus, sobre homem e o pecado, sobre a salvação e a Bíblia. A abordagem aqui é uma análise bíblica sobre o assunto.

COMO TUDO COMEÇOU?

A coluna vertebral do espiritismo é a comunicação com os mortos, necromancia, que exige uma crença na reencarnação. A doutrina da reencarnação, também chamada transmigração das almas é muito antiga, vem desde o Hinduísmo passando pela Grécia antiga, Pitágoras (Séc. VI a. C). Apesar de sua antigüidade, o espiritismo moderno marca seu início em 1848, começou em Hydesville, região de Nova Iorque, Estados Unidos.

As irmãs Margareth, na época com 12 anos de idade, e Katharine Fox afirmaram ver mesas girando e ouvir pancadas na casa. Faziam perguntas e essas eram respondidas mediante estalido de dedos. Elas sentiram a sensação de estar se comunicando com o mundo invisível. Isso chamou a atenção de muita gente; logo, estas práticas começaram a se espalhar.

Elas se tornaram médiuns e percorreram a Europa difundindo a comunicação com os mortos. Depois elas mesmas contaram que tudo isso era coisa de vivos e não de mortos. Foi na Academia de Música de Nova Iorque que Margareth, em 1888, contou que os ruídos eram porque, desde os seus sete anos de idade aproximadamente, aprendeu deslocar maçãs, puxadas por fios cobertos com papel, para assustar sua sobrinha. A mãe foi enganada pela aparente imobilidade da filha e atribuiu os sons a um espírito. Essa retratação foi publicada em 24 de setembro de 1888, no New York Herald.

Margareth demonstrou na presença de todos a técnica, que havia aprendido ainda muito nova, de provocar estalidos com os dedos dos pés. O Jornal World, de Nova Iorque, diz que no dia 21 de outubro de 1888 Margareth deu uma demonstração desses estalidos:

"Um simples tamborete ou mesinha de madeira, descansando sobre quatro pés curtos e tendo as propriedades de uma caixa de ressonância foi colocado diante dela. Tirando o calçado, colocou o pé direito sobre esta mesinha. Os assistentes pareciam conter a respiração, e esse grande silêncio foi recompensado por uma série de estalidos breves e sonoros — os tais sons misteriosos que, por mais de quarenta anos, têm assustado e desorientado centenas de milhares de pessoas, em nosso país e na Europa... Uma comissão, composta de três médicos convocados entre os assistentes, subiu então ao palco e, examinando o pé durante o som das 'pancadinhas', concordou, sem hesitar, que os sons eram produzidos pela ação da primeira junta do dedo grande do pé". (MOREIRA, Reginaldo Pires. Grandes Verdades Sobre o Espiritismo, JUERP, Rio, 1997, p. 37).

As irmãs Fox tornaram-se alcoólatras e viram-se obrigadas a se retratar publicamente de suas fraudes.

A linha espírita mais conhecida hoje no Brasil é a kardecista, nome derivado de Allan Kardec. Nascido em 1804, seu nome verdadeiro era Hipolyte Léon Denizard Rivail, médico e professor francês. Lançou o seu primeiro livro O Livro dos Espíritos, em 1857. Influenciado por um amigo, passou a frequentar reuniões espíritas e, por fim, tornou-se médium. Em 1858 ele organizou em Paris a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Adotou o nome Allan Kardec alegando ser o seu nome na outra encarnação. Faleceu em 1869.

Antes mesmo da morte de Kardec, Luís Olímpio Teles de Menezes fundou em Salvador, BA, o primeiro centro espírita, em 1865. Em 1873 foi fundado no Rio de Janeiro a Sociedade de Estudos Espíritos do Grupo Confúcio, que se encarregou de traduzir para o português as obras de Allan Kardec. Dessa Sociedade surgiram outros grupos. Dez anos depois começaram a publicar a revista Reformador, que hoje é o órgão oficial da Federação Espírita Brasileira.

TEOLOGIA ESPÍRITA

Os espíritas recusam aceitar a Bíblia como a infalível Palavra de Deus. Fazem uso dela para justificar algumas de suas crenças nalguns textos bíblicos selecionados e interpretados fora do contexto. O que Jesus chamou de novo nascimento em João 3.3: "...aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus"; eles chamam de reencarnação. O absurdo dessa interpretação kardecista pode ser visto nas palavras do próprio Senhor Jesus: "O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito" (Jo 3.6). Ainda que existisse reencarnação, mesmo assim seria nascer da carne. Logo Jesus não estava falando de reencarnação, mas do novo nascimento, de alguém se converter à fé cristã.

Como eles acreditam que são a terceira revelação de Deus à humanidade, logo não precisam da Bíblia. Suas crenças vêm dos espíritos, principalmente das obras de Allan Kardec, O Livro dos Espíritos e o Evangelho Segundo Allan Kardec, revelações

contraditórias em si mesmas e de fontes estranhas. Pode ser cristão quem não acredita na Bíblia? Não. A fonte única de autoridade para a vida e a conduta do cristão é a Bíblia. É a única revelação escrita de Deus à humanidade, pois "... os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (1 Pe 1.21). Ela é inspirada por Deus e perfeita. Veja 2 Timóteo 3.16; salmo 19.7.

Seu conceito sobre Deus

Uns são deístas, doutrina que afirma a existência de Deus, mas que ele está muito longe de nós e não se envolve com os assuntos humanos. É como um relojoeiro que dá corda a um relógio e esquece dele. Doutrina dos epicureus. Nós somos teístas, é a doutrina bíblica que ensina que Deus está muito próximo de nós: "... ainda que não longe de cada um de nós" (At 17.24-27) e que está interessado no ser humano (Hb 11.6). Outros são panteístas, doutrina que confunde o Criador com a criatura. Mas há declarações panteístas nos escritos de Allan Kardec como, por exemplo: "Deus é a inteligência suprema".

A Bíblia revela um Deus pessoal, com atributos pessoais, tem vontade própria, consciência de si mesmo. A Bíblia fala das tábuas da lei "escritas pelo dedo de Deus" (Êx 31.18); fala do coração de Deus "Achei a Davi, filho de Jessé, varão conforme o meu coração" (At 13.22). Ele tem parecer e voz: "Vós nunca ouviste a sua voz, e nem vistes o seu parecer" (Jo 5.37). Não é, portanto, correto afirmar que Deus seja impessoal, é, portanto, anti-bíblico o panteísmo.

Allan Kardec, em sua obra O Livro dos Espíritos, afirma que Deus é único. E verdade que a Bíblia fala da unidade de Deus. Isso já vimos em Deuteronômio 6.4. Como Kardec nada falou sobre a Trindade, fica claro que essa unidade a que se refere não é a mesma unidade composta revelada na Bíblia, constituída de Pai, Filho e Espírito Santo. Veja Mateus 28.19. Além disso, os principais expositores espíritas negam a doutrina da Trindade.

Seu conceito sobre Jesus Cristo

Rejeitam a deidade absoluta de Jesus. As Testemunhas de Jeová modificaram passagem de João 1.1, na TNM, usando a seguinte expressão: "e a Palavra era [um] deus", na versão espanhola, sequer aparecem os colchetes em "um". Esse é um dos artifícios da Sociedade Torre de Vigia. Mas, o artifício dos espíritas é diferente, argumentam que foi o apóstolo João quem escreveu o texto, que não são palavras de Jesus, logo não teria a mesma autoridade. Isso por si só revela a fraqueza dessa sua interpretação. Qual, pois a diferença entre as palavras *ipsis litteris* de Jesus e as do apóstolo inspirado? Todavia, não existe na Bíblia textos mais inspirados do que outros, toda a Bíblia é inspirada por Deus.

Jesus é colocado no mesmo nível dos grandes filósofos ou fundadores de religião do passado como Sócrates, Buda, Confúcio, Zoroastro, Maomé e outros. Socialmente falando, os espíritas se apresentam como pessoas amáveis e simpáticas, cheias de boas intenções, ajudando creches e instituições filantrópicas. Não se dão conta do quanto estão desonrando a Deus em considerar o Senhor Jesus como apenas um mero iluminado ou ilustre humano igual a tantos outros. No campo espiritual, eles são arrogantes e presunçosos. Já têm o evangelho segundo Allan Kardec e não admitem precisar de Jesus, sequer consideram o espiritismo como religião e muito menos seita.

Não reconhecer a singularidade de Jesus é negar o Cristianismo. A Bíblia diz que Jesus está à direita de Deus nos céus, "acima de todo principado, e poder, e potestade, e

domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro" (Ef 1.21). Isso incomoda o reino das trevas.

Jesus é incomparável: "...Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp 2.9-11). Nenhum nome na terra pode ser comparado com o de Jesus, pois há uma diferença abissal e infinita entre Jesus e qualquer um dos mais ilustres mortais que já viveu na terra. Jesus está vivo e tem todo o poder no céu e na terra, esses homens, entretanto, já morreram e não puderam ressuscitar a si mesmo, pois continuam no túmulo. E, pois, insensatez e desatino espiritual colocar Jesus no mesmo nível de qualquer ser humano.

Jesus declarou mais de uma vez ser Deus: "... antes que Abraão existisse, eu sou" (Jo 8.58); "Eu e o Pai somos um" (Jo 10.30). Veja ainda João 5.17. A Bíblia diz, com todas as letras, que Jesus é Deus, igual ao Pai, com os mesmos atributos divinos, tais como: onipotente, onisciente, onipresente, eterno Criador. Veja Mateus 28.18;18.20; João 21.17; Hb 13.8; João 1.1-3. Nem Moisés, nem Confúcio, nem Zoroastro, nem Sócrates, nem Maomé: nenhum deles jamais declarou ser Deus, mas Jesus o fez e persuadiu a maioria, visto que o Cristianismo é a maior religião do planeta.

Seu conceito sobre Satanás e os demônios

Os espíritas não acreditam na existência de Satanás e seus demônios. Afirmam que Satanás não é um ser real, mas simplesmente a personificação do mal. Negam também, como as Testemunhas de Jeová e os adventistas do sétimo dia, a existência do inferno ardente.

Quem aceita a Bíblia como revelação de Deus está impossibilitado de negar a existência real do inimigo de nossas almas, Satanás. Sete livros no Velho Testamento ensinam que Satanás é um ser real e pessoal: Gênesis, 1 Crônicas, Jó, Salmos, Isaías, Ezequiel e Zacarias. Além disso, todos os autores do Novo Testamento descrevem as atividades de Satanás, ou Satã, também conhecido com o diabo. Há 29 referências sobre Satanás só nos evangelhos, e delas 25 são palavras diretas de nosso Senhor Jesus Cristo. Veja Mateus 13.39; Lucas 10.18; 11.18. Seria, portanto, absurdo se Satanás não existisse como ser pessoal.

Ele não teria responsabilidade moral se não fosse uma pessoa, no entanto, Jesus disse que na consumação dos séculos, quando separará os justos dos injustos, dirá aos que estiverem à sua esquerda: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos" (Mt 25.41). Nos relatos bíblicos encontramos que Satanás tem vontade própria, inteligência e emoção. Veja Isaías 14.12-14; 2 Coríntios 11.3; 2 Timóteo 2.26; Ap 12.17.

Ele aparece em toda a Bíblia agindo como pessoa, basta ler a tentação de Jesus no deserto registrada em Mateus 4.1-12. Pertence a ordem dos anjos decaídos, como anjo é também ser espiritual: "...o príncipe das potestades do ar, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência" (Ef 2.2). Veja ainda Ezequiel 28.12-15 e Judas 9.

Seu conceito sobre a salvação

Os espíritas não reconhecem os efeitos redentivos da morte de Jesus, afirmam que nem mesmo Deus seria capaz de salvar alguém, cada um, portanto, deve resgatar-se a si

mesmo. É a doutrina da auto-salvação, ensinada na doutrina da reencarnação. São ensinamentos diametralmente opostos aos ensinamentos da Bíblia, visto que ninguém pode salvar-se a si mesmo, pois "todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Rm 3.23).

A ideia de o homem ser salvo de graça, pela fé em Jesus Cristo, é uma afronta ao reino das trevas. Isso incomoda Satanás, pois ele não quer que Jesus receba a glória de ser o Redentor, o Salvador da humanidade. O sacrifício de Jesus não é meramente a morte substitutiva de um homem perfeito em favor dos homens pecaminosos, mas um sacrifício de valor infinito do Deus-homem, que salva os que nele crê. Veja Romanos 3.24-26. Satanás inspira e incentiva os incrédulos a buscarem a salvação com seus próprios recursos, rejeitando a salvação que Deus preparou para a humanidade. A maior arma que o Inimigo usa contra essa doutrina é a própria religião.

A REENCARNAÇÃO

A palavra vem do latim, re significa "outra vez" e incarnere, que vem de duas palavras in e caris que significa "em carne". No mundo do ocultismo outras palavras e expressões são usadas para designar "reencarnação", por exemplo: "transmigração, renascimento, metempsicose". Essa crença é comum em muitas comunidades pagãs. É praticada pelo hinduísmo, budismo e jainismo. Essa doutrina visa neutralizar a doutrina bíblica da ressurreição dos mortos e da redenção pela fé em Jesus.

Hoje essa crença tem alcançado popularidade nunca vista antes. Tem por objetivo aperfeiçoar a humanidade no sentido moral, espiritual e até físico. É a doutrina do carma, uma espécie de causa e efeito: tudo o que o homem semear nesta vida será colhido na próxima suposta reencarnação. Em outras palavras, acham que não precisam de Jesus, basta ser bonzinho com o próximo. Mas a Bíblia diz que a salvação não é por obra de justiça humana, mas um ato da soberana graça de Deus. Veja Isaías 64.6; Efésios 2.8,9; Tito 3.5.

Os espíritas jactam-se de ter a explicação para o fenômeno do sofrimento humano. Quem nasce com defeito físico ou com problema muito sério de saúde, dizem que é a lei do carma. Essa pessoa está pagando o que fez em outras encarnações, e assim ela vai se aperfeiçoando. Por essa razão procuram ser generosos, fundam creches e dão assistência aos necessitados. Segundo eles, reencarnações e boas obras são os meios para a salvação. Uma tentativa de angariar a salvação por seus próprios méritos.

Quando os discípulos de Jesus lhe perguntaram quem havia pecado, se o cego de nascença ou seus pais, a resposta de Jesus foi clara e destrói completamente o argumento espírita: "Nem ele pecou, nem seus pais" (Jo 9.3). Além disso, seria muito cruel alguém padecer sem saber o porquê. Jamais alguém se lembra dessa suposta encarnação, é óbvio, porque ela não existe. A Bíblia diz que reencarnação não existe, pois "aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo" (Hb 9.27).

SAUL E A MÉDIUM DE EN-DOR

Já vimos que os espíritas não creem na Bíblia e nem reconhecem a sua autoridade como Palavra de Deus. Mas quando o assunto interessa a eles, nesse caso, a Bíblia é evocada como autoridade. Eles reivindicam o texto de 1 Samuel 28, onde registra o episódio de Saul e a feiticeira, para consubstanciar a prática da necromancia, condenada pela Palavra de Deus. Afirmam que Samuel se comunicou com Saul, mesmo depois de sua morte.

Ainda que isso tivesse acontecido, cabe ressaltar que Saul estava desviado e cujo comportamento não é padrão para a vida cristã. Devemos atentar ainda para o que a Bíblia manda e não para o que um desviado fez. Diz a Bíblia: "Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador de encantamento, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos" (Dt 18.10,11). Consultar os mortos é a prática da necromancia e isso é a viga-mestra do espiritismo. Eles estão reprovados por Deus e por sua Palavra. Isso é uma abominação aos olhos de Deus, é o que diz o versículo seguinte.

Deus não respondeu a Saul nem por sonhos, nem por Urim e nem por profeta: "E perguntou ao SENHOR, porém o SENHOR lhe não respondeu, nem por sonhos, nem por urim, nem por profetas" (1 Sm 28.6). Saul em desespero se disfarçou de cidadão comum e foi se consultar com uma médium. Samuel falou de fato com Saul nessa sessão espírita? Vamos aos fatos. A luz do contexto, a feiticeira de En-Dor falou com os "deuses", que subiam e não com Samuel. Além disso, só depois que a médium recebeu a entidade é que reconheceu que era Saul. A partir de então o suposto Samuel falava com Saul. Veja 1 Samuel 28.8, 12,13.

Como podemos saber que não era Samuel mas um demônio disfarçado? A Bíblia apresenta algumas respostas que esclarecem essas coisas. O suposto Samuel disse: "Amanhã tu e teus filhos estareis comigo" (1 Sm 28.19). Saul não morreu no dia seguinte. A Bíblia Vida Nova, na nota de rodapé, afirma que Saul morreu 18 dias depois dessa visita à médium. Basta somar os dias mencionados nessa narrativa bíblica para se confirmar isso.

Não morreram todos os seus filhos no dia seguinte e nem mesmo juntos dele. Pelo menos Isbosete, Armoni e Mefibosete sobreviveram. Veja 2 Samuel 2.8-10; 21.8. Um desviado que se suicida não vai para o mesmo lugar onde se encontra um profeta de Deus. Saul, portanto, não pode ter ido para junto de Samuel. Saul não foi entregue nas mãos dos filisteus, ele se suicidou: "... Saul tomou a espada e se lançou sobre ela" (1 Sm 31.4). A Bíblia diz que Deus não deixou cair por terra nenhuma palavra de Samuel. Veja 1 Samuel 3.19. Logo, o tal personagem que falou com Saul não pode ter sido Samuel.

Deus se revelava nos tempos do Velho Testamento por diversas maneiras: sonhos, urim e tumim e por profetas. Veja Jó 33.15-17; Êxodo 28.30; Hebreus 1.1. São esse os três recursos que a Bíblia diz que Deus se recusou responder a Saul. Quando, naquela época, alguém consultava um profeta de Deus era o mesmo que consultar a Deus, pois o profeta era porta-voz de Deus. A Bíblia, entretanto, afirma que Saul consultou a "feiticeira e não a Samuel nem ao Senhor: "... e também porque buscou a adivinhadora para a consultar e não buscou o SENHOR..." (1 Cr 10.13,14). Se Saul tivesse consultado a Samuel teria consultado a Jeová, Deus de Israel.

Diante de tudo isso, fica claro que essa entidade era o espírito demoníaco disfarçado de Samuel, como acontece nas sessões espíritas ainda hoje. Os mortos não podem ter contato com os vivos, pois são espíritos de demônios que se manifestam nessas práticas, e isso pode justificar o fato de Deus haver proibido a prática da necromancia. O texto do rico e Lázaro confirma isso. Veja Lucas 16.27-31.

ELIAS E JOÃO BATISTA

Os espíritas têm feito grandes alardes com relação à passagem de Mateus 17.10-13 para justificar a falsa doutrina da reencarnação, afirmando que João Batista é Elias

encarnado. No texto da transfiguração de Jesus, apareceram Elias e Moisés. Os espíritos, porém, não se dão conta de que Moisés morreu cerca de 1.400 anos a.C., e reaparece sendo o mesmo Moisés, e não uma reencarnação de Moisés, e Elias sequer morreu. Veja 2 Reis 2.11.

Entendendo o contexto bíblico e histórico dessa passagem, fica muito mais fácil mostrar a fragilidade dessa interpretação dos espíritos. Os judeus aguardavam a vinda do Messias precedida da vinda de Elias, por isso que os discípulos de Jesus perguntaram: "Por que, dizem, então, os escribas que é mister que Elias venha primeiro?" (Mt 17.10). Até aí a interpretação rabínica estava correta e o Senhor Jesus confirmou, pois isso já estava previsto no profeta Malaquias 4.6.

João Batista veio na virtude e no espírito de Elias: "e irá adiante dele no espírito e virtude de Elias" (Lc 1.17). Essa expressão não significa que João Batista seja Elias reencarnado, mas que João teria as características de Elias. Isso se cumpriu em sua vida e ministério. Ele se vestia como Elias: veste de pêlo e cinto de couro, ambos eram homens do deserto, ambos eram contundentes em suas palavras e pregaram contra reis ímpios. Compare 2 Reis 1.8 com Mateus 3.4; 1 Reis 19.9,10 com Lucas 1.80; 1 Reis 21.20-27 com Mateus 14.1-4.

O próprio João Batista, consciente de sua identidade e missão, disse que não era Elias: "Es tu Elias? E disse: Não sou" (Jo 1.21). Veja João 1.26, 27, 32, 33. João era Elias em espírito e isso destrói a atual ideia judaica que rejeita aceitar Jesus como o Messias de Israel, pois, segundo eles, Elias deveria vir primeiro, isso porque não sabem que a profecia de Malaquias 4.6 se cumpriu em João Batista.

A LEGIÃO DA BOA VONTADE

Na impossibilidade de comentar todos os grupos espíritas do Brasil, convém que todos saibam algo sobre a Legião de Boa Vontade. Muita gente "compra gato por lebre", pois tem a aparência de cristão. Quem ouve a mensagem de sua liderança fica encantado, pensando ouvir uma mensagem do evangelho de Jesus Cristo, mas, como as demais seitas, o Jesus deles não é o mesmo revelado no Novo Testamento.

Fundado por Alziro Zarur, filho de sírios católicos ortodoxos, nascido em 1914. Fundou oficialmente a Legião da Boa Vontade em 1950. Zarur faleceu em 1979 deixando a instituição com quase um milhão de integrantes, que o chamavam de "Paizinho". Em vida fez votos de pobreza, celibato e não envolvimento político. Não cumpriu nenhum deles. Kardec declarou ser o espiritismo a terceira e última revelação de Deus à humanidade, Zarur, entretanto, declarou que a LBV era a quarta revelação. Paiva Netto disse que "Zarur e Kardec são um no Cristo de Deus". Como a Nova Era, absorve todas as religiões.

Negam a personalidade do Espírito Santo e a infalibilidade da Bíblia. Negam ainda o parto de Maria e, portanto, a humanidade de Cristo. Dizem que Jesus fracassou, por isso Zarur veio completar a sua obra, igual a doutrina do Rev. Moon. Negam a deidade de Cristo e a doutrina do inferno e defendem a reencarnação.

Basta uma recapitulação nos capítulos que falam dos Fundamentos da Fé Cristã para demolir essas crenças errôneas. Não haveria mais necessidade de refutar tudo novamente aqui. Todavia, convém nunca se esquecer que o Espírito Santo é Deus e a terceira Pessoa da Trindade: "Batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.19). Isso mostra que ele é Deus e é uma Pessoa.

Quanto à infalibilidade da Bíblia seria supérfluo refutar as crenças da Legião da Boa Vontade aqui, pois a veracidade, inspiração divina e autoridade da Bíblia são fatos mais que

comprovados. A Bíblia é o Livro do Senhor e é inspirado por Deus. Ninguém jamais pôde provar o contrário. Veja Isaías 34.16; 2 Timóteo 3.16. Isso já foi estudado no capítulo 2.

Quanto ao Senhor Jesus, seu nascimento é um fato real e histórico. O parto de Maria é um fato irrefutável. A Bíblia diz: "... Maria, sua mulher, que estava grávida. E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. E deu à luz o seu filho primogênito" (Lc 2.5-7). Como pode se considerar cristão quem procura negar uma verdade explícita na Palavra de Deus? Isso não é Cristianismo e nem esse Jesus dos legionários é o Jesus histórico, do Novo Testamento. Veja ainda Mateus 1.20 e 2 Coríntios 11.4.

Quando Adão pecou, Deus prometeu que da semente da mulher sairia aquele que esmagaria a cabeça de Satanás, e que Satanás lhe feriria o calcanhar: "E porei inimizade entre ti e mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn'3.15). Ferir o calcanhar não é outra coisa senão uma referência à crucificação do Senhor Jesus. Através da sua morte Cristo ganhou a batalha sobre Satanás e redimiu a humanidade, ou seja, todo o que nele crê.

O profeta Isaías, no capítulo 53, apresenta detalhes da morte de Jesus. O texto sagrado fala claramente da vinda de Cristo e sua obra redentora pela humanidade. Jesus, mesmo levando nossos pecados na cruz, ele mesmo ofereceu-se como sacrifício. A palavra profética diz: "Todavia, ao SENHOR agradou o moê-lo, fazendo-o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado..." (Is 53.10). Jeová fez isso para oferecer a Cristo como um sacrifício pelos pecados do homem.

Deus é justo. Ele diz em Romanos 6.23: "Porque o salário do pecado é a morte". Isso significa eterna separação de Deus. Mas Deus também é misericordioso, querendo que a humanidade não fosse ao inferno. A morte de Cristo foi planejada antes mesmo do momento em que o homem caiu, como solução para seu pecado. Veja ainda João 1.29; 8.24; 10.17,18. O que leva essa gente pensar que a morte de Jesus foi um acidente de percurso? O Senhor Jesus completou, sim, sua missão na terra, ele disse: "Está consumado" (Jo 19.30).

O Jesus do Novo Testamento é o verdadeiro Deus e o verdadeiro homem, é o Deus-homem, o Deus Emanuel, "Deus conosco". Sendo Deus, era ao mesmo tempo homem: "Jesus Cristo homem" (1 Tm 2.5). Jesus tornou-se homem para que "em tudo fosse semelhante aos irmãos" (Hb 2.17), "mas sem pecado" (Hb 4.15). A Bíblia diz que é pecado negar o lado humano de Jesus: "todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus" (1 Jo 4.3). Veja Mateus 1.23; João 1.1; Tito 2.13.

CULTOS AFRO-BRASILEIROS

Os cultos afro-brasileiros são mágicos e necromantes, portanto são espíritas, por mais que os kardecistas rejeitem essa idéia. Por definição do próprio Kardec, "espírita é todo aquele que acredita na manifestação dos espíritos". A necromancia, em si somente, faz do kardecismo espiritismo. Não importa qual seja a origem ou natureza desses espíritos, no conceito deles. Da mesma forma os cultos afro-brasileiros, em todos os seus ramos, têm em comum o necromancia e a magia.

Suas origens e crenças

Os cultos afro-brasileiros chegaram ao Brasil através dos escravos africanos, na era do Brasil Colonial desde 1530. Sudaneses e bantos são os dois principais grupos de escravos

que vieram para cá. Os sudaneses saíram de Daomé, da Nigéria e do Sudão, predominando os yorubas ou nagôs e os gêges. Os bantos vieram do Congo, Angola e Moçambique. A cultura sudanesa predominou as outras. Nunca houve no Brasil cultura africana pura, sem mistura de outras culturas.

O sincretismo religioso nagô-gêge deu a feição dos cultos afro-brasileiros, segundo Arthur Ramos, em sua obra, O Negro Brasileiro. Suas tradições religiosas trazidas da África foram mescladas, aqui no Brasil, e adaptadas de acordo com as práticas regionais. Os nagôs reconhecem a divindade suprema, conhecida pelo nome de Olorun. Tido como senhor do céu, na África, mas não pode entrar em contato com os homens. Por isso necessita de divindades secundárias para representá-lo, que são os orixás, para os nagôs; e voduns, para os gêges. Ele não é objeto direto de culto, mas intermediados pelos orixás.

Eles são animistas, crença que atribui vida espiritual ou alma aos objetos inanimados. Dizem que plantas, aves e outros animais possuem alma. Acreditam que a natureza, na sua totalidade, está carregada e possesora de seres espirituais. Dizem que quando as pessoas morrem, seus espíritos ficam vagueando pelos lugares onde essas pessoas viviam e frequentavam. Segundo suas crenças, esses espíritos habitam colinas, pedras, árvores, ar em volta das pessoas. Os animistas reconhecem a existência de um ser supremo, mas não um Deus pessoal.

Eles são também fetichistas. Fetichismo descreve os sistemas de crenças, com características geralmente animistas. Atribuem a certos objetos propriedades mágicas ou divinas, que muitas vezes exige-se reverência, adoração, gratidão e oferendas. Acreditam que através desses rituais, esses espíritos ou divindades podem interferir na natureza para conceder graças ou vinganças.

Não é possível descrever suas crenças sobre a divindade, sobre o homem e seu destino porque eles não têm um livro padrão ou doutrinário. Cada pai-de-santo apresenta seu conceito sobre essas coisas, que muitas vezes divergem de outros pais-de-santos sobre a divindade, sobre a natureza e o destino do homem. Cada terreiro tem sua própria doutrina e isso dificulta o estudo de suas crenças.

A Bíblia condena todos os ramos do espiritismo

Essas práticas são condenadas pela Bíblia. É paganismo e idolatria, pois crêem em tudo, menos no Deus pessoal revelado na Bíblia. Jesus disse: "E a vida eterna é essa: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17.3). Também nos ensinou a adorar somente ao Deus de Israel: "Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele servirás" (Mt 4.10). Sobre a idolatria veja ainda Êxodo 20.2-6; 2 Rs 1.3.

Esses espíritos, encantados ou de supostos mortos, são demônios disfarçados para desencaminhar as pessoas. Suas práticas adivinhatórias são condenadas pela Bíblia. Os kardecistas se utilizam da necromancia, adivinhação tida como uma abominação aos olhos de Deus: "... nem encantador de encantamento, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos, pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao SENHOR..." (Dt 18.11,12). Essa passagem bíblica coloca num mesmo bojo kardecistas e praticantes dos cultos afro-brasileiros.

Há outras práticas adivinhatórias, igualmente condenadas pela Bíblia, como as cartas de tarô, búzios, quiromancia, hepatoscopia, e outras: "Não vos virareis para os adivinhadores e encantadores, não os busqueis... Quando, pois, algum homem ou mulher em si tiver um espírito adivinho ou for encantador, certamente morrerão..." (Lv 19.31; 20.27).

É ao verdadeiro Deus que o homem deve buscai" e consultar, não a esses chamados "espíritos familiares". Veja Isaías 8.19,20.

As ramificações dos cultos afro-brasileiros

Os três principais grupos são: Umbanda, Quimbanda e Candomblé. Eles não se consideram espíritas, mas suas práticas dizem o contrário. O alto espiritismo não trabalha com adivinhação como búzios, quiromancia, nem com os diversos ramos da cartomancia e outras formas de adivinhação. A coluna vertebral do alto espiritismo é a reencarnação e a necromancia. Mas a necromancia é uma forma de adivinhação. Ambos os grupos são feitiçaria, pois todos mexem com encantamentos, espíritos e magias. O profeta Isaías descreve com precisão essas práticas condenadas pela Palavra de Deus. Veja Isaías 65.3-5.

A Umbanda é uma mescla de raças. Há elementos indígenas — pajelança, bebidas, ervas para banhos, charutos etc.; elementos africanos — candomblé; e elementos brancos — as imagens do catolicismo romano. Os orixás correspondem aos santos da Igreja Católica. Há variedade nessas correspondências. Oxóssi representa São Sebastião em São Paulo e Rio de Janeiro, mas representa São Jorge, na Bahia. Os pais-de-santo ou mães-de-santo recebem espíritos de índios e pretos velhos. O deus deles é chamado Zâmbi.

O Candomblé é crença tipicamente africana. Há variedades nessas práticas porque eles vieram de várias regiões da África. Ketu, da Nigéria, orixá principal, Xangô e Oxóssi (Odá no dialeto ketu). Angola, orixá principal é Xangô, de Angola. Gêge, de Daomé, orixá principal é Oxumaré, uma serpente, símbolo é arco-íris. Os orixás são espíritos encantados e não dos mortos como na Umbanda e até mesmo do kardecismo. Umbanda e Candomblé são chamados de Xangô em alguns estados do Nordeste, Alagoas e Pernambuco e no Agreste nordestino são chamados Catimbó.

A Quimbanda é a própria magia negra. O deus principal deles é Exu, Lúcifer, Beelzebu e o próprio Satanás. Às vezes são divindades femininas, exemplo "Pomba-Gira" — espírito de prostituição. Os pais-de-santo recebem espíritos de deuses africanos. Beelzebu é cultuado pelo quimbandistas e é representado pela cabeça de boi. O culto deles é diretamente a Satanás, diferente da Umbanda e do Candomblé, pois estes adoram a Satanás, mas de maneira disfarçada. Exu é o deus principal.

CONCLUSÃO

Reencarnação e necromancia são a coluna vertebral do espiritismo. A luz da Bíblia todos esses grupos estão no mesmo bojo. Os adeptos dos cultos afro-brasileiros são mais receptivos ao evangelho de Jesus do que os kardecistas. Os adeptos do chamado alto espiritismo são arrogantes e presunçosos. Creem que já têm o evangelho segundo Allan Kardec e por isso julgam não precisarem de Jesus. Todos precisam de Jesus e precisamos estar preparados para evangelizá-los.

Capítulo 11

O MORMONISMO

"Ninguém vos domine a seu bel-prazer, com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão" (Colossenses 2.18).

O mormonismo é conhecido como a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Embora seus adeptos afirmem que são cristãos, seu cristianismo é estranho ao Novo Testamento, suas crenças se identificam mais com o paganismo e o ocultismo. O livro A Grande Apostasia, da autoria de James E. Talmage, proeminente líder mórmon, diz o seguinte: "A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias declara-se, pelo seu nome, distinta da Igreja Primitiva estabelecida por Cristo e seus apóstolos" (p.34). Com essa declaração os mórmons estão afirmando que professam outro cristianismo, outro evangelho e um outro Jesus. E sobre isso que trata o presente capítulo.

ORIGEM DO MORMONISMO

O fundador do movimento, Joseph Smith Jr., nasceu em 23 de dezembro de 1805, em Sharon, Estado de Vermont, Estados Unidos. Filho de Joseph e Lucy Smith. Foi transferido com sua família para Nova Iorque aos 14 anos de idade. Seu pai era obcecado por procurar tesouros escondidos e sua mãe, depois, mostrou-se também mística. Joseph Smith, mesmo depois de sua suposta visão, continuou sendo caçador de tesouros escondidos juntamente com seu pai.

A versão oficial do mormonismo é que Joseph Smith Jr. andava muito preocupado por causa de "uma agitação anormal sobre questões religiosas" que se generalizou envolvendo todas as "seitas", citando nominalmente os metodistas, presbiterianos e batistas (Pérola de Grande Valor — PGV, Joseph Smith 2.5). Por causa disso queria saber qual a verdadeira igreja. Diz que estava orando pedindo a Deus orientação sobre essa questão quando teve

uma visão, num bosque, na primavera de 1820, em que viu o Pai e seu Filho Jesus Cristo. Perguntou-lhes qual a religião verdadeira. A resposta divina é que todas as igrejas haviam se apostatado e seus credos uma abominação. (PGV, Joseph Smith 2. 10, 11, 15-20).

O fundador do mormonismo alega que em 1823, quando estava com 17 anos de idade, recebeu a visita de um estranho anjo chamado Moroni, que lhe revelou a existência de um livro, escrito em placas de ouro, no monte Cumorra, nas proximidades de Palmyra, Nova Iorque, que traduzidas formaram o Livro de Mórmon. Moroni retornou mais vezes em 1827, quando o primeiro profeta mórmon alega ter recebido as placas de ouro (PGV, Joseph Smith 2.29 - 46).

Em maio de 1829 alega que recebeu, juntamente com Oliver Cowdery, outra visão. João Batista apareceu numa nuvem impondo sobre eles as mãos, conferindo o sacerdócio de Arão. Depois os dois se batizaram um ao outro e um ao outro se ordenaram (PGV, Joseph Smith 2.66-75). Pouco depois disso, alega que receberam a visita de João, Pedro e Tiago que lhes conferiram o sacerdócio de Melquisedeque e autoridade para imposição de mãos transmitindo o dom do Espírito Santo.

Em 6 de abril de 1830, em Fayette, Nova Iorque, Joseph Smith e mais 5 companheiros fundaram o seu movimento, na época, conhecido com o nome de Igreja de Cristo, depois o nome foi mudado para Igreja dos Santos dos Últimos Dias, e finalmente, em 1834, passou a ser chamada de Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Joseph Smith morreu em 27 de junho de 1844, no cárcere de Carthage, Illinois, trocando tiros com uma multidão revoltada. Isso levou os mórmons a considerá-lo herói e mártir. Até onde se sabe, mártir não morre empunhando armas.

Brigham Young sucedeu Joseph Smith, deixou Nauvoo, Illinois, e se estabeleceu no vale de Salt Lake City, estado de Utah, em 1847, que desde essa data é a sede mundial do mormonismo. A viúva de Joseph Smith, Emma Smith nunca reconheceu a autoridade de Brigham Young. Surgiram vários grupos dissidentes com a morte de Joseph Smith Jr. Um deles é a Igreja Reorganizada sendo Joseph Smith III, filho de Joseph Smith o apóstolo dessa igreja, considerada apóstata pelo grupo de Salt Lake City.

PROBLEMAS INSUPERÁVEIS NOS RELATOS DE JOSEPH SMITH JR.

O profeta mórmon diz que viu o Pai e seu Filho Jesus Cristo. A Bíblia diz que ninguém jamais viu a Deus, e nem pode ver: "aquele que tem, ele só, a imortalidade e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver; ao qual seja honra e poder sempiterno. Amém" (1 Tm 6.16). Veja ainda João 1.18; Êxodo 33.20.

Joseph Smith afirma ainda que lhe foi revelado que todas as igrejas se apostataram e que todos os credos da cristandade seriam uma abominação. A luz da Bíblia é impossível que não haja igreja fiel na terra. Jesus garantiu a sobrevivência de sua Igreja para sempre: "... e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16.16-18). A Bíblia garante que Deus será glorificado por Jesus Cristo, em sua Igreja, por todas as gerações: "a esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém!" (Ef 3.21). A mensagem, portanto, de Joseph Smith é o outro evangelho mencionado em Gálatas 1.6-9. Convém lembrar que Satanás se transforma em anjo de luz e seus mensageiros em ministros de justiça. Veja 2 Coríntios 11.13-15.

Hoje todos os mórmons reconhecem o sacerdócio de Arão e Melquisedeque, tendo como ponto de partida as supostas revelações de Joseph Smith. A Bíblia, porém, diz que o sacerdócio de Arão foi removido: "De sorte que, se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico (porque sob ele o povo recebeu a lei), que necessidade havia logo de que outro sacerdote se levantasse, segundo a ordem de Melquisedeque, e não fosse chamado segundo a ordem de Arão? Porque, mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança da lei" (Hb 7.11-12). E o de Melquisedeque pertence exclusivamente a Cristo: "mas este, porque permanece para eternamente, tem um sacerdócio perpétuo" (Hb 7.24).

Apalavra grega para "perpétuo", nesse versículo, é *aparabatos*, e só aparece aqui, em todo o Novo Testamento grego, e significa: "imutável, inalterável, intransmissível, intransferível". O Dr. A. T. Robertson diz: "Deus pôs a Cristo neste sacerdócio, e ninguém mais pode se introduzir nele". Os mórmons dizem exercer um sacerdócio, que segundo a Bíblia foi removido, e outro que pertence exclusivamente a Cristo. Essa crença mórmon, portanto, é uma prática inconsistente, sem base bíblica.

A agitação anormal e generalizada envolvendo todas as igrejas da região, em 1820, é totalmente desconhecida. Não consta dos registros dessas igrejas. Historiadores e pesquisadores fizeram uma busca meticulosa nos registros da época e nada encontraram sobre o tal movimento. Uma agitação dessa envergadura dificilmente ficaria no esquecimento. Wesley Walters examinou todas as crônicas disponíveis naquela região, buscando informação sobre tal acontecimento. Descobriu que não há menção alguma de tal agitação ali em 1820.

Os mórmons têm problemas com essa "visão" de 1823, quando seu profeta estava com 17 anos. Eles se esforçam para se fazer acreditar que a "visão" de 1823 seja a segunda.

Essa interpretação enfrenta muitos obstáculos na própria literatura mórmon. O problema é que a versão da "visão" de 1820 só veio à tona em 1842. O apóstolo mórmon David O. McKay afirmou: "A aparição do Pai e do Filho a Joseph Smith é o fundamento desta igreja". Se essa primeira "visão" é o fundamento da igreja mórmon por que não consta dos registros dela antes de 1842?

Brigham Young, sucessor de Joseph Smith, o segundo presidente do movimento, registrou os seus 363 discursos, publicando-os no Journal of Discourses como obra inspirada, nunca fez menção dessa "visão". O próprio fundador do mormonismo declarou: "Recebi minha primeira revelação dos anjos quando tinha cerca de quatorze anos de idade". Isso desmantela todas as tentativas de ajustes realizadas pelos líderes mórmons. Jerald e Sandra Tanner afirmam que havia entre os mórmons duas versões da primeira visão, além da oficial.

Outros líderes proeminentes dos primeiros anos do mormonismo afirmaram que Joseph Smith tinha 17 anos quando recebeu a primeira "visão". Dentre eles mencionamos Oliver Cowdery (1834) e Orville Spencer (1842). Além disso, o próprio mormonismo declara que Joseph Smith não sabia da existência de um Ser Supremo antes de 17 anos de idade. Essas contradições, portanto, envolvem idade, local e conteúdo dessa suposta visão. Assim, o fundamento dessa igreja está em areias movediças.

O outro problema é que parece que Joseph Smith não levou suas "visões" muito a sério. Ele foi acusado de praticar a cristalomancia e foi condenado em 1826, em Bainbridge, Estados Unidos. Estranho também é que ele procurou se tornar membro da Igreja Metodista, em 1828. Só não foi aceito por causa de seu envolvimento com a necromancia, magia negra e adivinhação. Como procurou uma igreja evangélica visto que ele mesmo diz que todas as igrejas se apostataram?

SUA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

Nos Estados Unidos os mórmons são bem vistos pelas autoridades americanas, por causa do seu nacionalismo e de sua fidelidade. Eles fazem parte da história do país, afinal, são também desbravadores da América. Joseph Smith Jr. foi candidato ao cargo de presidente da República dos Estados Unidos, e seu sucessor, Brigham Young foi o primeiro governador do estado de Utah. Na área de missões, eles são dedicados. As famílias mórmons enviam seus filhos para o campo missionário durante dois anos. Depois eles retornam e são reintegrados às suas atividades normais.

Existe um templo em cada país. No Brasil é fato raro, talvez por causa da extensão territorial e as despesas para o deslocamento de seus membros para as cerimônias

especiais, construíram um templo em Recife e outro em Campinas. Neles são realizados rituais secretos como batismo pelos mortos e casamento para a eternidade.

A Primeira Presidência é a autoridade máxima, constituída de três pessoas: o profeta e seus dois secretários ou conselheiros. Assessorada pelo Quórum dos Doze Apóstolos. Segundo o mormonismo, se a igreja não tem 12 apóstolos vivos não pode ser considerada igreja de Cristo. E muito comum os mórmons perguntarem se a nossa igreja tem profeta e apóstolos. Isso eles o fazem para dizer que a sua Igreja é a única igreja verdadeira da terra. O profeta representa para os mórmons mais que o papa representa para os católicos.

O Quórum dos Doze Apóstolos está imediatamente abaixo da Primeira Presidência, na hierarquia mormonista. O presidente desse Quórum sucede o profeta, na sua morte. Atualmente o profeta é Gordon B. Hinckley, e o presidente do Quórum dos Doze Apóstolos é Boyd K. Packer, que será o próximo profeta, o número 13 na sucessão, a partir de Joseph Smith Jr.

Em seguida, na ordem hierárquica vem o Primeiro Quorum dos Setenta, que ao lado da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze Apóstolos se constituem as autoridades gerais. Abaixo dessa direção está o Segundo Quórum dos Setenta e em seguida vem a Presidência do Bispado. Usam o texto de Lucas 10.2 para fundamentar a existência desse Quórum. Mas muitos manuscritos gregos trazem 72 discípulos, como encontramos na NVI. A Bíblia diz que Jesus "chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos" (Lc 6.13). Então, são doze apóstolos, e não setenta.

Ala ou capela é o agrupamento de quinhentas a mil pessoas, presidida por um bispo e dois conselheiros. Estaca é um agrupamento de alas, supervisionadas por um presidente, dois conselheiros, auxiliados por um grupo de doze sumo-sacerdotes, que são o alto concílio da estaca.

A Bíblia destrói essa pretensão deles porque "profetas e apóstolos", embora apareçam em Efésios 4.11, são as pedras que formam o fundamento da Igreja, sendo Jesus Cristo a pedra angular: "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina" (Ef 2.20). Eles são o fundamento do edifício espiritual da igreja. A igreja tem um só fundamento: "porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo" (1 Co 3.11). Por isso não ordenamos ninguém para o cargo de apóstolo nem de profeta.

A igreja é comparada a um edifício espiritual e cujo fundamento, base ou alicerce, são os apóstolos e profetas, sendo Jesus Cristo a pedra angular, principal de esquina, responsável pela estrutura desse edifício espiritual, que é a igreja. E neles que encontramos sermões, declaração de fé, relatos de histórias da redenção, chamados para assumirmos uma vida cristã ativa, vocações missionárias, apelos para o amor fraternal, conforto e consolação em tempos de desespero e depressão, louvor e adoração da Trindade, oração, intercessão e dedicação pessoal, comunhão pública e particular com Deus, celebração de datas especiais do ano cristão, hinos para acompanhar e inspirar diversas atividades religiosas específicas na igreja e hinos para atrair a Cristo os que estão fora da igreja. Tudo vem da Bíblia e os apóstolos e profetas foram os homens que Deus usou e inspirou com o seu Espírito Santo para escreverem a Bíblia.

Como a revelação está completa, conforme lemos em Hebreus 1.1, a Bíblia, portanto, constitui-se a nossa única e infalível regra de fé e prática. Nossos apóstolos e profetas cumpriram a sua missão e deixaram para toda a posteridade os seus escritos, a Palavra de Deus. Jesus disse que "a Lei e os Profetas duraram até João" (Lc 16.16). Logo, não existe na igreja atual esse cargo de profeta. O mesmo acontece com o cargo de apóstolo. E até

possível alguém receber o título de apóstolo, como título honorífico, pelos relevantes serviços prestados à sua denominação. Mas como cargo, isso não passa de pretensão e arrogância espiritual.

FONTE DE AUTORIDADE NO MORMONISMO

Os três principais livros são: Livro de Mórmon, publicado em inglês em 1830. Foi traduzido para o português em 1938. Doutrina e Convênios (D&C), publicado pela primeira vez na forma em que se encontra atualmente em 1876. Traduzido para o português em 1950. Pérola de Grande Valor, publicado originalmente em 1851. Traduzido para o português em 1952. São consideradas inspiradas as obras de seus líderes, que eles chamam de "obra padrão", por exemplo: Journal of Discourses (Jornal de Discursos), History of the Church (História da Igreja), além de inúmeras outras obras. Seu periódico atual é a revista Liahona.

Doutrina e Convênios

Em 1833 Joseph Smith publicou a primeira edição da obra Doutrina e Convênios, que na época constava apenas de partes do que é hoje. Recebeu mais acréscimo na edição de 1835. Consiste em 136 seções, divididas em versículos cada uma delas. São as "revelações" de Joseph Smith, que tratam sobre a doutrina de Deus, da Igreja, do sacerdócio, da ressurreição, do homem após a morte e diferentes níveis de salvação. Batismo pelos mortos (seções 124.29-33; 127.5-9; 128.16); matrimônio celestial (seção 132.19,20); poligamia (seção 132.61,62).

Há muitas contradições com outras obras do mormonismo e com relação à Bíblia. A poligamia era uma prática abominável a Deus, e que cada um devia ter apenas uma mulher, de acordo com o Livro de Mórmon (Jacó 2.23-27). No livro D&C, entretanto, seção 132.1-4, 37-39, Deus ordena que a prática da poligamia seja observada.

Em 3 Néfi 12.2 e Moroni 8.11 diz que os pecados são perdoados pelo batismo, entretanto D&C seção 20.37 diz que a remissão dos pecados é um requisito para o batismo. Em Mórmon 9.9, 19 diz que Deus é o mesmo ontem, hoje e eternamente — um Ser imutável — mas os mórmons acreditam que os homens podem se tornar deuses e que Deus um dia foi homem. Os mórmons crêem que há inúmeros deuses (PGV, Abraão 4.9,10). O Livro de Mórmon, porém, afirma, em Alma 11.26-31, que há um só Deus.

O mormonismo ensina ainda hoje que Deus, o Pai, possui corpo de carne e ossos (D&C 130.22). O Livro de Mórmons contradiz isso quando afirma em Alma 18.26-28 que Deus é um "Grande Espírito". A Bíblia é que dá a palavra final, e ela diz que Deus é Espírito. Veja João 4.24. O Livro de Mórmon diz que os seguidores de Cristo foram chamados de cristãos em 73 a. C., de acordo com Alma 46.15. A Bíblia, no entanto, afirma que isso aconteceu na Era Cristã: "Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos" (At 11.26). As trevas cobriam toda a terra durante três dias, na ocasião da morte de Jesus (Helamã 14.20, 27). A Bíblia afirma em Mateus 27.45; Marcos 15.33 e Lucas 23.44 que houve trevas por 3 horas apenas.

Pérola de Grande Valor

É o agrupamento dos livros: Moisés, Abraão, Joseph Smith e as Regras de Fé. As primeiras edições diziam que em 1823 o estranho anjo Moroni apareceu a Joseph Smith Jr.

As edições seguintes diziam que o personagem dessa "visão" foi Néfi, personagem diferente, que aparece no Livro de Mórmon. Depois corrigiram isso, voltando Moroni para o texto.

O mormonismo afirma que Joseph Smith traduziu um papiro do Egito que deu origem ao livro de Abraão. O que aconteceu de fato é que Joseph Smith comprou algumas múmias egípcias e alguns rolos de papiros de Michel H. Chandler, em 1835. O fac-símile 1, segundo Joseph Smith, era um sacerdote de Elkenah procurando oferecer Abraão em sacrifício. Os quatro jarros são deuses egípcios e o pássaro é o anjo do Senhor.

Em 1967 foi encontrado o manuscrito do livro de Abraão, que segundo eles, Joseph Smith Jr. traduziu do hieróglifo egípcio para o inglês. Os próprios mórmons admitiram ser o manuscrito do livro de Abraão. O bispo mórmon F. S. Spalding enviou cópias para diversas universidades do mundo, para serem decifradas por conceituados peritos de reputação mundial, na área de escrita hieroglífica do Egito. As Universidades de Oxford, Londres, Berlim, Munique, Pennsylvania, Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque examinaram o papiro. Todos os eruditos a uma afirmaram que o fac-símile trata de um embalsamento e que a tradução de Joseph Smith é falsa.

O egiptólogo mórmon, professor Dee Jay Nelson, examinou esses papiros e viu o absurdo de 1.125 palavras para cada 46 caracteres. Ficou estarelecido, deixou o mormonismo e escreveu uma carta para a Primeira Presidência explicando a razão desse desligamento. Disse em outra carta: "O mundo científico acha que o Livro de Abraão é um insulto à inteligência".

O LIVRO DE MÓRMON

O Livro de Mórmon é o registro, que nunca pôde ser confirmado, nem pela história e nem pela arqueologia, de duas imigrações para o continente americano. A primeira seria a imigração dos Jareditas, que vieram da região da Torre de Babel, por volta de 2250 a.C., que muito tempo depois numa guerra, a nação dos Jareditas desapareceu, e o profeta escreveu sua história em 24 placas, em egípcio reformado.

A segunda seria a nação de Lehi, proveniente de Jerusalém, por volta de 600 a.C.. Afirmam os mórmons que Jesus, depois de sua ressurreição, esteve entre eles na América do Norte, pregou e efetuou batismos. Em 385 teria havido uma batalha entre lamanitas e nefitas. Os nefitas pereceram, sobrevivendo apenas Moroni, filho de Mórmon. Mórmon teria escrito a história de seu povo sobre placas de ouro e Moroni teria escondido no monte Cumorra, juntamente com outras 24 placas escritas, em 421 d. C.

Origem do Livro de Mórmon

A origem do Livro de Mórmon, segundo a doutrina deles, está registrado em PGV, Joseph Smith 2.62-64. Nesse texto o fundador do mormonismo afirma que copiou um número considerável de caracteres por meio de Urim e Tumim e traduziu alguns deles. Afirmam ainda que pouco tempo depois recebeu a visita de Martin Harris, que se incumbiu de apresentar esses caracteres ao Dr. Charles Anthon, professor da Universidade de Columbus. O professor teria ficado encantado com a tradução, tal a perfeição, e lhe teria dito ainda que tais caracteres eram egípcios, caldeus assírios e arábicos.

Há uma série de problemas insuperáveis nessa declaração. Se a língua era desconhecida como o Dr. Anthon pôde ler sem Urim e Tumim? Por que continha no papel

caracteres caldeus, assírios e árabicos visto que as placas tinham sido escritas apenas em egípcio reformado? Segundo o mormonismo, Mórmon, pai de Moroni, teria escrito essas placas de ouro por volta de 421 d. C. Dessa forma, como pôde reproduzir, *ipsis litteris*, muitos textos da King James Version (Versão Inglesa do Rei Tiago), visto que a mesma foi revisada cerca de 1.200 anos depois, em 1611? O texto inglês de 2 Néfi 14 é plágio de Isaías 4, na Versão do Rei Tiago-, 2 Néfi 12, de Isaías 2; Mosíah 14, de Isaías 53; 3 Néfi 13.1-18, de Mateus 6.1-24.

Quanto ao Dr. Charles Anthon, ele mesmo desmentiu essa versão. Afirmou que apareceu um lavrador com um papel com alguns caracteres gregos, hebraicos, latinos de cabeça para baixos e alguns alfabetos antigos além de sinais estranhos, dispostos em posição vertical. Esse lavrador pediu que o professor decifrasse os tais caracteres. Disse também o Dr. Anthon que a narrativa de Joseph Smith 2.62-64 é falsa. Isso está numa carta que o Dr. Anthon enviou a um pesquisador do mormonismo e contemporâneo de Joseph Smith chamado E. D. Howe, que segundo Walter Martin jamais pôde ser refutado pelos mórmons.

Merece crédito o Livro de Mórmon?

Há outros problemas que colocam a credibilidade do Livro de Mórmon em xeque. O Livro de Mórmon faz menção de espadas, capacetes, escudos (Alma 3.5; 43.18, 19; Éter 15.15); cereais, sedas, gado, bois, vacas, carneiros, porcos, cabras, cavalos, burros, elefantes (Éter 9.17-19); ferro, cobre, bronze, aço (Jarom 1.8; 2 Néfi 5.15). Os animais e os metais citados não existiam na América antes de 1492. É o que diz um documento divulgado pelo conceituado Instituto Smithsonian, de Washington D.C., EUA.

O Livro de Mórmon fala de civilizações numerosas, construções, edifícios, templos, sinagogas, santuários, etc (Helamã 3.14; Alma 16.13). Apresenta uma lista de apenas 38 cidades, que na verdade, jamais existiu qualquer uma delas. Onde estão as provas de tudo isto? O Departamento de Antropologia da Universidade de Colúmbia disse sobre o Livro de Mórmon: "... é incorreto, bíblica, histórica e cientificamente".

Até mesmo as informações históricas mais elementares, como por exemplo, o local do nascimento de Jesus — Belém de Judá, como lemos em Mateus 2.1; Lucas 2.4-11. O Livro de Mórmon afirma que foi em Jerusalém (Alma 7.10). Veja ainda o anacronismo, pois, usa a palavra francesa adieu "adeus" no final do livro de Jacó: "Brethren, adieu" (Jacó 7.27). Segundo o próprio livro, na nota de rodapé, Jacó é datado de 544 a 421 a.C.. A língua francesa, entretanto, não existiu antes do ano 700 d.C.

O Livro de Mórmon, publicado em março de 1830, portanto na era da imprensa, já está com 3.913 mudanças. Jerald e Sandra Tanner publicaram uma edição do texto de 1830, em fac-simile, apontando essas 3.913 mudanças. Eis algumas mudanças: Substituíram "Águas de Judá" da edição de 1830 por "Águas do batismo" (1 Néfi 20.1); o rei Mosíah havia morrido na edição de 1830, na edição atual seu nome é Benjamin e está vivo (Mosíah 21.28). Na edição original diz: "O cordeiro de Deus, sim, o Pai eterno", na edição atual diz: "O Cordeiro de Deus, sim, o Filho do Pai eterno" (1 Néfi 11.21); na edição de 1830 declara: "A Virgem que vês é a mãe de Deus", na edição atual diz: "A Virgem que vês é a mãe do Filho de Deus" (1 Néfi 11.18).

A Bíblia e o Livro de Mórmon

Dizem que a Bíblia previa o Livro de Mórmon e para consubstanciar essa teoria citam Ezequiel 37.15-17: "E outra vez veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Tu, pois, ó filho do homem, toma um pedaço de madeira, e escreve nele: Por Judá e pelos filhos de Israel, seus companheiros. E toma outro pedaço de madeira, e escreve nele: Por José, vara de Efraim, e por toda a casa de Israel, seus companheiros. E ajunta um ao outro, para que se unam, e se tornem uma só vara na tua mão."

Essa passagem bíblica é a continuação da visão do vale de ossos secos, que é símbolo da restauração dos judeus. Depois da morte de Salomão o Reino de Israel foi dividido em dois: Reino do Norte, Israel, chamado também de Efraim, as dez tribos; e o Reino do Sul, ou Judá. Sendo Jerusalém a capital de Judá e Samaria, de Israel. O Reino do Norte, as dez tribos, também chamada "Casa de Efraim", havia sido levado em cativeiro pelos assírios, em 722 a.C.. O Reino de Judá foi para o cativeiro babilônico a partir de 605 a.C.. O profeta Ezequiel estava no cativeiro, na Babilônia.

Os líderes mórmons afirmam, sem nenhum fundamento, que o pedaço de madeira de Judá representa a Bíblia e o de José representa o Livro de Mórmon. Lendo um pouco mais adiante, nesse mesmo capítulo, encontramos que esses dois pedaços de madeira representam a reunificação do reino de Israel. Veja Ezequiel 37.19-22.

Em busca de credibilidade para o Livro de Mórmon, costumam citar a passagem bíblica: "Por boca de duas ou três testemunhas, será confirmada toda palavra" (2 Co 13.2). Como as demais seitas, usam a Bíblia apenas para o que lhe convém, aqui aplicam o texto bíblico para fundamentar sua tese de que o Livro de Mórmon é verdadeiro. Trazem nas primeiras páginas do Livro de Mórmon os nomes das três principais testemunhas: Oliver Cowdery, David Whitmer e Martin Harris.

Os mórmons conseguiram listar 11 nomes como testemunhas. Porém, essas mesmas testemunhas deixaram depois o mormonismo, exceto três membros da família de Joseph Smith. Além disso, Oliver Cowdery, David Whitmer e Martin Harris, que também deixaram o mormonismo, declararam nunca terem vistos essas placas, mas que seu depoimento foi "pelos olhos da fé" e como visão. Joseph Smith chamou os três de "demasiadamente maus até para serem mencionados, e gostaríamos de tê-los esquecidos".

O mormonismo afirma que a Bíblia está incompleta e que suas traduções estão erradas. O artigo 8º das Regras de Fé do mormonismo declara: "Cremos ser a Bíblia a palavra de Deus, o quanto seja correta sua tradução; cremos também ser o Livro de Mórmon a palavra de Deus". Veja que para crer na Bíblia impôs restrição, mas para o Livro de Mórmon nenhuma restrição se apresenta. Além disso, chama de néscios os que crêem na Bíblia como única revelação escrita (2 Néfi 29.6,9,10).

No livro Regras de Fé de James E. Talmage, onde explica suas confissões de Fé, diz: "Não há e não pode haver uma tradução absolutamente fidedigna desta e de outras Escrituras" (p. 221). Mais na frente ele recomenda que os mórmons leiam a Bíblia distinguindo "entre a verdade e os erros dos homens".

Interessante observar que existem atualmente mais de 5.000 manuscritos gregos, só do Novo Testamento, espalhados pelos museus e mosteiros em toda a Europa, datados do século II d.C. até à invenção da imprensa, no século XV, e cerca de 19.000 em outras línguas. Durante séculos estes manuscritos foram copiados manualmente e não houve mudanças. As descobertas dos rolos do mar Morto comprovam a autenticidade do Velho Testamento.

TEOLOGIA MORMONISTA

Deus

Como o hinduísmo, eles conseguem congrugar inúmeros conceitos sobre Deus no mormonismo. São politeístas e têm deuses para todos os gostos. Falam da Trindade para o trabalho de proselitismo com os crentes, e citam o Livro de Mórmon (2 Néfi 31.21, Alma 11.44). São politeístas, pois em PGV diz que Pai, Filho e Espírito Santo são três Deuses (Abraão 4.1). Deus seria nada mais que um homem exaltado de um planeta parecido com a terra e seria o unigênito da espécie de deuses, que teriam existido antes que uma série infinita se tornassem deuses. Afir- mam ainda que Deus se casou, morreu, ressuscitou e se tornou deus no céu.

Os deuses na teologia mórmon, para não dizer mitologia, que seria a palavra mais adequada, têm capacidade para procriar, gerando assim filhos espirituais, têm esposas-deusas, que eles chamam de Mãe dos espíritos. Segundo o mormonismo essas três Pessoas da Trindade seriam "Deuses", cada um deles nasceu em lugares e em épocas diferentes e tornaram-se Deus em tempos diferentes. Joseph Smith Jr. justificou essa crença no nome hebraico Elohim, por ser plural. Sabemos, porém, que esse nome revela pluralidade de Pessoas e não de deuses.

O Filho é Pai, no Livro de Mórmon (Mosíah 7.27; Éter 3.14), tem corpo de carne e ossos (D&C 130.22). Além de inúmeros conceitos apresentados pelos profetas mórmons, como disse James E. Talmage, na já citada obra: "Como o homem é, Deus foi; como Deus é, o homem poderá vir a ser" (p.389). Eles não reconhecem o conceito bíblico de Deus, negando, portanto, a Trindade. O conceito de Trindade no mormonismo foge à ortodoxia cristã e não é de acordo com Credo Atanasiano.

Já está mais do que claro que Deus é tudo o que é qualitativo bom e valioso, é tudo o que expressa vida e poder e tudo o que se encontra em grau perfeito e infinito. Não é essa caricatura concebida pelo espírito que opera no mormonismo. Deus é Infinito, Onipotente e ele mesmo enche os céus e a terra. Não há nada no universo que se possa comparar com o Deus verdadeiro, revelado na Bíblia. Além disso, a Bíblia afirma textualmente que "Deus é Espírito" (Jo 4.24), e "espírito não tem carne nem ossos" (Lc 24.39). Veja 1 Reis 8.27; Isaías 46.5; Jeremias 23.23, 24.

A doutrina cristã confessa a existência de um só Deus em três Pessoas. A religião cristã é monoteísta e não admite a existência de outros deuses. Somente Jeová é Deus, além dele não há outro: "Eu sou o primeiro e eu sou o último, e fora de mim não há Deus... Há outro Deus além de mim? Não!" (Is 44.6,8). Veja ainda Deuteronômio 4.39; 6.4; Isaías 45.6; Mateus 28.19; João 17.3.

Os deuses falsos não podem ser deus assim como uma nota falsa de um dólar não poder ser um dólar. Pode até ter aparência de um dólar, mas não é um dólar. A Bíblia diz que as divindades falsas são os demônios disfarçados: "... quando não conhecíeis a Deus, servíeis aos que por natureza não são deuses" (G1 4.8). Isso por si só explica a quem os mórmons adoram. Veja 1 Coríntios 10.19,20; Jeremias 10.11.

A doutrina de que o Filho é o Pai se parece muito com o modalismo e o unicismo moderno. A Bíblia diz que Pai não é Filho e nem Filho é Pai: "... a paz, da parte de Deus Pai e da do Senhor Jesus Cristo, o Filho do Pai" (2 Jo 3). Como "Filho do Pai" não pode

ser Pai do mesmo Filho, logo Jesus não pode ser o Deus-Pai. Ele é o Deus-Filho, igual ao Pai em poder, glória e majestade, mas não é o Pai.

O Senhor Jesus Cristo

O Jesus dos mórmons não é o mesmo da Bíblia. Já vimos que a Bíblia faz menção de "um outro Jesus", que devemos rejeitar (2 Co 11.4). Pregam um Jesus casado e polígamo. Afirmam que as bodas de Caná da Galiléia era o casamento de Jesus com Maria, Marta e a outra Maria. Essa declaração é tão monstruosa que muitos podem até não acreditar, por isso é necessário indicar a fonte. Foi o apóstolo deles, chamado Orson Pratt, no Journal of Discourses (Jornal e Discursos 2.82). Convém ressaltar que os Jornais de Discursos são reconhecidos como "obra padrão", portanto tido como inspirados e são autoridades na fé mormonista.

No livro D&C 93.21-23 afirma que a única diferença entre Jesus e nós é que ele é primogênito. Negam o nascimento virginal de Jesus. É outra barbaridade que se faz necessário documentar. Foi o sucessor de Joseph Smith Jr., Brigham Young, quem afirmou que Jesus não foi gerado pelo Espírito Santo. Essa declaração está no Journal of Discourses 1.50. Em PGV afirma que Jesus é irmão de Satanás (Moisés 4.1-4).

Eles usam muitas palavras que usamos no Cristianismo, mas com sentido diferente. Quando você diz para um mórmon que eles negam o nascimento virginal de Jesus, eles procurarão mostrar no Livro de Mórmon onde diz que Jesus é Filho de Deus, para provar que você está enganado. Nesse caso, basta perguntar-lhe qual seu conceito sobre o Deus e Pai de Jesus Cristo.

Todos esses conceitos mormonistas sobre Jesus estão frontalmente opostos às Escrituras Sagradas. A Bíblia diz que Jesus estava nas bodas de Caná porque "foram também convidados Jesus e seus discípulos para as bodas" (Jo 2.2). Isso, por si só, joga para o espaço todos os argumentos mormonistas. Jesus e seus discípulos "foram também convidados", logo o texto não pode estar tratando do dito "casamento de Jesus". Quanto alguém se casa não se diz que tal pessoa foi convidada para um casamento. Essa interpretação dos mórmons é arbitrária e subjetiva, eisegese, e acima de tudo, um insulto à inteligência humana.

Jesus é incomparável. A Bíblia diz que ele é o Rei dos reis e Senhor dos senhores e que viveu uma vida impecável. Manifestou seu poder sobre a morte e o inferno, sobre o pecado e todo o reino das trevas, sobre a natureza e sobre todas as coisas, cujo nome está "acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro" (Ef 1.21). Jesus não faz parte da criação, ele é um Ser à parte, que transcende a toda a criação porque ele é Deus verdadeiro, igual ao Pai, e como tal é eterno. Veja 1 Timóteo 6.15; Isaías 53.9; Atos 10.38; Filipenses 2.8-11; Colossenses 1.15-18.

O Senhor Jesus Foi gerado por obra e graça do Espírito Santo: "José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo" (Mt 1.20). Jesus é chamado Filho de Deus porque veio de Deus. A doutrina mormonista é diametralmente oposta à Bíblia. Veja ainda Mateus 1.18; Lucas 1.34, 35; João 16.27.

A salvação

A salvação do credo mormonista pode ser geral e individual. Geral significa que na consumação dos séculos, os incrédulos serão castigados e depois liberados para a

salvação. Individual é a salvação que é obtida conforme os artigos 3 e 4 das Regras de Fé mormonista, que consiste em: fé em Cristo, batismo por imersão, observância às leis e pelas obras, etc.

Pregam que não há salvação sem Jesus e sem Joseph Smith e sem a Igreja Mórmon. James E. Talmage chama a doutrina da justificação pela fé de perniciosa. Crêem que há pecados que o sangue de Jesus não pode purificar, portanto o próprio pecador deve ser degolado e seu sangue derramado sobre a sua própria cabeça. Essa última doutrina é tão grave que é melhor citar a fonte: Brigham Young, Journal of Discourses, 4.53

Quanto ao nível dessa salvação, segundo a doutrina mormonista, pode ser telestial, terrestre e celestial. A primeira é para as pessoas que não cometeram pecados imperdoáveis, elas entrarão no céu. Os que procuraram de modo genérico fazer o bem, mas não obedeceram os mandamentos do mormonismo, ficarão no segundo nível, o terrestre. O celestial é o terceiro nível e o mais elevado, nível de salvação reservado para os mórmons fiéis.

Praticam o batismo pelos mortos. É o batismo por procuração, alguém pode ser batizado por uma pessoa morta. Trabalham para levantar genealogia das pessoas com o propósito de batizar seus antepassados. Costumam usar 1 Coríntios 15.29 para substanciar essa crença, que diz: "Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Por que se batizam eles, então pelos mortos?".

O tema do capítulo 15 é a ressurreição, pois ainda havia confusão na igreja de Corinto sobre essa doutrina. O apóstolo mostra que até os de fora, que não conheciam a Cristo, admitiam a doutrina da ressurreição, do contrário não se batizariam pelos mortos. Isso prova que essa doutrina mormonista, de se batizar pelos mortos, não é cristã. Veja que o apóstolo Paulo usa a terceira pessoa do plural "os que se batizam pelos mortos". São eles e não nós, o apóstolo, portanto, não se identifica com eles.

Brigham Young afirma: "Joseph Smith estará de novo na terra ditando planos e convocando seus irmãos para serem batizados. ... Nenhum homem ou mulher nesta dispensação entrará no reino celestial de Deus sem o consentimento de Joseph Smith... Cada homem ou mulher precisa ter o 'certificado' de Joseph Smith Jr. como passaporte para sua entrada nas mansões onde Deus e Cristo estão... Não posso ir lá sem o seu consentimento. Ele segura as chaves daquele reino para esta última dispensação...". A Igreja Mórmon acredita na pré-existência humana. Afirma que o homem antes de nascer pertencia a uma família de filhos espirituais, no céu. Mas a Bíblia diz que "ninguém desceu do céu, senão o Filho que está no céu" (Jo 3.13).

A salvação, Deus propôs para todos os povos, tribos e nações, de maneira simples e singela para que tanto os sábios como os indoutos pudessem alcançá-la: "Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens" (Tt 2.11). A Bíblia não ensina diferentes níveis de salvação. A salvação é a mesma para todos. O preço que o Senhor pagou para salvar o mais vil pecador, como por exemplo, o malfeitor que fora crucificado ao seu lado, foi o mesmo que pagou para salvar a Saulo de Tarso, e o mesmo que pagou para salvar a ti e a mim. Se todos os homens se tomaram pecadores de igual modo todos os que creem em Jesus recebem uma mesma salvação. Só há dois caminhos para o homem escolher um: céu ou inferno, bênção ou maldição, não existe meio termo. Veja Efésios 4.4,5; Romanos 3.23; 5.18,19; Deuteronômio 11.26.

A receita é a fé em Jesus: "Crê no senhor Jesus e serás salvo tu, e a tua casa" (At 16.31). Isto é um ato da soberana vontade de Deus, não vem de nossa própria justiça, a salvação é pela graça: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de

vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2.8, 9); "Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo" (Tt 3.5). O ato de crer no Unigénito Filho de Deus conforme as Escrituras significa ter a vida eterna. Veja João 17.3.

Casamento para a eternidade

Praticam também o casamento para a eternidade. O casal se compromete a não contrair novas núpcias em caso de viuvez, para se encontrarem no céu e assim gerarem muitos filhos-deuses para povoar os planetas. Isso se parece muito com mitologia grega. Veja o documentário Os fabricantes de Deuses (fita de vídeo em locadoras evangélicas).

Jesus, na resposta aos saduceus, dismantela por completo os artifícios e ideologias dos mórmons. Jesus disse: "Os filhos deste mundo casam-se, e dão-se em casamento" (Lc 20.34). No mundo vindouro, esclareceu Jesus, isto não existe por três razões: a) não podem mais morrer; b) são iguais aos anjos; c) são filhos da ressurreição (Lc 20.35-36). E por isso que a morte anula legalmente o casamento, ficando o cônjuge viúvo livre para contrair novo matrimônio. Veja Romanos 7.2,3.

CONCLUSÃO

Na primeira página do Livro de Mórmon está a seguinte declaração: "Um Outro Testamento de Jesus Cristo". Compare isso com a declaração do apóstolo Paulo: "Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema. Assim, como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo. Se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema" (G1 1.8, 9). Assim estão assumindo publicamente que vivem um outro evangelho.

Capítulo 12

AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

"Todo aquele que prevarica e não persevera na doutrina de Cristo não tem a Deus; quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem tampouco o saudeis" (2 João 9,10).

Os quatro temas principais mais atacados pelas seitas são a Trindade, a natureza do homem, a salvação e o inferno. Com as Testemunhas de Jeová isso não é diferente. As crenças delas se constituem em colocar um "não" diante de qualquer um dos credos do Cristianismo. Negam basicamente tudo o que é ensinado pelas igrejas evangélicas. É o assunto do presente capítulo.

HISTÓRIA

Podemos dividir sua história em 5 períodos, correspondendo cada um com seus respectivos presidentes.

Primeiro período: Charles Taze Russell (1852 -1916)

Nascido em 1852, em Pittsburgh, EUA, filho de presbiterianos de linhagem escocês-irlandesa. Russell foi da Igreja Congregacional e por fim adventista. As crenças adventistas influenciaram grandemente o fundador das Testemunhas de Jeová. Ainda hoje negam a doutrina do inferno de fogo ardente e dão muita ênfase aos cálculos proféticos, coisas do adventismo. Russell fundou o movimento das Testemunhas de Jeová em 1872, época que ele apareceu com um evangelho estranho ao Novo Testamento, e com uma profecia propriamente sua. Veja Gálatas 1.8.

Em 1876 Russell se aliou a Nelson H. Barbour, dissidente do movimento de William Miller, fundador do Adventismo do Sétimo Dia, e tornou-se editor assistente da revista O Arauto da Aurora. Barbour havia profetizado que a segunda vinda de Cristo seria em 1874. A data veio e se foi e Jesus não voltou. Um assistente de Barbour, B. W. Keith, persuadiu a Barbour de que Jesus veio e que essa vinda foi invisível. Argumentava que o Emphatic Diaglott¹ traduzia a palavra grega parousia, "vinda", por "presença", e que seria correto interpretar como "presença invisível". Essa idéia era difundida na sua revista e quando Russell descobriu o tal periódico procurou se associar com Barbour.

Juntos publicaram o livro Três Mundos Ou Plano de Redenção obra em que marcava o ano de 1914 como o fim dos tempos dos gentios, com a batalha do Armagedom. Diziam que Jeová estava dando 40 anos de chance para a raça humana se arrepender, e 40 anos a

partir de 1874 seria 1914. Essa aliança com Barbour logo foi rompida por divergências doutrinárias e em 1879 Russell começou publicar Zions Watch Tower (Torre de Vigia de Sião), atualmente A Sentinela.

Nesse novo periódico Russell disseminava suas idéias sobre a segunda vinda de Cristo. Além desse periódico publicou entre 1886 e 1904 os 6 volumes da obra Millennial Dawn (Auro-

1. Emphatic Diaglott ou Diaglotão Enfático é o Novo Testamento Interlinear, grego- inglês publicado por Benjamin Wilson, estudioso de grego mas sem formação acadêmica, em 1864. Benjamin Wilson era membro da seita Cristadelfiana, que nega a divindade absoluta de Jesus. Em 1892 a Sociedade Torre de Vigia adquiriu os direitos autorais da referida obra, que a publica ainda hoje.

ra do Milênio), que depois da virada do século passou a ser conhecida como Estudos das Escrituras. Em 1881 é formada a Sociedade Torre de Vigia e em 1884 ela adquiriu personalidade jurídica.

Russell proclamou-se a si mesmo como o "servo fiel e prudente", traduzido por "escravo fiel e discreto", na Tradução do Novo Mundo, em Mateus 24.45 e Lucas 12.42, onde se lê: "Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o Senhor constituiu sobre a sua casa, para dar sustento a seu tempo?". Assim "descobriu" que Jesus estava falando dele, ou seja, de Russell. Arrogou para si a mesma autoridade dos profetas do Velho Testamento. Considerava seus escritos iguais em autoridade com a Bíblia. Hoje o Corpo Governante arroga para si essa mesma prerrogativa que Russell pensava possuir. Vai muito além, pois se considera acima da Bíblia.

O Corpo Governante afirma que o "escravo fiel e discreto" provê alimento para os cristãos. Sem a ajuda da revista A Sentinela, em outras palavras, sem o Corpo Governante ninguém jamais poderá conhecer ou entender a Bíblia e nem poderá obter a vida eterna, não importa o quanto leia a Bíblia. Essa interpretação dá ao Corpo Governante uma autoridade maior que o papa para os católicos romanos. Todas as Testemunhas de Jeová acreditam nisso e crêem em tudo o que ele disser.

O catolicismo romano durante séculos arrogou para si o direito de exclusividade para interpretar as Escrituras, colocando essa interpretação com a mesma autoridade da Bíblia. A STV age da mesma maneira. O que as Testemunhas de Jeová criticam, elas mesmas fazem. A Bíblia interpreta a si mesma, o Espírito Santo é o seu maior intérprete. As igrejas estão cheias de pessoas que se converteram apenas com a leitura da Palavra de Deus. Quem ler a Bíblia com humildade, sinceridade e reverência encontra a salvação em Jesus. Veja Salmos 19.7; 119.130.

Convém lembrar que o texto sagrado acima citado, de Mateus 24.45 e Lucas 12.42, é uma parábola e não uma profecia. Isso por si só destrói completamente as pretensões do Corpo Governante e de todos os presidentes que dirigiram a entidade. O Senhor Jesus perguntou: "Quem é, pois o servo fiel e prudente, que o Senhor constituiu sobre a casa, para dar o sustento a seu tempo?". Russell achou que era ele e respondeu: "Sou eu!".

Agora o Corpo Governante acha que o texto sagrado está falando do próprio Corpo Governante. Isso serve para mostrar a arrogância desses homens. A história da organização, repleta de falsas profecias, somando-se a isso as constantes mudanças doutrinárias e sua heterodoxia, provam que essa gente não pode estar em sintonia com o Espírito Santo, que é o Espírito da verdade. Veja João 14.17, 26.

Segundo período: Joseph Franklyn Rutherford (1917-1942)

Russell faleceu em 1916, assumindo a presidência Joseph F. Rutherford. Foi eleito pela organização em 06/01/ 1917. Ele reorganizou a STV, levantando-a das cinzas. A transição de Russell para Rutherford foi de grande anarquia na organização das Testemunhas de Jeová. A publicação da suposta obra póstuma de Russell, intitulada *The Finished Mystery* (O Mistério Consumado), o sétimo volume de Estudos das Escrituras, publicado por Russell, serviu como meio de consolidar em torno de si o domínio e o controle da organização.

Uma das razões de Rutherford publicar o livro *O Mistério Consumado* foi para provar para os membros da Torre de Vigia que ele era sucessor legítimo de Russell. O que não era verdade, quem de fato escreveu o tal livro não foi Russell e nem o próprio Rutherford. O livro foi escrito por Clayton J. Woodworth e George H. Fischer. Russell havia feito um testamento em 1907, publicado na revista *A Sentinela* de 1º de janeiro de 1916. Nele passou, ainda em tempo, a direção de sua organização para uma comissão chamada de Comissão Editora, formada por cinco homens, e Rutherford não era um deles, Russell apenas o colocou como suplente.

Depois Rutherford destituiu esses cinco membros para que pudesse reinar sozinho. Esse golpe de Rutherford causou grande dissidência e divisão do movimento. Ainda hoje existem os auroristas, que seguem a linha de Russell.

Tão logo assumiu a presidência da STV, em virtude dos violentos ataques ao governo americano nos editoriais da revista *Watchtower*, a organização foi dissolvida por determinação judicial, Rutherford com os demais diretores da STV foram presos, julgados e condenados, cumprindo pena na Penitenciária Federal de Atlanta, até que o processo foi revisto e eles foram postos em liberdade. Isso o levou a posição de herói aos olhos dos Estudantes da Bíblia, como eram chamados na época os seguidores da STV. Rutherford soube tirar proveito disso e assim conseguiu se projetar tornando num "santo homem de Deus", e, como disse William J. Schnell: "Essa auréola não o abandonou até ao dia de sua morte (1942)". Isso fez dele o homem mais poderoso da organização.

Rutherford implantou no seu movimento o sistema que destrói o individualismo das pessoas. Por isso que ainda hoje as Testemunhas de Jeová são proibidas de pensarem por si mesmas, o que as autoridades do movimento chamam de "idéias independentes". Os líderes da STV pensam por elas. Foi em 1920 que as Testemunhas de Jeová iniciaram suas atividades no Brasil, ainda na época de Rutherford.

O nome "Testemunha de Jeová" foi dado por Rutherford no congresso deles em 1931, em Columbus, Ohio, EUA. Antes eram conhecidos como Estudantes Internacionais da Bíblia. Ainda hoje as Testemunhas de Jeová pensam que a expressão "vós sois minhas testemunhas, diz o SENHOR", de Isaías 43.10, é uma referência aos membros da Sociedade Torre de Vigia, pois assim elas aprendem nos salões do reino. Mas uma leitura cuidadosa nos versículos seguintes revela que a mensagem diz respeito ao povo de Israel. Essa passagem bíblica de Isaías é usada como fundamento do nome que o movimento usa. Rutherford emplacou a falsa idéia de que a STV é a representante visível do reino de Jeová no mundo.

Terceiro período: Nathan Homer Knorr (1942 -1977)

Com a morte de Rutherford em 1942, N. H. Knorr assumiu o cargo de supremo dirigente da organização. Conforme Raymond Franz, membro do Corpo Governante por

nove anos (1971-1980) e sobrinho de Frederick Franz, diz em seu livro Crise de Consciência, que o conhecimento bíblico dele era limitado mas era grande administrador.

Teve o controle e a habilidade administrativa de Rutherford. Foi eleito presidente em 13/01/1942 e, na sua administração, as obras publicadas pela STV que até então traziam o nome dos seus autores, apareceram sob o copyright da "Watchtower Bible And Tract Society", que é o imprimatur das Testemunhas de Jeová, começaram a omitir o nome dos autores. A Tradução do Novo Mundo e a figura do Corpo Governante são realizações de Knorr.

Quarto período: Frederick William Franz (1977 - 1992)

Frederick W. Franz foi o 4º presidente das Testemunhas de Jeová, falecido em 22/12/1992. Substituiu Knorr, em sua morte em julho de 1977. Liderou o movimento na era do Corpo Governante, mas era ele quem mandava. Segundo Raymond Franz, seu sobrinho, o Corpo Governante é apenas para deixar o povo pensar que a sua organização não tem líder humano. Frederick Franz foi o principal responsável pela falsa profecia de 1975.

A sede nacional das Testemunhas de Jeová no Brasil foi em São Paulo durante os períodos de Rutherford e Knorr, até 1980. Foi no período de Frederick Franz que foi inaugurado o novo complexo gráfico e administrativo, em Cesário Lange, interior de São Paulo quando passou para essa nova instalação a sede nacional. Augusto dos Santos Machado Filho é ainda hoje diretor e editor, de fato, dos periódicos do movimento no Brasil.

Quinto período: Milton G. Henschel (1992)

Frederick W. Franz faleceu em 22/12/1992 e Milton G. Henschel foi eleito presidente em 30/12 do mesmo ano aos 72 anos de idade. Nascido em Pomona, New Jersey, com mais de 50 anos de experiência nos trabalhos na sede mundial das Testemunhas de Jeová, no Brooklylin, Nova Iorque. A organização passou por uma reforma administrativa, nessa virada de milênio. O presidente da instituição agora não é membro do Corpo Governante, foi eleito para o cargo de presidente da organização Don Adams, tido como membro na classe da "grande multidão".

Raymond Franz afirma que Henschel é tido como administrador de visão. Durante a sua administração apresentou mudanças profundas nas crenças das Testemunhas de Jeová, tais como, a geração de 1914, o julgamento das nações, o serviço militar e a transfusão de sangue, além da reforma administrativa.

FALSAS PROFECIAS

Nenhum movimento da atualidade profetizou falsamente tanto quanto a organização das Testemunhas de Jeová. Essa marca está presente ao longo de sua história. A Bíblia diz: "Quando tal profeta falar em nome do SENHOR, e tal palavra se não cumprir, nem suceder assim, esta é palavra que o SENHOR não falou; com soberba a falou o tal profeta; não tenhas temor dele" (Dt 18.22).

Russell profetizou que a Batalha do Armagedom seria em 1914. Profetizou que até esse ano viria um tempo de tribulação tal qual nunca houve desde que há nação. Seria estabelecido o reino de Deus. Os judeus seriam restaurados, os reinos gentios seriam quebrantados em pedaços como um vaso de oleiro, e os reinos deste mundo se tornariam os reinos de nosso Senhor e do seu Cristo. Russell dizia em suas publicações que se tratava de

data estabelecida por Jeová. Colocava-se como profeta com a mesma autoridade dos profetas da Bíblia e dos apóstolos. Falava em nome de Jeová e nada, absolutamente, se cumpriu. Anunciou a vinda de Cristo para 1914; chegado o referido ano, nada aconteceu. Depois ele mesmo refez o cálculo e estabeleceu o ano de 1915, também nada aconteceu, vindo a falecer em 1916.

A crença de que os tempos dos gentios terminariam em 1914 foi invenção de John Águila Brown, na Inglaterra, publicado em 1823. Nelson H. Barbour trouxe essa idéia de Brown e Russell usou nas suas publicações. Rutherford protelou essas datas e marcou o fim de todas coisas para 1918 e para 1920, na obra *O Mistério Consumado*. Ao longo de todos esses anos a STV conseguiu transformar o ano de 1914 de ponto de chegada para ponto de partida. Para as atuais Testemunhas de Jeová tudo começou em 1914, ao passo que Russell divulgava largamente em suas publicações o ano de 1914 como o fim de todas as coisas.

Rutherford também refez o cálculo e estabeleceu o ano de 1925 como o início do milênio. Esta profecia se encontra no livro *Milhões que Agora Vivem Jamais Morrerão*, traduzido para 30 línguas, com tiragem de 3.500.000 exemplares. No livro *O Mistério Consumado* há a profecia do Armagedom para 1918 e que as repúblicas desapareciam da terra até 1920.

No livro *Filhos*, escrito também por Rutherford e publicado pela STY, está a profecia do Armagedom para 1941. Esse mesmo livro ensinava que os jovens não deveriam se casar, que esperassem para se casar só depois do Armagedom. No seu outro livro intitulado *Salvação*, publicado em 1939, proibiu o casamento e de os casais gerarem filhos, pois havia a profecia de que o Armagedom seria naqueles dias.

Em 1946 a organização lançou o livro "*A Verdade vos Tornará Livres*", nele está a base da profecia do Armagedom para 1975. O sucessor de Knorr, Frederick W. Franz, na época vice-presidente, encarregou-se de propagar tal profecia. O que se falou sobre 1975 foi muito mais do que se escreveu. Muitos venderam propriedades, outros abandonaram estudos e carreira profissional. Nada aconteceu.

Depois profetizaram que o trabalho de pregação terminaria no século XX. Raymond Franz responsabiliza seu tio por essa falsa profecia de 1975, na época era o vice-presidente da organização. Raymond era um dos que não concordava com isso, mesmo sendo membro do Corpo Governante na década de 70. Knorr parece que não se importava muito com essa profecia. Mas na qualidade de presidente permitiu tal divulgação e consentiu tudo isso.

Reação da Sociedade Torre de Vigia

A organização sempre responsabilizou as Testemunhas de Jeová pelos seus fracassos proféticos, isso quando não apresenta outra versão dos fatos. Numa de suas publicações afirma: "As Testemunhas de Jeová, devido ao seu anseio pela segunda vinda de Jesus, sugeriram datas que se mostraram incorretas" (*.Despertai!* 22/03/1993, p. 4). Isso nos parece desrespeito e falta de consideração com as Testemunhas de Jeová.

Russell, Rutherford e Frederick Franz inventaram todas as falsas profecias e criaram essas falsas expectativas entre as Testemunhas de Jeová. Escreveram muitos livros e artigos, publicaram na revista *A Sentinela*, e em outras publicações sobre a data e sobre o evento. Marcaram o Armagedom para 1914, 1915, 1918, 1920, 1925, 1941, 1975. Eles foram os únicos responsáveis pelo desapontamento, tristeza, e pela ruína de inúmeras Testemunhas de Jeová, que confiaram na organização e nos seus líderes. Agora vem lançar a culpa sobre as Testemunhas de Jeová? Se você quer saber mais sobre os bastidores da Sociedade Torre de Vigia, basta ler o livro *Crise de Consciência* da autoria de Raymond Franz.

Que se pese as divergências doutrinárias entre as Testemunhas de Jeová e nós, todavia, devemos reconhecer o seu valor. São um povo bem disciplinado, ordeiro, cumpridor de seus deveres. Amam a Deus e acreditam que estão fazendo a sua vontade. Do contrário não se submeteriam de maneira irrestrita ao Corpo Governante. O problema é que elas estão no engano e tudo o que fazem é sob o terror psicológico. O que nós fazemos é pela atuação do Espírito Santo. O mínimo que a organização deveria ter feito era um pedido público de desculpas. Mas é mais fácil culpar os outros.

Essa é a técnica da organização. A outra é quando ela faz menção desses fracassos, principalmente os de 1914 e de 1925, o faz de maneira sutil e descontextualizada de modo que, quem não conhece os fatos passa a admirar a organização. Ela não apresenta os fatos como aconteceram, mas apenas alguns flashes adaptan- do-os a seu modo.

De qualquer maneira, falsas profecias não são "datas incorretas". A Bíblia diz que falso profeta é aquele que prediz algo em nome de Jeová sem que tal palavra se cumpra. A STV profetizou em nome de Jeová e além de se posicionarem na mesma posição dos profetas do Velho Testamento. O tempo é o maior inimigo dos falsos profetas. Reveja Deuteronômio 18.20-22.

A outra defesa da STV é o argumento da "luz progressiva". A organização usa com muita freqüência o argumento da "nova luz", interpretação errônea da passagem bíblica de Provérbios 4.18, para justificar suas falsas profecias e mudanças constantes de suas crenças. O texto sagrado diz: "Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito". Para as Testemunhas de Jeová, essa passagem bíblica dá ao Corpo Governante o direito de mudar o que quiser em suas crenças. Tudo isso em nome da "nova luz".

Nenhuma religião no mundo mudou tanto as suas crenças como as Testemunhas de Jeová. Mas a verdade é que falsas profecias e mudanças doutrinárias não são "nova luz". Diz a própria organização em uma de suas publicações: "Uma nova luz nunca contradiz a outra, nem a extingue". Deus não muda. Veja Malaquias 3.6 e Tiago 1.17.

A Sociedade Torre de Vigia é uma organização que surgiu sob a égide da mentira e sua história foi edificada sob o engano. Não consegue sobreviver sem o sensacionalismo para atrair as pessoas. Russell só conquistou o número que conquistou de adeptos por causa do sensacionalismo. É verdade que a Bíblia fala da Batalha do Armagedom, Apocalipse 16.16. Nós cremos nisso e sabemos que isso mais cedo ou mais tarde vai acontecer. E verdade também que as Escrituras Sagradas ensinam que "daquele dia e hora ninguém sabe" (Mt 24.36; Mc 13.32) e que "não vos pertence saber os tempos ou as estações que O Pai estabeleceu pelo seu próprio poder" (At 1.7).

Raymond Franz apresenta o quadro estatístico do desenvolvimento da organização na década de 70, como segue:

ANTES DE 1975		DEPOIS DE 1975	
1970	10,2%	1976	3,7%
1971	9,2%	1977	-1,0%
1972	5,7%	1978	- 1,4%
1973	13,5%		
1975	9,7%		

O crescimento nos 5 primeiros anos da década de 70 em contraste com os 3 anos seguintes confirma a natureza do crescimento da organização. Convém lembrar que a falsa profecia de 1975 deixava margem para 1976, por isso o quadro apresenta ainda um crescimento de 3,7%. Por enquanto, ano 2001, a organização não apresentou nenhuma data para o Armagedom, veja a estatística dos

últimos 5 anos nos 19 maiores países de atuação das Testemunhas de Jeová.

Mundo	1995	1996	1997	1998	1999	2000	Total
	5%	4,4%	3,6%	3,6%	2%	2,3%	
Grã-Bretanha	2%	0%	- 1%	0%	- 1%	-1%	- 3%
Alemanha	1%	0%	0%	0%	- 1%	- 1%	- 2%
França	1%	0%	- 2%	- 2%	- 3%	- 2%	- 9%
Itália	3%	3%	2%	2%	0%	0%	
Espanha	2%	2%	- 1%	- 1%	- 1%	- 1%	- 4%
Portugal	3%	3%	2%	2%	0%	0%	
Canadá	2%	1%	0%	0%	- 1%	- 1%	- 2%
Austrália	3%	1%	- 1%	1%	- 1%	- 1%	- 4%
EUA	3%	1%	1%	2%	0%	0%	
Bélgica	2%	- 1%	-1%	-1%	- 2%	- 2%	- 7%
Holanda	1%	- 1%	- 1%	- 1%	- 2%	- 1%	- 6%
Suécia	2%	0%	- 1%	- 1%	- 2%	- 1%	- 5%
Noruega	2%	1%	- 2%	1%	- 1%	- 1%	
Dinamarca	0%	- 2%	- 1%	- 1%	- 2%	- 1%	- 7%
Áustria	1%	0%	0%	- 1%	- 1%	- 1%	- 3%
Suíça	2%	1%	- 1%	- 1%	- 2%	- 2%	- 6%
Japão	6%	4%	4%	2%	0%	- 1%	
México	9%	8%	5%	5%	2%	2%	
Brasil	6%	6%	6%	6%	4%	5%	

Fonte: Arquivos das Testemunhas de Jeová

SUA LITERATURA

A literatura é a arma mais poderosa das Testemunhas de Jeová usada para o trabalho de proselitismo.

A Sentinela

Inicialmente se chamou *Zion's Watch Tower (Torre de Vigia de Sião)*, quando foi lançado em 1879. Em 1931 Rutherford mudou o nome de

The Watch Tower and Herald of Christ's Presence (Torre de Vigia e Arauto da Presença de Cristo) para *The Watchtower and Herald of Christ's Presence (Torre de Vigia e Arauto da Presença de Cristo)*. Em 1/01/1939 mudou para *The Watchtower and Herald of Christ's Kingdom (Torre de Vigia e Arauto do Reino de Cristo)*, e em março do mesmo ano para o nome que permanece até à atualidade *The Watchtower Announcing Jehovah's Kingdom, em português adotaram o nome A Sentinela Anunciando o Reino de Jeová*. Em 1919, a organização publicou em 7 volumes todos os artigos publicados na Watchtower dos últimos 40 anos num total 6.622 páginas.

A primeira edição de A Sentinela no Brasil aconteceu em 1923, com o nome de Torre de Vigia. Em 1940 o nome foi mudado para Atalaia. Depois de 3 anos a organização mudou o nome para A Sentinela, pois os adventistas já tinham uma revista chamada Atalaia. Na mesma década de 20 sua publicação foi interrompida, voltando a ser publicada em 1937. Hoje A Sentinela representa um papel muito importante na vida das Testemunhas de Jeová. Publicação quinzenal, dias 1 e 15 de cada mês, oferecido pelas Testemunhas de Jeová, de porta em porta, cujos artigos são estudados no salão do reino semanalmente.

Em 1910 Russell afirmou que ninguém podia compreender as Escrituras Sagradas sem os seus seis volumes, conhecidos hoje como Estudos das Escrituras. Hoje a STV afirma que ninguém no mundo, independentemente de seus conhecimentos em todas as áreas da Teologia, pode compreender a Bíblia, senão com ajuda de A Sentinela. As Testemunhas de Jeová acreditam que o referido periódico é o único canal de comunicação entre Jeová e o homem.

Costumam comparar esse periódico com a caneca que tira água do poço, "sem a caneca você morre de sede à beira do poço". O Problema é que o poço delas nunca transborda. O suposto fundamento bíblico para essa interpretação é a passagem de Filipe e do eunuco da rainha da Etiópia, registrado em Atos 8.30,31, que diz: "E, correndo Filipe, ouviu que lia o profeta Isaías e disse: Entendes tu o que lês? E ele disse: Como poderei entender, se alguém não me ensinar? E rogou a Filipe que subisse e com ele se assentasse".

As Testemunhas de Jeová se apropriam indevidamente dessa passagem bíblica e se consideram o "Filipe" da nossa geração e, portanto, as únicas pessoas no mundo autorizadas para ensinar as Escrituras. A primeira falácia dessa interpretação, dentre muitas outras, é que o Eunuco não disse não compreender as Escrituras, mas que apenas não entendia a passagem do profeta Isaías que estava lendo. A segunda é que o eunuco não se tornou dependente de Filipe pelo resto de sua vida, como as Testemunhas de Jeová são dependentes eternos da STV, cujo ensino é veiculado pela A Sentinela.

Despertai!

Periódico também quinzenal publicado nos dias 8 e 22 de cada mês, criado em outubro de 1919, sob o título The Gold Age (A Era de Ouro). Em 1937 o nome foi mudado para Consolation (Consolação), e em 1946 para Awake! {Despertai!}. Nessa revista a STV publica assunto de interesse pessoal, não religioso.

Conhecimento que Conduz à Vida Eterna

É o manual de ingresso na organização. Em 1982 a STV lançou a obra Poderá Viver para Sempre no Paraíso na Terra para substituir a obra A Verdade que Conduz à Vida Eterna. Com o fracasso da falsa profecia da batalha do Armagedom para 1975, esse último livro significava um problema para organização. O livro foi substituído em 1982. O livro Poderá Viver.... tornou-se incompatível quando Henschel mudou as crenças da geração de 1914, do julgamento das nações, pois a nova crença se chocava com o livro. Em 1995 a STV publicou a obra Conhecimento que Conduz à Vida Eterna substituindo o livro Poderá Viver...

Estudo Perspicaz das Escrituras

Publicado em cores em 1988 para substituir o livro Ajuda ao Entendimento da Bíblia que a STV lançou em 1971, escrito por Raymond Franz, a pedido do então presidente Nathan H. Knorr para servir como dicionário bíblico para as Testemunhas de Jeová. A obra Estudo Perspicaz traz basicamente o mesmo texto da obra anterior, ampliando as ilustrações, impresso em papel de qualidade superior do que o livro Ajuda..., e em cores.

Raciocínios à Base das Escrituras

Obra publicada em 1985 para substituir o livro *Certificai-vos de Todas as Coisas e Apegai-vos ao que é Excelente*, publicado em 1953 e revisado em 1965. Trata-se de uma defesa de suas crenças atacando as outras religiões, cujos temas vêm em ordem alfabética. Um trabalho muito bem preparado que pode lançar dúvidas nos crentes menos avisados. É a mais perigosa de todas as obras da STV.

É uma coletânea de argumentos isolados e artificiais, que valem, muitas vezes, para uma situação específica, aplicando-se os mesmos raciocínios em outras situações as coisas se complicam para a organização. Na página 417 a Trindade não pode ser aceita e uma das razões é porque é um "mistério", como se o incompreensível fosse sinônimo de falso. Todavia, na página 123, ao falar sobre a eternidade de Jeová, mesmo não havendo lógica, sendo também incompreensível, não é problema para se aceitar a eternidade de Jeová.

Testemunhas de Jeová - Proclamadores do Reino de Deus

A organização lançou o livro Testemunhas de Jeová - Proclamadores do Reino de Deus, porque o Corpo Governante vinha se desgastando com suas falsas profecias e suas constantes mudanças das crenças da organização. Isso vinha deixando as Testemunhas de Jeová em situação desconfortável. O livro apresenta a versão histórica da organização, omitindo muitos detalhes importantes de sua história, para salvar a organização de um descrédito generalizado pelas próprias Testemunhas de Jeová. A eleição de Rutherford para o cargo de presidente e a sua administração nos seus primeiros dias é apresentada de maneira distorcida da realidade. Atenua o impacto da falsa profecia de 1925, e assim por diante.

Deve-se Crer na Trindade?

É o título de uma brochura de 32 páginas, produzida pela STV para combater a doutrina bíblica da Trindade. As Testemunhas de Jeová acreditam muito em seu conteúdo, pensando e ensinando que ela exprime a verdade sobre o assunto. Trata-se de uma obra de caráter falso e fraudulento, pois cita muitas obras fora do seu contexto.

As páginas 5 e 6 se constituem de uma série de citações de dicionários, enciclopédias e outras obras teológicas, mas fora do seu contexto. São obras que defendem o trinitarianismo e, no entanto, a STV cita como se elas fossem contra a doutrina bíblica da Trindade ou como reconhecessem a falta de fundamento para essa doutrina.

Os pais eclesiásticos são lembrados como os que trabalharam e fizeram muito pela igreja dos primeiros séculos do Cristianismo, e não como autoridade para a nossa regra de fé e prática. Na verdade, às vezes suas crenças e opiniões colidiam com a crença da igreja da era apostólica. Eles eram principalmente apologistas e filósofos e se destacaram mais em virtude dessas atividades.

Justino, o Mártir, era filósofo antes de sua conversão e destacou-se por suas duas grandes obras apoloéticas em defesa da igreja: Apologia — uma defesa da igreja perante o

imperador romano; Diálogo com Trifon — uma defesa da igreja perante os judeus. O que há, todavia, de comum em todos os pais da igreja é justamente o trinitarianismo. O Corpo Governante entretanto procura provar, na página 7 da brochura, que os pais pré-nicenos foram antitrinitarianistas.

A Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas

Identificada aqui pela sigla TNM. Dizem que ninguém pode compreender a Bíblia sem a revista A Sentinela. Não crêem em nenhuma versão da Bíblia, só na TNM. Muitas Testemunhas de Jeová adquirem outras versões da Bíblia simplesmente porque se interessam por alguns versículos delas para seu trabalho de proselitismo, para dar a impressão de que conhecem outras versões. O Novo Testamento, identificado na TNM como Escrituras Gregas Cristãs, foi publicado em 2 de agosto de 1950 e a Bíblia completa em 1961.

A primeira edição da TNM traz Hebreus 1.6 da seguinte forma: "E todos os anjos de Deus o adorem". Essa passagem era um problema para a organização. Como eles mudaram mais uma vez a sua crença, proibindo a adoração de Jesus, por causa disso, na edição da TNM, revisada em 1971 (1984 em português), mudaram o sentido da mensagem, traduzindo Hebreus 1.6 por "prestar homenagem". E verdade que todos os editores da Bíblia mantêm comissões para manter sempre a atualidade da linguagem, sem, contudo, mudar a mensagem. Eles, entretanto, mudaram suas crenças, agora mudaram também as Escrituras.

A TNM foi preparada para contrabandear as crenças prefabricadas da Torre de Vigia para o texto das Escrituras. É uma obra mutilada, tendenciosa, viciada e cheia de interpolações. Seus tradutores são N. H. Knorr, F. W. Franz, Albert D. Schroeder, G. D. Gangas e M. Henschel. Seus líderes escondem seus nomes porque nenhum deles era erudito nas línguas originais. Disse William Cetnar, que trabalhou na sede mundial das Testemunhas de Jeová: "À parte do vice-presidente Franz (com preparo teológico limitado) nenhum dos membros da Comissão tinha escolaridade ou antecedentes suficientes para operarem como tradutores bíblicos críticos. A capacidade de Franz para realizar um trabalho erudito de traduzir o Hebraico é bem questionável, porque nunca teve curso formal de Hebraico." Esses nomes são confirmados por Raymond Franz, em sua obra Crise de Consciência.

A TNM em português é uma tradução de segunda mão, pois não vem diretamente dos originais hebraico, grego e aramaico. Além disso, há ainda muita discussão se realmente a TNM é uma tradução dos originais ou revisão de uma antiga versão inglesa da King James Version (Versão do Rei Tiago). Não é possível alistar todas falsificações aqui, conforme os exemplos a seguir.

Introduziram, por sua própria conta, o nome "Jeová" 237 vezes no Novo Testamento, visto que em nenhum dos manuscritos gregos existentes aparece uma vez sequer o Tetragrama YHWH, "Yaweh" ou "Jeová". Isso mostra que não reconhecem a autoridade dos manuscritos gregos. Basta uma olhada nas entrelinhas das obras The Emphatic Diaglott, ou na Kingdom Interlinear Translation of the Greek Scriptures (Tradução Interlinear do Reino das Escrituras Gregas), cada vez que se encontra o nome Jeová, você verá que o Tetragrama não está presente no texto grego e nem nas entrelinhas.

Traduziram João 1.1 por: "E a Palavra era [um] deus". Disse o Dr. Bruce M. Metzger, da Universidade de Princeton, (Professor de Língua e Literatura do Novo Testamento): "Uma tradução horripilante..., errônea..., perniciosa..., repreensível. Se as Testemunhas de Jeová levam essa tradução a sério, elas são politeístas". Como negam também a deidade e a

divindade do Espírito Santo, escreveram "Espírito Santo" com letras minúsculas (espírito santo), além de substituir esse nome por "força ativa" em Gênesis 1.2.

SUAS CRENÇAS SOBRE DEUS

A Trindade

Ensina a organização que o verdadeiro Deus não é onipresente e nem usa a sua onisciência. Dizem ainda que ele não sabia o resultado da prova de Abraão, no relato do sacrifício de Isaque. Isso mostra que o Jeová que eles pregam não é o mesmo Jeová da Bíblia. Se Jeová não é onipresente e sua onisciência é tão limitada, logo não pode ser Deus, o Todo-poderoso.

A doutrina de Deus é uma questão de vida ou morte. O ser humano pode até conceber conceitos errôneos sobre vários pontos da fé cristã, menos na natureza de Deus. Jesus disse: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17.13). Adorar e servir um deus errado vai terminar também num céu errado.

A Bíblia ensina que Deus é onipresente e enche todo o universo: "Eis que os céus e até os céus dos céus te não poderiam conter" (1 Rs 8.27). Deus é infinito de tal maneira que nem o infinito pode conter a sua glória. Não existe em todo o infinito universo um lugar em que alguém poderia se esconder de Deus "Sou eu apenas Deus de perto, diz o SENHOR, e não também Deus de longe? Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? — diz o SENHOR. Porventura, não encho eu os céus e a terra? — diz o SENHOR (Jr 23.23, 24). As Testemunhas de Jeová, portanto, crêem num Deus estranho ao revelado na Bíblia.

Quanto à doutrina bíblica da Trindade, afirmam que é uma crença pagã, desenvolvida por Constantino, imperador romano, no quarto século. Dizem que a palavra "trindade" não aparece na Bíblia e que é uma doutrina incompreensível. Por essa razão negam e combatem essa doutrina. Nenhuma dessas objeções levantadas pela organização das Testemunhas de Jeová é consistente e nem tudo é verdadeiro.

Não é verdade que a Trindade é uma crença pagã. Se há alguma doutrina cristã similar no paganismo, isso não significa necessariamente que tal doutrina seja pagã. A organização afirma que o batismo cristão nas águas era praticado no paganismo antes de Jesus vir ao mundo, entretanto pratica o batismo nas águas. Esse é apenas um exemplo. A Trindade, conforme o conceito bíblico apresentado no Credo Atanasiano, é *sui generis*, não existe no paganismo. Não confundir trindade com tríades ou triteísmos.

A doutrina em si é bíblica e a palavra "trindade", aplicada ao Deus verdadeiro, já existia muito tempo antes de Constantino nascer. Tertuliano foi o primeiro a usar essa nomenclatura quando combatia o monarquianismo, em sua obra *Contra Praxeas*, isso entre o final do séc. II e início do séc. III. Além disso, Constantino defendeu o antitrinitarismo quando a situação lhe favorecia. Para ele era importante a crença num só Deus absoluto, pois isso fortalecia o seu governo: um só Deus, também um só imperador. O fato em si de Constantino apoiar ora os antitrinitarianistas ora os trinitarianistas não significa que uma ou outra crença seja de origem pagã. Não é, portanto, verdade que a Trindade foi desenvolvida por Constantino.

Há inúmeras palavras usadas pelas Testemunhas de Jeová que não estão na Bíblia, por exemplo: Salão do Reino, Corpo Governante, Escola Teocrática, etc. O fato de ser incompreensível não significa ser falso. A organização ensina também que a eternidade de

Jeová é incompreensível e nem por isso essa eternidade é uma crença falsa. O argumento delas perece por falta de consistência.

O Senhor Jesus Cristo

O Jesus das Testemunhas de Jeová não é o mesmo da Bíblia. O apóstolo Paulo adverte os cristãos, prevenindo-nos desse "outro Jesus" (2 Co 11.4). Dizem que Jesus é igual à Satanás, o Destruidor, o Abadom de Apocalipse 9.11. É óbvio que qualquer Testemunha de Jeová não vai admitir que a organização ensine tal comparação entre Jesus e Satanás, por isso convém citar a fonte. O livro *Poderá Viver para Sempre no Paraíso na Terra*, p. 40, diz: "Mas não é Jesus chamado de deus na Bíblia?" poderá perguntar alguém. Isto é verdade. Contudo, Satanás é chamado de deus". Veja que além de usar "deus", com letra minúscula, faz uma comparação infeliz e insensata.

Ensinaaram que Jesus foi adorado quando esteve na terra e que devia continuar sendo adorado. Isso foi mudado em 1954, quando publicaram a proibição dessa adoração. Na *Watchtower* de junho de 1898, p. 4, respondendo a uma pergunta afirma: "Sim, cremos que nosso Senhor Jesus, enquanto esteve na terra, foi realmente adorado, e assim corretamente procedido". Essa mesma revista, edição de 1/01/1954, p. 31, declara: "... nenhuma adoração distinta deve ser dedicada a Jesus Cristo agora glorificado no céu". Poucas Testemunhas de Jeová sabem disso.

O Corpo Governante ensina que Jesus tornou-se Cristo por ocasião do seu batismo, que o Jesus de Nazaré não existe, que Jesus é um deusinho, inferior ao Pai, e que não ressuscitou corporalmente, mas que se trata de uma ressurreição espiritual. Já ensinaram que Miguel não é Jesus, que Miguel era o papa de Roma. Agora dizem que Jesus é Miguel.

A Bíblia diz que Jesus é Deus, igual ao Pai e que tem a mesma glória: "mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus" (Jo 5.18). Jesus disse: "quem me vê a mim vê o Pai" (Jo 14.9), e ainda "E, agora, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse" (Jo 17.5). O destruidor é o diabo, que "não vem senão a roubar, a matar e a destruir" (Jo 10.10). O Senhor Jesus não é criatura, mas o contrário, é o Criador: "Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.3). Em Jesus "foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele" (Cl 1.16).

A Bíblia diz que o Senhor Jesus já nasceu Cristo "pois, na cidade Davi vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor" (Lc 2.11). Os apóstolos pregaram o Jesus Nazareno, que está vivo: "Varões israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus.... Saiba, pois, com certeza, toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" (At 2.22, 36). Quando o apóstolo Pedro mandou que o coxo se levantasse, disse: "Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda" (At 3.6), não podia estar falando em nome de um ser que não existe, logo o ensino das Testemunhas de Jeová é falso.

O Senhor Jesus é Deus verdadeiro igual ao Pai "... e o Verbo era Deus" (Jo 1.1). Jesus disse: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10.30). Os judeus entenderam essa mensagem e por isso queriam apedrejar Jesus, pois consideravam uma blasfêmia o fato de Jesus se declarar Deus. Os apóstolos criam da mesma forma, disse o apóstolo Paulo: "porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Cl 2.9), e ainda que Jesus é o "grande Deus" (Tt 2.13). O apóstolo Pedro ensinava a mesma coisa quanto a identidade de Jesus, chamou

de "nosso Deus e Salvador" (2 Pe 1.1). Essas são apenas algumas das passagens bíblicas que afirmam textualmente que Jesus é Deus absoluto.

Outras partes das Escrituras sagradas revelam todos os atributos divinos na pessoa de Jesus. A Bíblia ensina que Jesus é o mesmo Deus Jeová de Israel. Basta comparar o salmo 45.6,7 com Hebreus 1.8,9; o salmo 102.25-27 com Hebreus 1.10-12). O Senhor Jesus "é o verdadeiro Deus e a vida eterna" (1 Jo 5.20).

Negar a ressurreição de Jesus é negar a salvação, pois "se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados" (1 Co 15.17). A Bíblia afirma com todas as letras que essa ressurreição foi corporal, Jesus disse quando se apresentava já ressuscitado aos seus discípulos: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho" (Lc 24.39).

A ressurreição de Jesus não é meramente o fato de haver tornado a viver, mas trata-se de sua completa vitória sobre o pecado, sobre a morte, sobre o inferno, enfim, sobre Satanás e sobre todo o reino das trevas. E a sua glorificação "porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado (Jo 7.39). A Bíblia diz que "Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai" (Rm 6.4). A ressurreição de Jesus é a coluna vertebral da fé cristã, pois o Cristianismo é a única religião do planeta que o seu fundador é vivo! Veja 1 Coríntios 15.54-56.

Há uma diferença abissal entre Miguel e Jesus. A Bíblia afirma que Jesus é Criador e Miguel é criatura. Miguel é anjo, pois a palavra "arcanjo" significa "líder dos anjos", e Miguel é um deles, pois é chamado de arcanjo: "Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo..." (Jd 9). Como anjo não pode ser adorado: "... prostrei-me aos pés do anjo que mas mostrava para o adorar. E disse-me: Olha, não faças tal, porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus" (Ap 22.8,9) e, no entanto, Jesus é adorado pelos anjos: "E todos os anjos de Deus o adorem" (Hb 1.6). Veja Colossenses 1.16-18 e Hebreus 1.5.

A organização das Testemunhas de Jeová usa algumas passagens bíblicas, aplicadas fora do seu contexto, para justificar suas crenças à respeito de Jesus. Como por exemplo: "Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai" (Mc 13.32). Como a expressão usada por Jesus: "O Pai é maior do que eu" (Jo 14.28). Veja a resposta e o comentário sobre essas e outras passagens no capítulo 15.

O Espírito Santo

As Testemunhas de Jeová ensinam que o Espírito Santo é a força ativa e impessoal de Deus, negando tanto a sua personalidade como a sua divindade. A STV nega a onipresença de Deus e por isso crêem que Jeová precisa da ajuda da "força ativa" para se manter informado. Usa uma série de argumentos artificiais para reforçar a sua idéia, por exemplo: "Como pode o Espírito Santo ser uma pessoa e alguém ser cheio dele?". Isso porque em Atos 2.4 afirma: "E todos foram cheios do Espírito Santo". Se é assim, argumentam que uma pessoa não pode ser cheia de outra.

O que é interessante, é que o Corpo Governante ensina que Satanás é também uma pessoa, e, no entanto, na própria TNM encontramos "Mas, Satanás entrou em Judas, o chamado Iscariotes" (Lc 22.3). Aqui uma pessoa pode entrar em outra, quando se refere ao Espírito Santo isso não pode acontecer? Independentemente de tudo isso, "ser cheio do Espírito Santo" significa viver na direção e na comunhão do Espírito, é deixar o Espírito de Deus operar sem restrição alguma.

Outro argumento ainda, usado pelas Testemunhas de Jeová, é que a Bíblia fala algumas vezes do derramamento do Espírito Santo. Como pode uma pessoa ser derramada? Com base nesse argumento conclui que o Espírito Santo não pode ser uma pessoa. Mas a sua própria TNM diz: "Pois, já estou sendo derramado como oferta de bebida, e o tempo devido para o meu livramento é iminente" (2 Tm 4.6). Como pode o apóstolo Paulo, sendo uma pessoa, ser derramado? Trata-se de figura de linguagem, podem retrucar as Testemunhas de Jeová. Mas por que isso não vale quando se refere ao Espírito Santo, visto que a Bíblia o apresenta como pessoa? Simplesmente porque elas não estão ensinando a verdade, mas sofismando a Palavra de Deus.

A Bíblia diz que o Espírito Santo possui inteligência: "Repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, e o Espírito de sabedoria e de inteligência" (Is 11.2). Essa inteligência infinita está também presente no Deus-Pai. A Bíblia diz que o Espírito Santo distribui os dons espirituais aos crentes "repartindo particularmente a cada um como quer" (1 Co 12.11). O texto sagrado afirma, com isso, que o Espírito Santo tem vontade própria. O Espírito Santo tem emoções: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus" (Ef 4.30). O Espírito se entristece porque é uma pessoa. Essas três faculdades, dentre outros fatores, mostram ser o Espírito Santo uma pessoa.

O que as Testemunhas de Jeová querem mais para provar a personalidade do Espírito Santo? Isso sem contar uma lista interminável de atributos pessoais que a Bíblia revela no Espírito Santo, que não há necessidade de citá-los novamente aqui. Veja capítulo.

A Bíblia apresenta o Espírito Santo em pé de igualdade com o Pai e com o Filho: "... batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28.19). Isso indica que o Espírito Santo é a terceira Pessoa da Trindade. É chamado textualmente de Deus: "... por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo... Não mentiste aos homens, mas a Deus" (At 5.3,4).

É chamado de Deus de Israel: "O Espírito do SENHOR falou por mim, e a sua palavra esteve em minha boca. Disse o Deus de Israel" (2 Sm 23.2,3). Veja que Davi chama o Espírito Santo de Deus de Israel, usando essas Pessoas alternadamente, como acontece no texto sagrado de Atos 5.3,4. Basta comparar Juizes 15.14 com 16.20, da mesma forma Hebreus 3.7 com Êxodo 17.7 e 2 Pedro 1.21 com Números 12.6, você verá que o Espírito Santo é o mesmo Deus Jeová. Veja capítulo 6.

SUAS CRENÇAS SOBRE O HOMEM

A constituição do homem, corpo, alma e espírito; a morte, o inferno e o lugar dos justos são assuntos interligados. Os grupos religiosos heterodoxos sabem que para eliminar a doutrina do inferno é necessário reavaliar uma série de outras doutrinas. Por isso que todo esse conjunto doutrinário é afetado por esses grupos, na tentativa de, sem Jesus, escapar do inferno.

A alma

A STV ensina que o homem se acaba quando morre, afirmando que o mesmo acontece aos animais. Negam a doutrina bíblica que a alma humana sobrevive à morte. Gostam de citar para os crentes o salmo 115.17; Eclesiastes 3.19, 20; 9.5; Ezequiel 18.4; 1 Tm 6.16, interpretando essas passagens bíblicas fora do seu contexto, violando assim os princípios mais rudimentares da hermenêutica. Nenhuma passagem bíblica deve ser

interpretada isoladamente. Essa crença das Testemunhas de Jeová não tem fundamento bíblico.

O salmo 115.17 diz: "Os mortos não louvam ao SENHOR, nem os que descem ao silêncio". As Testemunhas de Jeová usam essa passagem para dizer que a morte liquida completamente o homem e que a alma não sobrevive à morte. Uma leitura superficial e arrancada de seu contexto dá a impressão de que elas estão corretas. Mas o salmista está falando do silêncio que a morte impõe ao ser humano e não da vida além túmulo. Veja o contraste que o salmista faz no versículo seguinte: "Mas nós bendiremos ao SENHOR". É o contraste entre os vivos e os mortos.

O texto de Eclesiastes: "Porque o que sucede aos filhos dos homens, isso mesmo também sucede aos animais; a mesma coisa lhes sucede: como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego; e a vantagem dos homens sobre os animais não é nenhuma, porque todos são vaidade. Todos vão para o mesmo lugar, todos são pó e todos ao pó tornarão" (Ec 3.19,20). O tema versa sobre as coisas que Salomão viu debaixo do sol e a palavra "alma" sequer aparece no texto sagrado. Isso revela que o assunto é com relação à morte física, comum tanto ao homem como ao animal.

O outro texto de Eclesiastes diz: "Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco eles têm jamais recompensa, mas a sua memória ficou entregue ao esquecimento" (Ec 9.5). Basta perguntar para uma Testemunha de Jeová se ela tem esperança ou se espera alguma recompensa de Jeová na sua morte. Sua resposta neutraliza a interpretação da STV, pois o texto diz "nem tampouco eles têm jamais recompensa". Além disso, uma leitura no versículo seguinte mostra a qualquer pessoa que se trata da vida neste mundo: "... não têm parte neste século, nem em coisa alguma do que se fez debaixo do sol" (Ec 9.6). Veja que "nesse século", ou seja, nessa vida, não está falando do além-túmulo. E muito perigoso arrancar texto de seu contexto e fazer dele pretexto e inventar uma doutrina.

Outro texto, também muito usado pelas Testemunhas de Jeová, é o de Ezequiel 18.4: "a alma que pecar essa morrerá". Dos vários significados da palavra "alma" que encontramos na Bíblia, a STV escolheu o significado que lhe interessou, desprezando todo o contexto do texto sagrado. À luz do contexto, a palavra "alma" diz respeito ao próprio ser humano.

O assunto que o profeta está abordando é a responsabilidade pessoal e individual do ser humano diante de Deus. Nos vv. 2 e 3, desse capítulo 18, Ezequiel diz: "Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram? Vivo eu, diz o Senhor JEOVÁ, que nunca mais direis esse provérbio em Israel". Apartir daí o profeta desenvolve o argumento sobre a responsabilidade pessoal. O v. 20 deixa isso muito claro: "A alma que pecar essa morrerá; o filho não levará a maldade do pai, nem o pai levará a maldade do filho". Não tem consistência usar Ezequiel 18.4 como argumento para negar a imortalidade da alma.

Alma e espírito são entidades distintas e ambas sobrevivem à morte. Muitas vezes evitamos usar a expressão "imortalidade da alma" porque tanto as Testemunhas de Jeová como os adventistas do sétimo dia usam 1 Timóteo 6.16, que diz: "Aquele que tem, ele só, a imortalidade", para contestar a doutrina cristã de que a alma sobrevive a morte. Seu argumento é desmantelado quando alguém lhes pergunta se os anjos são imortais. Assim, o que o apóstolo está dizendo é que Deus é a origem da imortalidade.

SUAS CRENÇAS SOBRE O INFERNO DE FOGO ARDENTE

O Corpo Governante nega a existência do inferno ardente porque Russell, antes mesmo de fundar a sua organização, ele pessoalmente não concordava com tal crença. A organização declara que Russell passou a crer nessa crença porque foi derrotado num debate com um cético. Russell, antes de fundar sua religião, era crente fervoroso na doutrina da tortura eterna das almas condenadas num inferno de fogo e enxofre. Mas ao tratar de converter ao Cristianismo um conhecido descrente, ele próprio foi derrotado e impelido ao ceticismo. Depois disso Russell fez seus próprios estudos, como resultado, ficou também incrédulo.

Hoje, ensina a STV que o inferno é a própria sepultura, e que o lugar de suplício eterno, onde os ímpios serão atormentados para sempre, não existe. Diz a organização: "O Seol e o Hades não se referem a um lugar de tormento, mas à sepultura comum da humanidade". Esse é o artifício para eliminai a doutrina do inferno de fogo ardente das Escrituras Sagradas.

A tentativa de arrancar o inferno da Bíblia

Citam o salmo 146.4, que diz: "Sai-lhes o espírito, e eles tor- nam-se em sua terra: naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos" para afirmar que os mortos não sentem dor, logo, segundo as Testemunhas de Jeová, não existe inferno e nem a alma sobrevive à morte.

Seu argumento teria validade se a "dor" se referisse à dor física do corpo, porque quem morre fisicamente, em seu corpo não sente mais nada: nenhuma dor nem sentimento, e é esse o sentido desse salmo. O salmista está falando da morte do corpo. O sofrimento dos incrédulos após a morte existe, pois a Bíblia diz: "...e morreu também o rico, e foi sepultado. E no Hades, ergueu os olhos estando em tormentos..." (Lc 16.22-23).

Costumam dizer que os bons vão para o inferno, simplesmente para dizer que inferno não é inferno, ou seja, contrariando as palavras do Senhor Jesus, dizendo que o inferno não é o lugar "preparado para o diabo e seus anjos" (Mt 25.41). Querendo fundamentar essa sua tese, usam as palavras do salmista: "Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu santo veja a corrupção" (Sl 16.10). É bom lembrar que essa passagem bíblica é uma referência ao Messias. O corpo de Jesus foi colocado na sepultura, no hebraico, *khever*, conforme aparece em Isaías 53.9, e no grego, *mnemeion*, em João 19.41,42, mas a sua alma foi ao Sheol ou Hades. Veja o salmo 16.10 e Atos 2.27.

Antes do advento do Messias, tanto os justos como os injustos iam para o mesmo lugar na sua morte — o Sheol, em hebraico, e Hades, no grego. Lá havia uma divisão: o lugar dos justos, que os rabinos denominavam "Seio de Abraão", "Jardim do Éden" e o "Trono de Glória". Destes três nomes, o "Seio de Abraão" era o mais usado na teologia judaica da época, e esse Paraíso fazia parte do Hades.

Quando a Bíblia diz que os ímpios vão para o Sheol, salmo 9.17, e ao mesmo tempo um justo, é por causa dessa divisão que havia no mundo dos mortos. O Senhor Jesus, na sua morte, "desceu às partes mais baixas da terra" (Ef 4.9), e tomou de Satanás as chaves do inferno: "E tenho as chaves da morte e do inferno" (Ap 1.18). Depois da ressurreição Jesus

"levou cativo o cativoiro" (Ef 4.8). A partir daí, os fiéis vão para o céu na sua morte e o Sheol ou Hades é só para os injustos.

Não é possível apresentar um comentário de todas as passagens bíblicas que falam da existência do inferno de fogo ardente para os ímpios. Queremos simplesmente mostrar os artifícios do Corpo Governante na interpretação dessas passagens bíblicas. Podemos tomar como exemplo as palavras do Senhor Jesus: "E irão estes para o tormento eterno, mas os justos, para a vida eterna" (Mt 25.46). Como negar a doutrina do inferno ardente e da condenação eterna diante dessa passagem bíblica? A STV não encontrou recursos bíblicos para neutralizar esta passagem. Então se utilizou de uma nota de rodapé do Novo Testamento Interlinear, The Emphatic Diaglott, de Benjamin Wilson e publicado pela própria instituição.

Benjamin Wilson disse sobre a palavra grega kolasis, que o verbo grego kolazó, "castigar", significa:

"1. Decepar; como no truncamento de ramos de árvores, podar. 2. Restringir, reprimir... 3. Castigar, punir. Extirpar alguém da vida, ou da sociedade, ou mesmo restringir, é tido como castigo; - por conseguinte, surgiu este terceiro uso metafórico da palavra. Adotou-se a primeira acepção, porque concorda melhor com a segunda parte da sentença, preservando-se assim a força e a beleza da antítese. Os justos vão para a vida, os ímpios para o decepamento, sendo cortados da vida, ou para a morte. Veja 2 Tes. 1.9".

Os três significados dados aqui por Benjamin Wilson não são nenhuma novidade, é o que consta dos dicionários de grego. O que nos chama atenção são a justificativa e a sutileza na escolha de "decepar". Veja a maneira simplista: "Adotou-se a primeira acepção, porque concorda melhor com a segunda parte da sentença...".

O verbo aparece apenas 2 vezes no Novo Testamento e da mesma forma o substantivo: "...e, não achando motivo para os castigar, deixaram-se ir por causa do povo;..." (At 4.21); "...e reservar os injustos para o dia de juízo, para serem castigados" (2 Pe 2.9). O substantivo aparece aqui, em Mateus 25.46, e em 1 João 4.18: "...porque o temor tem consigo a pena, e o que teme não é perfeito em caridade". Em nenhum lugar do Novo Testamento esta palavra aparece com o sentido de "decepar".

Querer dar o sentido de kolasis como "decepar" no Novo Testamento é uma camisa-de-força. Benjamin Wilson foi sabido em suavizar a imposição com a palavra "adotou-se". Essa é a técnica usada pelo Corpo Governante para negar as grandes doutrinas da fé cristã. Nenhum leitor da Bíblia chegará a essa conclusão pela própria Bíblia. Qualquer pessoa é capaz de entender que o sentido dessa palavra é o de punição.

O rico e Lázaro

Outra dificuldade do Corpo Governante é a passagem do rico e Lázaro, registrada em Lucas 16.19-31, onde lemos:

Ora, havia um homem rico, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente. Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele. E desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas. E aconteceu que o mendigo morreu e foi levado

pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também, o rico e foi sepultado. E, no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão e Lázaro, no seu seio. E, clamando, disse: Abraão, meu pai, tem misericórdia de mim e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro, somente males; e, agora, este é consolado, e tu, atormentado. E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, cie sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá, passar para cá. E disse ele: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento. Disse-lhe Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam- nos. E disse ele: Não, Abraão, meu pai; mas, se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam. Porém Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite."

Esse texto bíblico refuta de maneira clara a teologia da organização. Como eles conseguiram se sair dessa situação incômoda? Inventaram uma interpretação absurda e aleatória. Ensinam que o rico representa a classe dos religiosos: os fariseus, os saduceus e o clero da "cristandade", que se acham separados de Deus e mortos quanto ao seu favor. Lázaro representa o povo comum que recebe a Cristo e expõe sua mensagem perante a classe representada pelo rico. O sofrimento representa as verdades que os seguidores de Cristo pregam. Assim resolveram o problema.

Se as Testemunhas de Jeová ensinam que com a morte tudo se acaba, que o Hades é a sepultura e que os mortos estão inconscientes, como pode o Hades ilustrar tal sofrimento? Como pode o estado de inconsciência ilustrar este sofrimento? Onde está escrito que o rico era religioso para representar a classe dos fariseus, dos saduceus e a do clero da cristandade? Desde quando a riqueza, na Bíblia, representa a falsa religião? Será que só o pobre segue a Cristo? Claro que não!

O Rico e Lázaro não parece ser uma parábola como o título indica, mas um fato verídico, pois falta-lhes elementos parabólicos. Os títulos dados às passagens bíblicas não vêm dos escritores sagrados, exceto os que aparecem em negrito apenas nos Salmos. São colocados pelos editores que publicam edições da Bíblia, para facilitar o estudo dela. A expressão "Parábola do Rico e Lázaro" não consta dos originais.

Parábola é uma ilustração para extrair lições e verdades espirituais. É uma maneira figurada de se ensinar uma verdade. Jesus não disse e nem deu a entender que era parábola. É diferente das parábolas. Não diz: "o reino dos céus é semelhante" e nem "assemelha-lo-ei..." ou algo desse tipo; mas disse: "Havia um homem..." (v 16), maneira típica de se introduzir uma narrativa no Velho Testamento. Veja 1 Samuel 1.1 e Jó 1.1. As seitas agem de maneira como se apenas o fato de o texto ser parábola

pudesse dar-lhes o poder de, como num passe de mágica, mudar o sentido das palavras. De qualquer forma, parábola ou não, a mensagem continua inalterada.

SUAS CRENÇAS SOBRE A SALVAÇÃO

Ensinam que a salvação depende de se pertencer à Sociedade Torre de Vigia, estudar seu manual de ingresso, o livro Conhecimento que Conduz à Vida Eterna, e que é "um alvo para ser cumprido". Crêem que em 1935 Jeová colocou uma placa no céu, dizendo: "Não há vagas". Rutherford inventou essa doutrina em 1935, dividindo o rebanho em duas classes: a dos ungidos, que seriam apenas 144.000 membros, que representariam todos os cristãos autênticos desde a fundação da Igreja até 1935, apenas eles seriam herdeiros do céu. Os demais seriam a classe da "grande multidão", que segundo eles, vai herdar a terra.

Os 144.000

Usam basicamente duas passagens bíblicas tentando dar sustentação a essa doutrina, numa interpretação errônea, do referido texto bíblico. A primeira é a de João 10.16, quando o Senhor Jesus disse: "Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor". E a segunda, em Apocalipse capítulo 7.4: "E ouvi o número dos assinalados, e eram cento e quarenta e quatro mil assinalados, de todas as tribos dos filhos de Israel". Uma vez que esses 144.000 são judeus, "de todas as tribos dos filhos de Israel", os versículos seguintes revelam que são doze mil de cada uma das 12 tribos de Israel, e enumera cada uma delas, isso rechaça a interpretação da organização.

Apenas essa observação de que os 144.000 são judeus é um problema para o Corpo Governante, pois desmantela seu sistema doutrinário. Qual a estratégia da organização? Afirma que se trata de israelitas espirituais. E muito fácil resolver um problema assim. Argumenta que não pode ser o Israel carnal porque diverge da costumeira listagem tribal. O primeiro problema é que não existe essa "costumeira listagem tribal". Consulte a tabela abaixo.

O segundo, é que apenas uma possível alteração dessa suposta "costumeira listagem tribal" não dá a ninguém o direito de "espiritualizar" o que quer e como quer. Isso são artifícios para ensinar aquilo que a Bíblia não ensina.

A Bíblia diz que todos os cristãos nascidos de novo são o Israel espiritual, e que nem todos que são de Israel são filhos de Abraão: "Porque nem todos os que são d'Israel são israelitas. Nem por serem descendência de Abraão são todos filhos..." (Rm 9.6,7). Isso se aplica aos gentios: "Sabei pois que os que são da fé são filhos de Abraão" (G1 3.7). Portanto nós, os autênticos cristãos, somos os judeus espirituais.

Os 144.000 são os judeus que se converterão ao Senhor Jesus no período da Grande Tribulação, após o arrebatamento da igreja, que não se contaminarão com as falsas doutrinas e que substituirão a igreja na pregação do evangelho: "...primeiro do judeu e também do grego" (Rm 1.16). Nesse mesmo tempo, a igreja estará nas bodas do Cordeiro. Veja Apocalipse 14.1-5; 19.7.

Depois disso Jesus voltará com a sua igreja glorificada para destruir o império do anti-cristo: "Eis que é vindo o Senhor, com milhares dos seus santos" (Jd 14). Quem são esses "milhares de santos"? A palavra "milhares", aqui, no grego é miríades, um número que não se pode contar. A igreja de Cristo que voltará com ele na segunda fase da sua vinda.

No tocante ao texto de João 10.16, a Bíblia ensina muito diferente do que crê a organização das Testemunhas de Jeová. O que é o "aprisco" nesta passagem? O céu ou a terra de Israel? O céu não pode ser porque Jesus se apresentava como junto das ovelhas "deste aprisco". Jesus frisava a necessidade de agregar as ovelhas que estão fora do aprisco às que estão no aprisco, para que haja um rebanho e um Pastor. A doutrina da STV se contradiz mais uma vez aqui, porque se os 144.000 estivessem no céu e os demais na terra, os dois grupos não estariam agregados, mas separados.

A "GRANDE MULTIDÃO"

O Corpo Governante ensina que essas Testemunhas não precisam nascer de novo, que não pertencem a Cristo, não participam da santa ceia do Senhor (refeição noturna), não são filhos de Deus, Jesus Cristo não é o seu Mediador deles, não estão no Novo Pacto e não têm direito ao céu. Essa é a situação das Testemunhas de Jeová segundo as definições do próprio Corpo Governante. Trabalham de casa em casa convidando o povo para uma religião que ensina que nem mesmo seus adeptos são filhos de Deus e nem pertencem a Cristo. De onde Rutherford tirou essa idéia? Duma interpretação errada de Apocalipse 7.9-17. Vejamos o que o texto sagrado diz:

"9 Depois destas coisas, olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos; 10 e clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro. 11 E todos os anjos estavam ao redor do trono, e dos anciãos, e dos quatro animais; e prostraram-se diante do trono sobre seu rosto e adoraram a Deus, 12 dizendo: Amém! Louvor, e glória, e sabedoria, e ações de graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, para todo o sempre. Amém! 13 E um dos anciãos me falou, dizendo: Estes que estão vestidos de vestes brancas, quem são e de onde vieram? 14 E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram de grande tribulação, lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro. 15 Por isso estão diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu templo; e aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a sua sombra. 16 Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles, 17 porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus está também no céu: "E abriu-se no céu o templo de Deus..." (Ap 11.19). Essa "grande multidão" reaparece em Apocalipse 19.1, mas se encontra no céu. limpará de seus olhos toda lágrima."

O texto-sagrado não fala nada daquilo que o Corpo Governante ainda hoje ensina. O versículo 9 diz que a multidão era grande de modo que "ninguém podia contar". Segundo o Anuário das Testemunhas de Jeová, de 2001, as Testemunhas de Jeová em todo o mundo não passam de 7 milhões. Ainda, nesse mesmo versículo, essa multidão está "diante do trono e perante o Cordeiro". Parece que o trono de Deus está no céu: "... nem pelo céu, porque é o trono e Deus" (Mt 5.34). O versículo 15 torna a dizer que essa multidão está "diante do trono de Deus" e afirma ainda "e o servem de dia e de noite no seu templo". O templo de Deus

CONCLUSÃO

As boas vindas dadas aos visitantes nos salões do reino, o sorriso e a forma fina e elegante com que as Testemunhas recebem as pessoas deixam qualquer visitante impressionado. Não existe uma pessoa sequer no mundo que se tornou Testemunha de Jeová simplesmente pela leitura da Bíblia. Todas passaram por um processo de lavagem cerebral. O que eles chamam de "estudo bíblico", é na verdade estudo de A Sentinela e de outras publicações da organização. Aos poucos os ensinamentos vão se aprofundando de modo que a pessoa chega num estágio que descobre que se tornou escravo de uma organização monstruosa e impiedosa. Uma vez membro da organização não existe forma honrosa de sair dela.

Capítulo 13

O ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA

"Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo" (Colossenses 2. 16,17).

Em alguns países, como por exemplo, os Estados Unidos, os adventistas do sétimo dia conseguiram o status de evangélico e não são considerados como seita, por muitos. Mas o Adventismo do Sétimo Dia aparece na lista de seita na obra O Caos das Seitas, da autoria de Van Baalen, autor americano. Essa obra foi publicada nos Estados Unidos em 1938, reconhecida hoje como obra clássica da apologética cristã. O que mudou no Adventismo do Sétimo Dia de lá para cá?

A questão independe de ser ou não seita, mas das doutrinas que eles defendem. O Islamismo é

uma religião, e não uma seita, da mesma forma o Catolicismo Romano. Os Adventistas nunca reconheceram os evangélicos como cristãos autênticos. Não estamos aqui para dizer se eles são ou não seitas, mas podemos afirmar que suas crenças fogem à ortodoxia, e por isso estamos analisando essas crenças à luz da Palavra de Deus.

HISTÓRIA

Tudo começou com William Miller. Nascido em 1782, Pittsfield, estado de Massachussetts, EUA. Era de família batista. Em 1818, dizia que nos próximos 20 anos Cristo voltaria à Terra. Em 1831 Miller anunciou que esse evento ocorreria em 23 de março de 1843. Tentou justificar a sua "profecia" em Daniel 8.13,14, quando dizia que as 2.300 tardes e manhãs correspondiam a 2.300 anos, e marcou como ponto de partida o retorno de Esdras a Jerusalém em 457 a.C.

Ele conseguiu muitos adeptos. Esses seguidores de Miller venderam propriedades e foram para as colinas esperar o retorno de Cristo. Em Boston, muitos se vestiram de branco, subiram os montes, e permaneceram em constante oração.

Enquanto isso muitos, em outras partes dos EUA, entregaram-se publicamente à imoralidade e à prostituição. Nada de suas previsões, porém, se cumpriu. Miller disse que se enganou, e que errou nos cálculos, marcando nova data — 22 de outubro de 1844, que também fracassou.

Miller se arrependeu e procurou a igreja. Pediu perdão e foi servir a Deus, vindo a falecer em 1849. Com isso surgiram vários grupos. Hiram Edson, Joseph Bates e James White com sua esposa Ellen Gould White eram os principais proeminentes dos movimentos adventistas. Hiram Edson, de Port Gibson, disse que teve uma visão no dia seguinte ao fracasso de Miller, dizendo que viu Jesus em pé ao lado do altar. Assim reinteipretou a "profecia" de Miller dizendo que ele errou simplesmente quanto ao local, mas que havia acertado a data. Joseph Bates, de New Hampshire, Washington, instituiu a observância do sábado. O casal White, em Portland, Maine, destacou-se com suas "revelações e visões".

Os três grupos juntos, em 1860, deram origem ao que hoje se chama Igreja Adventista do Sétimo Dia. A observância da lei, a guarda do sábado, o juízo investigativo, o bode emissário, o espírito de profecia e o sono da alma são os pontos principais que distinguem os Adventistas do Sétimo Dia dos evangélicos.

A QUESTÃO DO SÁBADO

Afirmam que a guarda do sábado está na lei e que por isso deve ser observado de geração em geração porque é um dos preceitos da Lei de Deus, que segundo eles é a mesma lei moral. Assim classificam a lei de Lei Moral e Lei Cerimonial. Os Dez Mandamentos são a Lei Moral, chamada de Lei de Deus e a Lei Cerimonial, chamada por eles de Lei de Moisés. Esse arranjo adventista não pode ser confirmado na Bíblia. Vamos aos fatos.

A Bíblia afirma que existe só uma lei. Os judeus interpretam assim: um só Deus, um só legislador, portanto, uma só lei. O que existe, na verdade, são preceitos morais, preceitos cerimoniais e preceitos civis. É chamada de Lei de Deus, porque teve sua origem Nele. Lei de Moisés porque foi Moisés o legislador que Deus escolheu para promulgá-la no Sinai. Os preceitos, tanto do Decálogo como os fora dele, são chamados alternadamente de Lei de Deus ou do Senhor e Lei de Moisés: "E, cumprindo-se os dias da purificação, segundo a lei de Moisés, o levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor (segundo o que está escrito na lei do Senhor...)" (Lc 2.22, 23). Não são duas ou três leis, mas uma só lei apresentada por esses nomes. Veja ainda Neemias 8.1,2,8,18.

Há princípios que são imutáveis e universais. Não existe para ele a questão de transculturação. Onde quer que o evangelho for pregado, esses princípios estão presentes, que chamamos de preceitos morais ou éticos. Os dois maiores

mandamentos são preceitos morais: amar a Deus acima de todas as coisas e "o teu próximo como a ti mesmo" (Mc 12.29-31); entretanto, não constam do Decálogo, é uma combinação de Deuteronômio 6.4,5 com Levítico 19.18. Por outro lado, encontramos no Decálogo o quarto mandamento, que não é preceito moral. Jesus disse que o sacerdote podia violar o sábado e ficar sem culpa: "Ou não tendes lido na lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa?" (Mt 12.5).

A questão não é o sábado em si, mas o fato de que não estamos debaixo do Antigo Concerto: "Mas agora alcançou ele ministério tanto mais excelente, quanto é mediador de um melhor concerto, que está confirmado em melhores promessas" (Hb 8.6). Leia os versículos seguintes até o 13. A Palavra profética previa a chegada do Novo Concerto: "Eis que dias vêm, diz o SENHOR, em que farei um concerto novo com a casa de Israel e com a casa de Judá...." (Jr 31.31-33). Esse "novo concerto" é mencionado pelo escritor aos Hebreus, 8.8-12.

O judeu convertido à fé cristã que quiser guardar o sábado por convicção religiosa pessoal não está desviado por isso, pois o apóstolo Paulo diz que uns fazem separação de dia, outros acham que podem comer de tudo. Veja Romanos 14.1-6. Convém lembrar que o apóstolo está falando aos judeus cristãos de Roma, por causa da sua cultura religiosa, e não aos gentios.

Ainda hoje muitos deles usam kipar e ta lit (solidéo e manto), observam o hash'rut (leis dietéticas prescritas por Moisés) e guardam o sábado. Isso o fazem meramente para não perderem sua identidade nacional, é uma questão cultural e não condição para salvação. Isso é diferente dos gentios convertidos a Cristo, pois o apóstolo deixou claro que tais práticas são um retrocesso espiritual: "Guardais dias, e meses e tempos, e anos. Receio de vós que haja trabalhado em vão para convosco" (G14.10, 11).

As festas judaicas eram anuais, mensais, ou lua nova (pois a lua nova aparece de 28 a 30 dias e com ela se principia o novo mês) e semanais. Você pode ver isso em 1 Crônicas 23.31; 2 Crônicas 2.4; 8.13; 31.3; Ezequiel 45.17. O apóstolo Paulo diz: "Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo" (Cl 2.16, 17). O sábado cerimonial ou anual já está incluído na expressão "dias de festa", que são as festas anuais, "lua nova", mensais e "dos sábados", festa semanal. O texto fala de um objeto projetando sombra, ou seja, a realidade espiritual na fé cristã é Cristo e não o sábado. Essas figuras das coisas futuras se cumpriram em Jesus. Por isso que Jesus afirmou ser Senhor do sábado (Mc 2.28). Esse texto de Colossenses é a melhor resposta bíblica para os sabatistas.

Dizem que o imperador romano, Constantino, mudou o sábado pelo domingo e por isso estamos comprometidos com um dia pagão. Essa versão deles não condiz com a verdade histórica. A palavra "domingo", por si só, significa "Dia do Senhor", pois, foi nesse dia que o Senhor Jesus ressuscitou. O primeiro culto cristão aconteceu num domingo: "Chegada, pois, a tarde daquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou Jesus, e pôs no meio, e disse4hes: Paz seja convosco!" (Jo 20.19). O segundo culto também, pois a Bíblia diz que isso aconteceu "oito dias depois" (Jo 20.26).

Os cristãos se reuniam no primeiro dia da semana: "No primeiro dia da semana, ajuntando dos discípulos para partir o pão, Paulo, que havia de partir no dia seguinte..." (At 20.7). O mesmo pode ser visto em Corinto, quando o apóstolo manda levantar" coletas para os irmãos pobres de Jerusalém. O texto sagrado diz que essa reunião de adoração se fazia nos domingos: "No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar..." (1 Co 16.2). Assim essa prática foi se tornando comum, sem decreto e sem imposição. Foi algo espontâneo. Constantino apenas confirmou uma prática já antiga dos cristãos.

Os adventistas costumam perguntar com muita frequência: "Onde está escrito na Bíblia que devemos guardar o domingo?" Eles acham que com

isso vão calar a boca de todo mundo. O Decálogo fala do sábado e isso acontece também em muitos lugares do Velho Testamento, mas o domingo não. Mas na Nova Aliança não há mandamento algum para guardar dias. Dizem que o "domingo" é um dia pagão, porque em inglês Sunday significa "dia do Sol". Nesse caso, todos os demais dias também seriam pagãos, porque os dias da semana, em inglês, são de origem célticos e homenageiam antigas divindades, inclusive o sábado, que é Saturday, "dia de Saturno".

"O ESPÍRITO DE PROFECIA"

Os adventistas afirmam que a expressão "o testemunho de Jesus é o espírito de profecia" (Ap 19.10) é uma alusão aos escritos da Sra. Eilen Gould White. Já chegaram a afirmar na Revista Adventista, fevereiro de 1984, que suas obras têm "aplicação e autoridade especial para os Adventistas do Sétimo Dia" e negando que "a qualidade ou grau de inspiração dos escritos de Eilen White sejam diferentes dos encontrados nas Escrituras Sagradas". Hoje já estão afirmando, na obra Nisto cremos, que as obras dela "não constituem um substitutivo para a Bíblia. Não podem ser colocados no mesmo nível". O que aconteceu? Mudança ou contradição? Eles gastaram muita tinta e papel para defender os seus escritos.

De qualquer forma, boa parte das obras da Sra. White é plágio, o mérito que os adventistas de hoje dão a ela, se há méritos, deveria ser transferido para os seus verdadeiros autores. Walter T. Rea, em sua obra *The White Lie* (A Mentira Branca), apresenta tabelas intermináveis desses plágios. No capítulo cinco ele mostra que a obra, *Patriarcas e Profetas*, é plágio do Dr. Alfred Edersheim. No capítulo seguinte, ele dá as fontes de onde Ellen White plagiou o livro *O Desejado de Todas as Nações*.

Os teólogos adventistas têm feito um esforço concentrado para salvar a situação de sua profetiza. Alguns deles apelaram para as passagens de 2 Reis 18 e Isaías 39, pois são os mesmos textos, para justificar o plágio da Sra. White. Acontece que em nenhum lugar do livro dos Reis menciona o nome de seu autor. Além disso, um relato histórico extraído dos anais dos reis de Israel, às vezes de autoria desconhecida, usado por qualquer profeta da época não pode justificar os plágios da atualidade. O plágio é condenado tanto na lei dos homens como na Palavra de Deus. Veja Jeremias 22.13.

OUTRAS CRENÇAS ERRÔNEAS

O juízo investigativo é a doutrina da redenção incompleta de Hiram Edson, consubstanciada posteriormente pelas "visões" da Sra. White. Afirmam os adventistas que em 1844 o Senhor Jesus entrou

no santuário, no céu, para purificá-lo e assim completar a obra da redenção humana.

São dois os principais problemas dessa interpretação adventista. Primeiro é que as "duas mil e trezentas tardes e manhãs", de Daniel 8.13, não podem ser o mesmo que 2.300 dias. Há em cada dia uma tarde e uma manhã, isso significa que essas tardes e manhãs são 1.150. É basicamente o tempo ocorrido entre a profanação do santuário de Jerusalém, por Antíoco Epifânio, em 175 a. C. e a purificação do templo, por Judas Macabeus, quando foi instituída a festa da dedicação. Essa festa é mencionada em João 10.22.

O segundo diz respeito à entrada no santuário celestial. Jesus Cristo entrou no santuário celestial quando subiu ao céu e não em 1844. O Senhor Jesus assentou-se à destra da Majestade nas alturas quando foi assunto ao céu: "a qual temos como âncora da alma segura e firme e que penetra até ao interior do véu, onde Jesus, nosso precursor, entrou por nós, feito eternamente sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque" (Hb 6.19,20). Veja ainda Hebreus 1.3; 10.19,20.

A obra da redenção foi realizada na cruz do Calvário e foi completa, não existe espaço na Bíblia para essa doutrina adventista, Jesus disse: "Está consumado" (Jo 19.30). Isso fala da obra da redenção: "Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles" (Hb 7.25).

Os adventistas dizem que o bode emissário, do dia da expiação, representa Satanás. Assim, os adventistas colocam Satanás como co-autor da redenção. Moisés prescreveu que, no dia da expiação, o sumo-sacerdote apresentasse dois bodes para o sacrifício. Um deles seria imolado e o outro enviado para o deserto — o bode emissário, azazel, em hebraico. Convém lembrar que os dois bodes eram apresentados, e não um só. Isso representava o sacrifício de Jesus pela expiação de nossos pecados. Veja Levítico 16.5,10.

A Bíblia diz que foi Jesus quem levou nossos pecados: "Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e, pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos" (Is 53.4-6). O bode emissário não pode representar Satanás. O texto sagrado diz textualmente que os dois bodes eram apresentados para expiação, e não apenas um deles: "...tomará dois bodes para expiação" (Lv 16.5). Veja ainda Mateus 8.16,17; João 1.29; 1 Pedro 2.24; 3.18.

Os adventistas do sétimo dia ensinam o kash 'rut (leis dietéticas dos judeus) e são vegetarianos, seguindo o modelo do Hinduísmo. O Novo

Testamento recomenda os cristãos não comerem sangue e nem a carne sufocada. Quanto às leis dietéticas, prescritas por Moisés, não há proibição alguma na Nova Aliança. Isso é que o mostra Romanos 14.2-6. Quem acha que pode comer de tudo, não critique o crente fraco que faz restrição de alimento, pois tudo isso que fazem o fazem para Deus. Veja ainda Timóteo 4.4,5.

Negam a existência do inferno de fogo ardente e não admitem que a alma do homem sobreviva à morte. Crenças similares às das Testemunhas de Jeová e já falamos sobre o assunto. A Sra. White ataca a todos os pastores evangélicos. Ela, no seu livro O Grande Conflito, nos chama de agentes de Satanás, porque pregamos a existência do inferno ardente. Esse livro e outras publicações da Casa Publicadora Brasileira, muitas vezes, são vendidos em nossas igrejas. A refutação bíblica sobre as crenças das Testemunhas de Jeová servem para refutar, aqui, a doutrina dos adventistas. Veja o Capítulo 12, § 88-112.

CONCLUSÃO

Durante muito tempo fizeram em nosso meio um proselitismo sectário e desleal, rebatizando essas pessoas e publicando essas coisas em seus periódicos como um triunfo. Não reconhece o nosso batismo, feito por imersão em nome do Pai, e do

Filho e do Espírito Santo, oficializado por pastores ordenados por suas denominações. Como podem dizer que são evangélicos? São eles mesmos os responsáveis por toda essa situação.

Só têm interesse em nos visitar quando querem vender suas publicações, livros e periódicos, da CPB, Casa Publicadora Brasileira. Evitam declarar explicitamente que são adventistas, ou editora religiosa. Até nos cumprimentam com a paz do Senhor e nos chamam de irmãos. E, ainda há líderes, que na sua simplicidade, oferecem os púlpitos para essa gente. Veja se nossos pregadores e ensinadores têm acesso aos púlpitos deles? Veja se eles consomem ou se seus líderes incentivam a leitura de publicações de outras denominações? Continuam achando que somos parte de uma apostasia porque não guardamos o sábado. Cremos que está na hora de nossos líderes deixarem de ser simplórios. Jesus disse: "... sede prudentes como as serpentes e simplices como as pombas" (Mt 10.16).

Capítulo 14

A IGREJA DA UNIFICAÇÃO

"E Jesus, respondendo, disse-lhes: Acautelai-vos, que ninguém vos engane, porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o

Cristo; e enganarão a muitos"
(Mateus 24.4,5).

A TV francesa, Canal França 3, no programa Des Racines & des Ailes (Das Raízes & das Asas), exibiu no ano 2000 uma série de documentários sobre as seitas que se tornaram impérios econômicos, sendo a do Reverendo Moon uma delas. O documentário mostra o grande aglomerado de empresas espalhadas pelo mundo, em declínio segundo a reportagem, e fala de sua grande influência na política e na mídia internacional.

O REVERENDO MOON

Seu nome completo é Yong Myung Moon, que significa "Dragão brilhante". Em 1946 mudou seu nome para Sun Myung Moon, que significa "Sol e lua brilhantes". Nasceu em 1920 na Coreia do Norte. Seus pais se converteram ao Cristianismo na Igreja Presbiteriana, quando Moon estava com dez anos de idade.

Moon afirma que teve uma visão aos 16 anos de idade. Diz que Jesus revelou não ter completado a obra da redenção e que Moon seria o único no mundo capaz de completar a obra que Ele havia começado. Afirma que em 1945 recebeu outra

revelação. Neste mesmo ano procurou reinterpretar a Bíblia. Foi preso na Coreia do Norte, por causa de suas idéias capitalistas, que confrontavam com o sistema comunista de Seu país. Chegou em Seul, na Coreia do Sul, em 1º de maio de 1954, quando fundou a Igreja da Unificação, denominada: Associação do Espírito Santo para a Unificação do Cristianismo Mundial.

Depois da expansão de sua Igreja no Oriente ele veio ao Rio de Janeiro em 1965, deixando nessa data o primeiro missionário Tatsuhiro Sassada. Foi aos Estados Unidos em 1972. Recebia donativos dos fiéis em sua conta bancária nos Estados Unidos, pois sua religião ainda não havia sido registrada nos órgãos competentes daquele país, o que veio acontecer só em 1976. Foi acusado de sonegar impostos e condenado a um ano e seis meses de reclusão.

FONTE DE AUTORIDADE

Moon diz que a Bíblia não é a verdade, mas um livro de textos com ensinamentos da verdade. Afirma ainda: "As Escrituras podem ser comparadas a uma lâmpada que ilumina a verdade. Quando aparece uma lâmpada mais brilhante, a missão da antiga declina". A "lâmpada mais brilhante", no conceito da Igreja da Unificação, é O Princípio Divino, não foi escrito por Moon pessoalmente, mas representa seu pensamento, ou seja, diz que são revelações que recebeu de Deus. É a fonte máxima de autoridade e das crenças dos adeptos da Igreja da Unificação. Consideram como o terceiro testamento e aceitam a sua autoridade acima da Bíblia. Isto, por si só, prova que suas crenças não são baseadas na Bíblia, mas nas "revelações" de Moon.

O livro Princípio Divino está dividido em duas partes: uma imitação da Bíblia. A primeira parte tem a estrutura de um compêndio de teologia sistemática. Os temas são: o princípio da criação, a queda do

homem, a consumação da história, o advento do Messias, a ressurreição, predestinação e cristologia. A segunda parte trata das estranhas idades providenciais.

A Bíblia diz que se até mesmo um anjo, quanto mais o reverendo Moon, vier com outro evangelho, que seja anátema. Nem mesmo um til, o menor sinal diacrítico do abecedário hebraico se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido, é o que Jesus garantiu em Mateus 5.18. Logo, jamais surgirá ao longo da história obra que venha suplantá-la. Basta essa palavra para descartar as pretensas revelações de Moon, pois "... a palavra de nosso Deus subsiste eternamente" (Is 40.8). A Bíblia diz "eternamente" e não por algum tempo, sem chance, portanto, para Moon. Veja ainda 1 Pedro 1.25..

Além disso, a Bíblia não é apenas um coletânea de ensinamentos da verdade, mas a própria verdade, o Senhor Jesus disse: "a tua palavra é a verdade" (Jo 17.17) e isso, por si só, anula esse ensino de Moon com relação à Bíblia. Essa verdade já era ensinada

desde os tempos do Velho Testamento. Veja Gálatas 1.8,9; Salmo 119.142,151,160.

A TEOLOGIA DE MOON

Sobre Deus

O conceito de Deus da Igreja da Unificação não pode ser confirmado na Bíblia. A teologia deles é a seguinte: consideram a humanidade como uma grande família. Como família se constitui de pai, mãe e filhos, assim, segundo Moon, o Pai é Deus, a mãe é o Espírito Santo, ou seja, a Trindade original seria Adão, Eva e Deus. Depois da Queda no Eden teria surgido uma Segunda Trindade: Adão, Eva e Satanás. A Igreja da Unificação espera a futura e Terceira Trindade: o casal Moon e Deus.

A Trindade bíblica, como já vimos, no conceito do Credo Atanasiano, é um insulto para Moon, pois o Filho e o Espírito Santo ocupam o lugar que Moon acha que pertence a ele mesmo e a sua esposa. Por isso que Moon ataca a doutrina bíblica da Trindade.

Sobre o Senhor Jesus Cristo

Se Jesus ocupa em todo o universo e no coração humano o lugar que Moon pensa que pertence a si mesmo, isso talvez explique o motivo pela qual recusa a aceitar a Trindade e a divindade absoluta de Jesus. Nega a deidade absoluta de Jesus, como as demais seitas. Diz: "Não obstante, ele de modo algum pode ser o próprio Deus". Diz que os gentios cristãos transformaram Jesus em deus a ser cultuado.

A Bíblia, porém, é contra os ensinamentos de Moon. O Velho Testamento afirma que Jesus é: "Deus Forte" (Is 9.6), dentre muitas passagens bíblicas. Jesus mesmo disse: "... antes que Abraão existisse, eu sou", e; "Eu e o Pai somos um" (Jo 8.58; 10.30). Os apóstolos Paulo e Pedro escreveram: "porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade", e; "... pela justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo" (Cl 2.9; 2 Pe 1.1); dentre inúmeras passagens bíblicas. É a Palavra de Deus que revela a deidade absoluta de Jesus desde o Gênesis ao Apocalipse. Não é pois verdade que os gentios elegeram Jesus à categoria de deus.

Moon afirma que Jesus é Filho do sacerdote Zacarias, negando o nascimento virginal de Jesus. Mas, convém lembrar que antes de Moon, os mórmons, desde o séc. XIX, já negavam o nascimento virginal de Jesus. Moon diz que Jesus foi enviado para completar a obra que Adão não realizou: levantar uma grande família na terra, centrada em Deus. Assim, afirma Moon, o segundo Adão, Cristo, deveria se casar e levantar uma grande família. Diz que isso não aconteceu por causa da morte de Jesus na cruz. Alega ainda que essa morte foi por causa da traição de João Batista e por isso a sua morte só pôde realizar uma parte da redenção.

No capítulo 5, §15-18, já estudamos sobre o nascimento virginal de Jesus, ou seja, concebido pelo Espírito Santo e nascido de uma virgem. Reiteramos essa verdade na refutação às crenças da Legião da Boa Vontade, no capítulo 10, § 39-48. Não há, pois, mais necessidade de repetir o que já foi dito. Veja ainda Mateus 1.18,20; Lucas 1.34,35.

Quanto ao propósito da vinda de Jesus ao mundo, Moon está muito enganado, pois "... Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores" (1 Tm 1.15) e não para levantar família. Além disso, a morte de Jesus já estava prevista desde antes da fundação do mundo e nos profetas, pois a Bíblia fala: "... do Cordeiro de Deus que foi morto desde a fundação do mundo" (Ap 13.8). Essa morte foi para remissão dos pecados e já estava no plano de Deus. Quanto a João Batista, a Bíblia afirma que ele é o "amigo do noivo" e recebeu testemunho do próprio Jesus. Veja Romanos 3.21-26; 1 Coríntios 15.1-4; Hebreus 5.9; 7.25; Mateus 11.7-13; João 3.29.

Sobre a ressurreição de Jesus

A Igreja da Unificação nega a ressurreição física de Jesus. Os adeptos de Moon não são os únicos a rejeitarem essa doutrina. Moon afirma que Jesus ressuscitou como espírito, dizendo: "A ressurreição da carne contradiz nossa perspectiva científica moderna". Sabemos que os incrédulos rejeitam o sobrenatural de Deus. Moon não é o primeiro e nem será o último a negar a ressurreição corporal de Cristo.

A ressurreição corporal de Jesus é um fato insofismável. A Bíblia afirma que Jesus "... se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias" (At 1.3). Essas provas infalíveis e incontestáveis jamais

puderam ser refutadas. As autoridades religiosas de Jerusalém lutaram muito para neutralizar essas provas e não puderam. Foram 40 dias e mais de 500 testemunhas.

Disse Abraham Lincoln, ex-estadista norte americano: "Você pode enganar uma pessoa durante todo o tempo, todas as pessoas por um tempo, mas nunca poderá enganar todo mundo durante todo tempo". Se essa ressurreição não fosse física e nem um fato real, isso teria terminado por lá mesmo e sequer teria chegado ao nosso conhecimento depois de quase dois mil anos.

Outro fator importante é que o maior perseguidor da fé cristã se chamava Saulo de Tarso: "Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em prisões, tanto homens como mulheres" (At 22.4). O relato de Atos 9.17 e depois contado por ele mesmo em Atos 22.5-8 nos mostram que numa campanha acirrada contra os discípulos, Jesus provou a ele que estava vivo. Com isso Saulo tornou-se o maior defensor dessa doutrina. Trata-se pois de um doutor da lei, líder da religião dos judeus, e perseguidor dos cristãos, que se converteu a Jesus.

Ele afirmou que Jesus se apresentou vivo a Pedro, depois aos demais discípulos e em seguida para mais de 500 discípulos e por fim a Tiago e a Saulo. Interessante é que o apóstolo escreveu essa epístola aos Coríntios cerca de 30 anos depois do fato acontecido, e afirma que a maioria dessas testemunhas ainda era viva. Em outras palavras,

estava colocando as provas à disposição de qualquer interessado. Veja 1 Coríntios 15.4-8.

Outro fator que jamais devemos perder de vista é que tanto os apóstolos como as demais testemunhas pagaram um preço muito alto pelo que viram e testemunharam. Foram perseguidos, presos, torturados e mortos porque afirmaram que Jesus estava vivo. Isso está também registrado na história e não apenas no Novo Testamento. Quem estaria disposto a morrer por uma mentira tendo convicção dela? Talvez algum insensato, mas não tanta gente. Agora surge do nada um cidadão sem prova alguma, e sem fundamento, dizendo que nada disso é verdade.

A ressurreição de Cristo é a viga mestra e o pilar do Cristianismo. É um dos elementos básicos que distingue o Cristianismo das grandes religiões. A Bíblia diz que negar essa verdade é continuar no mesmo estado de pecado e miséria, e que o Cristianismo não teria sentido: "E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E também os que dormiram em Cristo estão perdidos" (1 Co 15.17,18).

Essa ressurreição foi física, pois Jesus se apresentou aos seus discípulos dizendo ser ele mesmo e não um clone, como querem as Testemunhas de Jeová, e nem um espírito, como ensina Moon: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho. E dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés" (Lc 24.39,40). Em Mateus 28.6 lemos que o túmulo de Jesus foi encontrado vazio, e onde pois estava o corpo que fora crucificado? O próprio Jesus disse que a sua ressurreição seria corporal. Veja ainda João 2.19-22.

Sobre o Espírito Santo

Não existe na Bíblia alusão alguma de que o Espírito Santo seja feminino. No Velho Testamento hebraico o substantivo ruach "Espírito" é masculino. Os substantivos gregos apresentam três gêneros: masculino, feminino e neutro. A palavra grega pneuma, usada amplamente no Novo Testamento para o "Espírito" de Deus, é substantivo neutro. Como Moon tem muita vontade de ser messias,

resolveu também homenagear a sua esposa; e para isso inventou essa teoria de que o Espírito Santo é feminino, chamando-o de Eva ou de mãe.

A palavra hebraica Shekhinah, significa "Glória, Espírito", é palavra feminina. Esse vocábulo, porém, não aparece no Velho Testamento Hebraico, é uma palavra talmúdica. Os rabinos associam-na ao Espírito de Deus, porque o Talmude diz: "A Shekhinah do Senhor nunca se afastará desse lugar (uma referência ao Muro das Lamentações).

Apesar de ser uma palavra feminina, todavia, não é bíblica. O Talmude não se reveste de nenhuma autoridade para os cristãos. Jesus o chamou de "tradição e preceitos de homens" (Mt 15.2,3,7,8; Mc 7.7, 13). Além disso, essa ligação é tênue demais para se estabelecer doutrina. Nem o Velho e nem o Novo Testamento, portanto, apresenta o Espírito Santo como um ser feminino. A Bíblia é a palavra final!

Sobre a queda de Adão

A Igreja da Unificação ensina que a queda do homem ocorreu em duas etapas: espiritual e física. A primeira foi espiritual. Eva cometeu adultério com Satanás e dessa relação íntima nasceu Caim. A segunda, foi física. Depois desse suposto adultério, Eva teve relações íntimas com Adão e dessa união nasceu Abel. Essa é a queda física. Assim Moon associa o pecado ao ato sexual. Com isso, também,

procura justificar o casamento em massa, arranjados e "abençoados" por Moon, seguindo-se depois do casamento um período de abstinência sexual entre os cônjuges.

A Bíblia refuta com clareza meridiana esse ensino de Moon: "E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e teve a Caim" (Gn 4.1). Logo em seguida, diz o texto sagrado: "E teve mais a seu irmão Abel" (Gn 4.2). Assim Caim e Abel são filhos do casal Adão e Eva. O pecado de Adão e Eva nada tem com o sexo, desobedeceram a Deus comendo o fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Veja Gênesis 2.16,17; 3.2,11.

OS FALSOS CRISTOS

O Senhor Jesus disse que o fim dos tempos seria marcado pela aparição de falsos cristos e falsos profetas: "Porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas e farão sinais e prodígios, para enganarem, se for possível, até os escolhidos" (Mc 13.22).

Quando a cidade de Jerusalém foi destruída, um grupo de judeus foi viver em Yavne ou Jâmnia, uma região na faixa de Gaza, entre 70 e 132 d. C.. Os rabinos estabeleceram um governo provisório, pois aguardavam a restauração de sua nação naqueles dias. Nessa ocasião o guerreiro Bar Cochba, nome aramaico que significa "Filho da Estrela", foi apresentado pelo rabino Akiva como o

Messias de Israel. O povo creu nele e mais uma vez se insurgiu contra Roma.

Em 132 o imperador Adriano foi pessoalmente à região, esfolou Bar Cochba vivo, mudou o nome Eretz Israel, "Terra de Israel", para Palestina, deu aspecto pagão à cidade de Jerusalém, mudando seu nome para Aélia Capitolina e proibiu os judeus de entrarem em Jerusalém sob pena de morte. O Senhor Jesus disse: "Eu vim em nome de meu Pai, e não me aceitais; se outro vier em seu próprio nome, a esse aceitareis" (Jo 5.43).

Sabetai Zvi, um dia, resolveu também ser Messias, em 1665 declarou aos gritos na porta da sinagoga de Smirna, dizendo: "Eu sou o Messias! Eu sou o Messias!". Prometeu conduzir os filhos de Israel da dispersão à Terra Prometida, mas para isso precisava da permissão do sultão, pois a terra de seus antepassados estava sob o domínio do império Turco Otomano. Na entrevista o sultão pediu-lhe as provas e credenciais de Messias. Não tendo como provar sua messiandade, foi obrigado a se converter ao Islamismo para escapar da morte. Sabetai Zvi, que foi para a audiência com o sultão como judeu, voltou para sua casa como muçulmano.

David Koresh, da Califórnia, que a imprensa internacional noticiou, dizia ser o Cristo, e fez adeptos. Em Curitiba, Inri Cristo declara também ser o Cristo. Diante de uma lista interminável de falsos cristos, o Reverendo Moon também resolveu ser Messias. Ele afirma que vai sofrer mais do que Jesus

sofreu na cruz, e que seu sangue é puro. Nos casamentos em massa arranjado por Moon, os nubentes bebem o vinho com uma gota de sangue de Moon, para que seus filhos nasçam puros, sem pecado. Seus adeptos andam com a foto de Moon, que segundo eles, tem poder para proteger seus seguidores. Ele chama a si mesmo de o Cristo da atualidade.

O VERDADEIRO CRISTO

O Senhor Jesus mostrou para o mundo suas credenciais e já persuadiu a mais da metade do planeta de que é o Messias. A vida e a obra de Jesus foram o cumprimento das Escrituras: "... convinha que se cumprisse tudo que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e nos Profetas e nos Salmos... que o Cristo padecesse e, ao terceiro dia, ressuscitasse dos mortos; e em seu nome, se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém" (Lc 24.44-47). Na sua transfiguração vieram pessoalmente Moisés e Elias, representantes da Lei e dos Profetas, para ratificar a messianidade de Jesus. O próprio Deus, desde os céus, deu testemunho a respeito de seu Filho. Veja Mateus 3.17,18; 17.3,5.

Seus ensinoss e sinais miraculosos, além de sua ressurreição e ascensão ao céu, são as provas irrefutáveis da messianidade de Jesus de Nazaré. Jesus manifestou seu poder sobre o reino das trevas,

sobre o pecado, sobre a natureza, sobre as enfermidades e sobre a morte. Essas coisas são as credenciais de Jesus como o Messias de Israel, que ninguém jamais poderá destruir. Veja Lucas 24.19; João 10.31-33; 14.10,11; Atos 10.38.

Além disso, a Bíblia diz que o Senhor Jesus Cristo não virá mais como homem para viver entre nós, como aconteceu no seu primeiro advento. Ele mesmo disse: "Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos" (Mt 24.5). Jesus virá em glória para buscar seu povo, a igreja. Isso destrói completamente essa pretensão de todos os que se apresentaram como o Cristo. Veja Mateus 24.29-31; Lucas 17.21-24; Hebreus 9.28.

Jesus disse que o aparecimento de muitos falsos cristos e falsos profetas indicaria o fim dos tempos. A seita do Reverendo Moon se insere neste contexto. Os avisos solenes de Jesus são cada vez mais atuais. A Igreja, portanto, deve se precaver contra esses líderes de seitas. Veja Mateus 24.3-8 e Lucas 21.8.

CONCLUSÃO

As doutrinas e práticas da Igreja da Unificação, do Reverendo Moon, provam que não há nada de Jesus Cristo e nem do Espírito Santo nela. Trata-se de uma rede empresarial com roupagem religiosa. Interessa-se especialmente por jovens, de ambos os

sexos, e de classe média, para servirem a instituição. Como as demais seitas, utiliza-se do "terror psicológico" para manter seus adeptos na seita. Promovem eventos de 7, 14 ou 21 dias. Os convites são grátis, com passagens e hospedagens e outras despesas pagas, até para o exterior. Os convidados vão para ouvir os ensinamentos de Moon. Precisamos estar preparados cada vez mais para alcançar seus adeptos para o verdadeiro Jesus.

Capítulo 15

O MODALISMO

"E na vossa lei está também escrito que o testemunho de dois homens é verdadeiro. Eu sou o que testifico de mim mesmo, e de mim testifica também o Pai, que me enviou " (João 8.17,18).

O Modalismo é uma crença muito antiga, que surgiu e logo desapareceu da história do Cristianismo. Esse movimento inspirou os atuais movimentos unicistas. O Modalismo defende a divindade absoluta de Jesus, porém, nega a doutrina bíblica da Trindade. Aqui vamos estudar a origem, história e desenvolvimento do Modalismo e sua refutação bíblica.

ORIGEM

A Igreja saiu ilesa da batalha contra o gnosticismo, mas deixou como saldo a preocupação dos cristãos sobre a divindade do Logos e o monoteísmo. Se Jesus é Deus absoluto como fica o monoteísmo judaico-cristão? Por outro lado havia outra questão: se o Logos é subordinado ao Pai, isso não compromete a divindade absoluta de Jesus? Havia na época os alogoi e os ebionitas, que eram as seitas do segundo século que negavam a deidade absoluta de Jesus.

Nessa época surgiram os que Tertuliano chamou de monarquianistas (do grego monarchia — governo exercido por uma única pessoa). Na tentativa de salvar o monoteísmo sem comprometer a deidade absoluta de Jesus, surgiram muitas interpretações cristológicas e algumas até bizarras.

Os monarquianistas dinâmicos, do grego dynamis, "força, poder", diziam que Deus deu força e poder a Jesus, adotando-o como Filho, negando assim a divindade absoluta de Jesus, e também a Trindade. Essa doutrina dos dinâmicos era defendida por Teodoro de Bizâncio, Artemão e Paulo de Samosata, bispo de Antioquia.

O adocionismo ensinava que Jesus foi originalmente homem e que por decreto especial de Deus nasceu de uma virgem e recebeu poderes

sobrenaturais ao vir sobre ele o Espírito Santo por ocasião do seu batismo nas águas, no rio Jordão. Em virtude de seu caráter sem mácula e de seus feitos extraordinários, ele foi recompensado com a ressurreição e foi adotado na esfera da deidade. Podia ser reconhecido como divino, mas não igual ao Pai e o Espírito Santo.

Segundo um deles, chamado Paulo de Samosata, o Espírito Santo seria mero atributo impessoal de Deus. Essa doutrina era o prenúncio do arianismo, que no início do séc. IV negava a eternidade de Jesus, considerando Cristo um deus de segunda categoria. Doutrina similar é defendida ainda hoje pelas Testemunhas de Jeová.

Por outro lado, os monarquianistas modais ensinavam que as três Pessoas da Divindade se manifestavam por vários modos, daí o nome modalista. Defendiam o monoteísmo, a divindade absoluta de Cristo e do Espírito Santo, mas confundiam as três Pessoas da Trindade. Segundo essa doutrina, Deus não seria três Pessoas, mas três modos. Os pais da Igreja Hipólito, Tertuliano e Orígenes refutaram com veemência essa doutrina.

Um desses unicistas, chamado Noeto, dizia que o Pai nasceu, sofreu e morreu, e que Jesus, portanto era o Pai. Por essa razão, no Ocidente, eles eram chamados de patripassianistas (do latim Pater "Pai" e

passus de patrior "sofrer" — O Pai se encarnou em Cristo e sofreu com Ele). Como disse Tertuliano: "Práxeas fez voar o Parácleto e crucificou o Pai".

No Oriente eram chamados sabelianistas, pois o heresiarca Sabélio foi quem mais se destacou na propagação dessa heresia. Sabélio defendia uma forma inadequada da Trindade ensinando que o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram apenas três aspectos da Divindade, sendo, portanto, uma mesma Pessoa, ou seja, Pai, Filho e Espírito Santo seriam nomes diferentes de uma mesma Pessoa. Essa doutrina do bispo Sabélio é hoje chamada de sabelianismo.

O bispo Sabélio usava a palavra "pessoa" para cada Pessoa da Divindade, mas para ele essa "pessoa" tinha o sentido de máscara ou de manifestações diferentes de uma mesma Pessoa Divina. Na sua concepção o Pai, o Filho e o Espírito Santo são nomes de três estágios ou fases diferentes. Ele era Pai na criação e na promulgação da lei, Filho na encarnação e Espírito Santo na

regeneração. Essa doutrina foi combatida por Tertuliano em *Contra Práxeas*, quando pela primeira vez o apologista Tertuliano usa o termo *Trinitas* ("Trindade") para a Divindade.

Nestório foi bispo de Constantinopla entre 428-431 e desenvolveu a teologia do seu mestre Teodoro de Mopsuéstia. Ilustrava as duas naturezas de Cristo como sendo marido e mulher "uma só carne", sem contudo, deixarem de ser duas pessoas e duas naturezas separadas. Dizia que a divindade de Cristo residia nele assim como o Espírito Santo reside no cristão, a diferença seria apenas de grau entre a residência de Deus em Cristo e nos crentes. Assim os nestorianos ensinavam que as duas naturezas de Cristo eram duas pessoas e que essas eram tão íntimas que poderiam ser chamadas uma só pessoa, como no caso de marido e mulher serem "uma só carne" (Gn 2.24).

REFUTANDO O MODALISMO

Há quatro pontos fundamentais em que os unicistas modernos diferem dos evangélicos, os quais foram defendidos pelos sabelianistas da antigüidade, a saber: a natureza de Deus, a natureza de Cristo, a fórmula batismal e o significado do batismo. Tudo isso é contrário à ortodoxia cristã universal e em particular à nossa doutrina. O unicismo moderno tem suas raízes no antigo Modalismo.

O nosso Cremos, publicado em cada edição do jornal Mensageiro da Paz, órgão oficial da Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil — CGADB, diz no primeiro artigo de fé: "Cremos em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo" Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29. E mais adiante afirma o nosso Cremos: "No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo" (Mt 28.19; Rm 6.1-6; Cl 2.12).

Cada uma das Pessoas da Santíssima Trindade é Deus pleno, em toda sua plenitude, não se trata de uma parte de Deus. As três Pessoas são da mesma natureza, essência, substância, pois são um só Deus. O fato de o Pai, o Filho e o Espírito Santo serem um só e mesmo Deus, não significa que os membros da Trindade sejam uma só Pessoa. A Trindade, portanto, como já vimos à luz da Bíblia, é a união de três Pessoas distintas em uma só Divindade, e não em uma só Pessoa, pois a unidade de Deus é composta e não absoluta. Isso não é triteísmo, está enfatizando a existência de um só Deus em três Pessoas. Veja o capítulo 4.

O Credo Atanasiano, no seu quarto artigo de fé, afirma: "Não confundimos as Pessoas, nem separamos a substância". Os unicistas confundem as Pessoas mutilando a personalidade do Pai e do Filho, com a doutrina das "manifestações", que é uma maneira camuflada de negar Jesus como o Filho de Deus. A Bíblia diz que negar o Pai e o Filho traz a

condenação: "Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? E o anti-cristo esse mesmo que nega o Pai e o Filho. Qualquer que nega o Filho também não tem o Pai; e aquele que confessa o Filho tem também o Pai" (1 Jo 2.22, 23).

O Pai e o Filho são Pessoas distintas

Há inúmeras passagens bíblicas que mostram de maneira irrefutável a distinção dessas Pessoas. Jesus disse: "Na verdade bebereis o meu cálice, mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não me pertence dá-lo, mas é para aqueles para quem meu Pai o tem preparado" (Mt 20.23). As Testemunhas de Jeová gostam muito de citar essa passagem bíblica para justificar sua crença de que Jesus não é Deus, pois ele mesmo, segundo as Testemunhas de Jeová, afirmou que há algo que compete ao Pai e não ao Filho.

Jesus disse que esses cargos pleiteados pelos filhos de Zebedeu já foram estabelecidos na

eternidade passada por Deus, é que Jesus usou a expressão "meu Pai" para dizer "Deus", e que não cabia ao Filho mudar o que já está firmado. Isso não altera em nada a deidade absoluta do Filho como Deus. O que o texto sagrado deixa claro é que o Pai e o Filho são duas Pessoas distintas, o que destrói por completo as teorias unicistas.

Lemos ainda: "Mas, daquele Dia e hora, ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai" (Mc 13.32). Essa é outra passagem que as Testemunhas de Jeová usam com muita frequência para provar que o Senhor Jesus não é Deus. Argumentam que, se há coisas que só o Pai sabe, logo o Filho é inferior a ele. Não somente isso, eles vão mais além, se existe uma Trindade, onde está o Espírito Santo, ele também não sabe o dia da volta do Senhor Jesus.?

Se a expressão "ninguém sabe" abrange também o Espírito, deveria também abranger o Pai na passagem de Apocalipse 19.12, onde afirma que o

Filho traz um nome "que ninguém sabia, senão ele mesmo". Será que isso faz o Pai ser inferior ao Filho? De maneira nenhuma. Jesus não sabia naquele momento, pois manifestava a sua natureza humana.

A Bíblia ensina em outro lugar que Jesus é onisciente: "Agora, conhecemos que sabes tudo e não precisas de que alguém te interrogue. Por isso, cremos que saíste de Deus" (Jo 16.30). Pedro disse: "Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que eu te amo" (Jo 21.17). Em Cristo "estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (Cl 2.3). O texto sagrado de Marcos 13.32 mostra de maneira clara que o Pai é uma Pessoa e o Filho outra.

A quem Jesus pagou o preço da nossa redenção? A Bíblia responde: "E, clamando Jesus com grande voz, disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isso, expirou" (Lc 23.46). O texto sagrado mostra que Jesus entregou o seu espírito a outra Pessoa, ao Pai, não é possível entender diante duma passagem bíblica dessa que

Jesus pagou o preço da redenção a si mesmo, usando a expressão: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito", se o Pai não fosse realmente outra Pessoa.

Essa distinção de Pessoas fazia parte dos ensinamentos, diálogos e discussões de Jesus com seus discípulos e com as autoridades religiosas. Ele disse: "E na vossa lei está também escrito que o testemunho de dois homens é verdadeiro. Eu sou o que testifico de mim mesmo, e de mim testifica também o Pai, que me enviou" (Jo 8.17,18). Alei estabelecia que para qualquer julgamento seriam necessárias duas ou três pessoas: "pela boca de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o negócio" (Dt 19.15). Isso reaparece no Novo Testamento: "Por boca de duas ou três testemunhas, será confirmada toda a palavra" (2 Co 13.1). Veja ainda Números 35.30 e Deuteronômio 17.6.

O Senhor Jesus evocou essa lei para provar sua missão e origem divina. Essa analogia que o Senhor

fez revela com clareza as falácias do unicismo. Essa passagem joanina, aqui discutida, é tida como texto clássico contra o unicismo. O próprio Dionísio Alexandre a usou contra Sabélio no debate de Alexandria em 263. Jesus disse: "pois, que eu saí e vim de Deus; não vim de mim mesmo, mas ele me enviou" (Jo 8.42). Como pode alguém afirmar que o Pai e o Filho são uma mesma Pessoa? O Senhor Jesus afirmou que veio do Pai e que voltava para o Pai. Veja ainda João 16.5,28; 17.3,8.

Outra vez Jesus disse: "Ouvistes o que eu vos disse: vou e venho para vós. Se me amásseis, certamente, exultaríeis por ter dito: vou para o Pai, porque o Pai é maior do que eu" (Jo 14.28). Essa é outra passagem bíblica citada muitas vezes pelas Testemunhas de Jeová e pelos muçulmanos para contestarem a deidade absoluta de Jesus.

O texto sagrado está falando da função do Filho como Messias durante seu ministério terreno e não da sua natureza, pois ambos são de uma mesma

natureza, essência ou substância, pois ele disse: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10.30). "O Pai é maior do que eu" foi a condição que o Filho se submeteu para o seu messiado.

A Bíblia ensina que na condição de Messias ele se sujeitou a José e Maria: "e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito" (Lc 2. 52). Fez-se inferior aos anjos: "vemos coroado de glória aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte" (Hb 2.9). A expressão: "... vou para o Pai, porque o Pai é maior do que eu" mostra com clareza que Pai e Filho não são a mesma Pessoa. Não é necessário muito esforço para entender isso.

"Depois, virá o fim, quando tiver entregado o Reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo império e toda potestade e força" (1 Co 15.24). Quem vai entregar o reino ao Pai? O Filho. Então ambos não podem ser uma mesma Pessoa.

"Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está

assentado à destra de Deus" (Cl 3.1). Como eu posso me sentar à minha destra? A Bíblia fala muitas vezes que Jesus assentou-se à destra de Deus. Não é possível uma pessoa se sentar à sua própria destra. Logo o Pai não pode ser Filho do próprio Pai, como ensinam os unicistas. Veja ainda Romanos 8,34; Hebreus 1.3; 10.12; 1 Pedro 3.22.

A distinção entre Filho e o Espírito Santo e das três Pessoas

A Bíblia condena o unicismo. Jesus é "o Filho do Pai" (2 Jo 3) e não o próprio Pai. Basta uma leitura simples da Palavra de Deus, principalmente nos quatro evangelhos para se descobrir o absurdo dessa doutrina unicista. No batismo de Jesus são manifestas as três Pessoas distintas da Trindade: o Pai falando do céu, o Filho saindo das águas do Jordão, e o Espírito Santo repousando sobre ele. Como os três podem ser uma só Pessoa? Nos evangelhos encontramos com frequência Jesus

fazendo menção do seu Pai como outra Pessoa. Muitas vezes se dirigia ao Pai em oração (João 17). Afirmar que Pai e Filho são uma mesma Pessoa é um disparate. Veja Mateus 3.16,17.

Da mesma forma acontece com relação ao Filho e ao Espírito Santo. Eis algumas provas bíblicas: "E a todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do Homem ser-lhe-á perdoada, mas ao que blasfemar contra o Espírito Santo não lhe será perdoado" (Lc 12.10). Quem pecar contra o Filho, pode receber perdão, mas quem pecar contra o Espírito Santo não terá perdão. Isso mostra que se trata de duas Pessoas distintas.

Quem ungiu a Jesus? O Deus-Pai: "como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; o qual andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele" (At 10.38). Quem é o Espírito Santo? A Pessoa que o Pai usou para ungir a Jesus. O texto menciona as três Pessoas da Trindade de maneira distinta.

"E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre,... Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito" (Jo 14.16,26). Essa passagem mostra a distinção das três Pessoas da Trindade, o Filho roga ao Pai, logo ambos não podem ser a mesma Pessoa, sobre a vinda do Consolador, a terceira Pessoa. Trata-se do relacionamento eu, tu, ele.

"Todavia, digo-vos a verdade: que vos convém que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vô-lo-ei. E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo" (Jo 16.7, 8). Se o Filho não retornar para o Pai o Espírito Santo não poderá vir. Um precisa ir para o outro vir, como podem ser ambos uma mesma Pessoa? E inaceitável o ensino unicista, não podem ser ambos a mesma Pessoa.

TEXTOS BÍBLICOS SELECIONADOS PELOS UNICISTAS

Os argumentos dos unicistas atuais são basicamente os mesmos dos sabelianistas do passado. Todos eles pinçam a Bíblia aqui e ali em busca de subsídios para consubstanciar suas heresias, para assim poderem dar às suas doutrinas uma roupagem bíblica. A expressão "Pai da eternidade" (Is 9.6) é usada por eles para provar que Pai é Filho e Filho é Pai. Mas a expressão "Pai da eternidade" não é a mesma coisa que Deus-Pai, além disso, Jesus é "o Filho do Pai" (2 Jo 3). Ser "Filho do Pai" não pode ser o próprio Pai do mesmo Filho. No pensamento hebraico, também no árabe, "pai" significa a fonte da coisa designada. O Filho tem em si mesmo a eternidade, é isso que significa "Pai da eternidade".

Costumam citar João 10.30: "Eu e o Pai somos um". O texto prova que Jesus é Deus absoluto igual

ao Pai, mas não a mesma Pessoa do Pai. "Um" no grego, aqui, neste versículo, está no neutro hen e não no masculino, que seria heis, isso mostra duas Pessoas numa só Deidade, nessa passagem. Além disso, o verbo está no plural "somos" e não no singular "sou"; não pode, portanto, Pai e Filho serem uma mesma Pessoa. Além disso, todo o contexto bíblico mostra com clareza a distinção das três Pessoas da Trindade.

Jesus disse a Filipe: "Quem me vê a mim vê o Pai" (Jo 14.8,9). Isso foi usado pelo próprio Sabélion para consubstanciar o seu unicismo. Esta passagem, como a de João 10.30, é ainda hoje usada pelos modernos sabelianistas para justificar a sua doutrina. O versículo seguinte destrói completamente os argumentos sabelianistas: "As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras" (v. 10). Novamente o Senhor menciona o Pai como outra Pessoa.

O BATISMO EM NOME DE JESUS

Os adeptos dos movimentos unicistas defendem o batismo só em nome de Jesus. Alegam que a expressão "em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28.19), indica que o nome de Deus é Jesus. Justificam essa interpretação pelo fato de a palavra "nome" aparecer no singular. Veja que jamais um ser humano poderá chegar a tal conclusão simplesmente pela leitura da Bíblia. Eles vão além do que está escrito. Chegar a uma conclusão dessa nos parece interpretação esotérica ou cabalista do texto sagrado.

A palavra "nome", no singular, é distributiva como no texto hebraico de Rute 1.2. Embora apareça no plural na Versão Almeida Corrida: "e os nomes de seus dois filhos, Malom e Quiliom", no entanto, no hebraico e na Septuaginta está no singular. Em Gênesis 48.16 encontramos a mesma situação: "seja chamado neles o meu nome e o nome de meus pais Abraão e Isaque". Se o vocábulo "nome", onoma, no

original grego, fosse empregado no plural seria necessário dar mais um nome a cada uma dessas Pessoas. O texto sagrado de Mateus 28.19 está falando de três Pessoas distintas em uma só Divindade. "Em nome" quer dizer em nome de Deus, do único Deus que subsiste eternamente em três Pessoas.

Como explicai as quatro passagens no livro de Atos que fazem menção do batismo em nome de Jesus? Eles se valem dessas passagens para consubstanciar sua prática. A inconsistência dessa doutrina unicista é que essas passagens bíblicas não estão nos dando a fórmula batismal. Estão mostrando que essas pessoas foram batizadas na autoridade do nome de Jesus, pela fé em seu nome. A prova disso é que em Atos 2.38 diz: "Em nome de Jesus Cristo"; 8.16: "Em nome do Senhor Jesus"; 10.48: "Em nome de Jesus Cristo"; 19.5: "Em nome do Senhor Jesus".

Apenas Atos 8.16 e 19.5 usam exatamente a mesma expressão. As versões que seguiram o texto

grego de Erasmo de Rotterdã, Textus Receptus, trazem Atos 10.48: "Em nome do Senhor", como a Versão Almeida Corrigida. Dessas quatro passagens três são diferentes, ou duas, dependendo da versão. Se elas revelassem a fórmula batismal, seriam iguais, pois a fórmula é padronizada. Isso mostra que não se trata de uma fórmula batismal. Essa prática unicista foge à ortodoxia, é um desvio da Palavra de Deus. A fórmula determinada por Jesus foi em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo: "Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.19).

Nos quatro primeiros séculos da Era Cristã, os pais da igreja registraram a fórmula como os cristãos foram batizados. O Didache (palavra grega que significa "ensino"), pronuncia-se "didaquê", também chamado "Ensino dos Doze Apóstolos", documento encontrado em Constantinopla em 1785 e datado de 150 d.C, que juntamente com todos os Pais da Igreja falam do batismo em nome do Pai, e do Filho e do

Espírito Santo. Reconhecemos que a Bíblia é a Palavra final. A Patrística pode, às vezes, servir como jurisprudência. Longe de fundamentar nossa doutrina em outra fonte que não seja a Palavra de Deus.

Essas citações servem para mostrar que a Bíblia é confirmada pela história da Igreja.

Irineu, um dos Pais da Igreja martirizado em 202 d.C., escreveu: "Temos recebido o batismo ... em nome de Deus o Pai, no nome de Jesus Cristo, o Filho de Deus que se encarnou, morreu e ressuscitou e em nome do Espírito Santo de Deus". Justino, o Mártir, apologista cristão executado pelo prefeito Rusticus, de Roma, em 165 d. C., escreveu: "São trazidos a um lugar onde há águas e recebe de nós o batismo nas águas em Nome do Pai, Senhor de todo o universo, e de nosso Salvador Jesus Cristo, e do Espírito Santo". Da mesma forma escreveram Cipriano, martirizado em 258, e Basílio (329-379).

HERESIA OU QUESTÕES SECUNDÁRIAS?

Há quem afirme que se trata de uma questão meramente secundária, isso de ambas as partes. Nos Estados Unidos os unicistas são numerosos no sul, Texas, Oklahoma e sudoeste da Califórnia. Tanto lá como aqui, os unicistas são agressivos e não hesitam em chamar os evangélicos de diabólicos. No Brasil

eles são muito pouco em relação aos Estados Unidos. Lá, os mais moderados diziam que Myer Pearlman podia estar com o coração bem com Deus, mas que a cabeça estava cheia de confusão.

Do nosso lado, há os que acham que esse problema não é grave, dizendo que o Espírito Santo não está preocupado com sistema teológico, com o trinitarianismo e nem com o unicismo. Discordamos dessa posição, pois é o mesmo que dizer que o Espírito Santo não está preocupado com a verdade. A Bíblia chama o Espírito Santo de "Espírito da verdade" (Jo 14.16,17; 15.26) e "o Espírito é a verdade"(I Jo 5.6). Os dois sistemas teológicos, unicismo e trinitarianismo, são excludentes. Não é possível conciliar os dois. Um desses sistemas não é verdadeiro.

A doutrina de Deus é o primeiro de todos os mandamentos, é uma questão de vida ou morte, não é, portanto, mensagem alternativa. A Bíblia diz que negar o Pai e o Filho, traz a condenação. Os unicistas mutilam a personalidade do Pai e do Filho, com a doutrina das "manifestações", que é uma maneira camuflada de negar Jesus como o Filho de Deus. Veja Marcos 12.29,30; João 17.3; 1 João 2.22,23; 5.5,9.

Não é difícil entender porque tal doutrina implica na salvação do homem. Uma cristologia errônea implica numa salvação errônea. Quem adora um Deus errado está seguindo um Jesus errado e vai parar num céu errado. Jesus disse do alto da cruz:

"Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 24.46). Para quem Jesus ofereceu o sacrifício de nossa redenção? A Bíblia diz que pecamos contra Deus e que estávamos em inimizade com ele. Jesus é apresentado como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Veja Romanos 3.23; 5.9; João 1.29.

Jesus é o nosso advogado e a propiciação de nossos pecados. Isso mostra que o advogado não pode ser ao mesmo tempo juiz. O advogado defende o réu diante do juiz. O unicismo toma a doutrina da redenção, como diz Stanley M. Horton, numa "charada teológica". Veja 1 João 2.1,2.

CONCLUSÃO

O modalismo ou sabelianismo foge à ortodoxia. Suas crenças sobre Deus não podem ser confirmadas nas Escrituras. Essa doutrina foi rejeita pela patrística e continua sendo rejeitada hoje, pois há inúmeros movimentos atuais que adotaram essa crença, ainda que com leve modificação. É o assunto do capítulo seguinte.

Capítulo 16

MOVIMENTOS INICISTAS MODERNOS

*"E a vida eterna é esta: que
conheçam a
ti só por único Deus Verdadeiro
e a Jesus
Cristo, a quem enviaste" (João
17.3).*

Há uma diferença básica entre os unicistas atuais e os modalistas da antigüidade. Embora os unicistas de hoje não ensinem os modos ou funções de cada uma das três Pessoas da Trindade, todavia

negam a existência de mais de uma Pessoa na Deidade, negando assim a Trindade bíblica, o conceito trinitariano encontrado no Credo Atanasiano.

O MOVIMENTO "SÓ JESUS"

O sabelianismo ganhou espaço por mais ou menos cem anos em Roma, Ásia Menor, Síria e Egito. Em 263, Dionísio de Alexandria, enfrentou o próprio Sabélio derrotando o sabelianismo. Depois disso, o Cristianismo passou a repudiar o sabelianismo e o combate à essa heresia continuou até que ela desaparecesse completamente da história. Depois de muitos séculos, essa heresia foi trazida de volta, das profundezas do inferno, por John G. Schepp, fundador da seita "Só Jesus", em 1913. Os movimentos unicistas são um desdobramento da antiga heresia modalista. Há muita coisa em comum entre os unicistas modernos e os antigos modalistas, mas não são exatamente iguais.

Fundada por John S. Schepp em 1913. Esse movimento provocou muitas divisões nas igrejas

evangélicas. Ela mesma depois se dividiu em várias facções, dentre elas a Igreja Pentecostal Unida do Brasil, presente também em outros países, que também é unicista e batiza só em nome de Jesus. (Não confundir com a Igreja Unida). Seus adeptos não seguem a fórmula batismal de Mateus 28.19: "Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo".

O MOVIMENTO "TABERNÁCULO DA FÉ"

Origem e história

Movimento unicista fundado por William Marrion Branham, nascido em Kentucky, Indiana, Estados Unidos, em 1909. Dizia que em 1916, aos 7 anos de idade, recebeu a sua primeira visão. Os seguidores desse movimento afirmam que a revelação mais importante Branham recebeu em 1946. Um anjo teria aparecido a ele numa caverna e teria dito que ele seria um evangelista com o dom de curar. Converteu-se a fé cristã na Igreja Batista e em 1933 pregou numa tenda em Jeffersonville, Indiana, EUA, para cerca de 3 mil pessoas. Seu contato com os unicistas foi em Mishawaka, no mesmo estado, depois da morte de sua esposa em 1937 e de sua filhinha, ainda um bebê. Ele interpretou essa perda de seus entes queridos como castigo de Deus por não ministrar aos unicistas. Profetizou que em 1947 todas as igrejas cristãs se reunificariam e também a

destruição dos Estados Unidos com uma explosão em 1977.

Branham considerava a si mesmo como o mensageiro do Apocalipse. Segundo ele, as sete igrejas do Apocalipse seriam sete dispensações da Igreja. Começando com a suposta dispensação de Efeso até a suposta dispensação de Laodicéia. Dizia que o apóstolo Paulo foi mensageiro dessa primeira dispensação. A de Laodicéia, que seria a última de 1909, ano de seu nascimento, até 1977, data que Branham marcou para a segunda vinda de Cristo, sendo o próprio Branham o mensageiro dessa dispensação.

Ele, entretanto, foi assassinado por um motorista embriagado em 1965, antes do fim dessa suposta dispensação. Dizia ser ele mesmo o profeta Elias enviado conforme Malaquias 4.5. Quando foi assassinado, seus adeptos esperavam que ele ressuscitasse. Eles, ainda hoje exibem uma foto de Branham, com uma auréola sobre ele, que supostamente apareceu numa campanha em Houston, no Texas, em 1950. Ainda há muitos desses seguidores branhanistas que acreditam que ele era Deus em figura humana.

Suas crenças

Outro ensino exótico desse movimento é que Branham dizia que Eva teve relações sexuais com o

diabo no jardim do Eden, e dessa cópula nasceu Caim, é a doutrina conhecida como "Semente da Serpente". No livro intitulado Uma Exposição das Sete Eras da Igreja afirma que a árvore da ciência do bem e do mal é Satanás e que a árvore da vida é Jesus. Além disso ensina que comer do fruto dessa primeira árvore significa a relação sexual. Com isso ensinava que alguns seres humanos estão predestinados ao inferno.

Vale lembrar que o conceito de inferno nesse movimento foge à ortodoxia, não é o mesmo sustentado pelo cristianismo históri- co-ortodoxo, conforme ensinado na Bíblia. E os nascidos de Deus são seus adeptos, segundo sua teologia, são os herdeiros da vida eterna. Basta uma leitura nos capítulos 2 e 3 de Gênesis para desmoronar essa interpretação. A Bíblia diz textualmente que Caim nasceu de Adão e Eva. Veja Gênesis 4.1.

O movimento ainda hoje é unicista e como tal nega a doutrina bíblica da Trindade. Branham afirmava que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são simplesmente títulos e não nomes. Com essa explicação fundamentava o batismo nas águas só em nome do Senhor Jesus Cristo, "porque é um nome, não um título".

O MOVIMENTO "VOZ DA VERDADE"

A Igreja Voz da Verdade foi fundada em 05/01/1984, na cidade de Santo André, S. Paulo. Ela

é hoje conhecida em nossas igrejas por causa do Conjunto de mesmo nome. Essa Igreja é unicista, batiza em nome de Jesus e é contra as demais igrejas evangélicas, afirma que o batismo efetuado pelas igrejas trinitarianas são sem valor bíblico e "forjado pelo homem". O interesse deles por nossas igrejas é porque naquela época vendiam muitos discos, fitas e CDs para disseminar seus ensinamentos.

O unicismo deles vêm à tona

A lição 5 da revista da Escola Dominical, intitulada Seitas Modalistas, do segundo trimestre de 1997, mencionou o conjunto Voz da Verdade juntamente com sua Igreja na lista das seitas unicistas. Foi citado em apenas um parágrafo e todo o texto girava em torno de dois pontos doutrinários: as seitas modalistas negam a doutrina da Trindade e têm problema com o batismo nas águas.

Mas isso foi o suficiente para a reação do pastor da Igreja Voz da Verdade, que me telefonou ameaçando levar o caso à justiça. Qual a causa dessa irritação? O movimento dele era ou não unicista? Estaria eu mentindo nessa lição da Escola Dominical? Isso mostra que eles não queriam que nossas igrejas soubessem disso.

Uma vez vindo à tona o unicismo deles, eles produziram um CD, distribuído gratuitamente para os crentes, com três estudos bíblicos defendendo o unicismo. Agora não podem mais ocultar sua

doutrina, resolveram se revelar, mas procurando persuadir os crentes de que estamos errados e que eles estão com a verdade. As citações bíblicas são manipuladas, fora do contexto, e pode confundir qualquer crente mediano sem muitos conhecimentos da Palavra de Deus.

Eles são unicistas e batizam em nome de Jesus e são contra as demais igrejas evangélicas. Apesar de tudo isso, temos visto em muitas cidades que seus hinos ainda continuam sendo cantados livremente em nossas igrejas. Já aconteceu de o próprio conjunto ser convidado para fazer apresentações sendo seu pastor o pregador. Por isso que cada vez que trazemos à tona os ensinamentos desses grupos unicistas, eles reagem como se tivessem se sentindo violados em seus direitos.

Existe mensagem ocultista em suas músicas?

O Conjunto e seu pastor além de irreverentes em seus shows e nada ortodoxos em suas apresentações, para o padrão das Assembléias de Deus, apresentam em algumas de suas músicas mensagens estranhas, que parecem comprometidas com o ocultismo, presença sutil de louvores a deuses estranhos.

No dia 11 de maio de 1993, o CLC (Centro de Literatura Cristã) enviou uma carta para o Ministério Voz da Verdade suspendendo a distribuição do seu material, até que o referido explicasse essa possível

evidência de louvores a deuses estranhos. A resposta foi dada pelo pastor da Voz da Verdade cinco dias depois dizendo que não precisava do CLC e que seria um favor o CLC não adquirir seu material: "Não precisamos do Centro de Literatura Cristã; vocês não fazem diferença; vocês e nada são a mesma coisa!". Pôs-se como perseguido por servir a Jesus.

Se realmente não há qualquer envolvimento deles com o ocultismo por que o pastor não procurou explicar a carta enviada pelo CLC? Essa indignação e descortesia do pastor da Igreja Voz da Verdade deixa seu Conjunto sob suspeita, uma vez que deveria esclarecer as dúvidas.

Na música Sabedoria de Deus, terceira faixa do CD intitulado Vem Buscar, o cantor diz: "Quando vem o INFERNO" e não: "Quando vem o inverno". Embora sejam palavras muito parecidas, apenas uma letra faz a diferença, provocando o risco de uma possível confusão. Mas a palavra na referida música é mesmo "inferno". É realmente uma mensagem oculta que caracteriza comprometimento com o ocultismo?

Na música Glória, segunda faixa do CD Um Grito de Liberdade, o coro parece dizer "Glória, Maria", em vez de "glória... glória", como parece à primeira vista. Uma maneira sutil de glorificar a Maria? Na música Palavra da Vida, sexta faixa do mesmo CD, diz "Azulu!", em vez de "haja luz!". Na música Jesus, o Messias, última faixa do CD intitulado Magnífico, aparece a palavra "exunealogia" e também outra mensagem ocultista "contra Israel".

IGREJA LOCAL

Conhecida por seu ônibus "Expolivro" e por seu Jornal Árvore da Vida. É a que mais causa problema em nossas igrejas, por causa de seu proselitismo sectário e desleal. Eles perturbam nossas igrejas, pois se parecem muito como o nosso povo e por isso se camuflam facilmente em nosso meio, por causa do seu mundus vivendi. Dizem que não são modalistas porque Sabélíio dizia que Pai, Filho e Espírito Santo são três aspectos temporários da Divindade, ao passo que a Igreja Local diz que são três aspectos eternos da Divindade. O que há de comum entre eles é que ambos afirmam que a Divindade é uma só Pessoa. Como Sabélíio, usam com freqüência a palavra "pessoa" para cada Pessoa da Trindade, mas com outro sentido. Usam até o nome Trindade, mas não é o mesmo trinitarianismo do Credo Atanasiano.

O MOVIMENTO DAS TESTEMUNHAS DEYEHOSHUA

Fundado em 1987, em Curitiba (PR), por Ivo Santos de Camargo, o qual afirma nunca haver pertencido a uma igreja evan- gélica, mas que já visitou algumas delas. Diz que recebeu uma

revelação de Deus sobre a pronúncia exata do Tetragrama (as quatro consoantes do nome divino [YHWH] e que esse é o mesmo nome do Salvador). O que há de comum entre seus membros e os demais grupos religiosos heterodoxos é que negam a doutrina bíblica da Trindade e são exclusivistas, além de sua marca distintiva, o nome Yehoshua em lugar do nome Jesus.

Suas Crenças

Crêem que o nome "Jesus" ou "Jesus Cristo" é o número 666 da besta do Apocalipse e uma abominação, dizem que é o paganismo do catolicismo romano. O nome que veio do céu, afirmam, é Yehoshua, que teria sido substituído por Jesus. Um deles afirmou numa entrevista telefônica "ser filho direto da revelação", dizendo com isso que recebeu sua ordenação diretamente de Deus.

Outro deles assume a autoridade *sui generis* acima dos outros homens e chegou a dizer que Deus falou em sonhos dizendo: "Eu te constitui profeta entre as nações". Acha que o mundo inteiro está preocupado com ele e suas doutrinas ao afirmar: "por causa de minhas palavras o mundo inteiro poderá se levantar contra mim". Como os demais adeptos de grupos religiosos heterodoxos, foi acometido do que chamamos de síndrome de perseguição.

Não crêem na Bíblia. Afirmam que a Bíblia foi falsificada e que o original foi destruído pela Igreja

Católica. Alegam que nossas versões da Bíblia, até os manuscritos gregos do Novo Testamento, foram adulterados e modificados, e propõem um texto que, segundo eles, seja inspirado, autêntico, que apresente o nome Yehoshua ou Yehoshua ha 'Machiach no lugar de Jesus ou Jesus Cristo. Doutrina dos muçulmanos, que afirmam que a Bíblia foi corrompida, mas que nunca puderam apresentar um exemplar desse suposto texto autêntico e nem quando essa suposta falsificação aconteceu. Antes o contrário, temos inúmeras e irrefutáveis provas da autenticidade da Bíblia Sagrada.

Eles são unicistas, negam a doutrina da Trindade, embora defendam a deidade absoluta de Jesus, como os movimentos da Voz da Verdade, Tabernáculo da Fé, Só Jesus e outros. São sabatistas, defendem a guarda do sábado, como os adventistas do sétimo dia. Desconhecem a doutrina da salvação pela fé em Jesus, pregam que o homem é salvo através do conhecimento do nome Yehoshua. Dispara sua metralhadora giratória contra todas religiões e principalmente contra as igrejas evangélicas.

Apesar de o movimento ser tão novo, outros grupos surgiram dele. Esses dissidentes, que também se identificam como Testemunhas de Yehoshua, defendem os mesmos princípios do fundador, indo mais além: negam a autoridade do evangelho de Mateus, pois ensinam que tal evangelho é uma invenção da Igreja Católica para apoiar a doutrina de

que Jesus é o Filho de Deus, negando o nascimento virginal de Jesus, alegam que só após a ressurreição é que Jesus "tornou-se" Filho de Deus.

Sobre os nomes "Jesus" e Yehoshua

Respondendo a essas objeções, devemos esclarecer que o nome Jesus vem do hebraico Yehoshua, "Josué", que significa "lavé" ou "Jeová é salvação". Depois do cativeiro de Babilônia, o nome Yehoshua passou a ser conhecido também por Yeshua, sua forma abreviada.

O fato de ser uma forma abreviada não significa que deixou de ser nome, como eles pregam. O nome aparece no Velho Testamento hebraico como nome alternativo entre Yehoshua e Yeshiia. A Septuaginta usou o nome Iesous (o ditongo grego "ou" se pronuncia "u") para Yehoshua, portanto Iesous é a forma grega do nome Yehoshua, ou Yeshua. Isso já foi comentado antes, reveja o capítulo 5, § 4-7.

Sobre o Anjo de Êxodo 23.20,21

Afirmam que a pronúncia correta do Tetragrama é Yehoshua. Procuram justificar essa "descoberta" em Êxodo 23.20,21, que diz: "Eis que eu envio um Anjo diante de ti, para que te guarde neste caminho e te leve ao lugar que te tenho aparelhado. Guarda-te diante dele, e ouve a sua voz, e não o provoques à ira; porque não perdoará a vossa rebelião; porque o

meu nome está nele". Segundo a sua interpretação, esse Anjo é Josué, com base na expressão: "o meu nome está nele". Como o nome "Josué", em hebraico, é Yehoshua, afirmam que esse é o mesmo nome do Deus de Israel, revelado no Velho Testamento, e da mesma forma o nome do Messias, que deve ser invocado por "Yehoshua" e não por "Jesus".

O primeiro problema dessa interpretação, para não dizer invenção, é que a pronúncia Yehoshua não comporta no Tetragrama, as consoantes hebraicas equivalentes a YHWH, do nome "Jeová" ou "Iavé". Basta ver as letras desses dois nomes para se certificar da confusão dessa doutrina.

O segundo é que a Bíblia diz que Deus pôs o seu nome sobre os filhos de Israel, sobre o templo de Jerusalém e sobre a cidade

Santa. Nem por isso é correto afirmar que os filhos de Israel, ou o templo de Jerusalém sejam o mesmo Deus Jeová. Veja Números 6.27; 2 Crônicas 7.15.

O Anjo nesta passagem é um ser sobrenatural que haveria de proteger Israel até a total extinção dos amorreus, heteus, ferezeus, cananeus, heveus e jebuseus. A fortaleza dos jebuseus só foi conquistada por Davi, mais de 350 anos depois da morte de Josué. Outros afirmam que esse anjo era Jesus pré-encarnado. Não há consistência bíblica para afirmar que esse anjo seja Josué. Veja Êxodo 23.23; 2 Samuel 5.6-9.

Sobre o número 666

Alegam que a expressão "Jesus Cristo Filho de Deus" equivale ao número 666, isso para consubstanciar sua teoria de que o nome "Jesus" é satânico. Antes de tudo, convém salientar que com um pouco de criatividade é possível tomar o nome de qualquer personagem e adaptar com seus títulos selecionados até que se chegue ao número 666. Isso é possível fazer com os nomes dos próprios líderes do movimento Testemunhas de Yehoshua.

Quando se quer rotular alguém de 666 há muitas maneiras de fazê-lo. Se não funcionar em caracteres latinos, pode-se usar caracteres hebraicos. Se um título não encaixar, substitui por outro, ou adiciona mais um adjetivo. Se mesmo assim não for possível, basta criar cálculos cabalísticos.

Outro ponto importante é que não existe na Vulgata Latina a expressão correspondente a "Jesus Cristo Filho de Deus". Essa construção não é bíblica. A Bíblia ensina inúmeras vezes que Jesus é o

Filho de Deus, mas não com essa construção. Colocar essa construção em latim para depois adaptar ao número 666 é um artifício falacioso para atacar o cristianismo bíblico.

É verdade que nome próprio não se traduz?

Outro argumento deles é que nome próprio não se traduz, sendo assim, consideram o nome de Jesus uma tradução, e por isso o nome seria falso. É verdade que nomes próprios nem sempre são traduzidos, e outras vezes são transliterados conforme a índole de cada língua. Os nomes Eva, David e outros que levam a letra wav, "v" em hebraico, aparecem como Eua, Daud, nos textos gregos. No grego moderno a letra beta, o nosso b na antigüidade, hoje é v. Hoje se escreve Dabid para David e Eba para Eva.

Há nomes que permanecem inalteráveis em outras línguas, mas não são todos. O nome "João", por exemplo, é Yohanan, em hebraico; Ioannes, em grego; John, em inglês; Jean, em francês; Giovanni, em italiano, Juan, em espanhol; Johannes, em alemão. Outro exemplo podemos ver no nome de Jacó, que em hebraico é Yaakov; em grego, Iakobo (Tiago). Na língua francesa é Jacques, em italiano Giácomo, em inglês, Jacob.

Há nomes que mudam substancialmente de uma língua para outra. Eliazar, em hebraico, é Lázaro em grego. Elisabete é a forma hebraica do nome grego Isabel. Maria é a forma grega do nome Miriam. Baruch, em hebraico, deu origem ao nosso Benedito, em português, que significa "bendito, abençoado".

Os líderes desse movimento procuram fugir dessa realidade e escondem essas informações, apresentando simplesmente os nomes que não sofrem alterações de uma língua para a outra. O

argumento, portanto, de que o nome que deve ser preservado na forma original, em todas as línguas, é inconsistente, sem apoio bíblico.

Além disso, estão partindo do princípio de que a língua hebraica é sagrada e a salvação do homem depende do conhecimento da palavra hebraica e não da Pessoa Augusta do Filho de Deus e isso não é cristianismo. O hebraico é a língua do Velho Testamento, mas a Bíblia não a considera língua sagrada. Ao longo dos séculos, desde os tempos do Velho Testamento até à atualidade, Deus sempre se comunicou com os seus servos na sua língua materna, e não em hebraico. Deus não falou com Adão e nem com Noé em hebraico, pois essa língua é um dos ramos da língua cananita e não existia antes de Abraão. Em que língua Deus falou com o Faraó, do Egito e com Nabucodonosor, rei de Babilônia? Hebraico? A evidência parece dizer que não!

As línguas tidas como sagradas estão estagnadas, como o árabe clássico, do Alcorão, o sânscrito, antiga língua da Índia e outras. Se é, pois, sagrada a língua hebraica, logo não se pode acrescentar palavras ao seu vocabulário, e no próprio Velho Testamento hebraico pode ser visto o desenvolvimento dessa língua e o aumento de seu vocabulário.

Sobre o Evangelho de Mateus

Os dissidentes desse movimento, além de negarem a Trindade, recusam aceitar a autoridade do evangelho de Mateus. A Trindade está em toda a Bíblia e não meramente em Mateus. Na verdade, não são apenas os dissidentes desse movimento que negam o evangelho de Mateus, pois todos eles negam todo o Novo Testamento e todos os manuscritos gregos, como já vimos anteriormente.

Eles recusam o evangelho de Mateus chamando-o de "Evangelho Duvidoso", pois se diz que foi escrito originalmente em hebraico e depois traduzido para o grego. Nessa tradução, segundo eles, o texto foi coitompido. Alegam que é o único dos evangelhos que têm o batismo em nome da Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, permissão para o divórcio, salvação pelas obras, substancia o papado e que considera o nascimento virginal de Jesus, o cumprimento de Isaías 7.14.

Ainda não está confirmado que Mateus escreveu o seu evangelho em hebraico ou aramaico. Apesar dos fortes testemunhos da patrística, desde o segundo século, contudo nada há no conteúdo deste evangelho que confirme essa versão. Antes, o contrário, a expressão encontrada nele: "Que traduzido é: Deus conosco" (Mt 1.23) mostra que não haveria necessidade de se traduzir o significado de "Emanuel", uma vez que o texto já estava em hebraico. Outro ponto interessante é que há duas

formas gregas de se escrever o nome "Jerusalém": lerosolyma, grega e Ierusalem, a hebraica. Mateus usa a forma grega, o que seria estranho para uma obra escrita originalmente em hebraico.

Nenhum cristão está autorizado a rejeitar certos livros da Bíblia pelas suas peculiaridades. O fato de Mateus ser o único a registrar a fórmula batismal não significa que o texto seja espúrio, pois cada livro da Bíblia têm as suas peculiaridades. Marcos foi o único que registrou o moço desnudo que fugiu por ocasião de prisão de Jesus. Lucas foi o único que registrou a origem de João Batista, a infância de Jesus, a parábola do filho pródigo, as passagens do Rico e Lázaro e do Bom Samaritano. João foi o único que registrou o milagre de Caná da Galiléia, transformando água em vinho, a ressurreição de Lázaro, o lava pés, etc. Isso, por si só, destrói completamente a interpretação das Testemunhas de Yehoshua.

Negar, portanto, o nascimento virginal de Jesus é negar o próprio Cristianismo e considerar o Senhor Jesus igual aos outros homens. O Senhor Jesus veio de Deus e o meio que Deus usou para que seu Filho assumisse a forma humana foi a concepção pelo Espírito Santo e o seu nascimento virginal, de acordo com João 1.1, 14; Lucas 1.35. Reveja o capítulo 5 § 15-18.

CONCLUSÃO

É verdade que a maioria dessas seitas unicistas se diz pentecostal. Os católicos carismáticos também se consideram pentecostais. Convém lembrai" que ninguém está autorizado a fundar doutrinas sobre experiências humanas. Isso porque a emoção caiu com a natureza humana no Eden: "Enganoso é o coração, mas do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?" (Jr 17.9). Sentimentos, emoções e convicções não são instrumentos para aferir a verdade bíblica.

Mesmo que as experiências sejam sobrenaturais, a Bíblia diz que Satanás se transfigura em anjo de luz e seus ministros em ministros de justiça, portanto pode oferecer experiências espirituais falsas. Jesus disse que os falsos profetas são reconhecidos pelos frutos e não pelo sobrenatural. Somente a Bíblia é a única fonte de autoridade e as experiências pessoais devem estar de acordo com as Escrituras Sagradas.

Capítulo 17

A MAÇONARIA

"Ou quando alguma pessoa jurar,

pronunciando temerariamente com os seus lábios, para fazer mal ou para fazer bem, em tudo o que o homem pronuncia temerariamente com juramento, e lhe for oculto, e o souber depois, culpado será numa destas coisas" (Levítico 5.4).

A Maçonaria é uma sociedade secreta com membros em todo o mundo. Em diferentes épocas apoiaram as lutas pela independência e também movimentos políticos progressistas, em diversos países. O maçom definiria sua instituição como filosófica, que proclama a predominância do espírito sobre a matéria. Acrescentaria ainda que a Maçonaria estaria empenhada no aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, que proclama os princípios da liberdade, igualdade e fraternidade. Nenhum deles admite ser essa confraria uma religião, embora nela se reúnam homens das mais diversas opiniões e crenças religiosas. É sobre isso que trata o presente capítulo.

ORIGEM E HISTÓRIA

Eles acreditam que a Maçonaria começou com o templo de Jerusalém, construído por Salomão. Mas admitem que a exata origem da Maçonaria é desconhecida, o Dicionário da Maçonaria, de Joaquim Gervásio de Figueiredo, diz: "As origens reais da Maçonaria se perdem nas brumas da antigüidade."

Sua origem está vinculada às lendas de Isis e Osíris, Egito; ao culto a Mitra vindo até a Ordem dos Templários e a Fraternidade Rosa Cruz. É um desdobramento das antigas corporações de pedreiros surgidas na Idade Média. Com o passar do tempo, chegaram a monopolizar a arte gótica, pois construíram uma multinacional da arquitetura. Seus artistas e pedreiros, que trabalhavam a "pedra franca" ou arenito, cujas marcas podem ser vistas nas grandes catedrais da Espanha, França, Inglaterra e Alemanha.

Foi em 24 de junho de 1717 que quatro lojas maçônicas de Londres se unificaram dando origem a Grande Loja da Inglaterra, conhecida como Maçonaria Especulativa ou Franco-Maçonaria. James Anderson, presbiteriano e John Desaguliers, huguenote, lideraram esse movimento. A Grande Loja de Londres é considerada com o seu berço.

Em 1723, James Anderson publicou as constituições da Maçonaria, sendo ainda hoje um documento universalmente aceito como base de todas as lojas maçônicas. Estas Constituições foram levemente revisadas quinze anos depois de sua publicação. Em abril de 1738, o papa Clemente XII

promulgou a primeira condenação católica da Maçonaria, na bula In Eminenti Apostulatus Specula.

INFLUÊNCIA DA MAÇONARIA

Exerce forte influência no Brasil e no mundo. São cerca de 6 milhões no mundo, espalhados em mais de 164 países. Muitos parlamentares, funcionários de alto escalão do governo, líderes religiosos, empresários e membros de outras elites são maçons. Compareceram 120 parlamentares, dentre outras autoridades na inauguração do novo Palácio Maçônico de Brasília do Grande Oriente do Brasil.

Eles estiveram presentes na história de nosso país e prestaram relevantes serviços à nossa nação. Foi na casa de Silva Avarenga que se formou uma academia literária, que, na verdade, era uma loja maçônica. Nela foi iniciado Tiradentes. A bandeira da Inconfidência tinha o dístico *libertas quae sera tamen* e o triângulo maçônico.

Gonçalves Ledo e José Bonifácio com outros maçons tramaram a Independência do Brasil. Um mês após proclamar a independência, D. Pedro I foi aclamado Grão-Mestre Geral da Maçonaria no Brasil. E o marechal Deodoro ocupava esse cargo ao proclamar a República, 1889.

Na religião, eles influenciaram Charles Taze Russell, fundador das Testemunhas de Jeová, e

muitos maçons proeminentes tornaram-se mórmons. Ritos e símbolos maçônicos estão presentes ainda hoje no mormonismo e tiveram presentes na Sociedade Torre de Vigia. Russell pregou em lojas maçônicas, foi colocada uma pirâmide em seu túmulo. A cruz dentro de coroa, símbolo da Maçonaria, foi logotipo da Sociedade Torre de Vigia impresso nas edições da revista The Watchtower — a atual A Sentinela até 1930.

OS RITUAIS DA MAÇONARIA

Os graus

É considerado maçom todo aquele que passar pelos três primeiros graus: Aprendiz, Companheiro e Mestre. A Maçonaria do Rito Escocês tem 32 graus, desde Aprendiz ao Grau do Sublime Príncipe do Real Segredo. O Grau 33 é honorário. Os três primeiros graus são chamados de graus da Loja Azul, pois são comuns a qualquer rito maçônico.

Os dois ritos mais conhecidos são o Rito Escocês e o Rito de York. O Rito Egípcio ou de Misraim tem 90 graus. Os graus do Rito Escocês estão divididos em 4 séries: Graus simbólicos 1°. ao 3°.; Graus capitulares 4°. ao 18°. ; Graus filosóficos 19°. ao 30°.; e os Graus superiores 31°. até o Grau 33.

Os rituais

Os rituais de iniciação apresentam problemas de ordem espiritual e por isso essas crenças e práticas não são recomendadas aos cristãos. São práticas ocultistas como cabala, alquimia, além dos símbolos ocultistas. A Maçonaria declara que os que não são maçons estão em trevas, por isso, na iniciação do primeiro grau, o candidato precisa admitir que é profano e que está nas trevas, em busca da luz da Maçonaria.

No rito do primeiro grau o candidato jura nunca revelar os segredos da Maçonaria, dizendo:

"Juro e prometo, de minha livre vontade e por minha honra e pela minha fé, em presença do Grande Arquiteto do Universo e perante esta assembléia de maçons, solene e sinceramente, nunca revelar qualquer dos mistérios da Maçonaria que me vão ser confiados, senão a um legítimo irmão ou em loja regularmente constituída... Se violar este juramento, seja- me arrancada a língua, o pescoço cortado e meu corpo enterrado na areia do mar, onde o fluxo e o refluxo das ondas me mergulhem em perpétuo esquecimento, sendo declarado sacrilégio

para com Deus e desonrado para os homens.

Amém." (Ritual do Simbolismo Aprendiz Maçom, 2ª edição - Rito Escocês Antigo e Aceito, julho de 1979, pp. 51,54).

A condição de profano quer dizer não religioso, pois a palavra significa "secularizado", como no caso de Esaú: "... profano como Esaú, que, por um manjar, vendeu o seu direito de primogenitura" (Hb 12.16). O cristão não é profano: "...em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Rm 8.4).

O Senhor Jesus disse: "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida" (Jo 8.12). O cristão é seguidor de Jesus, "que nos tirou da potestade das trevas e nos transportou para o Reino do Filho do seu amor" (Cl 1.13). Na qualidade de cristão somos, portanto, filhos da luz. Participar do ritual de iniciação da Maçonaria é negar sua fé em Jesus e reconhecer estar em trevas em busca de uma luz que não é Jesus. E esse juramento é se prender a um julgo desigual e servir a dois senhores. Veja 1 Tessalonicenses 5.3, 4; 1 Coríntios 6.14; Mateus 6.24.

O juramento de guardar segredos que ainda é ignorado, escraviza a consciência e é condenado pela Bíblia: "ou quando alguma pessoa jurar, pronunciando temerariamente com os seus lábios,

para fazer mal ou para fazer bem, em tudo o que o homem pronuncia temerariamente com juramento, e se lhe for oculto, e o souber depois, culpado será numa destas coisas" (Lv 5.4), além de estabelecer uma fraternidade indissolúvel com o infiel. Veja 2 Coríntios 6.14-17.

O nosso corpo pertence a Deus e não estamos autorizados a entregá-lo a uma sociedade secreta e sincrética. Nesse juramento o cristão declara entregar o seu corpo para ser mutilado por uma sociedade secreta. Além disso o cristão nada tem a ocultar, pois tudo o que Jesus ensinou o fez abertamente . Veja 1 Coríntios 6.19,20; João 3.20,21;18.20.

Maçonaria é religião?

São muitas as publicações maçónicas que afirmam textualmente a Maçonaria como religião. A obra maçónica Mackey's Revised Encyclopedia os Freemasonry (Enciclopédia Revisada da Franco Maçonaria de Mackey) diz: "A Maçonaria pode ser corretamente chamada de instituição religiosa... e quem pode negar que a Maçonaria é uma instituição eminentemente religiosa?". Essa declaração é de uma autoridade maçónica de reputação internacional, não é uma afirmação nossa.

Além disso, uma instituição que usa fazer orações em suas cerimônias, ritual, tendo templos ou lojas, consagração desses templos, cerimônias fúnebres, batismo de crianças, com doutrinas, código

de moral, etc. é indiscutivelmente religião, por mais que eles neguem esse fato. Paternidade de Deus, fraternidade dos homens, imortalidade da alma são alguns dos dogmas sustentados pela Maçonaria.

Por que insistem tanto em não ser religião?

Como religião seus membros seriam adeptos, o que seria uma religião secreta. Nesse caso as pessoas, principalmente aquelas que já pertencem a um segmento religioso, não se interessariam por iniciar-se na Maçonaria. Não sendo religião obviamente não interfere na religião de ninguém que não seja cristão e afirma ainda que uma das razões de sua existência é ajudar diversas igrejas. Com essa aparente neutralidade a Maçonaria consegue a simpatia de membros de diversos segmentos religiosos e até mesmo de alguns pastores evangélicos.

SÍMBOLOS DA MAÇONARIA E DO OCULTISMO

A Maçonaria possui também seu lado ocultista. O já citado Dicionário da Maçonaria diz sobre o ocultismo: "... é o estudo dos mundos superiores ao físico: o astral, o mental e outros, é o conjunto de métodos ou disciplina da educação individual. A Maçonaria também possui seu lado oculto que uns sistemas e ritos realçam mais que outros, porém todos têm o mesmo objetivo de aperfeiçoamento moral, intelectual e espiritual do homem, do que decorre direitos e deveres inalienáveis." A Maçonaria

é, potencialmente, uma religião ocultista e abre a porta para o mundo do ocultismo.

Sabemos que essas práticas são condenadas na Bíblia. O capítulo seguinte trata desse assunto. Já estudamos alguma coisa no capítulo 10, sobre os Cultos Afro-brasileiros. Veja Deuteronômio 18.9- 14.

A BÍBLIA NA MAÇONARIA

Vangloria-se de honrar a Bíblia como a Palavra de Deus. Ensina que a Bíblia é a "grande luz da Maçonaria", recomendando aos maçons que a estudem regularmente. Ensina que as três grandes luzes são: a luz da Bíblia, a luz do esquadro e a luz do compasso. Crê na Bíblia, mas somente como um símbolo da vontade de Deus e não como fonte de ensinamento divino. Disse Henry Wilson Coil, uma das maiores autoridades da Maçonaria no mundo: "A opinião maçónica prevalecente é que a Bíblia constitui apenas um símbolo da vontade, lei ou revelação divina, e não que seu conteúdo é lei divina, inspirada ou revelada".

A decoração da loja maçónica é constituída de "Volume da Ciência Sagrada, o Esquadro e o Compasso". Coloca assim a Bíblia em pé de igualdade com outros símbolos, isto é, o "Volume Sagrado", que além da Bíblia, também pode ser o Alcorão, a Tripitaka, os Vedas, o Livro de Mórmon, etc.. Varia segundo a Escritura Sagrada de cada povo. Colocam os símbolos da Maçonaria, livros

sagrados de religiões opostas ao Cristianismo, em pé de igualdade com as Escrituras Sagradas.

Toma isso evidente que a Bíblia não é usada na Maçonaria como regra de fé e prática. A Bíblia, assim como a bandeira, é um símbolo. A bandeira é apenas um pedaço de pano, porém representa coisas importantes para um povo, como a sua liberdade. Para os maçons a Bíblia é apenas um livro sem valor no seu texto, porém que representa a Palavra de Deus, e isso mesmo só nos lugares onde predomina o Cristianismo.

O Senhor Jesus Cristo chamou textualmente a Bíblia de a Palavra de Deus e não simplesmente um símbolo ou uma alegoria, e ainda que "a Escritura não pode ser anulada" (Jo 10.35). Jesus disse: "Nem só de pão vive o homem, mas de toda a Palavra que sai da boca de Deus" (Mt 4.4). "O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar" (Mt 24.35). "Quem me rejeitar a mim, e não receber as minhas palavras, já tem o que julgue; a palavra que tenho pregado, essa o há de julgar no último dia" (Jo 12.48). A Bíblia é para ser obedecida como a Palavra de Deus, pois são livros inspirados por Deus. Isto é enfatizado repetidamente nas Santas Escrituras. Veja Marcos 7.13; e Pedro 1.19-21; 2 Timóteo 3.16,17. Reveja capítulo 2.

TEOLOGIA MAÇÔNICA

Alcança diversas crenças, pois tem em seu meio diversos deuses. Não desconsidera a crença em um deus, pelo contrário, exige que seus seguidores acreditem "num ser supremo". Logo um ateu não pode ser maçom. Embora não procure identificar seu deus, dá a ele um nome: G.A.D.U. "Grande Arquiteto do Universo". Nome pelo qual na Maçonaria se designa Alá, Logos, Osíris, Brahma, etc., dos diferentes povos, já que ali se considera o Universo como uma Loja ou Oficina em sua máxima perfeição. E isso que afirma o já citado Dicionário da Maçonaria.

O deus da Maçonaria, como vemos, não é identificável: pode ser aceito pelos cristãos, hindus, budistas, muçulmanos, judeus, etc. Logo, ele não pode ser o mesmo deus. O Deus da Bíblia adorado pelos cristãos é conhecido por vários nomes, como: Adhonay, que significa "Senhor"; Elohim, "Deus"; Yahweh, "Jeová, lavé, ou Senhor"; El O lam, "Deus Eterno"; El Elyon, "Deus Altíssimo"; El Shaday, "Deus Todo Poderoso. Isso já estudamos no capítulo 3, § 8-27.

O deus do bramanismo é Brahma, que é impessoal, monístico (nem unitário, nem trinitário) ou politeísta. O budismo é politeísta (crendo em Buda como deus e há centenas de outros deuses bons e maus) ou simplesmente ateu, afirmando que não há Deus. O deus do mormonismo é um homem exaltado, entronizado nos mais altos céus e que partiu da condição de homem (Adão) até atingir à

divindade. A Maçonaria se refere à sua divindade usando nomes para deuses considerados abomináveis na Bíblia. A Maçonaria não é apenas uma entidade com conceitos pagãos mas é o reavivamento dos antigos cultos pagãos de mistérios.

No grau do Real Arco do Rito de York, o grau 18, o maçom passa a identificar Deus como Jabulon, que antes chamava de G.A.D.U. Cada sílaba da palavra Jabulon representa um deus, segundo o já citado Coil, é uma associação de Javeh, Baal ou Bel e Om (Osíris, o deus-sol do Egito). "Ja" representaria Javé; "Bui" ou "Baal", o antigo deus cananita, deus nacional dos fenícios, terra de Hirão, rei de Tiro; e "On", Osíris, o misterioso deus egípcio.

Se a Maçonaria começou com o templo de Jerusalém, construído por Salomão, então ela se desviou há muito tempo, pois a Bíblia diz que o tal templo foi construído para que nele o nome de um Deus específico e único permanecesse, o que exclui os demais deuses. Veja 1 Reis 9.3; 2 Crônicas 7.16.

A Bíblia diz que não existe deus além de Jeová: "... fora de mim não há Deus... Há outro Deus além de mim? Não!" (Is 44.6, 8). Os deuses das nações são falsos. A crença maçônica é henoteísta, crença em que o adorador adora a um só Deus, mas admite a existência de outros. A fé cristã ensina: "todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele"

(1 Co 8.6). Veja ainda 1 Crônicas 16.25,26; Deuteronômio 6.13-15; Isaías 45.5,6.

Jesus Cristo

Nega a deidade absoluta de Cristo, ensina que Jesus foi meramente um homem fundador de uma religião como outros. No verbete "Religião" do Dicionário da Maçonaria diz: "Seus imortais fundadores foram todos mensageiros da Verdade Única" e diz ainda: "Todos eles foram unânimes em proclamar a paternidade de Deus e a fraternidade dos homens. Tal foi a mensagem de Vyasa, Hermes Trimegistro, Zarathustra, Orfeu, Krishna, Moisés, Pitágoras, Cristo, Maomé e outros." Afirma ainda que a mensagem cristã sobre a redenção exclusiva na pessoa de Cristo é meramente um retorno às antigas "histórias pagãs".

O que já estudamos até aqui sobre Jesus é mais do que suficiente para reduzir a cinzas esses conceitos da Maçonaria. A Bíblia ensina que Jesus é o Salvador. "Nisto está a caridade, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho amado para propiciação de nossos pecados" (1 Jo 4.10). "E vimos e testificamos que o Pai enviou seu Filho para Salvador do mundo" (1 Jo 4.14).

Os escritores do Novo Testamento, assim como o próprio Jesus, declararam ser ele o Salvador do mundo, cuja morte na cruz pagou a penalidade do

pecado do homem. Por isso entendemos que a posição maçônica quanto a Jesus está errada e não pode ser aceita pelos cristãos. Jesus disse: "E porque me chamais, Senhor, e não fazeis o que eu digo?" (Lc 6.46). Os rituais maçônicos exigem que primeiro o cristão jure fidelidade à Loja e não a Jesus. Os juramentos maçons forcem o cristão a desobedecer a Jesus Cristo. Veja João 1.29; 4.52; 6.29; 14.6; Mateus 16.21-23; 20.28; João 3.16; 1 Timóteo 2.5,6; Atos 4.12.

A Bíblia diz que Jesus é Deus: "Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna" (1 Jo 5.20), o "Unigénito Filho de Deus" (Jo 3.36). É eterno e chamado de "a Luz do mundo", e Criador de todas as coisas. Quem no mundo jamais recebeu pelo menos uma dessas qualidades? Jesus está acima de qualquer outro nome. E, portanto, pecado e anti-bíblico comparar Jesus a qualquer dos humanos. Veja Isaías 9.6; João 8.12; Efésios 1.20, 21.

CONCLUSÃO

A Maçonaria é incompatível para o cristão porque é uma religião secreta, suas crenças estão comprometidas com o ocultismo, o que é condenado pela Palavra de Deus. O ritual de iniciação também é contra os ensinamentos cristãos. Ninguém, portanto, pode servir a dois senhores. Não é possível ser maçom e cristão ao mesmo tempo.

Capítulo 18

O MOVIMENT O NOVA ERA

"O que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará afazer; de modo que nada há novo debaixo do sol" (Eclesiastes 1.9).

O nome mais adequado para a Nova Era, New Age, em inglês, ou Era Aquariana seria Neopaganismo. Basta uma visão panorâmica desse movimento para nos mostrar que não nada há de novo. A Nova Era são as velhas crenças ocultistas do Hinduísmo e de outras religiões transcendentais do Extremo Oriente, cultivadas agora no Ocidente. A abordagem aqui é sobre sua origem, história, influência, objetivo, crenças e como estão frontalmente contra a Bíblia.

ORIGEM E HISTÓRIA

Trata-se de uma filosofia que absorve todas as religiões, como o Hinduísmo, de onde vêm as raízes das suas crenças sobre Deus, sobre a humanidade e sobre a salvação. É um conjunto de seitas, práticas e ideologias, que nega os valores espirituais do Cristianismo. O Hinduísmo é uma religião que absorve todos os sistemas religiosos, ao passo que o Cristianismo exclui os demais sistemas, em virtude da grandeza e da magnificência do Senhor Jesus Cristo. Jesus é Singular! Cristianismo não é alternativa, mas questão de vida ou morte. Vida para quem crer e receber a Jesus, condenação para quem o rejeita. Cristianismo e Hinduísmo são dois extremos religiosos.

O movimento na estrutura em que conhecemos hoje surgiu na década de 60. Sua ideologia vem desde a queda do Éden, conforme lemos em Gênesis 3.1-9. Sua origem está intimamente ligada à Sociedade Teosófica, fundada pela médium Helena Petrovna Blavastky em 1875, seita ocultista e secreta. A Sociedade Teosófica foi o meio pelo qual a filosofia hindu chegou ao Ocidente. O Hinduísmo arroga para si o privilégio de ser a religião mais antiga da terra. Isso mostra que a filosofia na Nova Era não é nova.

A Nova Era é um sincretismo religioso além de político- filosófico que continua ganhando espaço na

sociedade. Políticos, cientistas, empresários, financistas, artistas, atores, religiosos, em toda a parte da terra estão se tornando adeptos da Nova Era. Está presente nos mais variados segmentos da sociedade: religião, política, imprensa, meios de comunicação, indústria, comércio, esporte, arte, literatura e até na educação. Personagens importantes e populares são os principais propagadores da Nova Era.

Acreditam que na Era Aquariana o conceito do Deus do Cristianismo vai desaparecer da terra. Para muitos deles, a Nova Era já começou. Walter Mercado declarou numa entrevista, numa rede de televisão, que o Cristianismo vai desaparecer da terra. Eles querem um mundo sem Deus, pois acreditam que cada homem é Deus. Essa idéia é uma tentativa de fuga do juízo de Deus. Em vez de se arrepender para alcançar a misericórdia e o perdão de Deus, antes o contrário, arvora sua bandeira contra o Cristianismo bíblico, pregando sua extinção para escapar do juízo de Deus, como lemos na Palavra de Deus: "E não se arrependeram dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem das suas ladroíces" (Ap 9.21).

Grandes instituições mundiais são influenciadas pela Nova Era, como o Clube de Roma, Conselho Mundial de Igrejas (CMI), Organização das Nações Unidas (ONU), através da Unesco, Maçonaria, instituições ecológicas e feministas, além de muitas outras. Na ECO 92, no Rio de Janeiro,

compareceram muitos figurões da Nova Era, entre eles Shirley McLane, atriz americana, e Dalai Lama, do Tibete, um dos maiores gurus da época, segundo eles, a décima sétima encarnação de Buda.

EXISTE A CHAMADA CONSPIRAÇÃO AQUARIANA?

O padre Lauro Trevisan, de Santa Maria, RS, um dos gurus da Nova Era no Brasil, classifica a história da humanidade em quatro Eras a saber: infantil, adolescência, mocidade e maturidade. A primeira ele chama era de Touro, da força bruta (4304 — 2154 a. C); segunda, de Carneiro, surgimento dos hebreus e da Bíblia (2154 — 4 a. C); terceira, de Peixes, era cristã, surgimento do Cristianismo (4 a. C — 2146) e a próxima, de Aquário, o homem se tornará Deus (2146 — 4296). Em 4296 terá início a Era de Capricórnio.

A Nova Era pretende assumir a liderança da humanidade abrangendo a política, economia, saúde, educação e religião, estabelecer um governo internacional e implantar uma só religião. Muitos adeptos da Nova Era acreditam que a Era Aquariana já começou. Há os que estão aguardando o surgimento do seu super-homem, seja ele o Lord Maitréia, seja Saint German, ou outro qualquer esperado pela Nova Era. Acreditam que a humanidade vai alcançar o seu clímax na Era Aquariana.

Walter Martin diz que esses adeptos trabalham incansavelmente para antecipar essa Era esperada por eles. Admite ainda que há uma conspiração aquariana, que aliás é o título de uma obra da socióloga, guru da Nova Era, Marilyn Ferguson, best seller, lançado em 1980. Outros expositores cristãos não acreditam na existência dessa conspiração.

No século XIX havia uma campanha para desacreditar os milagres registrados na Bíblia. Hoje estamos entrando numa era em que muitos se esforçam para mostrar que os milagres da Bíblia aconteceram e que ainda acontecem. Mas essa tentativa não é para glorificar a Deus, nem para reconhecer a autoridade da Bíblia, mas para dizer que uma parte desses fenômenos é realizada por conta da parapsicologia, outros com recursos naturais manipulados pela ciência, como a clonagem, projeto genoma e outros.

Eles querem que a raça humana pense que o homem é Deus, ou que não precisa dele. O Senhor Jesus disse que os sinais prodígios e maravilhas são de tal maneira que "se possível fora, enganariam até os escolhidos" (Mt 24.24). Em Apocalipse 13 registra os milagres e o poderio da besta e a sua blasfêmia contra Deus, no cenário mundial. Esse personagem "se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus, de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus" (2 Ts 2.4).

O homem moderno está à deriva. A insegurança, a apreensão, a super população da

terra, as questões do meio ambiente, a automação das grandes empresas, a injustiça social nos países pobres, pobreza, desemprego, violência, colapso na saúde pública e na educação e outras crises mundiais, somando-se a isso o indiferentismo religioso e a cegueira espiritual, conforme lemos em 2 Coríntios 4.4, são fatores que levam as massas humanas em busca de segurança e felicidade sem Jesus Cristo. Satanás se aproveita disso para inspirar seus mensageiros, na tentativa de antecipar e imitar o que Deus tem preparado para a consumação dos séculos.

As nações aguardam com ansiedade dias melhores. Os mentores humanos, dirigidos por Satanás, aproveitam-se da miséria do povo, da violência, da fome, do desemprego e outras mazelas sociais para oferecer um mundo perfeito de paz, felicidade e compreensão. Querem o controle mundial e estabelecer sua própria justiça, oferecendo um mundo justo e de paz sem Deus e sem seu Filho Jesus Cristo.

Essa tentativa não é nova. Alexandre, o Grande, filho de Filipe II, rei da Macedônia, já lutava para conseguir o controle mundial, estabelecer uma só lei e uma só moeda. Hitler queria fundar o Terceiro Reich, fazendo da Alemanha o centro da terra durante 1.000 anos. Agora a Nova Era vem com propostas tentadoras. Quem não conhece a Palavra de Deus é facilmente seduzido pelas promessas deles.

TÉCNICAS HOLÍSTICAS DE SAÚDE

A Nova Era critica a halopatia, ou seja, é contra a medicina tradicional. Seus adeptos, em geral, defendem e exercem a prática da saúde holística. Do grego, holon, "totalidade", que requer o tratamento da pessoa inteira, corpo, mente e espírito. Na maioria das vezes leva esses pacientes a práticas ocultistas, isso quando o tal tratamento não passa de uma enganação. Há uma variedade muito grande desses tratamentos médicos alternativos, tais como, acupuntura, estados alterados da consciência, ioga, homeopatia, artes marciais e muitos outros que não é possível descrevê-los aqui.

A homeopatia e a acupuntura são tratamentos alternativos reconhecidos pelo governo brasileiro, através do Conselho Federal de Medicina, cujo tratamento pode ser considerado isento de práticas ocultistas. Mas isso não significa que não haja influência espiritual. Essas consultas não isentam totalmente os pacientes do ocultismo. Isso depende basicamente de quem está aplicando o tratamento. Cabe a cada cristão procurar saber se não se trata de um adepto da Nova Era com o propósito de propagar suas crenças.

Há outros tratamentos alternativos que não foram reconhecidos, que o Conselho Federal de Medicina proibiu, como o uso das Florais de Bach, que faz parte da medicina harbórea, a iridologia e outras. E verdade que muitas plantas possuem

propriedades terapêuticas reconhecidas. No caso aqui, é que a essência dessa planta proporciona o fim de sentimentos negativos, dando equilíbrio mental, físico e espiritual.

A iridologia é outro tratamento alternativo fraudulento, que consiste em detectar problemas de saúde e disjunções físicas, mentais e espirituais através da íris dos olhos. Seus defensores afirmam que cada íris revela o que está acontecendo do seu lado do corpo. Essas terapias podem comprometer os pacientes com o ocultismo.

O OCULTISMO NA NOVA ERA

Ocultismo é a crença nas forças ocultas e práticas adivinhatórias da magia, astrologia, alquimia, clarividência, tarô, búzios, quiromancia, necromancia, numerologia, reencarnação, ufologia, ioga, meditação transcendental, hipnose e outras ciências ocultas. Todas essas coisas são a marca registrada da Nova Era.

A palavra vem do latim *occultus*, que significa "secreto, misterioso". Foi Eliphas Lévi, na França, em 1856 que usou pela primeira vez a palavra "ocultismo" e seus derivados com o sentido de esoterismo. Afirmar que Jesus estava defendendo o ocultismo, quando disse: "... a vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos céus" (Mt 13.11) é uma perversão da realidade. A palavra grega *mysterion*, no Novo Testamento, tem sentido de verdade

revelada, sem conotação alguma com as práticas esotéricas. A estrutura judaico-cristã condena toda a forma de ocultismo. Veja Deuteronômio 18.9-14; 2 Reis 23.5.

Hoje muitos esotéricos questionam essa equivalência ocultismo-esoterismo, mas na prática não dá para separar essas duas coisas. Qualquer que seja o nome dado a essas práticas, o certo é que elas são abomináveis aos olhos de Deus e, portanto, condenadas pela Bíblia. São uma afronta a Deus. A Bíblia diz que quem pratica tais coisas estão alienados de Deus: "os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus" (G1 5.19-21).

"E não se arrependeram dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem de sua prostituição, nem das suas ladroíces" (Ap 9.21). A feitiçaria faz parte da apostasia religiosa prevista por Jesus Cristo e seus apóstolos. Feitiçaria, esoterismo, ocultismo ou ciências ocultas fazem parte de um mesmo sistema religioso. O avanço das práticas ocultistas em todo o mundo é mais uma prova de que a Bíblia se cumpre.

A palavra grega "feitiçaria", no texto sagrado em foco, é *pharmakeia*, que significa "magia" além de "feitiçaria". O *pharmakos* ou *pharmakeus* era o manipulador de drogas, daí vem a palavra "farmácia". Essas drogas eram usadas na medicina, mas os mágicos ou bruxos manipulavam os efeitos alucinógenos dessas drogas para rituais de magia. Essa palavra é também aplicada aos magos e

encantadores do Egito, na Septuaginta. Hoje envolve toda a forma de ocultismo.

Os adeptos da Nova Era crêem em duendes e gnomos. Duendes são os protetores do reino vegetal, presentes nas florestas, jardins e nas plantas. Têm aspecto jovem e são travessos. Os gnomos são os protetores do reino mineral, presentes nas pedras e rochas. Têm aspecto de velhinhos. A crença é que eles inspiram sabedoria e amor. Daí a grande procura de pedras preciosas, principalmente dos cristais. Trocar Jesus Cristo pela suposta energia dos cristais, só mesmo quem prefere trevas à luz. Veja João 3.19-21.

ASTROLOGIA

A astrologia é o estudo da suposta influência dos astros sobre a sorte dos seres humanos, crença ou superstição em que os astros pressagiam ou determinam o destino das pessoas e das nações. É apenas uma das formas ocultistas que faz parte das práticas adivinhatórias presentes na Nova Era. Por se parecer com uma diversão inofensiva é o ramo do ocultismo que mais atrai as pessoas.

Sua origem foi na Babilônia. Esteve presente em todas as religiões pagãs da Mesopotâmia, Egito, Grécia, Roma e no Extremo Oriente. Com o surgimento do Cristianismo a astrologia apresentou declínio vertiginoso, vindo a se fortalecer na Idade Média, através dos árabes, vindo em seguida sua

decadência e novamente ressurgindo no Renascimento.

Essa prática é consulta aos deuses pagãos. Apenas 5 planetas eram conhecidos na antiguidade: Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno. O nome de cada um desses planetas era também o nome de divindades falsas. Mercúrio era divindade de Roma tido pelos romanos como porta-voz de Júpiter, que para eles era o pai dos deuses. Veja que o apóstolo Paulo foi chamado de Mercúrio e Barnabé de Júpiter. Isso porque Paulo era quem falava, para o povo o apóstolo Paulo era porta-voz de Barnabé. Marte era o deus da guerra, Vénus a deusa do amor e Saturno deus da agricultura. As consultas astrológicas são de fato a esses deuses. Veja Atos 14.11,12.

A palavra "horóscopo" vem do grego hora, "hora", e scopos, "observação". Horóscopo é a observação do estado do céu no momento do nascimento de uma criança. As predições astrológicas se baseiam nas posições do sol, lua e os planetas no momento do nascimento de alguém ou de qualquer acontecimento, observando-se local e data. Muitas constelações vistas da terra lembram a forma de bichos, por isso que os antigos astrólogos da Grécia chamaram de Zodíaco, "círculo de animais".

Os astrólogos mapearam o céu dividindo em 12 partes iguais, que são os signos do zodíaco. Os 4 elementos da natureza são: água, ar, fogo e terra. Cada um se relaciona a 3 signos. Os signos de água

são: Peixes, Câncer e Escorpião; os de ar: Aquário, Gêmeos e Libra; os de fogo: Áries, Leão e Sagitário e os de terra são Capricórnio, Touro e Virgem.

A Bíblia faz menção das constelações do Sete-Estrelo ou Plêiade, do Orion e da Ursa Maior: "Ou poderás tu ajuntar as cadeias do Sete-Estrelo ou soltar os atilhos do Órion? Ou produzir as constelações a seu tempo e guiar a Ursa com seus filhos?" (Jó 38.31. 32). Em outras palavras, Deus está perguntando a Jó se ele pode ter domínio sobre as grandiosidades do universo que Deus criou, em particular sobre as constelações e determinar o curso deles. São perguntas que Jó não podia responder. Veja ainda Jó 9.9.

A palavra "constelações", em Jó 38.32, no hebraico é mazzaroth, a mesma coisa que mazaloth, traduzida por "planetas" em 2 Reis 23.5 e por "constelações", na NVI. A Vulgata Latina traduziu a primeira por signus e a segunda por lúcter. De mazaloth vem a nossa expressão "desmazelado", de mazal, "sorte, destino, estrela", em hebraico. Segundo Gesenius, hebraísta mundialmente respeitado, os antigos hebreus usavam essas palavras para se referir a constelações do Zodíaco.

O Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento acrescenta ainda que em 2 Reis 23.5 "emprega-se a palavra para indicar a adoração pagã das estrelas com todo esse significado astrológico de adoração". Consultar horóscopos é trocar Deus pelos demônios, é substituir a Bíblia

pelos prognósticos dos astrólogos, é por isso que ela proíbe e condena essas práticas. Veja Levítico 19.31; Deuteronômio 18.10-14; Isaías 47.10; Jeremias 10.2.

Visto que mazzaroth ou mazaloth se aplicam também aos signos do Zodíaco, tem levado alguns a associar essas palavras com os do termo "sinais", que aparece em Gênesis 1.14, para dar sustentação bíblica a essas crenças astrológicas. Muitos sabem do valor e da grandeza da Bíblia e do seu impacto e influência na vida humana, buscam usá-la, mesmo fora do seu contexto, para tornar essas crenças e práticas, errôneas e condenada pela própria Bíblia, atrativas e dessa forma conquistarem adeptos. Essa tentativa de fazer o povo pensar que os astros foram criados para "signos" é fraudulenta.

A palavra "sinais", aqui, é othoth, plural de oth, que tem o sentido de marca distintiva, etiqueta, rótulo. Usada também para insígnia, estandarte. Os astros, portanto, foram criados para separar os dias e as noites e "para sinais e para tempos determinados e para dias e anos" (Gn 1.14) e não para serem consultados sobre as coisas do futuro. Veja ainda Gênesis 4.15; 9.12,17; Números 2.2; Salmos 74.4,9.

Além disso, os prognósticos astrológicos são tão vagos e genéricos que quase se aplicam a todo mundo. E mesmo assim, nem sempre dá certo. Jacó e Esaú eram irmãos gêmeos, portanto nasceram numa mesma data, praticamente na mesma hora, e num mesmo lugar. Como eram diferentes! Como foi diferente o destino de cada um! E difícil entender

como muitos vivem e trabalham em função do cumprimento desses prognósticos. São pessoas que já estão predispostas ao que ouviu de seus astrólogos. Confira Gênesis 25.24-26.

As alegadas profecias de Nostradamus, por exemplo, são tão amplas que podem ser aplicadas a mais de 10 eventos. A cada acontecimento de impacto mundial, sempre aparecem os que querem afirmar que tudo isso foi previsto por Nostradamus. Depois dos ataques terroristas ao World Trade Center, em Nova Iorque e ao Pentágono, em 11 de setembro de 2001, apareceram os intérpretes de Nostradamus para dizer ao mundo que tudo isso já estava previsto.

O problema é que ninguém no mundo consegue entender ou interpretar essas alegadas profecias. Por que não evitaram esses ataques visto que já sabiam tudo de antemão? Por que só depois do acontecimento é que surgem essas temerárias interpretações?

Em uma de suas obras, Centúrias, afirma que os marcianos invadiriam a terra em 1999. Faz tempo que se foi o ano de 1999 e em Marte não há habitantes. Situação semelhante pode ser mostrado na Bíblia com relação aos astrólogos da Babilônia. Eles não puderam interpretar os sonhos de Nabucodonosor (Dn 2.2, 10), mas Daniel contou o sonho do rei e deu a interpretação. Veja Daniel 2.2, 10, 27, 28.

A TEOLOGIA DA NOVA ERA

A Nova Era tem seus conceitos sobre a Bíblia, sobre Deus, isso inclui a Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Tem também sua visão do Cristianismo, do homem, pecado e da salvação. São conceitos anti-bíblicos, que o cristão precisa estar preparado para refutá-los: "... preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós" (1 Pe 3.15). Veja ainda Tito 1.9; 2 João 7; Judas 3.

A Bíblia e a Nova Era

Os adeptos da Nova Era não reconhecem a autoridade da Bíblia e nem admite que ela seja a Palavra de Deus. Mas em virtude da importância da Bíblia e da sua forte influência na vida humana, além da simpatia que o povo tem por ela, os gurus da Nova Era ousam citar a Bíblia para consubstanciar suas crenças. Como as demais seitas, esse uso que fazem dela é fora de todo o seu contexto. Os poucos textos selecionados são interpretados de maneira simbólica e esotérica.

As palavras de Jesus: "Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma" (Mt 11.28,29) são interpretadas por alguns deles como um ensino sobre a ioga. Substituem a palavra "jugo", por ioga. No versículo anterior Jesus

está oferecendo liberdade aos oprimidos e alívio aos que estão sobrecarregados de pecados. Os adeptos da Nova Era distorcem tudo isso.

Deus

São várias as concepções sobre a divindade na Nova Era. Todas contrárias à Bíblia. Há grupos panteístas, outros são monistas. Como o Movimento Nova Era é um sistema eclético e sincrético, há espaço para muitos conceitos sobre a divindade. São praticamente as mesmas do Hinduísmo, que é uma religião inclusivista e que não exige de seus adeptos romper com a antiga religião. É possível seguir o Hinduísmo e ao mesmo tempo continuar na religião em que a pessoa se encontra. Por isso que há no Hinduísmo e na Nova Era um panteão para os diversos deuses.

A Nova Era nega o Deus revelado nas Escrituras. Eles são panteístas, inspirados no Hinduísmo, ao passo que o Deus revelado na Bíblia é pessoal. O panteísmo é a doutrina de que Deus é tudo e tudo é Deus. Do grego, pan significa "tudo", e theos, que quer dizer "Deus". Assim não separa a criatura do Criador, e nisso engloba o próprio Satanás, que para eles é também deus. Em outras palavras, nada há que seja Deus, e nada existe além de Deus. Monismo é a teoria que ensina que tudo no universo é feito da mesma matéria — tudo é um. Do grego monos, que significa "único".

Alguns gurus da Nova Era chegam a dizer que Jesus ensinou o panteísmo. Um exemplo pode ser citado em Lucas 17.21, quando Jesus disse: "... eis que o Reino de Deus está entre vós." Assim também se encontra na maioria das traduções da Bíblia. Mas a Versão Almeida Atualizada traduziu dessa maneira: "Porque o reino de Deus está dentro de vós". É claro que tanto uma como outra tradução está gramaticalmente correta, pois a preposição grega, entos, nessa passagem significa "entre, no meio de, dentro". O que Jesus estava dizendo é que o Reino de Deus havia chegado, e não que tudo é Deus. Veja Mateus 4.17.

Não é sobre uma palavra isolada, que só aparece duas vezes no Novo Testamento, aqui e outra vez em Mateus 23.26, que se fundamenta uma doutrina. Além disso, todo o contexto bíblico revela um Deus pessoal: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gn 1.26).

A doutrina de que o homem é Deus é muito antiga, é da religião da serpente: "... e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal" (Gn 3.5). Depois pregada pelo Hinduísmo, transportada para o Ocidente pelos gurus da Nova Era. Hoje é também defendida pelos profetas da Confissão Positiva, pela Igreja Local de Witness Lee e pelo Mormonismo. O Deus da Bíblia transcende a criação, é um ser espiritual e pessoal que governa o universo.

Há uma diferença abissal e infinita entre o homem e Deus. Os atributos metafísicos e morais

bem como suas obras estão ausentes no homem, exceto alguns atributos comunicáveis (livre-arbítrio, ser espiritual, capacidade para amar, etc.). Deus não é homem: "Deus não é homem para que minta" (Nm 23.19); nem o homem é Deus: "Mas tu és homem e não Deus" (Ez 28.9). Veja mais Isaías 31.3; Ez 28.2; Oséias 11.9; Atos 10.26; 14T1-15.

O Senhor Jesus Cristo

Afirmam que Jesus é o homem nascido em Belém, mas o Cristo é apenas a percepção interior dele. Em outras palavras, ensinam que Jesus é apenas o vaso humano distinto do Cristo. Ensinam que Cristo é meramente a percepção humana. O Cristo que estava em Jesus está também nos demais homens, segundo esses gurus. Nem todos os cultores da Nova Era estão de acordo de como Jesus tornou-se Cristo, mas concordam que Jesus veio a ser Cristo.

Dizem ainda que Jesus foi para a Índia, quando criança, para aprender dos gurus do Hinduísmo. Dessa maneira, reduzem Jesus à categoria de mero avatar, negando a sua deidade absoluta. Além disso, Jesus é tido por eles como apenas um grande Iniciado e colocado lado a lado com Buda, Confúcio, Maomé e outros.

Sabemos que o Cristo das seitas não é o mesmo da revelação bíblica. O apóstolo Paulo faz menção de um outro Cristo: "Porque, se alguém for

pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado..." (2 Co 11.4). Isso se confirma na Nova Era. Seus adeptos inventaram um novo Cristo e pregam um outro Jesus que não temos recebido.

Há uma diferença abissal entre o Cristo da Nova Era e o Cristo do Cristianismo histórico-ortodoxo. Veja quem é Jesus e a sua verdadeira identidade no capítulo 5. A Bíblia diz que Jesus é o único Salvador, o verdadeiro Deus e o verdadeiro homem que morreu pelos nossos pecados e que ressuscitou dentre os mortos e que está vivo à destra de Deus, intercedendo por nós. Veja Colossenses 2.9; 1 Timóteo 2.5; João 14.6; Atos 4.12; 1 Coríntios 15.1-4; Hebreus 1.1-3; 7.25.

Jesus e Cristo não são duas pessoas ou entidades diferentes, mas se referem a uma mesma Pessoa. "Cristo" é a forma grega do hebraico "Messias", que significa "ungido". Os nomes Jesus Cristo significa "Salvador Ungido". A Bíblia diz que Jesus já nasceu Cristo: "... pois na cidade de Davi vos nasceu o Salvador, que é Cristo o Senhor" (Lc 2.11), "E fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que ele não morreria antes de ter visto o Cristo do Senhor" (Lc 2.26). Não existe, portanto, no Novo Testamento a idéia de que Jesus tornou-se Cristo posteriormente e muito menos a idéia de que Jesus e Cristo sejam coisas distintas.

A ficção do Jesus hindu é uma piada de mal gosto. Essa veio de um correspondente de guerra russo chamado Nicolas Notovich que, em 1887,

afirmou haver encontrado um manuscrito num mosteiro, no Tibet, que constava a história de Issa. O nome "Issa", tanto em árabe como em tibetano, é usado para identificar o nome "Jesus". Em 1894 Notovich publicou a obra *A Vida de Santo Issa*, com base nesse suposto manuscrito. Essa obra conta que Issa teria deixado seu país aos 13 anos para viver nas cidades da Índia e aprender as doutrinas secretas das Escrituras e que aprendeu os Vedas com os gurus. Foi a atriz Shirley McLaine que deu a essa idéia ampla divulgação.

Esse suposto manuscrito nunca existiu. Isso foi descoberto um ano após o lançamento de *A Vida de Santo Issa*. Em 1895, J. Archibald Douglas, professor do Government College, em Agra, Índia, perguntou ao chefe dos monges se ele foi premiado pela descoberta do tal manuscrito. Ele disse: "Nunca houve o tal livro no mosteiro". Afirmou que não há evidência histórica do tal manuscrito, que Notovich afirma ter baseado sua obra.

Isso foi confirmado ainda por F. Max Müller, Universidade de Oxford, Londres. Ele era defensor da filosofia oriental, mas mesmo assim considerou real e digno de crédito o testemunho de uma mulher que esteve no referido mosteiro, a qual disse: "Nunca esteve um russo aqui e nunca houve uma Vida de Cristo aqui". Em 1926, o já conhecido Dr. Edgar J. Goodspeed, professor da Universidade de Chicago, examinou a obra de Notovich e descobriu que tal livro

era muito dependente dos evangelhos e que havia muitos erros históricos.

O Senhor Jesus é apresentado nos evangelhos como alguém que era natural na comunidade de seu povo, e não como um estrangeiro. Sua maneira de viver e o seus ensinoss refletem a cultura judaica, e nada há que se pareça com a cultura hindu. Em Marcos 6.2,3 mostra que, quando Jesus ensinava em sua cidade, os moradores de Nazaré, admirados com o que viam, perguntaram logo: "Não é este o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, e de José, e de Judas, e de Simão? E não estão aqui conosco suas irmãs? E escandalizavam-se nele". Ora, tal atitude do povo não se justificaria se Jesus fosse um recém chegado da Índia. Os dois únicos países, fora de Israel, que o senhor Jesus visitou foram Egito e Líbano, as antigas cidades de Tiro e Sidom, na Fenícia. Veja ainda Lucas 4.22-24; Mateus 15.21.

A salvação

A Nova Era nega o pecado, afirma que o problema da humanidade é a ignorância, o homem, portanto, não precisa de perdão. Afirma que a humanidade é a manifestação da essência divina. O problema do homem consiste no fato de não saber que ele é Deus e por isso a humanidade precisa ser transformada, isto é, quando tornar realidade a natureza divina. O homem precisa se descobrir e conhecer-se a si mesmo para chegar à felicidade e,

portanto, à divindade. Essa transformação pode ser feita através de técnicas, como a prática da ioga, da recitação do mantra. Crer na transmigração da alma e na reencarnação, como meio de purificação do carma até chegar ao nirvana.

Isso mostra a luta do homem para ser Deus. E por isso que Apocalipse 9.21 afirma que mesmo depois das pragas, os homens não se arrependerão de suas feitiçarias, dentre outros pecados, como ladroíces e prostituição. São os três pecados que campeiam o mundo nos dias atuais. Isso porque é um insulto para eles se submeterem à vontade de Deus, uma vez que crêem que eles mesmos são deuses. Querem salvação sem Jesus, com seus próprios recursos.

A Bíblia ensina que o problema do homem é de ordem espiritual, é o pecado: "De que se queixa, pois, o homem vivente? Queixe-se cada um dos seus pecados" (Lm 3.39). Diz a Palavra de Deus que "... todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Rm 3.23). Só Jesus pode salvar, pode livrar o homem da condenação e da morte: "Ninguém vem ao Pai, senão por mim" (Jo 14.6).

OS SÍMBOLOS DA NOVA ERA

A palavra grega para "símbolo" é symbolon que significa: "contrato, tratado de comércio, marca, distintivo, sinal, emblema, insígnia, presságio, auspício, convenção". Hoje os símbolos são usados

para identificar marcas de produtos comerciais e de empresas em geral, para facilitar sua identificação.

Os símbolos da Nova Era são um aglomerado de símbolos representando os vários aspectos tipos de ocultismo. O símbolo identifica e substitui a coisa representada. Usar os símbolos da Nova Era não é a mesma coisa que consumir um produto de fabricante que patrocina o tal Movimento.

Quando a pessoa usa os símbolos da Nova Era, que representam muitas facetas do ocultismo, está dando permissão para o espírito ocultista comandar e dirigir sua vida.



OM - É o som mais sagrado para os hindus e é a semente de todos os mantras ou orações. É a representação dos deuses que formam a tríade do Hinduísmo: Brahma, Vishnu e Shiva. A palavra "mantra" vem do sânscrito, man

significa "liberação", e tra, quer dizer "mente", para os hindus o mantra é a liberação da mente. O Om é tido como a soma de todos os sons do universo. Tanto o Budismo como o Hinduísmo consideram o Om como palavra sagrada de poder que seus adeptos entoam de forma sonora e rítmica durante os rituais e orações. Aqui, no Ocidente, é difícil reproduzir esse símbolo, pois são caracteres sânscritos, por isso é usado 3HO para identificar o Om.



CRUZ DE NERO - É um símbolo usado também pelos satanistas. A haste quebrada para baixo representava a princípio a derrota do Cristianismo. Foi na Idade Média que esse símbolo passou a ter vínculo com Satanás. O ateu britânico, Bertrand Russell, usou como símbolo da paz, no final da década de 50 e os movimentos hippies também usavam na década de 60. Hoje é usado pelos grupos de rock, heavy metal e black metal.



A ANARQUIA - Usado inicialmente pelos grupos "punk". Atualmente usado pelos grupos heavy metal. É o símbolo da anarquia, contra tudo o que é lei.



CIRCULO COM UM PONTO NO CENTRO - **Esse símbolo representa a deificação do homem sendo o ponto o centro o símbolo da energia, que segundo eles, emana para todo o ser.**



A CRUZ ANKHADA - Conhecida no Egito dos faraós com o nome de ankh. Era o símbolo da vida porque era usada somente por reis e rainhas e deuses para mostrar que seu portador tinha o poder de dar e tirar a vida. Usada pelos esotéricos, Ordem Rosa-Cruz e Maçonaria.

O PENTAGRAMA - Estrela de cinco pontas usada também pelo baixo espiritismo, pelos satanistas e



pela Maçonaria. Virado de cabeça para baixo o pentagrama se torna a cabeça de um bode. O bode Baphomet é a mais conhecida representação de Lúcifer de todo o ocultismo. O baixo espiritismo lhe atribui poderes mágicos.



A SUÁSTICA - A palavra vem do sânscrito svasti, "boa fortuna", ou seja: "está tudo bem". Usado desde a antigüidade pelos hindus e budistas para representar felicidade e salvação. É um símbolo ocultista que foi usado na Teosofia desde a época da sua fundadora Helena Petrovna Blavastky, e pelos satanistas. Foi adotada por Adolf Hitler, em 1920, como símbolo do nazismo. O presidente Itamar Franco, em 1994, proibiu o uso da suástica em virtude da crescente onda neo-nazista que se alastrava no Brasil.



O YIN YANG - É o símbolo do Taoísmo, religião da China. As forças opostas do yin e do Yang são

interdependentes e cada uma contém a semente ou potencial da outra. O Yin está associado à escuridão, à água e ao feminino. O Yan à luz, a atividade, ao ar e ao masculino. O Taoísmo afirma que o Yin Yang estão unidos num total e perfeito dinamismo; não separados e nem estáticos, uma interação entre princípios negativos e positivos da natureza. Os chineses dizem que a totalidade da natureza, dos seres humanos e dos eventos essas forças, e usam esse símbolo para práticas adivinhatórias.

666

666 - O número 666 é conhecido por cristãos como o número de um homem perverso e anti-Deus que levantará na terra para governar o mundo, conforme encontramos em Apocalipse 13.18. Como grupos da Nova Era usam esse número para representá-lo? Isso é no mínimo muito estranho, pois eles conhecem o significado desse número.



A ESTRELA DE DAVI - A estrela de seis pontas, dois triângulos entrelaçados, que o rei Davi mandou fazer quando conquistou a Fortaleza de Jebus, para ser usada como símbolo nacional, esse símbolo está

vivo ainda hoje. Consiste no entrelaçamento da letra Daleth, que corresponde à letra grega Delta, [A] e a nossa letra Dê. O nome hebraico David, começa e termina com "D". Essa letra, no hebraico da época de Davi era muito parecida com a letra Delta, de forma triangular. Hoje identificamos essa estrela com o Senhor Jesus: "Eu, Jesus, enviei o meu anjo, para vos testificar estas coisas nas Igrejas. Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a resplandecente Estrela da manhã" (Ap 22.16).

Infelizmente a Nova Era dá a Estrela de Davi o mesmo significado ocultista dos alquimistas e esotéricos. Aplica o mesmo princípio do Yin Yang, pois dizem que as duas pontas, a que aponta para cima e a que aponta para baixo, representam o bem e o mal, masculino e feminino, Deus e o homem etc. Convém salientar que o cristão não se identifica coma Nova Era ao usar bottons da Estrela de Davi. Alguns preferem usar com a palavra hebraica Tsion, "Sião", para distinguir da Nova Era.

CONCLUSÃO

E preocupante o avanço do ocultismo oriental no Ocidente. Um escritor do séc. XIX afirmava: "Oriente é Oriente, e Ocidente é Ocidente", tal era o abismo entre essas duas culturas. Lamentavelmente, hoje assistimos mais gente no Ocidente se voltando para a religiosidade hindu do que gente na Índia se convertendo à fé cristã. Nós temos a melhor mensagem, pregamos a verdade do Deus verdadeiro, pregamos o Cristo vivo. O que estamos fazendo? Essa responsabilidade é nossa.

Nota do Digitalizador:

1. Grande parte das imagens contidas nesse livro foram deletadas para não trazer grande peso ao arquivo. Conservei apenas aquelas que julguei necessárias para um melhor entendimento do assunto.

2. Se você deseja ter um aproveitamento completo do livro deve instalar a fonte grega que vem acompanhada com o mesmo, visto que, há duas frases no livro nas páginas 88 e 89, que para ser lida na sua forma original, precisam das fontes.

Como Instalar a fonte

- 1- *Copie a fonte*
- 2- *Vá em meu computador*
- 3- *Clique em disco local C*
- 4- *Abra a pasta **Windows***
- 5- *Clique em fonts*

6- *Agora é só colar e pronto*